WORKSHEETS

CARIOCA CONNECTION

4 TEMPORADA

01 - Ah, que saudades do meu Brasil

Alexia: Oi, Foster!

Foster: Oi, Alexia!

Alexia: Tudo bem com você?

Foster: Tudo bom!**
***A expressão "tudo bom" está correta, mas o ideal e para soar mais natural, é responder com "tudo bem" se alguém te faz a pergunta com o "tudo bem?". É só seguir o mesmo que a pergunta. Se for "bom", responder com "bom". Se for "bem", responder com "bem".*

Alexia: Bom, vamos começar o episódio de hoje. Você está preparado?

Foster: Na verdade não sei... Gente! Que... Só pra dar um contexto aqui: Alexia está nos Estados Unidos, há um tempo já, há quase dois meses, né? Mais ou menos...

Alexia: Sim, um mês e meio.

Foster: Então, a gente está falando muito em inglês e eu tenho uma falta de prática com o português. Então vou sofrer pra caramba hoje!

Alexia: Não tem problema. Até porque o assunto de hoje é uma coisa que é super simples de falar e quem vai mais falar sou eu.

Foster: Perfeito!

Alexia: Então, não tem jeito...

Foster: Exatamente o que eu queria!

Alexia: Sim. E hoje eu pensei em a gente começar essa nova temporada do Carioca Connection com um episódio que **faz sentido** pra mim.

Foster: Tá.

Alexia: E também pras pessoas conhecerem a **comunidade brasileira fora do Brasil**, né?

Foster: Sim. Que é uma comunidade muito, muito grande. Tem brasileiros em toda a parte do mundo inteiro!

Alexia: Sim! Então, assim, as pessoas... Os meus alunos também me perguntam bastante: *o que que você sente mais falta do Brasil quando você tá fora?* E sempre a primeira resposta que vem na minha cabeça é: comida.

Foster: Sim. É uma coisa que eu sinto muita falta do Brasil.

Alexia: É!

Foster: É. Mas é um tema super relevante porque agora você está nos Estados Unidos.

Alexia: Sim, mas, mesmo se eu viajar pra qualquer outro lugar eu vou continuar sentindo falta das mesmas coisas e, enfim... Eu fiquei lendo as comunidades do Facebook de brasileiros e tal... E sempre tem a mesma resposta que é: **feijão**! O pessoal **sente muita a falta** do feijão. O nosso arroz e feijão do dia-a-dia é uma coisa que é muito importante pra gente, normalmente.

Foster: Sim. É uma religião.

Alexia: É, é uma religião. Arroz você consegue encontrar e consegue fazer, então tudo bem! Agora, o feijão... Se é feijão preto ou feijão carioca, que tem dois tipos de feijão, tanto faz! O pessoal sente falta de feijão.

Foster: Sim, mas, eu acho que feijão preto, tipo normal, se pode achar em qualquer lugar normal aqui.

Alexia: Não... Você vai encontrar, se não me engano, o feijão mexicano, né? Que é o que é feito pra comida mexicana. Que é diferente do nosso feijão.

Foster: É...

Alexia: Aqui nos Estados Unidos, não sei fora.

Foster: É. Na verdade não sei muito sobre os tipos diferentes de feijão aqui mas, feijão carioca é qual?

Alexia: **Feijão carioca** é o marrom.

Foster: Ah, tá...

Alexia: Enfim, depois a gente explica a diferença entre os feijões mas, outra coisa que o pessoal...

Foster: Feijões. Essa é a palavra que eu estava procurando!

Alexia: É, outra coisa que o pessoal sente muita falta e é a pura verdade: **fruta**. A qualidade, quantidade e variedade entre as frutas.

Foster: É verdade que, pelo menos aqui nos Estados Unidos, a quantidade e também a qualidade da fruta aqui é uma merda. Vamos! Não, vamos começar a quarta temporada bem, po, falando que a fruta aqui é uma merda. Pelo menos aqui na Caralina do Sul...

Alexia: Carolina.

Foster: Caraca! Eu estava pensando nisso! Carolina.

Alexia: Isso!

Foster: Carolina do Sul...

Alexia: Isso.

Foster: ...é uma merda!

Alexia: Enfim... Então fruta é algo que o pessoal também sente muita falta e eu também. Agora, outras coisinhas, por exemplo: coxinha, bolinha de queijo...

Foster: Coxinha...

Alexia: ...churrasco brasileiro, não é o barbecue, American barbecue, é o churrasco brasileiro mesmo.

Foster: Não, não é o negócio com cachorro quente, x-burger, é com tudo, tudo.

Alexia: É.

Foster: É. Posso te fazer uma pergunta rapidinho?

Alexia: Uhum.

Foster: Qual é a sua fruta **predileta**?

Alexia: Hum... Olha, eu amo fruta, né, então assim, pra comer no dia-a-dia eu amo comer banana. Adoro banana! Agora, eu amo uva também que é uma coisa muito simples de comer e...

Foster: Sim.

Alexia: ...parece Pringles pra mim, não paro de comer uva! Então é difícil!

Foster: Nossa, a gente poderia **gravar** um episódio inteiro somente sobre banana no Brasil.

Alexia: É!

Foster: Porque aqui tem banana, tem uma banana só, no Brasil tem banana da terra, tem 50 bananas.

Alexia: Sim. Bom, eu, Alexia, o que eu mais sinto falta do Brasil são quatro coisas: pão de queijo...

Foster: Sim.

Alexia: ...pastel...

Foster: Alexia adora pastel.

Alexia: Não, é, eu morro por pastel. É uma coisa...

Foster: Pastel com queijo.

Alexia: Sim, queijo de minas...

Foster: Nossa Senhora!

Alexia: ...e requeijão.

Foster: Requeijão. Eu acho que a gente já explicou o que que é requeijão.

Alexia: Sim.

Foster: Um tipo de cream cheese mas um pouco mais suave, digamos.

Alexia: É, é.

Foster: Sim.

Alexia: Bom, outro ponto que os brasileiros mais sentem falta quando tão fora de casa é a saudade de casa, né? E quando eu falo casa não é o apartamento ou a casa em si. É o lugar onde você **nasceu** ou ficou uma grande parte da sua vida.

Foster: Sim. A gente não está falando sobre um lugar físico. Mas... Mais sobre o conceito, a ideia de casa, né?

Alexia: Sim.

Foster: Que é mais conectado com família, linguagem, essas coisas.

Alexia: Que eu acho que isso qualquer pessoa que **more fora** sente falta, independente de ser brasileiro ou não, então...

Foster: Com certeza.

Alexia: É. E aí **tem saudades** da família, que é uma coisa óbvia. Você sente falta do **colo** da mãe, do colo do pai, de estar com a família, participar de eventos especiais. E claro o último ponto é falar português.

Foster: Sim.

Alexia: É óbvio!

Foster: E também eu colocaria amigos também com casa, família, amigos, porque você ainda tem muitos amigos brasileiros.

Alexia: Quando a gente fala: *"tô com saudade de casa"*, é isso.

Foster: Faz parte, né?

Alexia: É. É o ambiente inteiro que você se sente em casa. É o que aquilo te... É o que te faz se sentir confortável.

Foster: Sim.

Alexia: Então tem tudo isso.

Foster: Exatamente. Mas, também, você está com saudades de falar português?

Alexia: Eu tava morrendo de saudade de falar português, né Foster?

Foster: Nossa, a gente pode falar português aqui em casa! Não, na verdade quando eu estou no Brasil, a gente gosta de falar mais português.

Alexia: Claro.

Foster: Porque a gente está num país que fala português e também me ajuda muito. Agora quando você está nos Estados Unidos, e como sou professor de inglês, eu vou ficar muito sério com o inglês.

Alexia: Sim, então, falar português na verdade eu acho que... Nesse sentido é o que te dá mais **segurança**. Porque... Assim... Claro que você sente falta de falar a sua língua materna mas, você tem mais segurança e sabe **lidar** melhor com as situações em português. Então, por exemplo: eu ontem quando fui **fazer a minha unha** eu tive que lidar com um **cara** do Vietnam, que não sabia...

Foster: Sim. Fazer sua unha quer dizer tipo manicure.

Alexia: Isso. Manicure. Que não sabia falar inglês direito, ele não me entendia, eu não entendia ele, e eu só ficava pensando *"Meu Deus, se essa situação fosse em português* ***taria*** *tudo certo."*

Foster: Sim, também é uma coisa **cansativa** que você fica o dia inteiro falando uma língua que não é a sua **língua materna**. **Cansa**, né?

Alexia: Cansa, cansa. Então, esses quatro pontos por mais que sejam mais ou menos óbvios, já dizem muito sobre o brasileiro fora do Brasil. E o que a gente mais sente falta é a comida. Então, fica aí um **pensamento** você que tem amigos brasileiros e quer agradar esses brasileiros, vai num **mercadinho** brasileiro no lugar onde você tá, compra um pãozinho de queijo com uma manteiga e tá tudo certo!

Foster: Sim, exatamente isso. Se você tem um amigo brasileiro que está morando fora do é só oferecer pão de queijo.

Alexia: É!

Foster: E tá tudo certo!

Alexia: **Açaí**, agora virou uma coisa famosa, né?

Foster: Açaí, açaí!

Alexia:É. Açaí agora tem em todos os lugares. Então, quer agradar um brasileiro? Comida brasileira na mesa. Simples! Não precisa nem falar português. É só servir a comida.

Foster: Isso. Mas, é melhor falar português, né? Ta bom, Alexia, mais alguma coisa?

Alexia: Não. No próximo episódio, a gente vai falar sobre algumas curiosidades sobre o brasileiro quando está morando fora também.

Foster: Oba!

Alexia: Yay!

Foster: Ta bom. Tchau, Alexia! Um beijo!

Alexia: Tchau!

Vocabulário e expressões úteis

---

tudo bom - all good

faz sentido - makes sense

comunidade brasileira fora do Brasil - Brazilian community outside of Brazil

feijão - beans

sente muita a falta / sentir falta (de alguma coisa) - to miss (something)

feijão carioca - beans from Rio de Janeiro

***Carioca significa alguma pessoa ou algo que é do Rio de Janeiro.*

Uma curiosidade aqui, todas as pessoas que não são cariocas, ou seja, que não são do Rio de Janeiro, comem o feijão carioca (o marrom) no dia-a-dia, nas refeições. Já os cariocas comem o feijão preto, normalmente, nas refeições. Para pessoas de fora do Rio, o feijão preto é somente usado para as feijoadas. Claro que estou generalizando e tem muita gente que faz, ou prefere, ao contrário. Mas, normalmente, é essa a regra para quem mora fora do Rio de Janeiro: feijão preto só em feijoada.

fruta - fruit

predileta - favorite

gravar - to record

nasceu - was born

more fora/morar fora - to live abroad

tem saudades - to have a feeling of longing

***Saudade é uma palavra que só existe na língua portuguesa e tem um significado muito bonito. Temos um episódio inteiro sobre isso:*
Saudade - O Real Significado da Palavra

colo - lap

***Quando você escutar falar "criança de colo" quer dizer que é um bebê, que ainda não pode andar. É muito normal você ver pais e mães perguntando às crianças se elas querem se sentar no colo.*

segurança - safety

lidar - to handle

cara - face

***Cara significa "face", mas também pode significar "guy" quando usada no masculino, é uma gíria muito comum em São Paulo e no Rio de Janeiro. Por exemplo:*

<u>Esse</u> cara é meu amigo → This guy is my friend

<u>Essa</u> cara é feia → This face is ugly

taria/estaria - it would be

***Estaria significa "it would be", mas quando estamos falando rápido acabamos falando "taria." É similar ao caso que dizemos "tá" ao invés de "está."*

cansativa - tiring

língua materna - mother tongue

cansa/cansar - get tired

pensamento - thought

mercadinho - small grocery store

açaí - a South American fruit, a small edible blackish-purple berries

02 - Curiosidades sobre os Brasileiros quando viajam ✈

Alexia: Oi, Foster! Bom dia

Foster: Oi, Alexia! Tudo bem? Como você está?

Alexia: Eu tô muito bem. E você, preparado para o segundo episódio do Carioca Connection?

Foster: Sempre! Quer dizer... Não! Mas, sim!

Alexia: No episódio de hoje eu pensei em a gente continuar com o **assunto** do primeiro episódio mas como se fosse... Curiosidades sobre os brasileiros, né? Porque a gente comentou o que que os brasileiros sentem mais falta quando tão morando fora...

Foster: Sim.

Alexia: E agora são curiosidades, assim, que que os brasileiros sentem falta e o que que eles fazem também quando moram fora.

Foster: Tá. Posso **começar** com uma pergunta?

Alexia: Sim!

Foster: A palavra *curiosidade*, eu acho que em português tem um significado um pouco diferente comparado com o significado em inglês que não é *curiosity* mas é tipo uma coisa diferente, especial, uma coisa mais única, né?

Alexia: É, curiosidade seria... Por exemplo: eu tô curiosa...

Foster: Sim...

Alexia: ...pra saber como que é, sei lá, o stand-up do Trevor Noah. Eu tô curiosa pra saber como é que é.

Foster: Sim.

Alexia: Então...

Foster: Nesse sentido é...

Alexia: É igual.

Foster: É mais ou menos igual.

Alexia: Curiosidades são características. Então, as características e curiosidades nesse sentido... Faz mais... Eu acho que é o melhor.

Foster: Sim. Eu acho que o sentido é mais ou menos igual somente no português vocês usam essa palavra, curiosidade, com muito mais frequência.

Alexia: Sim, sim. A gente também pode falar: *nossa, que curioso! Você...*

Foster: É.

Alexia: *...colocou sal e pimenta ao invés de só colocar sal?* Sabe?

Foster: É.

Alexia: Uma coisa assim.

Foster: É. É uma coisa que eu nunca falaria em inglês *how curious you putting that salt and pepper on your plate.* Tá bom. Então, curiosidades!

Alexia: Sim, então assim: se você tiver num lugar e olhar brasileiros **à sua volta**, você pode ter certeza que esses brasileiros vão se falar, mesmo sem se conhecerem. Então por exemplo: se eu tiver num lugar, né, num restaurante, num bar, em qualquer lugar e eu perceber que tem brasileiros ao meu lado com certeza ou eles ou eu, alguém vai iniciar uma conversa.

Foster: Tá.

Alexia: Então seria assim:

- *Você é brasileiro?*
- *Sou!*
- *Nossa, da onde você é, qual é o seu nome, que que você tá fazendo aqui?*

E viramos melhores amigos naquele momento.

Foster: Só para eu ter certeza, você está falando sobre uma situação que você está fora do Brasil...

Alexia: Sim.

Foster: ...e você se encontra com outros brasileiros.

Alexia: Sim!

Foster: Tá.

Alexia: Sim.

Foster: Sim. É verdade!

Alexia: Muita verdade!

Foster: Eu fico igual! Quando eu escuto português aqui nos Estados Unidos é tipo: *Amor! Eles tão falando português!* E a gente chega perto e normalmente não é português, é só eu querendo isso.

Alexia: É, mas, é muito interessante isso. Eu não sei se isso acontece com os americanos quando os americanos estão viajando...?

Foster: Hum... Não... Bom, acho que...

Alexia: Claro que depende da **personalidade** de cada pessoa mas...

Foster: Também muito...

Alexia: ...**em geral**.

Foster: ...do lugar, né? Se você está viajando, sei lá, na França e alguém está falando em inglês, normalmente o americano não vai parar essa pessoa e falar:

- *Nossa! Você é americano também!*
- *De onde?*
- *Califórnia!*
- *Bom, eu nunca visitei o Califórnia!*

Alexia: A Califórnia.

Foster: A Califórnia, sabia! Mas, sim, eu acho que é muito, muito mais forte a conexão entre brasileiros.

Alexia: Nesse sentido.

Foster: Nesse sentido.

Alexia: É. Bom, **chuveiro elétrico.** Brasileiro sente muita falta de chuveiro elétrico fora do Brasil. E é uma coisa muito engraçada de pensar.

Foster: Sim. Sim, sobretudo o seu pai, né? Bom, primeiro, eu quero te perguntar... Pode explicar a palavra *chuveiro*?

Alexia: Aham, *shower*!

Foster: Mas realmente é...

Alexia: Que vem de **chuva**.

Foster: ...o *shower head*, né?

Alexia: É. Chuveiro vem de chuva, né? É algo que faz a chuva, é um chuveiro.

Foster: Exatamente. Mas o vocabulário com esse assunto é complicado. Porque você não vai falar em português: *ah, eu vou ficar abaixo do chuveiro.* É tipo: *eu vou tomar banho.*

Alexia: Sim.

Foster: Mas o **banho** tem chuveiro.

Alexia: Sim. Às vezes a gente fala vou, é tipo... *Vou me colocar embaixo do chuveiro.* Tipo, *preciso tomar água muito gelada em mim porque eu tô morrendo de calor. Então, vou correr pra debaixo do chuveiro.*

Foster: Sim mas, raramente eu ouvi você falando isso.

Alexia: Não, eu não falo. Meu pai fala muito. Muito!

Foster: Então, talvez gente mais velha.

Alexia: Não sei! Não vamos generalizar!

Foster: Tá, então a gente tem chuveiro e também...

Alexia: Elétrico.

Foster: Chuveiro elétrico.

Alexia: Sim.

Foster: Qual é a diferença?

Alexia: Existem... No Brasil existem dois tipos de chuveiros. Um é o chuveiro à gás, né, que você... Tá ligado no gás pra esquentar ou esfriar a água.

Foster: Sim, sempre me dá muito medo.

Alexia: E o chuveiro elétrico, que deveria te dar mais medo do que o à gás...

Foster: Que me dá medo também.

Alexia: Que é ligado na eletricidade.

Foster: Nunca pensei nisso, gente, mas tomar banho no Brasil dá medo!
Alexia: Sim. E o chuveiro elétrico, na maioria das vezes, funciona de uma forma melhor. Por que? Você consegue **ajeitar** a temperatura da forma que você quer então não fica algo muito **fervente** ou muito gelado.

Foster: Sim.

Alexia: E é uma **cachoeira** em cima de você.

Foster: Exatamente. E *ajeitar* quer dizer *mudar*, né?

Alexia: É. *To fix*, né?

Foster: *To adjust*.

Alexia: É, *to adjust*, é.

Foster: Sim.

Alexia: Então, o chuveiro elétrico é uma coisa que a gente sente muita falta. Por que? Por exemplo, quando a gente viajou pra Inglaterra, lembra? Que a gente foi Oxford.

Foster: Lembro.

Alexia: O nosso chuveiro lá era o terror! O terror! A gente ligava...

Foster: Não lembro agora.

Alexia: ...ficava muito fervente...

Foster: Ah! Eu lembro! Sim!

Alexia: ...ou muito frio, mas uma **loucura**! Uma loucura! E o chuveiro elétrico não acontece isso.

Foster: Sim.

Alexia: Então é uma coisa que o brasileiro sente falta.

Foster: Sim. O chuveiro elétrico tem muito mais... Hum... **Precisão**, eu posso falar?

Alexia: Sim. Enfim... Outra coisa que eu sempre vejo os brasileiros perguntando é: onde que tem **rodízio** de pizza e de japonês. Rodízio de pizza e rodízio de japonês.

Foster: Tá.

Alexia: Então, se você tiver no meio da Rússia, e tem lá comunidade de brasileiros em Moscou, você vai ver as pessoas postando: *pessoal, alguém sabe onde que tem rodízio de pizza, ou rodízio de japonês, a la brasileira?* E sempre vai ter alguém falando.

Foster: Sim. Bom, a gente tem muita coisa aqui. Primeiramente: *rodízio*. Que que quer dizer *rodízio*?

Alexia: Pensa: roda, né, é uma coisa que roda, que gira.

Foster: Uhum.

Alexia: Então são, normalmente, são... No caso da pizza, né, são várias pizzas feitas e sendo servidas por garçons dentro do restaurante, que você paga, sei lá, quarenta reais quando você entra e você pode comer o quanto quiser. Dois pedaços de pizza, quarenta pizzas, o que for.

Foster: Exatamente.

Alexia: Você paga quarenta reais e come o quanto quiser.

Foster: All you can eat. Sim. Mas também rodízio é uma coisa que eu sempre fico muito confuso que em São Paulo tem a palavra rodízio que é relacionado com carro.

Alexia: Sim.

Foster: Pode explicar um pouco sobre isso?

Alexia: Em São Paulo, por ser uma cidade completamente tomada pelo horrível trânsito, eles fizeram o **rodízio de carros**. Então, por exemplo: na segunda feira só carros que terminem com número seis, por exemplo, podem ir pra cidade. Aí na terça com o número sete, e assim vai. Então, é um rodízio: cada dia é um.

Foster: Sim. Eu sempre penso: *nossa, se eles tentarem fazer isso nos Estados Unidos!*

Alexia: Jamais!

Foster: Jamais!

Alexia: Então é isso. E é uma coisa... Rodízio é uma coisa que eu penso muito, né, que é uma coisa tão brasileira que o Ministério do Turismo do Brasil deveria usar isso como **propaganda** principal! É o país do rodízio!

Foster: Você acha?

Alexia: Aqui você encontra rodízios de qualquer coisa, qualquer coisa.

Foster: Bom, aqui não é tão comum mas, tem lugares que têm rodízio, aqui.

Alexia: Não como o Brasil! Vamos pro próximo ponto!

Foster: Eu perdi essa discussão. Enfim...

Alexia: Brasileiro ama **café da manhã*** em hotel, pousada, hostel, o que for. Ama!

Foster: É verdade!

Alexia: É uma coisa que você sabe que eu amo! Eu acordo feliz pra ir tomar o café da manhã no hotel.

Foster: Sim. É uma coisa muito difícil pra mim, é uma dificuldade que a gente tem em nosso relacionamento, porque eu não tomo muito café, né? Eu só tomo café de café da manhã.

Alexia: Café, café! A bebida! O líquido.

Foster: Sim, só. Alexia acorda **faminta**! Sempre!

Alexia: Sim! E você... Se você olhar as críticas no TripAdvisor, naquele Booking, né, nesses lugares...

Foster: Uhum.

Alexia: ...e tiver alguma reclamação que o hotel, pousada, hostel, o que for, tinha um café da manhã ruim, com certeza é um brasileiro fazendo essa reclamação.

Foster: Sim. **Não tem nada a ver** com a cama, com o chuveiro...

Alexia: Não! É o café da manhã. Porque no Brasil se você for se hospedar num lugar desse, você vai ter uma ***enxurrada*** de opções. Assim...

Foster: *Enxurrada* quer dizer o que?

Alexia: Enxurrada é quando tem uma chuva muito forte e acaba pegando a cidade inteira, que ninguém consegue sair.

Foster: Isso.

Alexia: Então... Uma enxurrada de opções, ou seja, várias opções. Então você vai ter quatro tipos de bolos, todos os tipos de ovos...

Foster: Presunto...

Alexia: ...ovo estalado, presunto, café...

Foster: Muito queijo!

Alexia: Tudo o que vocês possa imaginar. Panqueca...

Foster: É engraçado, né?

Alexia: ...waffle, que a gente chama de waffle, tudo isso!

Foster: Engraçado, porque, aqui nos Estados Unidos, tipo num hotel normal, quer dizer um hotel normal tipo barato, normalmente café da manhã não é muito boa. Não é muito bom.

Alexia: Muito bem. Pois é.

Foster: Mas, no Brasil, até num hotel barato, num hostel, é maravilhoso!

Alexia: É maravilhoso! Todos os tipos de frutas, sucos, enfim... Próximo ponto! Prometo que tá acabando! **Parcelar compras no cartão de crédito**.

Foster: Nossa!

Alexia: Se você perceber, se você for, por exemplo, aqui nos Estados Unidos, num Walmart, né, e vai ter... Se você perceber bem, sempre vai ter um brasileiro tentando parcelar as compras no cartão.

Foster: Sim.

Alexia: Porque é uma coisa da nossa cultura. Passou de cinquenta reais e pode parcelar, parcela em três vezes! Bota no cartão!

Foster: É... Em doze vezes.

Alexia: É.

Foster: Nossa Senhora! Só para explicar: *parcelar*, *parcelamento*, a gente tá falando em *paying in instalments*.

Alexia: *Instalments*, isso.

Foster: Porque é uma coisa super complicado mas, o brasileiro adora! Eu acho aqui nos Estados Unidos se você está comprando alguma coisa grande, tipo talvez uma máquina de lavar, você pode parcelar. Mas...

Alexia: Não é normal, por exemplo...

Foster: ...com coisas normais...

Alexia: ...roupa...

Foster: Não, nunca!

Alexia: No Brasil, sim! Numa boa. Passou de trezentos reais, você parcela em três vezes de cem, e tá tudo certo. Último ponto, prometo! **Máquina de cartão** de débito em todos os lugares. Ou seja: está onipresente, é uma coisa que a gente sente muita falta. Então, qualquer coisinha, vendedor da esquina, tá na praia, uma vendinha, um mercadinho, e tal... Tem uns lugares que só se aceita crédito ou em dinheiro, né, fora do Brasil principalmente. Lá no Brasil, tudo tem cartão de débito. Taxista, o vendedor de queijo da esquina, o vendedor de matte na praia, tudo pode-se pagar no débito.

Foster: Você está falando da maquininha?

Alexia: Sim, maquininha de débito.

Foster: Sim.

Alexia: O que é uma curiosidade, então... É isso na verdade.

Foster: É, a maquininha eu não sei porque não existe aqui.

Alexia: Eu acho muito estranho pra ser sincera. É uma coisa que vale mais a pena do que o cartão de crédito, pros vendedores, pros lojistas e etc. E faz sentido.

Foster: Faz sentido. A ideia prum brasileiro tipo dar o seu cartão pra alguém, pro garçom, e ele vai... No restaurante, ele vai sumir...

Alexia: Nunca!

Foster: ...por um tempo e ele vai voltar com o seu cartão e tá tudo certo. Essa ideia é ridícula!

Alexia: A gente já falou sobre isso em algum episódio que no Brasil é proibido você levar o cartão da pessoa, é proibido por lei, sem que a pessoa esteja do seu lado. Então, ou você tem que levantar pra ir pra

onde a máquina tá ou o garçom vai trazer a máquina do seu lado e vai colocar o cartão na sua frente, etc.

Foster: Isso. Mas pro americano é... O americano não pensa duas vezes. Tipo: ah, meu cartão? Aqui está.

Alexia: Bom, espero que vocês tenham gostado das curiosidades de hoje.

Foster: Eu gostei!

Alexia: Ai, que bom! E a gente se vê no próximo episódio!

Foster: Tabom! Tchau, tchau!

Alexia: Tchau!

Vocabulário e expressões úteis

---

assunto - subject
começar - to begin
à sua volta - around you
personalidade - personality

em geral - generally
chuveiro elétrico - electric shower
***Uma curiosidade é que o chuveiro elétrico foi desenvolvido no Brasil por volta de 1930, porque praticamente não tínhamos redes de gás. No chuveiro elétrico, a água é aquecida por meio de uma resistência que fica dentro do chuveiro.*

chuva - rain
banho - shower
***Muitas pessoas confundem essa palavra com seu significado em espanhol. "Banho" em português significa "shower"*
Eu quero tomar banho → I want to shower
E "Bathroom" significa "banheiro"

ajeitar/ajustar - to adjust
cachoeira - waterfall
fervente - boiling (very hot, in this case)
loucura - madness
precisão - precision
rodízio - all you can eat

***No Brasil você encontra rodízio de várias coisas, de coxinha, de pizza, de carne e até de cerveja. É a mesma ideia do "all you can eat" onde você paga somente uma taxa fixa e consome quanto quiser.*

rodízio de carros - car rotation
***Em São Paulo o trânsito é horrível, então o governo entrou com essa medida de rodízio de carros ou "car rotation." Para simplificar, cada dia da semana carros com placa terminando em dois números específicos não podem circular pelas vias principais no período de pico, também conhecido como "hora do rush." Por exemplo, de segunda-feira, todo carro que tem placa que termina em 0 e 1 não pode circular das 8h às 10h30 e das 16h às 19h.*

propaganda - advertising

café da manhã - breakfast
***"Café" significa "coffee" e "manhã" significa "morning", mas quando escritas dessa forma significa "breakfast."*
Por exemplo:
Amanhã de manhã eu vou tomar café na varanda → Tomorrow morning you'll have coffee on the balcony
Amanhã terá frutas para o café da manhã → Tomorrow there will be fruits for breakfast

faminta - hungry
não tem nada a ver - it has nothing to do
enxurrada - flood
parcelar compras no cartão de crédito - pay in installments

máquina de cartão/maquininha - card machine

03 - Gírias que só os Brasileiros são capazes de criar

Foster: Oi, Alexia! Tudo bem?

Alexia: Oi, Foster! Tudo bem com você?

Foster: Tudo ótimo. Sobre o que ah... Ah, vou **espirrar**! Acho que tá tudo certo. A gente vai falar sobre o que hoje?

Alexia: A gente vai falar sobre um assunto que você não sabe muito, porque você não é muito... Como é que se diz? **Apresentado** à isso normalmente. Que são as **gírias brasileiras** que só os brasileiros são capazes de criar. É uma coisa que é da imaginação brasileira totalmente!

Foster: Tá. Primeiramente eu quero falar que é impossível porque eu sou muito apresentado à todas as coisas da cultura brasileira porque eu moro com você. Mas, qual seria a diferença entre uma gíria, uma gíria normal, e uma gíria que só o brasileiro pode criar?

Alexia: Que normalmente não tem como você traduzir para nenhuma outra língua. Então, mesmo traduzindo, claro que você pode traduzir as palavras, não vai fazer o mesmo sentido. Então, por exemplo: *saudade*, que é uma palavra na língua portuguesa que não tem tradução, né? É uma coisa que ninguém conseguiu traduzir. É mais ou menos a mesma coisa com essas gírias.

Foster: Ta bom. Ta bom. A gente já gravou, eu acho que vários episódios, acho que na terceira temporada, sobre a palavra **saudade**.

Alexia: Sim.

Foster: Se você tiver interessado... Mas vamos lá! Eu estou interessado.

Alexia: Ta bom! Então vamos lá! A primeira, que todo mundo tem que saber é: ***ranço***.

Foster: *Ranço*.

Alexia: Isso.

Foster: *Ranço* começa com R (erre)?

Alexia: Isso.

Foster: Tá... Pode escrever?

Alexia: R, A, N de nariz, Ç, O.

Foster: Nossa! Tá. *Ranço* quer dizer o que?

Alexia: Você não sabe? Você não é apresentado pras essas gírias?

Foster: Eu sou. Eu sei! Eu tô fazendo isso pros nossos ouvintes, Amor.

Alexia: Até parece! *Ranço* é um sentimento de desprezo ou raiva. Então por exemplo:

- *Eu tô com um ranço daquela pessoa*. (Eu não aguento aquela pessoa.)
- *Eu tô com um ranço enorme de tal situação, também*.

Foster: Tá, então, nesse sentido seria mais ou menos raiva.

Alexia: Sim.

Foster: Tipo, não aguento mais essa pessoa.

Alexia: O que leva a uma outra também que eu acabei de lembrar que é ***pegar bode***.

Foster: *Pegar bode*?

Alexia: Aham.

Foster: *Bode* seria B, O, D, E?

Alexia: Isso. Bode é um animal, né?

Foster: Qual animal? Nossa Senhora! Vai ser muito complicado hoje!

Alexia: Oh, *pegar bode* é quando você... Assim... Não aguenta mais alguma coisa também. Então:

- *Ai, peguei bode da Marina ontem, ela ficou falando umas coisas muito nada a ver.*

Sabe?

- *Tô com um bode da Marina*.

Foster: É, ficou de saco cheio.

Alexia: É. É isso.

Foster: É, mas, **bode** o animal é qual?

Alexia: É tipo uma cabra.

Foster: Tipo uma cabra?

Alexia: É. É quase a mesma coisa, agora, eu não sei as características de um e de outro pra diferenciar.

Foster: Tá, podemos pesquisar depois sobre como que fala bode em inglês.

Alexia: Então, *ranço* e *pegar bode* você já sabe.

Foster: Sim. Os dois é tipo... Pode ser com raiva ou um pouco menos forte tipo estou de saco cheio, não aguento mais.

Alexia: É, é.

- *Ah, Alexia, vamos sair hoje?*
- *Ah, eu tô de bode, tipo...*

Foster: Estou de bode...

Alexia: Tô de saco cheio, não quero...

Foster: E com ranço você pode falar *estou com ranço* ou é *eu tenho um ranço*?

Alexia: Os dois fazem sentido.
Foster: *Eu fiquei com ranço?*

Alexia: Aham.

Foster: Pode falar...

Alexia: Sim!

Foster: ...os três?

Alexia: Sim!

Foster: Nossa! Então por exemplo eu poderia falar:

- *Nossa, eu estou com ranço de ver política nas notícias.*

Alexia: É, a forma mais informal seria:

- *Que ranço dessa politicagem!*

Foster: Tá. Vou tentar falar isso... Tipo, que ranço! Nossa Senhora, que ranço! Que rancão!

Alexia: Não! Só *que ranço*. Não começa a inventar. Próximo: *dar PT*.

Foster: ***Dar PT***.

Alexia: Esse você sabe.

Foster: *Dar PT*... Você está... Tem referência à PT?

Alexia: Não.

Foster: **Partido**?

Alexia: Não.

Foster: Tá.

Alexia: Perda total.

Foster: Ah, é?

Alexia: É!

Foster: Não sabia, não!

Alexia: *Dar PT* é quando uma pessoa fica muito bêbada que deu *perda total*. Então...

Foster: Ah, eu acho que já ouvi...

Alexia: É, tipo...

- *Foster deu PT ontem à noite.*

Foster: É.

Alexia: Tipo assim...

Foster: Tipo blackout, né?

Alexia: Nocaute total!

Foster: Ah, vocês falam nocaute?

Alexia: Aham.

Foster: É, eu falei blackout.

Alexia: É, eu falei nocaute. Enfim... Então, PT é sempre nesse sentido, normalmente, é ligado à bebida alcóolica. Então quando você enche muito a cara, quando você bebe muito, fica muito bêbado, sem sentidos: você deu PT.

Foster: Nossa Senhora, Amor! Você está cheio de gíria hoje... ***Encher a cara*** também é tipo beber demais?

Alexia: Isso.

Foster: É. Tá, pode me dar um exemplo?

Alexia: *Eu enchi muito a cara ontem à noite.* É isso.

Foster: Não, com *dar PT*.

Alexia: Ah! É... Nossa, a Bruna encheu, bom... A Bruna... Claro que tem que ser a Bruna!

Foster: Tem que ser a Bruna!

Alexia: É... *A Bruna deu PT ontem à noite teve que ir parar no hospital pra tomar glicose na veia.*

Foster: Ah, então, *dar PT* normalmente é uma coisa séria.

Alexia: Sim!

Foster: Não é tipo... Você ficou bêbado mas... Você ficou super, super bêbado até...

Alexia: Amor, perda total: quando existe uma perda total num carro, quando você bate e dá perda total num carro, é isso, o carro não existe mais.

Foster: É.

Alexia: É exatamente com o ser humano.

Foster: É. Mas nossa é complicado porque tem tantas referências na língua portuguesa a PT, né, ao PT.

Alexia: É.

Foster: Partido político.

Alexia: Isso!

Foster: Complicado hoje!

Alexia: Vamos pro próximo?

Foster: Vamos!

Alexia: ***Sambar na cara das inimigas***.

Foster: *Sambar na cara dos inimigos*.

Alexia: Das inimigas.

Foster: Das inimigas?

Alexia: É!

Foster: Tem que ser inimigas?

Alexia: Normalmente... É uma gíria que também veio da comunidade **LGBTQ**...

Foster: Uhum.

Alexia: É, comunidade gay, né...

Foster: Sim.

Alexia: Homossexuais, afins e etc, e que você tá **arrasando** com as inimigas ou seja você tá humilhando as inimigas. Você chegou numa festa, linda, maravilhosa e você tá *sambando na cara das inimigas*. Entendeu?

Foster: Tá, mas, é uma frase mais feminina ou pode ser usada com qualquer pessoa?

Alexia: Não, eu diria que é mais feminina. Você falando isso não ia fazer sentido.

Foster: Tá e também você falou a palavra *arrasando* que também é uma coisa que eu escuto muito, é:

- *Ah, cara você arrasou!*

Alexia: Uhum.

Foster: Que é tipo...

Alexia: You rocked!

Foster: É... Crushed it.

Alexia: Tipo isso. É!

Foster: Yeah.

Alexia: Bom, então, essa já foi. Ok?

Foster: Tá. Eu acho que não vai ser uma gíria que eu pessoalmente vou utilizar muito. mas enfim!

Alexia: Mas é bom saber.

Foster: Sempre é bom saber.

Alexia: Essa você com certeza não vai usar, essa próxima: *sapão*!

Foster: ***Sapão***!

Alexia: Isso.

Foster: *Sapão* vem de **sapo**?

Alexia: Isso.

Foster: Tá, e o que que quer dizer *sapão*?

Alexia: Então por exemplo, se alguma amiga minha chegar pra você e falar:

- *Foster, aquele seu amigo é um sapão!*

Quer dizer que ele é lindo, maravilhoso, incrível! Por favor apresente ele à essa amiga. Entendeu?

Foster: Sim, muito gato!

Alexia: É! Exatamente.

Foster: Curioso!

Alexia: Que também é uma gíria que vem da comunidade gay. Da comunidade LGBTQ+, plus!

Foster: Tá!

Alexia: Que tem as melhores gírias, então...

Foster: Sim, sim. É interessante que vocês têm uma gíria que seria **gata/gato**, que quer dizer uma pessoa bonita... Mas também sapão! Que são dois animais diferentes!

Alexia: Sim! É, as pessoas vão se modernizando, né? Então claro que se você falar *nossa, ele é muito gato*, continua. É uma coisa que nunca vai **morrer**, eu imagino. Mas, *sapão*, é algo mais **atual**. Entendeu?

Foster: Sim. Atual quer dizer hoje em dia.

Alexia: É.

Foster: As pessoas tão usando.

Alexia: É.

Foster: Tenho uma pergunta: você está falando isso com as suas amigas?

Alexia: Não!

Foster: Brigado!

Alexia: Ok! A próxima: ***deu ruim/dar ruim***.

Foster: Ah, Amor! É muito fácil! Isso pra mim não é uma gíria que só os brasileiros podem criar. *Dar ruim* é tipo *deu merda*.

Alexia: Sim!

Foster: Não deu certo!

Alexia: Sim. Dar ruim:

- *Nossa, deu ruim ontem!*

Foster: Sim...

Alexia: Ou seja: algo saiu do planejado. Tipo não deu certo.

Foster: Sim.

Alexia: É.

Foster: Mas pra mim é muito, muito fácil traduzir isso diretamente.

Alexia: Ta bom.

Foster: It went poorly, it went badly last night. Não, eu somente tô dizendo que sapão falando tipo {ENGLISH}, sim não faz sentido nenhum. Mas dar ruim é um pouco mais simples e comum.

Alexia: E ***tá pistola***?

Foster: *Tá pistola*?

Alexia: Aham. É uma coisa que os meus amigos falam muito.

Foster: É uma palavra só?

Alexia: Não. Tá, estar, *tá pistola*.

Foster: *Pistola* é tipo a arma?

Alexia: É.

Foster: Então o que você está falando é: estar, mas está pistola. Então: *tá pistola*.

Alexia: Uhum.

Foster: *Tá pistola*! Parece tapioca!

Alexia: *Tá pistola* é tá bravo. Então por exemplo, Thiago, Renan, Michel, todos eles sempre falam isso.

- *Ih, a Alexia tá pistola hoje!*

Foster: Caraca! É, eles são amigos da Alexia só para vocês saberem. *Tá pistola*. Ah... Na verdade não gostei muito dessa gíria porque parece violento.

Alexia: Engraçado... Assim, quando você escuta eles falando, faz sentido. Eu nunca falei isso na minha vida mas é algo que muita gente tá falando, cada vez mais.

- *Ih, fulano tá pistola! Oh, lá! Todo bravinho!*

Foster: Pode repetir essa frase? Um pouco mais devagar?

Alexia: *Fulano tá pistola! Olha lá, todo bravinho!*

Foster: É uma frase excelente pra aprender o português. Tá, a gente vai analisar rapidinho essa frase. Fala de novo?

Alexia: Eu vou mudar... **Fulano...**

Foster: Fulano e fulana seria tipo...

Alexia: Alguém!

Foster: ...qualquer pessoa que você não sabe o nome.

Alexia: É. É, então:

- *Fulano tá pistola*.

Foster: *Tá pistola* mas você tá pronunciando tipo como se fosse uma palavra só.

Alexia: Isso. *Fulano tá pistola*.

Foster: Fulano tá pi... Nossa Senhora!

Alexia: Então:

- *Fulano tá pistola! Olha lá, todo bravinho!*

Foster: *Todo bravinho*! Que seria tipo bravo...

Alexia: Isso.

Foster: ...você está com raiva...

Alexia: Isso.

Foster: ...mas **bravinho** é...

Alexia: Eu tô sacaneando a pessoa, né?

Foster: É.

Alexia: *E olha lá! Thiago tá todo pistola! Tá bravinho!* Tô sacaneando, tô ironizando. Tentando diminuir a situação. Entendeu?

Foster: Nossa, Amor! Você chegou na quarta temporada do Carioca Connection correndo! *Tá pistola*!

Alexia: Bom, essa você deveria saber: ***shippar***.

Foster: *Shippar*.

Alexia: Você aprendeu essa outro dia.

Foster: *Shippar*. Ai, caramba! A gente tava falando sobre... Me dá uma **dica** por favor, Amor!

Alexia: É sempre em relação à **casal**.

Foster: Casal... Ah, sim! Um casal que está shippando ou muito shippi? Como é que é?

Alexia: Não! Você *shippar* um casal é você gostar muito de um casal de duas pessoas, juntas, e aí você junta os nomes deles. Ou seja: Brad Pitt e Angelina Jolie - Brangelina.

Foster: É... E a bia, bia... Beyoncé... Não lembro qual seria.

Alexia: Não sei. Bruna Marquezine e Neymar: Brumar. Entendeu?

Foster: Brumar.

Alexia: É, então:

- *Nossa, shippo muito vocês dois!*

Foster: Tá.

Alexia: *Tô shippando* fulano e fulana, entendeu? É você querer muito que um casal dê certo ou você já está *shippando* algo, entendeu? Ele já existe. E aí você cria os dois nomes juntos. Isso é muito da comunidade do Twitter brasileira.

Foster: Sim. Mas tem que ser pessoas famosas ou pode ser tipo...?

Alexia: Qualquer pessoa.

Foster: Tá.

Alexia: Então, por exemplo, sei lá, Bruna e João Marcos, meus dois amigos que namoram, né:

- *Nossa, shippo muito eles.*

Foster: Tipo: você gosta ou você está esperando...

Alexia: Eu quero que eles fiquem juntos ou, no caso, eles já estão juntos, eu gosto deles juntos.

Foster: Mas também pode ser usada de um jeito mais **pejorativo**? Tipo, você está com inveja?

Alexia: Não.

Foster: Tá.

Alexia: E *shippar* se escreve S, H,I, P, P, A, R.

Foster: Não faz sentido nenhum! E shippar tem outro sentido?

Alexia: Só isso.

Foster: Nossa Senhora! Ta bom. Mais alguma gíria, Amor?

Alexia: Tem algumas!

Foster: Tá... Eu acho que tá bom pra hoje, já falou várias coisas, eu tenho que pensar muito sobre a minha vida e o meu nível de português.

Alexia: Bom... Eu acho que é sempre bom a gente se manter modernos, certo?

Foster: Exatamente.

Alexia: E... É isso! Então, bora sambar na cara das inimigas!

Foster: Exatamente! Tá pistola! **Tapioca**! Beijo!

Alexia: Beijo!

Vocabulário e expressões úteis

---

espirrar - to sneeze

apresentado - introduced

gírias brasileiras - brazilian slang

saudades - a feeling of longing

***Saudade é uma palavra que só existe na língua portuguesa e tem um significado muito bonito. Temos um episódio inteiro sobre isso:*

Saudade - O Real Significado da Palavra

partido (político) - polítical party

PT - political party in Brazil called *Partido dos Trabalhadores*

samba - a Brazilian dance of African origin

sambar - to dance samba

inimigas - enemies

***LGBTQ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros. LGBT também pode incluir "Q" para "queer" ou "questionamento"*

arrasando - crushing it

sapo - frog

morrer - to die

atual - current

pistola - gun

dica - tip

casal - couple

pejorativo - pejorative

gato - cat

tapioca - a starchy substance in the form of hard white grains, obtained from cassava and used in cooking for puddings and other dishes

fulano - someone (used when you're talking about someone you don't know the name)

bravinho - angry

***Bravinho é o diminutivo de bravo e nesse caso é usado de uma forma irônica*

Gírias citadas no episódio:

ranço - sentimento de desprezo ou raiva

pegar bode - quando você não aguenta mais alguma coisa, ficou de saco cheio

***Aos queridos ouvintes do Carioca Connection: às vezes, a Alexia se confunde... Bode é o macho da cabra. Ou seja: mesmo animal mas a cabra é fêmea enquanto o bode é macho.*

dar pt - quando uma pessoa fica muito bêbada e dá “blackout”

encher a cara - beber demais

sambar na cara das inimigas - arrasar com suas inimigas, com pessoas que tem inveja de você ou te desejam mal

sapão - usado como adjetivo para uma pessoa muito bonita

gato/gata - também usado como adjetivo para uma pessoa muito bonita

deu ruim/dar ruim - quando algo dá errado

tá pistola - estar bravo com algo

shippar - é gostar muito de um casal e desejar que eles dêem certo. Nesse caso, você shippa o casal.

04 - Churrasco Brasileiro! Mas... Você sabe exatamente o que é?

Foster: Alô, alô! Oi, Alexia! Tudo bem?

Alexia: Oi, Foster! Tudo e com você?

Foster: Tudo ótimo. Não posso **reclamar**.

Alexia: Não, nesse momento não podemos reclamar mesmo.

Foster: Porque agora a gente está gravando fora!

Alexia: Sim! Fora você diz na varanda do apartamento onde estamos.

Foster: Sim na **varanda** que é tipo um **terraço**...

Alexia: Não, não, não... É, terraço normalmente é uma varanda aberta que não tem teto, entendeu?

Foster: Ah, tá. Então a única diferença entre terraço e varanda é que terraço tem teto?

Alexia: Isso. Não! Terraço não tem teto! Você tá me confundindo.

Foster: Tá. Terraço não tem teto!

Alexia: Varanda é porch.

Foster: Sim...

Alexia: Não?

Foster: Mas acho que a tradução não seria direta.

Alexia: Tá.

Foster: Mas enfim! A gente tá aqui **de boa**, fora e... A gente pensou em gravar um episódio sobre uma coisa super, super brasileira que é...

Alexia: Churrasco!

Foster: Churrasco!

Alexia: Churrasco! O famoso churrasco brasileiro que tem por todo o país.

Foster: Então me explica, Alexia, como que é o churrasco brasileiro? É parecido com o churrasco americano, tipo, x-burguer com hotdog, cachorro quente...?

Alexia: Não! Jamais!

Foster: Como que é?

Alexia: Não. O churrasco brasileiro, na verdade, se refere à toda a **carne** que pode ser **assada** diretamente na churrasqueira ou no solo, ou no chão.

Foster: Sim. Mas, qual tipo de carne seria cozido no...

Alexia: Assado...

Foster: ...chão?

Alexia: Assada.

Foster: Ah, tá. Tá bom, entendi. Então, uma diferença só para clarificar um pouco: tem churrasco que pode ser a carne mas também pode ser o evento, né?

Alexia: Sim, sim. Então assim: o churrasco que eu estou falando agora é sobre a carne. Como que é feita a carne, certo? Então pode ser direto na churrasqueira...

Foster: Uhum.

Alexia: ...na grelha ou no chão. Por isso, que aquele restaurante que tem em todos os lugares aqui nos Estados Unidos e no Brasil se chama Fogo de Chão. Porque o churrasco pode ser feito no fogo do chão.

Foster: Ah, agora entendi...

Alexia: Nos **espetos**, sabe?

Foster: Exatamente. Entendi! Não soube disso não.**

***Aqui o Foster deveria ter falado: nunca soube disso.*

Alexia: Não sabia disso não.

Foster: Caraca! Gente, é uma coisa que cada temporada eu tento melhorar com esse negócio de sabia, não soube... Mas é muito difícil.

Alexia: Um dia você chega lá, Amor! Toda a paciência! E...

Foster: Mas, enfim, Amor. É muito complicado porque a gente tem churrascaria, a gente tem churrasco, Fogo de Chão, do chão? Qual desses a gente vai falar sobre hoje?

Alexia: A gente vai falar sobre a diferença entre os três, bem rapidinho. Então existe o churrasco:

- *Foster, vamos no churrasco no sábado?*

Foster: Sim.

Alexia: Isso quer dizer que você está indo para o evento churrasco.

Foster: Exatamente.

Alexia: Que vai ser a comida só de churrasco.

Foster: Exatamente.

Alexia: Que são as carnes assadas, os **embutidos**, as linguiças e tal. Então, uma coisa completa a outra: não existe o evento churrasco sem ter a carne de churrasco.

Foster: Isso, isso. E quando você falou, tipo:

- *Foster, vamos ao churrasco no sábado.*

Não é tipo a gente vai almoçar, só, né? É tipo, a gente vai acordar às onze da manhã, a gente vai lá, vai ter muita, muita carne, vai ter cerveja...

Alexia: Muita comida!

Foster: ...muitas pessoas. É um evento mesmo.

Alexia: Começa tipo 11:30 da manhã e termina 20:00 da noite. Sem parar.

Foster: Às vezes até mais tarde.

Alexia: É, aí vira festa.

Foster: Sim.

Alexia: Enfim, então, você tem essas diferenças. E aí você também pode falar:

- *Vamos comer um churrasco.*

Claro, numa churrascaria. Então:

- *Vamos na churrascaria.*

Que é onde você também vai encontrar todos os tipos de carne, etc, etc. Feitos de uma forma mais **gourmetizada** numa churrascaria.

Foster: Uma palavra essa?

Alexia: Sim, gourmetizada.

Foster: Nossa Senhora! Bom, duas perguntas Amor: primeiramente existem algumas regras pro churrasco, tipo algumas gafes, pode falar, que o gringo sempre vai cometer no churrasco?

Alexia: **Menor ideia**! Você já pagou algum mico?

Foster: Acho que não, acho que não. A única coisa que vem pra minha mente é comendo coração.**
***Normalmente os brasileiros falam "a única coisa que me vem à cabeça agora, ao invés de "pra minha mente."*

Alexia: Ah, sim. É... Bom, peraí. Antes de falar de comer coração, que eu vou explicar, a minha parte preferida, uma das minhas partes preferidas no churrasco, além do que se serve a carne, né?

Foster: Não fala!

Alexia: Calma!

Foster: **Pão de alho**!

Alexia: Isso!

Foster: Eu amo pão de alho!

Alexia: Pão de alho é a melhor coisa do mundo! E o Zack, seu amigo, quando foi pro Brasil, ele amou pão de alho e disse que ia colocar na festa de casamento dele.

Foster: Sim.

Alexia: Pra servir.

Foster: É, no **final das contas** ele não colocou. Mas, enfim, ele amou e também se você pode falar *pão de alho*, você pode falar português, pô!

Alexia: *Pão de alho*.

Foster: Porque você tem a palavra *pão* que tem uma vogal nasal que é difícil pra maioria dos gringos e também a palavra *alho*, com o LH, que é muito difícil também.

Alexia: Sim, sim. É, pão de alho é realmente um **desafio**. Mas, é a coisa mais gostosa do mundo. E além do pão de alho tem a farofa de banana.

Foster: Farofa de banana. Muito gostosa.

Alexia: Melhor coisa também. E temos coisas como coração de **galinha** pra comer. Literalmente.

Foster: Sim, que... É uma coisa complicada pra gente porque a gente tá tentando comer menos carne. Mas, realmente, é um... O negócio que você coloca todas as corações**?
*** Coração é masculino, logo, todos os corações.*

Alexia: Espeto.

Foster: Espeto. Um espeto com vinte corações.

Alexia: Sim, sim. E...

Foster: Isso quer dizer vinte **frangos** mortos.

Alexia: Sim. É, eu não sei muito o que comentar sobre isso. Eu só sei que eu comia muito, era uma das minhas partes preferidas do churrasco, não vou mentir, não vou ser hipócrita de falar “ah, eu não comia nada disso”. Comia tudo! Não tinha o menor problema com isso. Quando eu parei pra pensar que aquilo era realmente um coração, eu parei.

Foster: É.

Alexia: Eu realizei o que era. E aí eu resolvi parar.

Foster: Eu concordo que é gostoso mas ao mesmo tempo é nojento.

Alexia: É estranho!

Foster: Estranho... Posso contar uma história rapidinha**?
***Aqui está correto, mas o Foster estava querendo contar uma história de forma rápida e não uma história que já era curta. Dessa forma, o correto seria: posso contar uma história rapidinho?*

Alexia: Claro!

Foster: Eu lembro que a gente estava no churrasco do seu amigo em Teresópolis...

Alexia: Aham.

Foster: E meu amigo americano estava nos visitando e um amigo seu, acho que foi o Tomás, contou pro meu amigo que os frangos brasileiros

têm vários corações. Então ele realmente não estava comendo um frango só. Foi tipo, “ah tem 20 corações no espeto mas tudo bem é só quatro frangos porque os frangos brasileiros têm 5.” E meu amigo ficou: “sério?”

Alexia: Sério?

Foster: “Sério? Que coisa!”

Alexia: O Tomás é um idiota.

Foster: Ele é mesmo.

Alexia: É. Bom, então não acreditem em tudo que os brasileiros falem. Se vocês comem carne, por favor, experimentem o churrasco brasileiro um dia porque é uma delícia. Principalmente churrasco do sul! Churrasco do sul do Brasil é uma coisa de ver. É incrível, é incrível!

Foster: Sim. Eu acho que a coisa mais importante se você receber um convite prum churrasco brasileiro, só vá!

Alexia: É uma experiência!

Foster: Não pense duas vezes, é uma experiência **autêntica**...

Alexia: Fala de novo? Vai!

Foster: Experiência.

Alexia: Isso.

Foster: Obrigado, Amor! Então, vão pro churrasco, é muito, muito legal. Mais alguma coisa, Alexia?

Alexia: Não! Só isso! Só para tirar algumas dúvidas do que recebemos por e-mail. As pessoas sempre ficam confusas.

Foster: Ta bom, até a próxima!

Alexia: Tchau!

Vocabulário e expressões úteis

---

reclamar - to complain
varanda - balcony
terraço - terrace
de boa - good
***De boa é uma expressão usada em várias circunstâncias e normalmente significa duas coisas, ou que você está bem ou que você está recusando alguma coisa.*
Por exemplo:
Eu estou aqui neste café legal, de boa, tomando um café e lendo um livro → I'm here at this nice coffeeshop, feeling good, having a coffee and reading a book

Você quer sair hoje à noite? → Do you want to go out tonight?
Não, to de boa → No, I'm good.

carne - beef
assada - roasted
***Foster fingiu que entendeu aqui pois eu tava corrigindo a diferença entre cozida e assada. As carnes do churrasco brasileiro sempre são assadas e quando nos referimos ao churrasco no chão, é quando se tem a grelha para assar as carnes. Se você colocar no google "churrasco no chão" vai entender perfeitamente o que é.*

espetos - skewers
embutidos - sausages
gourmetizada - some food that got more expensive

***Usamos o adjetivo "gourmetizado" pra exemplificar algo que era simples, barato e por algum motivo virou moda e passou a ser servido mais caros em restaurantes, talvez com uma apresentação diferente pra tentar justificar o preço.*

menor ideia - no idea
pão de alho - garlic bread
no final das contas - after all
desafio - challenge
galinha - chicken
frango - chicken
autêntica - authentic

05 - Custo de vida no Brasil - Uma breve análise

Foster: Oi, Alexia!

Alexia: Oi, Foster! Bem vindo a mais um episódio do Carioca Connection!

Foster: Sim, Carioca Connection na varanda!

Alexia: Sim, continuamos aqui e resolvemos fazer mais um episódio na varanda por causa da boa qualidade de vida pra gente e pra vocês, porque escutar os **passarinhos** é a melhor coisa do mundo.

Foster: Sim, exatamente. E falando sobre qualidade de vida a gente vai falar sobre um assunto que é bem parecido, né?

Alexia: Sim. Na verdade, acho que uma coisa **tá ligada** à outra, né, hoje em dia.

Foster: Sim, sim. São **inseparáveis**, digamos.

Alexia: Sim. E, vamos falar sobre o custo de vida no Brasil.

Foster: Sim, que hoje em dia está ficando muito mais **caro morar** no Brasil, pelo menos no Rio de Janeiro...

Alexia: Nas grandes cidades...

Foster: Nas grandes cidades. Então, vamos falar um pouco sobre?

Alexia: Vamos! Bom, a maioria dos meus alunos quando eles marcam de viajar pro Brasil, eles sempre me perguntam certas coisas. Então, por exemplo: quanto que custa **almoçar** e **jantar** no Rio de Janeiro, no meu caso, né? Quanto que custa pra sair, quanto que custa pra ir ao cinema, quanto que custa **fazer compras**, quanto que custa andar de metrô, de ônibus, etc.

Foster: Ta bom. Pode começar com a comida? Por exemplo, quanto seria, sei lá, um jantar normal no Rio?

Alexia: Pra uma ou duas pessoas?

Foster: **Tanto faz**.

Alexia: Eu diria que se você fosse num restaurante normal, sem ser restaurante chique e sem ser boteco, você vai gastar em torno de 120 reais com bebida.

Foster: Tá. Então isso seria mais ou menos 60 reais por pessoa.

Alexia: Não! Tô falando de uma pessoa!

Foster: Ah! Então, nossa!

Alexia: É! Um restaurante...

Foster: Eu tava pensando “caraca, que restaurante é?”

Alexia: ...intermediário. Um restaurante mais abaixo do intermediário, sem ser o boteco, você gastaria isso... Tipo 60 reais...

Foster: É. **Boteco** é meio tipo pé sujo, é um bar que pode comer também.

Alexia: Isso.

Foster: Mas, você está falando sobre restaurantes, tipo, você vai sentar em uma mesa, é um restaurante normal.

Alexia: Exatamente.

Foster: Sim. E vai custar, mais ou menos, 120, por aí?

Alexia: Com bebida.

Foster: É. Ta bom. E, obviamente isso pode variar muito. Num boteco ainda comer bem e barato e num restaurante super chique você pode gastar 500 euros.

Alexia: Euros?

Foster: Reais.

Alexia: Ah, tá. É, na verdade, o que a gente tá fazendo aqui é uma generalização, né, porque você consegue encontrar opções boas e não tão caras e opções ruins e caras também.

Foster: Não, não. É somente tipo dando dicas, sei lá se uma pessoa está planejando orçamento pra visitar o Rio, ou qualquer outro... Outra cidade grande no Brasil.

Alexia: É.

Foster: Acho que ajuda.

Alexia: É. Uma coisa que você sempre reclamava era o custo da **cerveja**.

Foster: Da cerveja?

Alexia: É, que uma cerveja normal, uma cerveja nacional, custa um... Oito reais.

Foster: É. De novo depende. Se você está num restaurante cerveja vai ser cara. **
***Se você está num restaurante a cerveja vai ser cara.*

Alexia: Sim.

Foster: Que **é um saco**.

Alexia: Sim. Uma **cerveja artesanal** tá na base de vinte reais, mais ou menos.

Foster: É, cerveja boa no Rio é muito caro. E isso é a mesma coisa pra São Paulo, qualquer cidade grande no Brasil.

Alexia: Bom, transporte! Metrô: 4 reais e 20.

Foster: Posso falar?

Alexia: Pode.

Foster: Só mais uma coisinha sobre cerveja: sempre pode comprar cerveja e beber cerveja nas ruas e vai ser um pouco mais barato.

Alexia: É só comprar do... Ai Meu Deus! Do... Qual é o nome? Do... Vendedor de rua... Que a gente fala... Do...

Foster: **Ambulante**?

Alexia: É, do ambulante! É, é só comprar do ambulante.

Foster: É.

Alexia: Bom, transporte. Metrô: 4 reais e 20.

Foster: É. Você acha caro?

Alexia: Acho.

Foster: Acho muito caro.

Alexia: Eu acho muito caro pela quantidade de linhas que a gente tem.

Foster: É. É o mesmo preço por ônibus também?**
***pro ônibus/para o ônibus/de ônibus*

Alexia: Ônibus se for com ar condicionado: 4 reais, se for sem ar condicionado: 3 reais e 75 centavos. É ridículo.

Foster: É. Eu acho que dado o serviço é muito caro. Não quer dizer que o serviço não funciona, mas não é...

Alexia: Não funcione.

Foster: Não funcione. Mas, não é o melhor transporte público do mundo. É um pouco caro.

Alexia: Não, é bastante caro. Mas, enfim... Vamos ao próximo! Se você estiver interessado em **alugar** um apartamento no Centro do Rio de Janeiro, esteja preparado para pagar, mais ou menos, 2.500 reais sem ser mobiliado.

Foster: Tá. Você está falando por mês e sem **móveis**, né? Sem sofá, mesas, essas coisas.

Alexia: Sem nada.

Foster: Tá.

Alexia: Isso. Se você quiser alugar um apartamento de três quartos vai pra mais ou menos 4.000 reais, dependendo da zona de onde você está.

Foster: E quando você fala o Centro do Rio de Janeiro, você está falando das zonas... Da Zona Sul mais ou menos, né?

Alexia: Bom...

Foster: Não somente o Centro, Centro.

Alexia: É, tô falando da Zona Sul mais ou menos, exatamente.

Foster: E também se você está alugando por uma temporada mais curta, tipo um mês, você quer um apartamento totalmente mobiliado, não... Como que é?

Alexia: **Mobiliado**.

Foster: Fala de novo?

Alexia: Mobiliado.

Foster: Mobiliado. O preço vai subir **pra caramba**!

Alexia: Vai, vai... O preço vai subir e normalmente o **condomínio** não está dentro desse valor. Então você ainda tem que pagar taxa de condomínio por fora.

Foster: Pode explicar que que é o preço do condimínio? Condomínio.

Alexia: Condomínio é o quanto você paga de taxa por mês para o prédio que você mora. Então, você vai pagar água, você vai pagar o gás, você vai pagar os salários dos porteiros, você vai pagar pela pintura do prédio... Então, por exemplo, no meu caso eu pago 470 reais por mês, por condomínio, pro condomínio...

Foster: Por mês.

Alexia: ...no Rio.

Foster: É, o aluguel no Rio e no Brasil inteiro tem muitas taixas...

Alexia: **Taxas**.

Foster: Taxas.

Alexia: Isso.

Foster: Escondidas, digamos. Você não pode esquecer do salário do porteiro, né? Sempre está aí.

Alexia: Não, e você também não pode esquecer do quanto que você ganha por mês.

Foster: É.

Alexia: Porque o quanto você ganha por mês, normalmente, não dá pra pagar isso tudo.

Foster: Sim. Então, a gente tem comida, transporte e aluguel. Você acha que é comparável com outras cidades do Brasil?

Alexia: Sim. Por exemplo: São Paulo, **normalmente**, é 5% mais barato do que o Rio.

Foster: Não, mais caro.

Alexia: Ô, mais caro! Desculpa.

Foster: Sim.

Alexia: 5% mais caro do que o Rio. Só que **ao mesmo tempo**, São Paulo é maior...

Foster: Sim.

Alexia: Então você tem mais opções de achar apartamento, de achar regiões melhores para você morar, de achar mais coisas, entendeu?

Foster: Sim. Eu acho que tá certo falar que o Rio e São Paulo são mais ou menos iguais, são comparáveis. Talvez São Paulo é** um pouco mais caro mas também tem mais opções.
**Talvez São Paulo seja um pouco mais caro...*

Alexia: Sim. Agora já em relação a Curitiba e Belo Horizonte, normalmente, em geral, é 10% mais barato e 40% mais barato com aluguel.

Foster: Sim.

Alexia: É impressionante, né?

Foster: É, é. Realmente a coisa mais cara no Rio e no** São Paulo vai ser o apartamento.

***em São Paulo*

Alexia: E comida. Supermercado.

Foster: Apartamento e comida, é.

Alexia: É impressionante! Você pra comprar comida pra uma semana, pra duas pessoas no supermercado, você não vai gastar menos do que 150 reais.

Foster: É, é. Então se você está **pensando** em visitar o Brasil...

Alexia: Esteja preparado!

Foster: Esteja preparado. Mas se você quer visitar por um tempo, um período longo...

Alexia: Período.

Foster: Período longo talvez considere uma cidade menor, né?

Alexia: É, eu consideraria o sul do Brasil. Que eu não conheço e as pessoas dizem que é **maravilhoso**! Que é um lugar **incrível** o sul do Brasil.

Foster: Sim. Mas até BH, você tem todas as coisas que você precisa mas, o aluguel do apartamento vai ser muito mais barato.

Alexia: Pois é.

Foster: Sim.

Alexia: Bom, então, com esse episódio espero que eu tenha tirado algumas dúvidas de vocês. O Foster que tinha dado essa dica porque tinham pessoas perguntando por e-mail também. Então... É ótimo sempre receber esse feedback de vocês e a gente tá podendo **propiciar** esse tipo de episódio de volta.

Foster: Propiciar! Sempre é bom terminar o episódio com uma palavra chique! Bom, Alexia, até o próximo episódio!

Alexia: Tchau!

Foster: Tchau, tchau!

Vocabulário e expressões úteis

---

passarinhos - birds or little birds

tá ligada / está ligada - is connected

inseparáveis - inseparable

caro - expensive

morar - to live

almoçar - to have lunch

jantar - dinner

***Pode parecer um pouco confuso, mas almoço e janta são palavras que usamos de forma diferente do inglês.*

Por exemplo:

almoçar → to have lunch

almoço → lunch

jantar → to have dinner

jantar ou janta → dinner (pode ser a mesma palavra que o verbo)

fazer compras - to go shopping

tanto faz - whatever, it doesn't matter

boteco - bar

***In Brazil, the boteco (buteco), or botequim, was traditionally known as a place where alcoholic beverages were sold, serving as a meeting place for "bohemians", who looked for a good drink, cheap snacks and a chat without obligation.*

cerveja - beer

é um saco - it sucks (expression)

cerveja artesanal - craft beer

ambulante - people who are selling something on the streets, without a proper store

alugar - to rent

móveis - furniture

mobiliado - furnished

pra caramba - too much

***É uma expressão informal utilizada para intensificar algo, tendo um significado similar à "really" ou "a lot" em inglês, só que muito mais informal. Por exemplo:*

Isso é caro pra caramba → This is really expensive

To cansado pra caramba → I'm really tired

Hoje choveu pra caramba → It rained a lot today

condomínio - condo, condominium

taxas - fees

comparável - comparable

normalmente - normally, usually

ao mesmo tempo - at the same time

pensando - thinking

maravilhoso - wonderful

incrível - incredible

propiciar - to provide

06 - Chuvas no Rio de Janeiro. O quão grave isso pode ser. ☔

Foster: Oi, Alexia! Tudo bem?

Alexia: Oi, Foster! Tudo e com você?

Foster: Tudo ótimo aqui mas, **infelizmente**, no Brasil...

Alexia: No Rio, especificamente.

Foster: Especificamente no Rio as coisas são** um pouco mais complicadas mas, antes disso, me explica Alexia: onde a gente tá? O que a gente tá **fazendo**?

***Como a pergunta "tudo bem" é entendida como "está tudo bem com você" e não "é tudo bem com você", aqui o Foster deveria ter usado "estão"*

Alexia: Nós estamos em Kiawah Island, aqui na Carolina do Sul que fica perto de Charleston, onde...

Foster: Que **chique**!

Alexia: Muito chique! Onde os avós do Foster têm uma casa.

Foster: Sim, não tem nada a ver com a gente, são os meus avós.

Alexia: Tem a ver com você, no caso.

Foster: É, mas é uma coisa que a gente não comprou uma casa em uma ilha privada nos Estados Unidos.

Alexia: Mas, nessa semana estamos sem cachorro, estamos nos divertindo, saindo pra praia, pra andar na praia, fazer yoga, andar de **bicicleta**, ver **esquilo**, e infelizmente tem muitos **jacarés** por aqui, então eu não fico **totalmente** relaxada mas tá tudo bem.

Foster: Eu achei **engraçado**, pelo menos **curioso**, a segunda coisa que você falou foi: tem muito esquilo aqui!

Alexia: Sim. Eu adoro! Não adianta... Eu acho eles muito **fofos**.

Foster: Sim.

Alexia: Bom, mas, sobre o assunto de hoje: quando... Eu nem sei por onde começar porque toda vez que chove no Rio de Janeiro, é um caos! É um caos! A cidade para, ninguém consegue andar, ninguém consegue fazer nada. É o equivalente à uma **nevasca** muito forte na cidade.

Foster: Nevasca quer dizer tipo está nevando muito. Nevou muito.

Alexia: Nevasca é quando você não consegue sair de casa mesmo.

Foster: Sim. Tipo um *blizzard*.

Alexia: Isso.

Foster: Isso. Posso dar a minha perspectiva rapidamente?

Alexia: Aham.

Foster: Do Rio. Quando eu estive no Rio sempre chovia. Quando chove no Rio...

Alexia: Ninguém sai de casa.

Foster: ...tudo para mesmo! É tipo estar nevando aqui na Carolina do Sul...

Alexia: Muito bem!

Foster: Mas, tipo, ninguém quer sair pra jantar, ninguém quer fazer nada.

Alexia: Não, mas, é realmente isso. O Carioca...

Foster: A chuva com o Carioca é uma coisa que realmente para a vida Carioca totalmente.

Alexia: É. Primeiro porque a gente tem medo de chuva por causa de situações como essa. Porque... Tá chovendo? Ok. Mas você não sabe se essa chuva vai **aumentar** e se você vai conseguir voltar pra casa. O que normalmente **acontece**. Várias vezes eu já tive que ficar no trabalho, no **escritório**, até 22:00, 23:00 da noite esperando a chuva passar pra conseguir pegar um táxi, na época, pra voltar pra casa. É, assim, é surreal! É surreal!

Foster: É. Então, me explica Alexia, qual é a situação que aconteceu... Bom, ontem, **anteontem**?

Alexia: Em fevereiro nós tivemos uma primeira chuva muito complicada que várias pessoas das comunidades, das **favelas**, das áreas de risco do Rio de Janeiro, perderam suas casas, pessoas morreram. A **ciclovia** Tim Maia desabou, mais um pouco, mais uma vez...

Foster: Sim, não é a primeira vez que já teve problemas com a ciclovia.

Alexia: Sim, e... E até muitas coisas minhas, móveis, é, **roupas**, toalha de banho, tudo o que vocês possam imaginar eu **doei principalmente** para as pessoas do Vidigal que tavam precisando. Só que essa chuva de fevereiro, é... Foi uma combinação de coisas. Foi uma combinação de um **desastre natural**, porque chuva com vento em uma cidade que é completamente aberta, de frente pro mar, é sempre um **perigo**, né? E pessoas morando em locais de risco realmente é um risco, literalmente, você não sabe o que vai acontecer.

Foster: Enfim, é uma tragédia natural mas, ao mesmo tempo, tem a ver com a infra estrutura do Rio, as ruas...

Alexia: Sim.

Foster: ...as casas, correm muito risco de serem vítimas nessas situações.

Alexia: Sim. Então, a gente tem tanto esse perigo de... Natural, né? Da natureza. E também tem a parte de infra estrutura. Então as nossas ruas do Rio de Janeiro não têm uma **manutenção** a qual deveria ter, não tem limpeza de **bueiro**...

Foster: Uhum.

Alexia: Bueiro... Como é que eu explico o que é bueiro?

Foster: Não sei, me explica? Porque não sei o que que é...

Alexia: Bueiro são aqueles buracos protegidos nas ruas por onde **escorre** a água, sabe? Quando chove a água tem que ir pra algum lugar então vai pro bueiro.

Foster: Ah! {ENGLISH}

Alexia: Sim.

Foster: Alguma coisa assim.

Alexia: É... Então, bueiros não são limpos porque a Comlurb, que é o nosso pessoal da limpeza da Cidade do Rio de Janeiro, não tem um plano de limpeza da cidade porque não há pagamentos pra eles...

Foster: É...

Alexia: Então, assim, é uma bola de neve. Nada está funcionando bem no Rio de Janeiro. E o que que aconteceu? Ontem... Ontem foi dia 8 de abril de 2019, meu pai mandou mensagem: *"filha, tá chovendo muito, vou ficar em casa, não vou sair."* Ta bom, fui dormir, né, fui dormir aqui 22:00 da noite dos Estados Unidos...

Foster: Era uma coisa normal, tipo, aqui está chovendo muito também.

Alexia: É, isso. Hoje eu acordei com o meu **celular** com mais de 200 mensagens entre os grupos de amigos mandando vídeos, mensagens... E aí eu entrei na globo.com e assisti ao RJTV que é o local news, né, do Rio...

Foster: Sim.

Alexia: É...

Foster: Que até, posso falar rapidinho? Que até eu não sabia que pode assistir às notícias...

Alexia: Sim.

Foster: ... ao vivo!

Alexia: É muito legal!

Foster: Do Rio!

Alexia: É muito legal.

Foster: É legal mesmo.

Alexia: E tavam mostrando as imagens da cidade. E assim, meu pai com 74 anos de idade, com mais de 30 anos de Rio de Janeiro, disse que

nunca viu uma coisa igual. Meus amigos todos falaram que parecia que uma bomba tinha explodido na Zona Sul do Rio de Janeiro, que é onde os meus amigos moram. É, eu fico imaginando o pessoal das favelas, das comunidades, como é que deve ter sido. E 10 pessoas morreram, até agora. Foram achadas mortas, **esmagadas**, por pedras que rolaram das montanhas...

Foster: *Esmagadas* quer dizer o que?

Alexia: É... Smashed? Mashed?

Foster: É, mas, tipo... Eles ficaram embaixo...

Alexia: **Soterrados**.

Foster: ...de uma pedra, **escombro**, essas coisas...?

Alexia: Isso.

Foster: Tá.

Alexia: É... E aí eu tava conversando com uma amiga minha **bióloga**, a Aninha. E eu tava perguntando: *"Aninha, me explica, porque..."* Ela falou:

- *"**Dessa vez** não foi chuva com vento. Foi uma chuva muito particular, foi muito diferente do que aconteceu em fevereiro."*

E ela me explicou algumas coisas, por exemplo: a cidade é toda em **encostas**, né? O Rio de Janeiro foi feito em encosta. Encosta é na beira da costa da montanha. Entendeu?

Foster: Entendi.

Alexia: Então, tem a montanha e tem a terra, o Rio de Janeiro foi feito meio que subindo a montanha, na encosta.

Foster: É.

Alexia: E, a arquitetura e a urbanização da cidade é toda errada, é difícil pra se manter e cuidar e fazer toda a manutenção disso.

Foster: Eu acho que não vai ser a última vez que vai acontecer... Já aconteceu há dois meses, né?

Alexia: Sim. E, os **rios**, são todos **canalizados**. Então você não tem pra onde os rios... Que vem... Que deságuam no **mar** ou na **lagoa**, saírem. Então, eles sobem e **inundam** a cidade toda. E a última coisa que eu vou falar aqui pra vocês que eu acho que é uma das partes mais importantes também. O querido, falo de uma forma muito **sarcástica**... O prefeito da cidade, Marcelo Crivella...

Foster: Ele ainda está lá?

Alexia: Aham! É... Ele **diminuiu** o gasto com a **drenagem** do Rio de Janeiro, ou seja, você precisa **drenar** a água já que é uma cidade completamente aberta, com chuva, com muitas árvores, com lagoas, rios, etc...

Foster: Qual é o verbo?

Alexia: Drenar.

Foster: Drenar. Ah, to drain.

Alexia: Exatamente. Você precisa... Então, diminuiu o que era uma **verba** de 500 milhões de reais só pra isso... Foi para 6 milhões de reais.

Foster: Ai, Meu Deus...

Alexia: Enfim, então...

Foster: Só quero comentar rapidinho quando a Alexia fala *uma verba* você quer dizer uma quantidade de dinheiro...

Alexia: O valor específico pra certa coisa.

Foster: Mas, normalmente, é muito, né? Tipo: eu gastei uma verba!

Alexia: Não, a gente não fala isso pessoalmente no dia-a-dia. A gente fala isso em relação à negócio, projetos, tipo business mesmo.

Foster: É.

Alexia: É. Enfim! Então, temos esse problema no Rio de Janeiro acontecendo nesse momento e **eu espero** vir no próximo episódio com notícias mais legais e melhores.

Foster: Sim. Agora, são **notícias** tipo ao vivo mas como é que você falaria isso, Alexia? Tipo notícias: breaking news!

Alexia: Sim, ao vivo... É... Plantão do Carioca Connection!

Foster: Sim, uma coisa que aconteceu agora, tipo acabou de acontecer! E **infelizmente** são notícias tristes mas, vamos ver.

Alexia: Como diz o meu pai: tem coisas que até Deus duvida! E uma dessas coisas é o que tá acontecendo com o Rio de Janeiro agora.

Foster: Nossa, é uma frase que a gente pode gravar um episódio inteiro só sobre isso. Mas por agora acho que tá... Ta bom, né?

Alexia: Ta bom! Então, até o próximo episódio e, mandem boas vibrações para o Rio de Janeiro.

Foster: Sim, por favor!

Alexia: Tchau!

Foster: Tchau!

Vocabulário e expressões úteis

---

infelizmente - unfortunately
fazendo - making
chique - chic, fancy
bicicleta - bicycle, bike
esquilo - squirrel
jacarés - alligators
totalmente - fully
engraçado - funny
curioso - curious
fofos - cute
nevasca - blizzard
aumentar - to increase
acontece - it happens
escritório - office
anteontem - the day before yesterday
favelas - slums
***A favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, é a maior favela do Brasil e a segunda maior favela da América Latina.*

ciclovia - bicycle path, bike lane

roupas - clothes
doei - donated
principalmente - mainly
desastre natural - natural disaster
perigo - danger
manutenção - maintenance
bueiro - manhole
escorre - to drip, to drain
celular - cell phone
nunca - never
esmagadas - crushed
soterrados - buried
escombro - debris, rubble
bióloga - biologist
dessa vez - this time
encostas - slopes, hillsides
rios - rivers
canalizados - channeled
mar - sea
lagoa - lagoon
inundam - flood
sarcástica - sarcastic
diminuiu - decreased
drenagem - drainage
drenar - to drain
verba - budget
eu espero - I wait (in this case, I hope)
notícias - news
infelizmente - unfortunately

07 - Semana do Chico! Apesar de Você e uma breve análise

Alexia: Oi, pessoal! Tudo bem? Hoje eu tô aqui **sozinha** porque o Foster me **abandonou** no episódio de hoje pra falar um **pouquinho** sobre a história do Brasil mas, **através** da música.

Vou explicar um pouquinho pra vocês: na semana passada a gente tava escutando as músicas do Chico Buarque. E eu tava comentando com o Foster sobre como muitas músicas ainda fazem parte da **atualidade** do Brasil. Só que pra explicar isso pra vocês, pra gravar um episódio sobre isso... Eu precisava explicar porque que eu penso dessa forma. E a música de hoje é ***Apesar De Você*** do Chico Buarque.

Que é sobre a **Ditadura Militar**, então, por exemplo, um pouquinho sobre a história dessa música é que depois de 21 anos de Ditadura Militar, o Tancredo Neves, sua família e **convidados** estão comemoram o ano novo com essa música que era o recém-lançado samba do Chico Buarque. Então, pra comemorar o fim da Ditadura essa música foi usada como... Literalmente **comemoração** do atual presidente do Brasil naquela época.

O Chico na época ele escreveu a letra e enviou para os censores. Os censores eram as pessoas, os militares, que naquela época aprovavam, ou não, qualquer música, livro, filme... Qualquer coisa que as pessoas queriam que fossem **publicadas**. Então, vocês imaginam qualquer notícia de jornal, e etc, tinham que ser passadas pelos censores. Bom, crente que essa música, que essa letra, não iria passar, o Chico já tinha desistido mas, foi aprovada. E foi gravada e atingiu, mais ou menos, 100 mil cópias vendidas.

Só que, um dia, um jornal **insinuou** que a música foi feita diretamente pra atacar o General Médici, que era o ditador da época, e então a gravadora foi **invadida** e teve todas as suas cópias **destruídas**.

Logo depois disso, o Chico foi chamado pra um interrogatório para responder algumas perguntas e principalmente quem era o tal ***"você"*** da música. E a resposta foi: *"É uma mulher muito mandona, muito autoritária."*

Bom, depois disso, o Chico ficou marcado pelos homens da censura e suas canções sempre eram ouvidas com mais rigidez antes de serem aprovadas. A solução encontrada pelo cantor e compositor, claro, foi a de usar **pseudônimos**. Pseudônimos são nomes inventados então, ele assinava como Julinho da Adelaide e Leonel Paiva. No começo deu certo, mas logo depois o Chico foi **desmascarado**.

Agora, bem rapidamente, vamos analisar um pouquinho a música. Ela começa com ***"amanhã vai ser outro dia"*** e quando você escutar a música você vai ver que o volume vai aumentando como se tivesse em meio de uma discussão.

Logo depois tem: ***"você é quem manda, falou tá falado, não tem discussão, não."*** Nessa parte dá para entender que a música quer chamar atenção sobre a **incompreensão** da ditadura em relação a sociedade da época.

Logo depois te: ***"A minha gente hoje anda/ Falando de lado e olhando pro chão/ Viu? / Você que inventou esse Estado/ Inventou de inventar/ Toda escuridão."*** demonstra exatamente como as pessoas viviam durante a Ditadura. Sempre com medo, **desconfiadas**, em meio à uma **escuridão** sem saber sobre o dia de amanhã, sem nenhuma **liberdade**. Só que tem uma **ambiguidade** nessa... Nessa parte. A palavra ***"Estado"***

pode ser interpretada como o estado emocional ou como Estado referente ao governo. Por essas e outras é que a canção foi passada pelos censores porque eles não sabiam sobre o que que o Chico tava escrevendo.

Logo depois tem: ***"Eu pergunto a você aonde vai se esconder/ Da enorme euforia?/ como vai proibir/ quando a galo insistir em cantar?/ Água nova brotando/ E a gente se amando sem parar."*** aqui é quando ele propõe uma reflexão sobre quando tudo acabar o que que se pretende fazer. E é uma esperança que o Chico também apresenta de que essa época não vai **durar pra sempre**. E a figura do **galo** incluída, né, nessa parte da música, significa o início da manhã, o início de um novo dia.

E aí na parte ***"Água nova brotando/ E a gente se amando sem parar."***também é uma parte ambígua da música, que é sobre o relacionamento de um homem e uma mulher que também enganou os censores nessa época. E, pra finalizar essa composição do Chico, ele no final acrescenta: ***"Você vai se dar mal etc e tal/ La, laiá, la laiá, la laiá".***

Então, é uma composição fantástica, eu queria muito que vocês tivessem escutado comigo, né, estejam escutando comigo e entendendo um pouquinho mais sobre como que a música foi tão importante pra **pior** época do país. Então é isso! Espero que vocês tenham gostado e a gente se vê no próximo episódio. Tchau!

Apesar De Você
(Chico Buarque)

(Crescendo) Amanhã vai ser outro dia

Hoje você é quem manda

Falou, tá falado

Não tem discussão, não.

A minha gente hoje anda

Falando de lado e olhando pro chão

Viu?

Você que inventou esse Estado

Inventou de inventar

Toda escuridão

Você que inventou o pecado

Esqueceu-se de inventar o perdão.

(Coro) Apesar de você

amanhã há de ser outro dia

Eu pergunto a você onde vai se esconder

Da enorme euforia?

Como vai proibir

Quando o galo insistir em cantar?

Água nova brotando

E a gente se amando sem parar

Quando chegar o momento

Esse meu sofrimento

Vou cobrar com juros. Juro!

Todo esse amor reprimido,

Esse grito contido,

Esse samba no escuro

Você que inventou a tristeza

Ora tenha a fineza

de "desinventar"

Você vai pagar, e é dobrado,

Cada lágrima rolada

Nesse meu penar

(Coro2) Apesar de você

Amanhã há de ser outro dia.

Ainda pago pra ver

O jardim florescer

Qual você não queria

Você vai se amargar

Vendo o dia raiar

Sem lhe pedir licença

E eu vou morrer de rir

E esse dia há de vir

antes do que você pensa

Apesar de você

(Coro3) Apesar de você

Amanhã há de ser outro dia

Você vai ter que ver

A manhã renascer

E esbanjar poesia

Como vai se explicar

Vendo o céu clarear, de repente,

Impunemente?

Como vai abafar

Nosso coro a cantar,

Na sua frente.

Apesar de você

(Coro4) Apesar de você

Amanhã há de ser outro dia.

Você vai se dar mal, etc e tal,

La, laiá, la laiá, la laiá??

Vocabulário e expressões úteis

sozinha - alone
abandonou - abandoned
pouquinho - a little
através - through
atualidade - present
convidados - guests
comemoração - celebration
publicadas - published
insinuou - implied
invadida - invaded
destruídas - destroyed
interrogatório - interrogation, questioning
pseudônimos - pseudonyms
desmascarado - exposed, unmasked
incompreensão - incomprehension
ditadura militar - military dictatorship
desconfiadas - suspicious
escuridão - darkness
liberdade - freedom
ambiguidade - ambiguity
durar pra sempre - last forever
galo - rooster, cock
pior - worse

08 - Semana do Chico! Hoje é sobre a música: Vai Passar

Alexia: Oi, pessoal! Tudo bem? Estou eu aqui sozinha de novo pra terminar essa semana incrível junto com o Chico Buarque. No episódio passado a gente falou sobre a música ***Apesar De Você***, que fala especificamente do período da Ditadura Militar. E hoje nós vamos falar sobre a música ***Vai Passar*** que, pessoalmente, é uma das minhas **preferidas**. Toda vez que eu escuto eu fico **arrepiada**. E, enfim, é um samba maravilhoso.

Então vamos lá! A letra da música ***Vai Passar*** que é do cantor e compositor Chico Buarque de Holanda, foi escrita em meios de 80. Então em meados da década de 80, num período **absurdamente** confuso da história brasileira que foi o fim da Ditadura Militar.

A letra faz uma crítica muito forte ao Estado e ao período colonial brasileiro. É um enredo sobre a história do Brasil desde o descobrimento até a Ditadura que foi em 1984 o fim dela.

É uma... É uma... Canção, é uma música narrada no passado. Então, logo no comecinho, a gente tem a seguinte parte: ***"No tempo, página infeliz da nossa história / passagem desbotada da memória / das nossas novas gerações"***. Quando o Chico escreve ***"página infeliz da nossa história"*** ele tá falando sobre a escravidão, que é um fato que trouxe um **reconhecimento** muito ruim pro Brasil, porque foi o último país

independente no continente americano a **abolir** a **escravidão**. Então o Brasil foi o último de todos das Américas a abolir a escravidão.

Logo depois tem: ***"Seus filhos erravam cegos pelo continente / levavam pedras feito penitentes / erguendo estranhas catedrais".*** Nessa parte que ele fala sobre ***"filhos dessa terra que erravam cegos pelo continente"*** quer dizer o seguinte: poucos anos após a invasão do Brasil pelos portugueses, os portugueses perceberam que o sistema de produção deles não era **compatível** com o modo de produção que os índios nativos possuíam e culpavam os índios de preguiçosos.

Então, os negros africanos daquela época que formavam o terceiro povo, né, da formação brasileira, foram eles que faziam todas as catedrais, as casas, tudo o que vocês possam imaginar. Então, são eles que ficavam carregando as pedras e **construindo** estranhas catedrais. E as catedrais não faziam parte, né, da cultura africana. Então, os negros foram os que construíram o Brasil para os portugueses naquela época.

Bom, já na parte: ***"um dia, afinal / tinham direito a uma alegria fugaz / uma ofegante epidemia que se chamava carnaval"***. Quando o fim da escravidão chegou, os negros que moravam no Rio de Janeiro especificamente, para garantirem uma sobrevivência tanto física quanto social, se organizaram nos **morros**, né, e construíram as favelas. Uma das formas artísticas mais conhecidas desse grupo era o samba.

O samba veio dos negros, isso aqui não é **nem um pouco** de mistério pra vocês, todo mundo aqui já sabe disso. E na época de 1920 este estilo musical serviu para que os **moradores** dos morros se organizassem

para participarem de uma festa no **asfalto**. Asfalto nesse sentido é descendo o morro, né, você chega no asfalto que é a parte plana, que é a parte onde os carros passavam, as carruagens passavam. E essa festa era o **carnaval**.

O carnaval carioca surge como **manifestação** da cultura negra do morro e, mais que isto, era uma auto-afirmação do negro da época. Então por 4 dias que esse grupo de pessoas passava se divertindo. Era a expressão da liberdade que foi conquistada a **amargo preço**, né, depois de muito tempo. E dessa vez não estavam oprimidos. Eles estavam produzindo arte, produzindo música, produzindo **fantasias**.

Então, o carnaval, **simbolicamente**, aparece como uma **mudança** de poder que saiu das mãos dos brancos para as mãos dos negros. Então, esse era o sentido do carnaval carioca porque hoje em dia não é mais assim, né?

Bom, e no finalzinho da música a gente tem a parte que o Chico escreveu que é meio absurda, que é extremamente subjetiva: ***"palmas pra ala dos barões famintos, o bloco dos napoleões retintos e os pigmeus do boulevard".*** Quando a gente para pra tentar entender, não faz o menor sentido. Porque como é que um barão pode ser faminto, se naquela época um barão tinha um prestígio social muito alto e uma situação favorável? Assim como, como é que pode ser o Napoleão, que foi o imperador francês, ser retinto? Que é algo... Que era algo da cor mais escura. E assim como os Pigmeus que foram completamente menosprezados pela civilização ocidental e expostos como representantes de uma cultura atrasada, primitiva. Então, como que a

gente explica esses paradoxos, né, essas coisas que não fazem sentido algum?

O Chico Buarque ele usou nessa parte, aí que vem a maravilha da língua portuguesa, a figura de linguagem chamada: oxímoro. A sua função é harmonizar duas palavras contrastante ou seja que não fazem sentido algum. A utilização do oxímoro é o que possibilita a harmonia e o entendimento nas contradições que foram da música. E na verdade o que ele quer falar aqui é que os Barões por serem famintos mas é no sentido de ganância, por não se contentarem com o poder que já possuem. Assim como na parte do Napoleão ele faz um contraste com os Imperadores negros que em uma sociedade como a brasileira tornaram-se algo impensáveis. Assim com os Pigmeus andando pelos boulevards constituem imagens tão absurdas e contraditórias como as duas **anteriores**.

Então, assim, na verdade ele fala sobre os negros se fantasiando das pessoas que eles queriam fazer piada, né, durante o carnaval. Eles se vestiam de barões, se vestiam de grandes Imperadores, eles se vestiam de uma cultura que nunca fizeram parte que é a dos Pigmeus. Então, é o bloco desse grupo, né, é... É uma coisa que tem um significado e um sentido social.

Então, é mais ou menos isso, é uma letra muito difícil de entender. Quando você para pra **ler** pra entender da onde vem a cultura brasileira, e o que que o Chico quis escrever e quis **mostrar** pro mundo porque não é só uma música bonita, né? Diz bastante sobre a história brasileira e a cultura carioca também por trás disso.

Bom, a gente terminou agora a semana do Chico espero que vocês tenham gostado, e a gente se vê no próximo episódio! Tchau!

Vai Passar
(Chico Buarque)

Vai passar nessa avenida um samba popular

Cada paralelepípedo da velha cidade essa noite vai se arrepiar

Ao lembrar que aqui passaram sambas imortais

Que aqui sangraram pelos nossos pés

Que aqui sambaram nossos ancestrais

Num tempo página infeliz da nossa história,

passagem desbotada na memória

Das nossas novas gerações

Dormia a nossa pátria mãe tão distraída

sem perceber que era subtraída

Em tenebrosas transações

Seus filhos erravam cegos pelo continente,

levavam pedras feito penitentes

Erguendo estranhas catedrais

E um dia, afinal, tinham o direito a uma alegria fugaz

Uma ofegante epidemia que se chamava carnaval,

o carnaval, o carnaval

Vai passar, palmas pra ala dos barões famintos

O bloco dos napoleões retintos

e os pigmeus do boulevard

Meu Deus, vem olhar, vem ver de perto uma cidade a cantar

A evolução da liberdade até o dia clarear

Ai que vida boa, ô lerê,

ai que vida boa, ô lará

O estandarte do sanatório geral vai passar

Ai que vida boa, ô lerê,

ai que vida boa, ô lará

O estandarte do sanatório geral... vai passar

Vocabulário e expressões úteis

---

preferidas - favorite
arrepiada - with goose bumps
absurdamente - absurdly
enredo - plot
reconhecimento - recognition

abolir - abolish
escravidão - slavery
compatível - compatible
construindo - building
morros - hills
nem um pouco - not even a little
moradores - residents
asfalto - asphalt
carnaval - carnival
***Carnaval normalmente envolve uma festa pública e/ou desfile combinando alguns elementos circenses, máscaras e uma festa de rua pública. Essa festa é muito famosa no Brasil e atrai turistas de todo o mundo.*
manifestação - manifestation
amargo - bitter
preço - price
fantasias - costumes
simbolicamente - symbolically
mudança - change
anteriores - previous
ler - read
mostrar - show

09 - Coisa Mais Linda a nova série brasileira na Netflix

Foster: Oi, Alexia!

Alexia: Oi, Foster!

Foster: Tudo bem?

Alexia: Tudo e com você?

Foster: Tudo ótimo! Eu estou de volta!

Alexia: Sim, obrigada por ter voltado na minha vida, eu estava morrendo de saudades!

Foster: Obrigado à você pra fazer os episódios...

Alexia: Por ter feito os episódios...

Foster: Obrigado por ter feito os episódios incríveis sobre as músicas do Chico.

Alexia: Sim. Eu acho que foram dois episódios difíceis que as pessoas vão ter que ter a letra... As letras das músicas ao lado para entender mas, totalmente necessário pra comentar.

Foster: Sim! Mas eu acho que isso é o **propósito**, né? Realmente analisar uma coisa profundamente isso ajuda muito, muito, quando você está falando sobre a linguagem e a música.

Alexia: Sim. Exatamente. E hoje a gente vai mudar um pouquinho de **ambiente** e vamos falar sobre *"Coisa Mais Linda"* que é uma série nova brasileira da Netflix.

Foster: "Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça, aquela menina que vem que passa."

Alexia: Nossa Senhora! Bom, é uma série de produção da Netflix, então já começa sendo uma produção linda, maravilhosa. E o principal: o áudio é muito bom!

Foster: Sim. Alexia sempre reclama muito sobre a qualidade dos áudios nas produções brasileiras mas agora é da Netflix. Como é que fala em português?

Alexia: Netflix.

Foster: Netflix.

Alexia: Isso.

Foster: Então, por isso a qualidade é muito boa, o áudio muito bom, a imagem, como é que fala isso?

Alexia: A fotografia.

Foster: A fotografia mas cinemografia?

Alexia: Que que você quer falar?

Foster: Cinematografia?

Alexia: Você quer falar sobre a ambientação, o cenário?

Foster: Sim. Mas, vocês não tem uma palavra em português tipo *cinematography*?

Alexia: A gente fala fotografia, é mais fácil.

Foster: Ah, ta bom. Viu, gente? Eu não estava errado dessa vez. Mas enfim, Alexia, me fala um pouco sobre essa série que está **bombando** no Brasil e também internacionalmente.

Alexia: Sim! Bom, a série... O tema, na verdade, é sobre a **luta** das mulheres durante o final dos anos 50 no Rio de Janeiro. Então, foi uma série criada pra **mostrar** a força que as mulheres têm quando se unem e cada **personagem** tem uma história diferente e dá pra ver bem as diferenças sociais apresentadas durante os episódios.

Foster: Sim.

Alexia: Então, toda a história é **em torno** dos anos 50 no Rio de Janeiro, que é lindo, maravilhoso, **época de ouro** do Rio. E... As personagens principais são mulheres, o que mais você quer me perguntar sobre?

Foster: É... Eu só tenho dois comentários: primeiramente, nessa época, o Rio foi o capital...

Alexia: Era a capital...

Foster: A capital, sabia, a capital do Brasil. O capital com dinheiro, né?

Alexia: Exatamente.

Foster: É, mas, o Rio de Janeiro foi a capital do Brasil! Incrível, né?

Alexia: Sim!

Foster: Há pouco tempo!

Alexia: Sim! Meu pai já tinha 15 anos, **mais ou menos**.

Foster: Nossa! Como as coisas mudam!

Alexia: E as personagens principais da série são: Malu, Adélia, Lígia e Tereza.

Foster: Você quer explicar cada uma delas?

Alexia: Eu vou explicar rapidinho. Malu é a principal da série. É ela que faz o roteiro, né, que leva cada episódio.

Foster: Sim.

Alexia: Então, a Malu ela se muda de São Paulo pro Rio depois de descobrir que o **marido** dela **fugiu** com todo o **dinheiro** dela e etc, e quer montar um restaurante. Então, ela é mostrada, à princípio, como uma menina rica de São Paulo...

Foster: Uhum.

Alexia: De família muito tradicional e muito rica, que vai pro Rio de Janeiro tentar **conquistar** a... O mundo dela, né? De fazer o que ela quer.

Foster: Sim. Duas coisas: primeiramente eu amo essa atriz, ela é ótima, mas também a personagem dela - e eu acho que ela também - ela é **maluca**! Maluca pra caramba. Mas eu adoro ela e também eu queria te fazer uma pergunta, Alexia. Vocês tem uma palavra em português para uma menina rica, eu sei que existe a palavra *playboy* pra um cara rico,

que tem carro e sempre tá mostrando que tem muito dinheiro mas, tem a mesma coisa pra menina?

Alexia: Sim. *Patricinha*.

Foster: Ah, *patricinha*!

Alexia: Antigamente os *playboys*, a gente chamava de *mauricinho*.

Foster: Sim.

Alexia: *Mauricinho* e *patricinha*. Até porque aquele filme "As Patricinhas de Beverly Hills"...

Foster: Uhum...

Alexia: Você lembra disso?

Foster: Hum... Acho que sim.

Alexia: Eu esqueci como é em inglês. Mas enfim! Então é patricinha e playboy.

Foster: Legal.

Alexia: Tá? Bom, uma segunda personagem que é muito importante é a Adélia. A Adélia ela é uma **empregada doméstica** que mora em um dos morros da cidade e mostra bastante a diferença entre patroa e empregada, da época. Por exemplo: a empregada não podia pegar o elevador social. O elevador social era somente para os **moradores**. E tinha o elevador de serviço que era pros empregados do prédio.

Foster: Sim. Tem uma cena na série que mostra tudo isso e me dá uma raiva mas, a gente já gravou, eu acho...

Alexia: Já. Na primeira temporada.

Foster: Sim. Um episódio sobre as empregadas domésticas, tem um filme que se chama A Segunda Mãe, eu acho...

Alexia: Não! *"A Que Horas Ela Volta?"*

Foster: *"A Que Horas Ela Volta?"* Eu acho que em inglês é *"The Second Mother"*, alguma coisa assim... Mas a gente já falou muito sobre isso,

enfim, e também o personagem dela é incrível. Ela é forte, engraçada, eu gostei muito dela.

Alexia: Sim. É a minha preferida, na verdade. A outra personagem é a Lígia. Lígia é uma mulher casada, que vive em um **relacionamento abusivo** com o marido e sonha em ser **cantora**. Então, mostra bastante o **desespero** dela entre tentar seguir a vida dela mas, ao mesmo tempo, ela tá presa num relacionamento **horroroso**. E você ser **divorciada** em 1950, era impossível, era uma coisa que não acontecia, na verdade.

Foster: É, no Brasil também imagino nos Estados Unidos. Mas, tem muita coisa séria falando sobre isso: o relacionamento entre homens poderosos...

Alexia: **Poderosos**.

Foster: Poderosos.

Alexia: Poderosos.

Foster: Que que eu estou falando?

Alexia: Você está falando poderosos. Po-de-ro-sos.

Foster: Poderosos?

Alexia: Isso.

Foster: Poderosos.

Alexia: Isso.

Foster: Homens poderosos.

Alexia: Isso.

Foster: Meu Deus.

Alexia: Igual à: ovo, ovos.

Foster: Ah, entendi.

Alexia: Poderosos.

Foster: Então é uma vogal aberta.

Alexia: Isso.

Foster: Estou sofrendo hoje, gente! É... Mas, enfim...

Alexia: Bom, a última personagem importante é a Tereza. A Tereza é uma mulher que trabalha em uma redação de uma revista feminina e **ironicamente** é a única mulher que trabalha nessa revista. Todos os homens que trabalham nessa revista, escrevem como se fossem mulheres. Isso acontecia muito antigamente, que os homens se passavam por mulher pra fazer uma revista destinada à mulheres e não entendiam nada do assunto.

Foster: É.

Alexia: E a Lígia, né... Ah, desculpa, a Tereza, a última personagem, mostra ela se envolvendo com uma outra mulher porque ela tem o relacionamento aberto com o marido.

Foster: Uhum.

Alexia: Eles dois tem um relacionamento com uma terceira pessoa ao mesmo tempo ou fora do casamento, enfim. E, é... É uma série que realmente traz todos os assuntos polêmicos da época.

Foster: É.

Alexia: E é muito importante porque a gente vê muita coisa que mudou mas ao mesmo tempo muita coisa que **ainda** existe na sociedade **hoje em dia**.

Foster: É, quando eu estava assistindo a série eu tava pensando a mesma coisa sobre os Estados Unidos. Tipo, gente, como eram as coisas nos anos 50 mas, ao mesmo tempo, algumas coisas são iguais.

Alexia: Sim. Principalmente nos lugares mais conservadores, né? Que algumas coisas já melhoraram mas outras... As pessoas não entendem que pode mudar, que pode ser de outra forma... Enfim...

Foster: É.

Alexia: Mas, pra fechar esse episódio eu queria falar sobre a minha impressão pessoal. Eu gostei da série, eu acho uma série importante

pras pessoas assistirem. Principalmente vocês que estão aprendendo português e ficando cada vez melhor na língua, porque... É uma série **fácil** de entender, a linguagem é muito tranquila, mostra o Rio de Janeiro na década de 50 que é lindo demais mas, eu achei o **roteiro** um pouco **cansativo**.

Foster: Posso falar uma coisa rapidinho?

Alexia: Pode.

Foster: Acho que a série é ótima pra treinar o português porque, primeiramente, a atriz principal ela é de São Paulo com o **sotaque** bem neutro, né?

Alexia: Sim.

Foster: Mas também tem o sotaque carioca, aqui é o Carioca Connection, então você vai receber muito do sotaque carioca e, também, você tem muitos sotaques diferentes. A empregada fala diferente comparado com as outras pessoas, e... Sei lá! Tem muita diversidade linguística.

Alexia: Sim, tem muita diversidade linguística e também diversidade de mostrar o relacionamento na época entre **negros**, brancos, ricos e pobres.

Foster: Sim.

Alexia: Que até hoje em dia existe.

Foster: Existe. Então, Alexia, você ia falar sobre uma coisa que você não gostou tanto?

Alexia: É, isso do roteiro que cada episódio eu fico esperando uma coisa nova só que é mais do mesmo. Os mesmos problemas contados nos episódios. Eu achei um pouco cansativo. Mas não quer dizer que a série seja ruim. A série é boa! Mas eu demorei pra entrar no clima.

Foster: Sim, eu concordo. Fotografia bonita, a música é linda, me lembrou muito sobre **uma época da minha vida** que eu estava **viciado** em música brasileira, bossa nova e, sei lá, agora eu quero escutar mais música brasileira. Mas, ao mesmo tempo foi tipo ah... Mais do mesmo, né?

Alexia: Exatamente. Bom, assistam, vejam o que vocês gostam ou não, e depois manda um feedback pra gente! Fala o que que vocês acharam, se vocês sentiram alguma dificuldade ou não... Quero saber!

Foster: Isso.

Alexia: Então é isso, gente. Nos vemos no próximo episódio! Tchau!

Foster: Tchau, tchau!

Vocabulário e expressões úteis

---

propósito - purpose
ambiente - environment
(mas) enfim - anyway
bombando - trendy
***Quando alguma coisa é "trendy" dizemos no Brasil que essa coisa está "bombando"*

luta - fight
mostrar - to show
personagem - character
em torno - around
época de ouro - golden age
mais ou menos - more or less
marido - husband
fugiu - ran away
dinheiro - money
conquistar - to conquer, to win
maluca - crazy
empregada doméstica - maid
moradores - residents
relacionamento abusivo - abusive relationship
cantora - singer
desespero - despair
horroroso - horrible
divorciada - divorced
poderosos - powerful
ironicamente - ironically
ainda - still
hoje em dia - nowadays
fácil - easy
roteiro - script
cansativo - tiring
sotaque - accent
negros - black people

***Normalmente dizemos “negros” ou “pessoas negras” para “black people” ao invés de “pessoas pretas” que soa um pouco racista dependendo da região do Brasil*

uma época da minha vida - a time of my life
viciado - addict
***Uma curiosidade, dizemos que uma bateria está “viciada” quando ela não está funcionando muito bem, quando ela não dura mais o tanto que deveria*

10 - As palavras mais difíceis no português

Alexia: Oi pessoal, tudo bem? Hoje vamos ter um episódio muito **difícil**. Eu fiz uma, como se diz, um grupo de palavras que são as mais difíceis para se falar na língua portuguesa. E hoje eu vou testar o Foster com essas palavras e vamos ver como é que sai. Então é um episódio **divertido**, mas muito importante porque vamos estar falando bastante sobre os **sons**. Então é isso, fiquem com o episódio.

Alexia: Oi Foster.

Foster: Oi Alexia.

Alexia: Você não está feliz.

Foster: Não estou feliz, eu estou com **medo**. Eu estou **assustado**. Eu sei o que vai acontecer hoje. Gente, estamos nos Estados Unidos há quase 3 meses já.

Alexia: Sim, você tá mais.

Foster: Sim, eu 6 meses.

Alexia: É.

Foster: O que quer dizer que eu estou falando muito menos português que o normal e hoje eu vou sofrer, mas por favor minha gente, sofrem**** comigo.

Alexia: ** Sofram comigo.

Foster: Viu? Já estamos sofrendo juntos.

Alexia: Bom, vamos começar. Pra uma palavra que é fácil, porque você tem facilidade de falar esse tipo de som. *Prognóstico*.

Foster: *Prognóstico*.

Alexia: *Prognóstico*.

Foster: *Prognóstico*.

Alexia: O “g” no meio da palavra não se pronuncia praticamente, né? Você... É quase um, eu não sei, é quase um som **desnecessário**, né? Então *prognóstico*.

Foster: *Prognóstico*.

Alexia: Isso.

Foster: Tá.

Alexia: Você sabe o que que significa?

Foster: Sim, a gente tem a mesma palavra em inglês.

Alexia: Qual é?

Foster: *Prognosis*. *Yeah*.

Alexia: Eu acho, quer dizer...

Foster: Eu acho também, é alguma coisa que indica **previsão** né?

Alexia: Exatamente, de médico.

Foster: Sim, sim. *Prognosis*.

Alexia: Isso.

Foster: Sim, e só pra clarificar, você tem uma lista aqui de palavras e você está testando a minha capacidade de pronunciar essas palavras porque são umas das palavras mais difíceis pra pronunciar** em português, é isso?
***de pronunciar*

Alexia: Isso.

Foster: Tá. Também..

Alexia: Muito bem nessa **primeira**.

Foster: Tá bom, vamos lá. Vamos lá na **segunda** gente.

Alexia: Essa é fácil, você sabe. *Amanhã*.

Foster: *Amanhã*.

Alexia: Isso, agora explica pro pessoal como é que você faz esse "*nhã.*"

Foster: *Amanhã*. Bom, essa palavra é difícil por várias razões. Primeiramente, você tem várias vogais nasais, né? Não é "amenha" é *amanhã*, *amanhã*. Então você tem essa vogal nasal "ã" "ã" que é difícil pros **gringos**, né? A gente já gravou um episódio sobre vogais nasais, mas também esse negócio de *amanhã "*ia" "ia," então é quase o som do "y" em inglês tipo, "*you, me and you." Amanhã*, *amanhã.*

Alexia: *Amanhã.*

Foster: *Amanhã*.

Alexia: *Amanhã* de *manhã.*

Foster: *Amanhã* de *manhã*

Alexia: Isso.

Foster: Agora eu estou ficando **confuso** também. Então, mais uma vez, *amanhã*.

Alexia: *Amanhã.*

Foster: *Amanhã.*

Alexia: Isso.

Foster: Uhh!

Alexia: As duas primeiras partes são mais abertas do que a última, então *amanhã*.

Foster: *Amanhã.*

Alexia: Isso.

Foster: Isso, *amanhã*.

Alexia: Próxima palavra, *lagartixa*.

Foster: “*Lagartix…”* Não sei, mas tem alguma coisa na minha cabeça que eu sempre quero falar “lagartice.” Essa palavra existe?

Alexia: Não.

Foster: Eu acho que uma vez eu ouvi você falando “lagartice” e ficou…

Alexia: Eu nunca falei isso.

Foster: Na minha cabeça. Então fala de novo.

Alexia: *Lagartixa*.

Foster: “*Largar*…"

Alexia: *La.*

Foster: Uhun.

Alexia: *Gar-ti-xa*.

Foster: *La-gar-ti-xa*.

Alexia: Isso.

Foster: *Lagartixa*.

Alexia: *Lagartixa*.

Foster: *Lagartixa*.

Alexia: *Lagartixa*.

Foster: *Lagartixa*.

Alexia: Isso, que que é uma *lagartixa*?

Foster: É... é aquele animal que não é uma **cobra**...

Alexia: É um mini lagarto que mora dentro de casa e come mosquito.

Foster: Sim, que é um... *It's a lizard, a small lizard, a friendly lizard.*

Alexia: Adoro eles.

Foster: Sim, que eu acho muito curioso porque Alexia não se dá muito bem com...

Alexia: Répteis.

Foster: Qualquer coisa de insecto.**

Alexia: **Inseto.

Foster: Inseto, mas com esse animal aqui...

Alexia: Qual?

Foster: Você pode falar e eu repito.

Alexia: *Lagartixa.*

Foster: *Lagartixa*, isso.

Alexia: Isso.

Foster: Uhh! Mas Alexia adora!

Alexia: Eu gosto, porque eles comem mosquito. Eu to feliz com isso.

Foster: É...

Alexia: Bom, próxima palavra, *trocadilho*.

Foster: Ah meu deus. Tá bom, vou explicar o que que é um “tro...” Um *trocadilho.*

Alexia: Perfeito.

Foster: É mais ou menos um jogo de palavras.

Alexia: Sim, é uma coisa que quer dizer uma coisa, mas na verdade quer dizer outra coisa.

Foster: Sim, com duplo sentido.

Alexia: Exatamente.

Foster: Então mais uma vez, *tro-ca-di-lho*.

Alexia: Fala de novo.

Foster: *Trocadilho*.

Alexia: Perfeito.

Foster: Sim, tem duas coisas que são difíceis pra mim nessa palavra. Primeiramente, o “tr” em português não é igual, não tem nada a ver com o “tr” em inglês. Por exemplo, em inglês, se a gente vai falar, sei lá, a palavra “*train*”, né? É “txi” “txi”, que não tem nada a ver com “tr” “tr.”

Alexia: Tem a ver com o nosso “th” que é *Thiago.*

Foster: Exatamente. Exatamente. Então é *tro-ca-di-lho*.

Alexia: Perfeito. Muito bem.

Foster: Tudo **junto**, *trocadilho*.

Alexia: Muito bom.

Foster: Sim, e ao final da palavra tem o “lh” que a gente já gravou um episódio sobre esse som, mas ainda é difícil para mim porque é um som que quase não existe em inglês, então é *trocadilho*, “lho.”

Alexia: Isso. Isso. *Trocadilho*

Foster: Isso.

Alexia: Próxima palavra, era uma palavra que eu, quando eu era pequena, eu não conseguia falar de jeito nenhum, que é *cabeleireiro*.

Foster: Ah meu deus. Eu posso falar.

Alexia: *Cabeleireiro.*

Foster: *Barbershop.*

Alexia: Salão de beleza.

Foster: Então fala de novo.

Alexia: *Cabe-lei-rei-ro*.

Foster: *Cabe-lei-rei-ro*.

Alexia: “Reiro.”

Foster: Não tem o “reiro.”

Alexia: Não “reiro.” *Cabeleireiro.*

Foster: Então é *cabeleireiro*.

Alexia: Isso.

Foster: *Cabeleireiro.*

Alexia: *Cabeleireiro.*

Foster: Nossa, tem muito “r.” “Cabele...” *Cabeleireiro.*

Alexia: Quando eu falo rápido e eu não penso na palavra eu falo assim, “Foster, hoje vou no *cabeleireiro*.”

Foster: Qual seria a diferença?

Alexia: Porque quando você fala devagar, você tá pensando, né? Então seria *cabeleireiro*. Quando eu falo rápido é *cabeleireiro*. Não tem o "eiro."

Foster: Uhun.

Alexia: *Cabeleireiro.*

Foster: Basicamente tem a palavra *cabelo*, mas tem "reiro."

Alexia: Isso.

Foster: Tá, *cabeleireiro.*

Alexia: *Cabeleireiro.* Fala rápido que é mais fácil.

Foster: *Cabeleireiro.*

Alexia: *Cabeleireiro.*

Foster: *Cabeleireiro.*

Alexia: Quase.

Foster: Não sei se a gente vai lançar esse episódio.

Alexia: Vamos sim! Próximo, *paralelepípedo*.

Foster: Ah essa palavra eu posso fazer, eu já treinei várias vezes, "parale..." Meu deus! *Paralelepípedo.*

Alexia: *Paralelepípedo.*

Foster: *Paralelepípedo.*

Alexia: "Pípedo."

Foster: "Pípedo."

Alexia: "Pípedo."

Foster: “Pípedo.”

Alexia: *Paralelepípedo.*

Foster: *Paralelepípedo.*.

Alexia: *Okay*.

Foster: Uh! Só demorou um pouco pra minha boca ficar mais quente.

Alexia: Você consegue explicar que que são *paralelepípedos*?

Foster: Sim, são aquelas pedras. Se você pensar numa cidadezinha no Brasil ou na Europa que tem aquelas pedras bonitas. Ou eu posso falar *cobblestone*. Mais fácil.

Alexia: Mais fácil. Essa próxima palavra é uma que praticamente todos os meus alunos tem dificuldade. Que é, *exceção*.

Foster: *Exceção*.

Alexia: Sim, porque na hora que você lê a palavra, tem o “ex” na frente. Então todos os falantes de inglês vão ler como “ex-ceção.”

Foster: Sim.

Alexia: E não é, é *exceção.*

Foster: *Exceção.*

Alexia: Isso, é como se não tivesse o “x” mesmo, você lê direto com o “c.”

Foster: Sim, esse negócio do “x” também a combinação com o “ex” está me dando muito, muito problema ultimamente.

Alexia: Sim, igual com meu problema em inglês. É sempre, é sempre, e nunca vai parar.

Foster: Tá, no próximo episódio a gente vai falar só em inglês sobre todos os problemas da Alexia com inglês.

Alexia: Última palavra que é uma que você tem muita dificuldade, que é *borboleta*.

Foster: *Borboleta.*

Alexia: *Borbo-leta.*

Foster: *Borboleta.*

Alexia: Na hora que você tá falando a segunda parte, você tá fazendo "boleta."

Foster: Mas é "bo."

Alexia: "Bo."

Foster: Tá. *Borboleta.*

Alexia: *Borboleta*.

Foster: *Borboleta.*

Alexia: Perfeito.

Foster: *Borboleta.*

Alexia: *Butterfly*, *borboleta.*

Foster: Não pode falar mariposa?

Alexia: Não, **mariposa** é um outro tipo de objeto voador.

Foster: Tá bom. Então eu acho que esse episódio é um bom exemplo sobre as dificuldades que os gringos tem no momento de falar português e, sobretudo, a fonologia da língua portuguesa é tão diferente e é uma coisa que eu vou trabalhar muito pra fazer, sei lá, eu vou tentar melhorar a minha pronúncia, porque é uma coisa que eu estou super interessado na pronúncia, mas eu estou 6 meses** sem falar português quase, e eu preciso **recuperar** isso.
**há 6 meses*

Alexia: E é normal, é normal, é uma questão de hábito. O que eu sempre falo pros meus alunos pra terminar esse episódio, é que se

você conseguir falar o som nasal do *amanhã*, *não*, desse tipo de palavra e o “LH” você já tem meio caminho andado.

Foster: Não, se você pode falar vogais nasais e o som do “lh” você já fica no top 5% dos gringos no Brasil. Se você fala a palavra *trocadilho* certo, os brasileiros vão falar “nossa, cara, porra, como você aprendeu português? O seu português é muito bom!”

Alexia: Sim, é exatamente isso. Bom, eu espero que esse episódio tenha sido muito bom pra vocês.

Foster: Não foi bom pra mim.

Alexia: O Foster tá com trauma aqui do lado, mas voltamos no próximo episódio com um assunto mais *light*, mais **leve**.

Foster: Sim, com menos **sofrimento** por favor.

Alexia: Então tá bom, tchau.

Foster: Tchau tchau.

Vocabulário e expressões úteis

---

difícil - difficult
divertido - funny
som, sons - sound, sounds
medo - fear
assustado - scared
desnecessário - not necessary
previsão - prediction, forecast
primeira - first
segunda - second
***"Segundo(a)" significa "second" mas também pode significar "Monday." Nós dizemos "segunda-feira," mas nos diálogos normalmente deixamos o "feira" de lado e dizemos somente "segunda."*
Por exemplo:
É a segunda vez que chove essa semana → It's the second time that rains this week
Eu vou te visitar (na) segunda → I'll visit you on Monday

gringo - foreigner
***No Brasil usamos "gringo" pra pessoas que sejam de qualquer país fora do Brasil, normalmente países não latinos*

confuso - confused
cobra - snake
inseto - bug
répteis - reptiles
exatamente - exactly
junto - together
salão de beleza - beauty salon
mariposa - moth
recuperar - to recover
leve - light
sofrimento - suffering

Palavras citadas no episódio:

prognóstico - prognosis
amanhã - tomorrow
lagartixa - small lizard
***De acordo com o Foster, ele também é "friendly"*
trocadilho - pun
***É um jogo de palavras.*
Por exemplo:
Eu gosto de calor, Milton Neves.

cabeleireiro - hairdresser
paralelepípedo - cobblestone
exceção - exception

borboleta - butterfly

11 - Padaria e Lanchonete, você sabe a diferença?

Alexia: Oi pessoal, tudo bem? Hoje vamos falar sobre **padarias**. Muita gente pergunta, muita gente tem dúvida. Qual a diferença entre padaria e lanchonete e eu achei um assunto muito importante para falar. Padaria é uma das coisas que eu mais amo nesse mundo, me dá muito **prazer** em falar sobre isso e ao mesmo tempo muita nostalgia, porque como vocês sabem eu estou nos Estados Unidos e longe de uma padaria. Então espero que vocês gostem e que dê muita **água na boca**.

Alexia: Oi Foster.

Foster: Olá, olá. Oi Alexia, tudo bem?

Alexia: Tudo e com você?

Foster: Tudo ótimo, a gente está de volta, de novo, numa semana de **descanso**, digamos.

Alexia: Sim, sim. Uma semana de descanso, nesse momento estamos em Waynesville, Carolina do Norte.

Foster: Sim, a gente está, pode falar, numa **cabana**?

Alexia: Sim.

Foster: Basicamente é uma cabana.

Alexia: É uma cabana com uma **vista maravilhosa** no **meio do mato**. Estamos muito felizes aqui. Com galinhas, gato, cachorro.

Foster: Sim, **selvagens**. Então Alexia, hoje você queria falar sobre padaria.

Alexia: Sim, eu quero falar principalmente a diferença entre padaria e lanchonete.

Foster: Sim.

Alexia: Você sabe?

Foster: Não. Na verdade foi a primeira **pergunta** que eu tive** pra você.

***Aqui o Foster deveria falar "é a primeira pergunta que eu tenho"*

Alexia: Foi?

Foster: Sim.

Alexia: Que você "teve" ou que você "tem?"

Foster: Que eu tenho, mas que eu já tinha pensado sobre perguntas que eu tenho, sobre padarias, e minha primeira pergunta era, qual é a diferença entre uma padaria e uma lanchonete?

Alexia: "Minha primeira pergunta seria," porque você não me fez uma pergunta.

Foster: Sim.

Alexia: Então, quando você fala "era", que dizer que já foi feito, que é uma coisa que aconteceu.

Foster: É, mas foi feito na minha **mente**.

Alexia: Sim, mas...

Foster: Tendi**, tendi. Obrigado amor. Mas então, me explica, qual a diferença?
**Na verdade é "entendi," mas quando falamos rápido acabamos falando "tendi."*
Alexia: Lanchonete vem da palavra "lanches". Ou seja, lanches são *snacks* né? São pequenos, pequenas comidas.

Foster: Sim, mas são *snacks* grandes.

Alexia: É. Então quando você vai numa lanchonete, normalmente você vai encontrar sanduíches, vários tipos, **sucos**, **refrigerante**, mate e é isso. Não tem muito mais coisa. Claro que varia de lanchonete pra lanchonete, mas em geral é isso. Padaria é um lugar que você vai encontrar **de tudo um pouco**, desde o pãozinho da manhã.

Foster: Uhun

Alexia: Até sanduíches, até salgadinhos, até doces, tudo que vocês possam imaginar. Só que é tudo feito de produção local, ou seja, tudo feito nessa padaria em si. Então, os pães são de lá, o **presunto** é cortado na hora, o **queijo** é cortado na hora.

Foster: Tendi.

Alexia: O **ovo mexido** é feito na hora e assim vai.

Foster: Tendi, então, duas perguntas Alexia. Primeiro, tem algo que pode achar numa padaria que não pode achar num** lanchonete?
***Numa lanchonete, pois lanchonete é um substantivo feminino.*

Alexia: Numa lanchonete?

Foster: Uhun.

Alexia: Sim, pãozinho da manhã.

Foster: É “uma” lanchonete?

Alexia: É “uma” lanchonete.

Foster: Tá, pãozinho.

Alexia: Pãozinho. Pãozinho da manhã.

Foster: Pãozinho da manhã, mais alguma coisa?

Foster: Sim, mas você não quer explicar o que que é esse “pãozinho da manhã” pros brasileiros?

Foster: É, pros brasileiros?
***Aqui o Foster ficou com dúvida por causa da ordem das palavras. A Alexia quis dizer, explicar (para os ouvintes) o significado (não só literal, mas sentimental, cultural) do pãozinho da manhã para os brasileiros.*

Alexia: O que significa o pãozinho da manhã para os brasileiros...

Foster: Basicamente todos os dias você vai **comprar** o seu pãozinho que você vai comer pra** café da manhã.
***”Que você vai comer de café da manhã” ou “que você vai comer no café da manhã.”*

Alexia: Sim, mas não é um pão que vem numa embalagem, é um pãozinho que saiu da **fornalha**.

Foster: Sim.

Alexia: Ou seja, que foi feito ali e sai quentinho.

Foster: Normalmente é uma baguette.

Alexia: Normalmente é um, oh meu Deus, é um pão francês.

Foster: Sim, pão francês que pra gente seria um *baguette.*

Alexia: Não, não é a **fina**, longa. É a pequenininha **gorducha**.

Foster: Ah, Nossa Senhora! Que complicado hoje. Então qual seria a diferença entre pão francês e um baguete normal típico?

Alexia: Baguette normal é aquela fina, né? Não é fina, mas é a longa, bem grande. E o pão francês é um “pequeno”** comparado com a baguete e gordinho assim e com a **casca dura**, o em torno do pão é mais durinho. Mas enfim, é uma delícia, então você vai lá, compra 4

pãezinhos, vai sair 1 real e 50 (centavos). Você volta pra casa e come um pãozinho fresco da padaria.
**Dizemos "entre aspas" para "air quotes."*

Foster: Sim, é uma delícia.

Alexia: Sim.

Foster: Então amor, porque a gente já está falando sobre símbolos fálicos, digamos, pode pronunciar a palavra "pau" e "pão."

Alexia: Tá. **Pau** e **pão**.

Foster: Sim, é tipo o erro mais comum que os brasileiros adoram brincar com os gringos tipo, "ah você quer um pau." Pau. Que "pau" seria pênis.

Alexia: Isso.

Foster: Né, e "pão" com uma vogal nasal seria pãozinho da manhã.

Alexia: Exatamente. Claro que existe a árvore pau-brasil, que não é nem um pouco **ruim** de falar, Pau-Brasil. Ou então, eu preciso de, sei lá, um pau pra botar na minha casa, pra... Madeira, sabe? Em relação à isso.

Foster: É.

Alexia: Tudo depende do contexto, mas você falar a palavra pau normalmente não é legal.

Foster: É, mais um fato interessante, o pau-brasil, o nome Brasil, do país, vem desse pau. É verdade.

Alexia: Tá bom.

Foster: É o que eu li na Wikipedia.

Alexia: Ai meu deus do céu, tá. Então além do pãozinho fresco, né, nós temos os salgadinhos.

Foster: Salgadinhos, salgados. Amo.

Alexia: Que são as coxinhas, bolinhas de queijo, joelho, pão de requeijão, cachorro quente de forno, pastel de forno, enfim.

Foster: Tá, vamos lá Alexia, porque é uma coisa muito muito complicada pra mim. Eu sei que a maioria dos ouvintes, eles vão ter o mesmo problema. Ah tanto faz, numa lanchonete, numa padaria.

Alexia: Qualquer lugar que tenha salgadinhos.

Foster: Exatamente. Então pode explicar pra mim o que é uma coxinha. É difícil né?

Alexia: Coxinha é uma massa, né, que você faz no forno, que dentro da coxinha normalmente tem **frango** ou carne.

Foster: Sim.

Alexia: Tá? Mas o brasileiro é tão avançado que já fizeram coxinha de ovos de páscoa, coxinha de doce de leite, então tudo vale dentro da coxinha. Normalmente é de frango ou de carne.

Foster: Sim, eu acho que a coxinha mais normal seria com frango e...

Alexia: Catupiry.

Foster: Catupiry, que é um tipo de queijo **cremoso** e realmente é uma delícia.

Alexia: Sim, tem coxinha de camarão, é... Enfim, a imaginação é do povo brasileiro, então...

Foster: Eu amo coxinha.

Alexia: Eu também, mas eu prefiro bolinha de queijo.

Foster: Sim. Eu lembro que, acho que cada vez por ano** em São Paulo eles fazem tipo, sei lá, um...
***O Foster deveria ter dito "uma vez por ano."*

Alexia: Festival da coxinha.

Foster: É um festival de coxinha, mas eles tem o maior, a maior coxinha do mundo, e sempre é tipo, 100kg.

Alexia: Eu não consigo, é muito. Porque **gente** não parece, mas a coxinha, se você comer no meio da tarde, ela te deixa bem satisfeito assim, é **bastante** que você come.

Foster: Sim.

Alexia: É bom.

Foster: Pesado.

Alexia: É, é muito pesado. Assim como o joelho. Joelho é extremamente pesado de comer.

Foster: Tá, pode explicar o que que é joelho?

Alexia: Joelho é um pão, eu não sei como é que se faz joelho, eu sei que toda vez que eu como, eu me sinto assim, eu preciso dormir **logo**, de tão pesado que é.

Foster: Normalmente é um pão que tem presunto e queijo.

Alexia: Isso.

Foster: E tudo está **derretido**.

Alexia: Isso.

Foster: Muito gostoso.

Alexia: Só que o pão é muito massudo, tem muita massa, então por isso que te deixa assim. Pão de requeijão é uma delícia.

Foster: Posso falar uma coisa rapidinho?

Alexia: Pode. Você sabe porque que o nome é joelho?

Foster: É o que eu ia te perguntar agora amor.

Alexia: Porque parece um joelho. É simplesmente isso.

Foster: Nossa. Eu nunca pensei nisso.

Alexia: Sim.

Foster: Cada vez que eu entro numa padaria, numa lanchonete, eu penso “porque será que o nome é joelho?” Mas agora faz sentido.

Alexia: É porque é igual um joelho. Se você olhar para o seu joelho, é igual o pão do joelho.

Foster: Faz sentido, faz sentido.

Alexia: E aí cachorro quente de forno e pastel de forno você conhece e eu acho que já é auto explicativo né?

Foster: Sim, mais fácil.

Alexia: Outras coisas que você também pode encontrar nas padarias são os diferentes sanduíches, então você pode por exemplo ter, é, pão com requeijão né, fazer aquelas torradas de pão com requeijão, pão na chapa...

Foster: Sim.

Alexia: Eu amo pão na chapa, que é simplesmente o pão francês aberto, colocados na chapa pra esquentar.

Foster: Uhun.

Alexia: Com manteiga derretida ou com requeijão derretido. Aí o meu preferido é queijo de minas com requeijão na chapa.

Foster: Hmm, é uma delícia. E só pra clarificar, uma chapa seria tipo, um tipo de grelha, mas é tudo plano.

Alexia: Isso.

Foster: Né, é um *skilled***.

Alexia: Que aí você fecha.

Foster: Isso.

Alexia: Isso. É, e aí também tem umas padarias que são mais gourmetizadas. Então você pode ir, por exemplo, num Talho Capixaba no Leblon, que é considerado uma padaria, e ter todos os tipos de queijos internacionais, pães, pão com chocolate, **geléias**, mil...

Foster: Até tem **vinhos**.

Alexia: É.

Foster: Sobremesas.

Alexia: Então existe em vários tipos de padarias, a minha preferida era o Garcia e Rodrigues que já fechou há muito tempo no Rio, que era a preferida da minha família, a gente sempre ia lá, mas se eu pudesse dar uma **dica**, é procurar padaria mais próxima de onde você tá ficando, do seu apartamento, fica amigo de quem faz o pão na chapa, que você sempre vai ter pão na chapa gostoso pra comer com um café, com qualquer coisa.

Foster: Exatamente.

Alexia: Sim.

Foster: E não é uma coisa tão complicada, é só ir lá numa padaria que fica perto de você e você vai ver se é uma padaria boa ou não. Se tem gente lá, provavelmente é boa.

Alexia: Sim. É isso, então eu acho que eu consegui tirar a dúvida entre padaria e lanchonete e fazer as pessoas irem numa padaria né?

Foster: Você me deixou com água na boca.

Alexia: Eu to com **fome** agora

Foster: Sim, também. Então vamos comer.

Alexia: Vamos.

Foster: Tchau.

Alexia: Tchau.

Vocabulário e expressões úteis

padaria - bakery
prazer - pleasure
água na boca - mouth-watering (expression)
descanso - rest
cabana - cabin
vista maravilhosa - wonderful view
meio do mato - in a remote place (expression)
***Quando estamos em algum lugar remoto, dizemos que estamos "no meio do mato." Na grande maioria das vezes esse lugar tem bastante mato, "green area," porque fica longe das cidades*

selvagens - wild
pergunta - question
mente - mind
sucos - juices
refrigerante - soda
de tudo um pouco - a little bit of everything
presunto - ham
queijo - cheese
ovo mexido - scrambled egg
comprar - to buy, to purchase
embalagem - package
fornalha - oven, furnace
fina - slim
gorducha - chubby
casca dura - hard peel or shell

pau - stick
pão - bread
ruim - bad
tudo - all, everything
frango - chicken
cremoso - creamy
gente - people
***Muitas pessoas usam "gente" como vocativo para chamar atenção da pessoa que está participando da conversa, só escutando ou lendo.*
Por exemplo:
Gente, hoje eu estou com tanto sono que mal consigo trabalhar.
Foster, hoje eu estou com tanto sono que mal consigo trabalhar.

bastante - a lot
***Pode ser um pouco confuso porque além de significar "a lot" também pode significar "enough" quando adiciona-se o artigo "o" na frente.*
Por exemplo:
Hoje eu comi bastante → Today I ate a lot
Hoje eu comi o bastante → Today I ate enough

pesado - heavy
logo - soon
derretido - melted
nossa - wow
***A palavra "nossa" significa "our" no feminino do singular, mas também pode significar "wow" dependendo do contexto. Essa expressão vem de "Nossa Senhora" ou "Our lady Mary," a mãe de Jesus na religião católica.*
Por exemplo:

Nossa cama é grande → Our bed is big

Nossa! Que cama grande → Wow! What a big bed

geléias - jams
vinhos - wines
sobremesas - desserts
dica - tip
fome - hunger
***Nós temos a palavra "faminto" que significa "hungry" mas quase sempre utilizamos a palavra "fome."*
Por exemplo:
I'm hungry → Estou com fome

12 - Precisamos falar sobre bebês em português!

Alexia: Oi pessoal. Hoje vamos falar sobre um assunto um pouco diferente. Que na verdade nós recebemos um email pedindo esse tipo de vocabulário e a gente achou super interessante porque não faz parte do nosso dia a dia, e pode fazer parte pra muitas pessoas obviamente. Então nós vamos falar sobre vocabulário de **bebês** e de **crianças**, então são coisas muito importantes pra **mães** e pais e famílias, enfim, e que a gente quer tirar pequenas dúvidas, e dúvidas básicas sobre esse vocabulário. O Foster não faz ideia do que que eu vou falar aqui, então ele vai ser pego na hora e espero que vocês gostem.

Foster: Olá olá. Olá Alexia, tudo bem?

Alexia: Oi Foster, tudo e com você?

Foster: Tudo ótimo, eu ouvi na sua introdução que eu vou **sofrer** hoje.

Alexia: Sim, porque você não pesquisou as palavras ainda.

Foster: Que eu acho uma coisa boa, porque eu estou aprendendo ao mesmo tempo dos nossos ouventes.**

Alexia: **Ouvintes.

Foster: Ouvintes.

Alexia: Isso. Então hoje a gente vai falar sobre vocabulário básico de bebê e de criança. Que eu acho importante pra quem vai visitar o Brasil e às vezes precisa de alguma coisa num hotel ou na pousada ou comprar e não sabe falar, né?

Foster: Tá.

Alexia: Então, o que?

Foster: Tá bom. Eu posso começar com duas perguntas rapidinho?

Alexia: Pode.

Alexia: Tá. Primeiramente, você recebeu um email com essa pergunta né?

Alexia: Sim.

Foster: Tá bom, então não tem outra **razão** porque você está querendo falar sobre bebê.

Alexia: Foster, pelo amor de deus. Que coisa que **estranha**.

Foster: Só queria ter certeza. Ótimo. Então daí a pronúncia da palavra “bebê.”

Alexia: Uhun.

Foster: É bebê.

Alexia: Bebê

Foster: Bebê.

Alexia: Isso.

Foster: Então é uma vogal aberto**, vogal **aberta** no começo e **fechada** no final.

***Vogal é uma substantivo feminino.*

Alexia: Isso e..

Foster: Uh, bebê.

Alexia: E uma curiosidade é que português de portugal é “bebé.”

Foster: É outra coisa. E quando você está falando sobre mais...

***Foster falou “mais “ com um pouco de som nasal e a Alexia achou que ele estava tentando falar “mãe.”*

Alexia: “Mães.” O que?

Foster: Não, mais de um bebê.

Alexia: Bebês.

Foster: Bebês.

Alexia: Isso.

Foster: Então seria bebê...

Alexia: E bebês.

Foster: E bebês.

Alexia: Isso.

Foster: Nossa Senhora, por isso **evito** esse vocabulário. É difícil.

Alexia: Sim, então vamo** lá. Vamos começar. Primeira coisa, super importante para saber é “fralda”. Fralda é aquilo que se coloca no bebê, que é a onde fica **o xixi e o cocô** do bebê.
***Em conversações às vezes não pronunciamos o “s” no final de algumas palavras, então falamos “vamo” ao invés de “vamos.”*

Foster: Uhun.

Alexia: Qual o nome desse em inglês?

Foster: Acho que seria *diaper*.

Alexia: Isso, é uma *diaper*.

Foster: Fralda é *diaper*. Se não me engano fraldinha é um tipo de carne, né?

Alexia: Sim. É um tipo de carne, carne de boi.

Foster: Interessante.

Alexia: Então fralda é aquilo que eu acho que os pais mais ficam **enlouquecidos**, porque é um dinheiro gasto a cada semana surreal.

Foster: Não, eu lembro que eu estou** falando com um aluno meu, que ele está aprendendo inglês e a gente estava falando sobre negócios e os salários no Brasil. Ele falou, "pô cara, eu gasto tipo R$200 **semanalmente** só com fralda."
***Aqui o Foster deveria ter falado "eu lembro que eu estava falando..."*

Alexia: É. É isso. É **impressionante** né? E aí tem pessoas que preferem usar fralda de pano do que a fralda normal, aí vai de cada um. Fralda de pano é a... Como é que fala isso? É a de pano né, de tecido.

Foster: É, um pouco mais **chique**.

Alexia: Não!

Foster: Um pouco menos chique.

Alexia: Não, normal.

Foster: Normal de chique.

Alexia: É... Próximo que eu queria falar é “chupeta.”

Foster: Chupeta.

Alexia: Eu eu sei como é em inglês.

Foster: Você sabe?

Alexia: Eu sei.

Foster: Você quer dar um chute?

Alexia: *Pacifier*.

Foster: Uh, muito bem amor.

Alexia: Sim.

Foster: Sim. Eu acho que quando eu era bebê, pra mim foi** *pacifier*, mas tem outras palavras também em inglês, que não tenho certeza quais são, mas é um negócio que o bebê chupa.
** *Aqui o Foster deveria ter falado "pra mim era..."*

Alexia: Sim. É exatamente.

Foster: Pra ficar mais **pacificada**. Faz sentido.

Alexia: Não. Eu quando era pequena, eu chamava minha chupeta de Agu.

Foster: Uhun.

Alexia: E aí um belo dia meus pais me tiraram da chupeta né, aquele processo todo, e eu joguei a chupeta fora, dei tchau pra Agu e eu sabia que o **caminhão de lixo** pegava os lixos dos apartamentos das casas.

Foster: Ah não amor!

Alexia: Calma. Toda vez que um caminhão de lixo passava, eu falava “tchau Agu.”

Foster: Ah, to pensando** que você ia no lixo pra pegar...
*** Aqui ele poderia dizer “estava pensando” ou “pensei.”*

Alexia: Não! Óbvio que não.

Foster: Ah que bom, ufa.

Foster: É, uma pergunta rápida....

Alexia: Só uma coisa. Sabe como é que eu falava cachorro quente?

Foster: Não.

Alexia: Au au* no pão.
*** Crianças pequenas costumam chamar o cachorro de “au au”, porque é o som que ele faz quando late.*

Foster: Au au no pão?

Alexia: Faz sentido?

Foster: Faz sentido, muito sentido. É... Chupeta não tem nenhum significado sexual né?

Alexia: Não.

Foster: Tá bom. É, só as vezes eu fico na dúvida porque chupar chupeta, eu já **paguei mico** várias vezes com palavras parecidas, então só queria ter certeza.

Alexia: Não.

Foster: Tá bom.

Alexia: “Mamadeira.”

Foster: Mamadeira. O que que é?

Alexia: É da onde o bebê toma o leite depois que ele sai do **peito** da mãe né, então o bebê começa a mamar no peito da mãe.

Foster: Uhun.

Alexia: E depois ele passa para a mamadeira.

Foster: Tá.

Alexia: Então o bebê, ele mama o leite.

Foster: Tendi. Então **mamar**, o verbo, seria quando o bebê está bebendo o leite da mamãe.

Alexia: Isso.

Foster: É *breastfeeding.*

Alexia: Isso.

Foster: E daí, mamadeira seria a mini garrafa.

Alexia: Isso.

Foster: *Baby bottle*.

Alexia: Exatamente.

Foster: Ah, fácil.

Alexia: E como a gente fala sobre a mulher, quando a mulher está dando o leito para o filho é, a mulher está “amamentando.”

Foster: Amamentando?

Alexia: Isso, amamentando.

Foster: Ual.

Alexia: Então a amamentação é algo muito importante hoje em dia porque tem vários lugares que ainda... Tem várias mulheres que ainda sofrem muito pra amamentar em lugares públicos, em restaurantes, etc, porque as pessoas **não olham de bom tom** pra esse tipo de coisa.

Foster: De bom tom.

Alexia: E o que eu acho absurdo, quem é a mãe e trabalha e tem um dia inteiro fora e precisa levar o bebê junto tem que amamentar em qualquer lugar mesmo.

Foster: Sim, eu também acho um absurdo, mas eu preciso dizer que eu acho muito mais comum ver uma mãe... Mamando?

Alexia: Não, uma mãe amamentando.

Foster: Amamentando.

Alexia: O filho.

Foster: O filho no Brasil comparado com aqui nos Estados Unidos. Aqui quase não vejo.

Alexia: Não, mas eu acho uma questão de quem quiser fazer, faz.

Foster: É.

Alexia: Não tem que...

Foster: Sei lá, eu acho que...

Alexia: Não tem que ter **regra**.

Foster: Aqui nos Estados Unidos tem uma noção de... É uma coisa privada.

Alexia: Não, mas olha só. Eu, Alexia, eu não sou mãe e eu não sei como é que eu vou **reagir** nem nada, mas pensando, eu gostaria de amamentar dentro de casa, num lugar calmo, sabe? Num momento entre eu e meu filho, claro, mas se acontecer de ir pra um restaurante e o filho tiver que ser amamentado lá, vai ser amamentado lá, não tem nenhum problema, é essa a questão. Então, como por exemplo, aí vem pro próximo ponto, “berçário.”

Foster: Berçario?

Alexia: Berçário é onde os bebês ficam. Então por exemplo, quando você vai pra um **banheiro público** num aeroporto ou coisa parecida, sempre tem um berçário.

Foster: Uhun.

Alexia: Né, um lugar pra colocar o bebê e trocar as fraldas. Normalmente tem nos banheiros femininos, mas se o pai tiver viajando sozinho com o filho e precisar trocar a fralda, normalmente não tem nos banheiros masculinos.

Foster: É, nunca pensei nisso.

Alexia: Sim, então.

Foster: Mas é injusto.

Alexia: Sim. Então, berçário é esse lugar. “Berço” é onde o neném dorme.

Foster: Eu estava imaginando que berçário vem da palavra berço.

Alexia: Sim. Outra forma de chamar bebê é “neném.”

Foster: Neném.

Alexia: Isso.

Foster: É , é uma palavra que o seu pai usa muito, neném.

Alexia: Insuportável, eu sei.

Foster: É, bom, então berço seria um **lugar** onde o bebê dorme.

Alexia: Isso, onde ele fica, onde ele dorme, principalmente quando ele é **recém-nascido**.

Foster: Sim, para mim é um exemplo da beleza da língua portuguesa. Berço.

Alexia: Berço, como é que é em inglês?

Foster: Comparado com a palavra em inglês *crib.*

Alexia: *Crib*, é Verdade.

Foster: Berço, *crib*.

Alexia: Próximo seria “pinico.”

Foster: Pinico, é uma palavra que não conheço.

Alexia: Conhece sim, eu já te ensinei isso semana passada.

Foster: Bom, me explica.

Alexia: Pinico, vamo lá, o bebê cresce né, já tá com uma idade mais avançada, já vira uma criança né?

Foster: Uhun.

Alexia: Ou quase uma criança, aquele meio termo.

Foster: Sim.

Alexia: E precisa aprender a fazer xixi num lugar diferente, xixi e cocô. E ainda não tem idade avançada pra usar uma privada normal.

Foster: Uhun.

Alexia: Então ele usa o pinico.

Foster: Ah, que seria uma privada pra bebês, tipo bebês grandes.

Alexia: Que é a onde se ensina o bebê, a criança a fazer a fazer xixi e o número 2, cocô.

Foster: Tipo um *potty.*

Alexia: Isso.

Foster: É, vocês não tem uma palavra pro bebê que tem, sei lá, tipo 2 anos, que não é uma criança.

Alexia: Vocês chama de *toddler* né?

Foster: É, *toddler* aqui.

Alexia: Eu não sei em português, de verdade.

Foster: Com certeza que** os brasileiros vão usar, vocês vão roubar “todiler”...
*** Ficaria mais natural se o Foster falasse “com certeza os brasileiros” ou “tenho certeza que os brasileiros.”*

Alexia: Não, mas *toddler* é muito difícil pra gente falar, e também pra botar, pra abrasileirar.

Foster: É, “todiler.”

Alexia: Não.

Foster: É, não sou muito bem** no...
*** Aqui o Foster deveria ter dito “não sou bom” que significa “I’m not good a”*

Alexia: Penúltima coisa, “termômetro.”

Foster: Termômetro.

Alexia: Isso. Termômetro serve pra qualquer pessoa né? Que é a onde mede a...

Foster: Temperatura.

Alexia: Febre, exatamente a temperatura. Pra ver se está com **febre** ou não.

Foster: É, é quase igual em inglês.

Alexia: *Thermometer*?

Foster: *Thermometer.*

Alexia: E a última coisa, “leite” e “leite em pó.” Então leite é *milk*, obviamente, e leite em pó, que é o que eu precisava tomar porque a minha mãe não tinha leite suficiente pra me dar, então eu comecei a ser introduzida ao leite em pó desde pequenininha, como é que se fala isso. *It’s a milk powder*?

Foster: É, eu acho que eu falaria *powdered milk.*

Alexia: É.

Foster: *For babies.*

Alexia: É isso.

Foster: É. Duas perguntas rapidinho, leite é masculino ou feminino?

Alexia: O leite.

Foster: O leite, tá. Eu estou sofrendo muito com o gênero hoje.

Alexia: Então vamos lá, fala pra mim, chupeta.

Foster: Chupeta.

Alexia: Mamadeira.

Foster: Mamadeira.

Alexia: Berço.

Foster: Berço.

Alexia: Fralda.

Foster: Fralda.

Alexia: Termômetro.

Foster: Termômetro.

Alexia: Berçário.

Foster: Berçário.

Alexia: Berço.

Foster: Berço.

Alexia: Você já falou.

Foster: Já falei.

Alexia: Banheira.

Foster: Banheira.

Alexia: Pinico.

Foster: Que a gente ainda não explicou.

Alexia: Ah, então era esse. “Banheira” é onde você dá o banho no bebê, que existe em qualquer lugar.

Foster: No banheiro tem uma banheira.

Alexia: Isso.

Foster: Que seria um *bathtub*.

Foster: Exatamente.

Alexia: É. Banheirinha do bebê.

Foster: É.

Alexia: Pinico.

Foster: Pinico

Alexia: Leite em pó e leite.

Foster: Leite em pó e leite. Só uma coisinha, leite em pó, “pó” também pode ser uma **droga ilícita**. Eu sempre dou esses **avisos**.

Alexia: Sim, se você for na rua e perguntar pra uma pessoa que está vendendo drogas e pedir “pó,” você vai estar pedindo cocaína. É isso.

Foster: É, mas leite em pó, você está...

Alexia: Pedindo leite para o seu bebê ou a criança que está em casa.

Foster: Exatamente.

Alexia: Então, espero que eu tenha tirado também todas as dúvidas. Eu to adorando esses emails que a gente **anda** recebendo porque são dúvidas que realmente fazem sentido. Eu jamais pensaria em fazer um vocabulário de bebê e criança. Jamais.

Foster: É, na verdade é uma área do meu português que eu nunca pensava** sobre as palavras, o vocabulário sobre os bebês.

Alexia: Que eu nunca pensei**.

Foster: Eu nunca pensei sobre bebês em inglês, nem em português. Só cachorro.

Alexia: *Puppies*.

Foster: Então, até a próxima Alexia.

Alexia: Tchau.

Foster: Tchau.

Vocabulário e expressões úteis

---

bebês - babies

crianças - children
mães - mothers
pais - fathers
***Também pode significar "parents." Cuidado pra não confundir a pronúncia de "pais" e "país."*
pai - father
pais - fathers, parents
país - country
países - countries

sofrer - to suffer
razão - reason
estranha - strange
aberta - opened
fechada - closed
evito (evitar) - to avoid
o xixi e o cocô - pee and poop
***Essas palavras são mais leves e normalmente podem ser usadas em qualquer conversa*

enlouquecidos - crazy
semanalmente - weekly
impressionante - impressive
chique - chic, fancy
dar um chute - to guess (expression) // to take a guess
pacificada - pacified
caminhão de lixo - garbage truck
paguei mico - to do something wrong, which is also funny (expression)

***Você "paga mico" quando você faz alguma coisa errada, como por exemplo falar uma palavra errada que tem outro significado, e seu erro é engraçado, as pessoas riem de você.*

peito - chest, breast
***Também pode significar "breast." Em teoria "seio" é a tradução exata de "breast," mas acabamos falando os dois no dia a dia.*

não olham de bom tom - they do see it in a good way (expression)
regra - rule
reagir - to react
banheiro público - public bathroom
insuportável - unbearable
lugar - place
recém-nascido - newborn
febre - fever
droga ilícita - illicit drug
avisos - warnings
anda (andar) - to walk
***Às vezes utilizamos o verbo "andar" antes do verbo principal da sentença para dar a ideia de que algo está acontecendo já faz um tempo.*
Por exemplo:
Eu ando trabalhando muito ultimamente → I've been working a lot lately

<u>Palavras citadas no episódio:</u>

bebê - baby
fralda - diaper

chupeta - pacifier
mamadeira - baby bottle
mamar - to suck
amamentar - to breastfeed
berçario - nursery
berço - baby crib
neném - baby
pinico - potty
termômetro - thermometer
leite - milk
leite em pó - powdered milk
banheira - bathtub

13 - A Gaga não sabe falar português

Alexia: Oi pessoal, tudo bem? Bem vindos a mais um episódio do Carioca Connection. E hoje vamos falar sobre um assunto que tá na boca do povo, que tá todo mundo comentando, que é sobre uma música que tá fazendo o maior sucesso. Só que não sei se é um sucesso bom ou ruim. Bom, como vocês sabem, os brasileiros adoram criar memes, criar **polêmica**, falar sobre e mais do que nunca, nós adoramos comentar sobre isso com vocês. Então, hoje nós vamos falar sobre a mais nova música brasileira que se chama "Juntos," que é uma releitura da música *Shallow* do *A Star is Born,* tá? Então espero que vocês gostem desse episódio.

Foster: Oi Alexia, tudo bem?

Alexia: Oi Foster. Tudo e você?

Foster: Tudo ótimo. Primeiramente amor, onde você está?

Alexia: Eu estou em Portugal.

Foster: Você e seu pai estão no Porto, em Portugal. E eu estou aqui na Carolina do Sul na casa dos meus pais.
Alexia: Sim, sim. Mas já já você tá **chegando**.

Foster: Espero que sim. Mas enfim amor, hoje você queria falar sobre um **assunto** super super importante.

Alexia: Eu não diria importante, mas é necessário, é necessário **por causa da** cultura brasileira.

Foster: Nossa senhora, se esse assunto for necessário, estamos com problemas. Mas enfim, eu aprendi** sobre esse assunto hoje, então me explica Alexia sobre o que vamos falar hoje.
***Não está errado, mas normalmente nós falamos "eu ouvi" ou "eu fiquei sabendo..."*

Alexia: Nós vamos falar sobre uma música, né, que é uma releitura do *Shallow* do filme *A Star is Born.*

Foster: Uhun.

Alexia: Que dois **cantores**, dois artistas brasileiros sertanejos resolveram criar essa música pra ser o *Shallow* brasileiro.

Foster: Tá, duas coisas só pra começar. Quando você fala releitura, basicamente você está falando um *cover*** né?
***Usamos a mesma palavra em português, mas pronunciamos com sotaque brasileiro.*

Alexia: É, mas eu não sei se *cover* você pode, por exemplo, fazer uma nova **letra** né? É uma...

Foster: É um tipo de *remix*** né.
***Usamos a mesma palavra em português, mas pronunciamos com sotaque brasileiro.*

Alexia: É, exatamente.

Foster: Tá, e você está falando sobre o filme *A Star is Born* e a música mais famosa desse filme seria *Shallow*, né?

Alexia: Uhun.

Foster: Tá. Primeiramente, não vi o filme. É bom, você gostou?

Alexia: Eu assisti com meu pai, eu não assisti o primeiro filme de todos que parece que foi há muito tempo atrás, sinceramente eu não sei a quanto tempo. Eu só assisti esse que também foi uma releitura né, do primeiro. E eu gostei, eu achei um filme super comercial, foi a primeira vez que o Bradley Cooper tava como ator e diretor, então foi um filme muito importante pra ele.

Foster: Ah, ele foi o diretor também?

Alexia: Uhun.

Foster: Legal!

Alexia: E a Lady Gaga, ela tava como atriz e ganhou até um oscar por isso né, se não me engano. Não, ela não ganhou o Oscar como **melhor atriz**.

Foster: O Oscar.

Alexia: Mas *A Star is Born* ganhou um Oscar que eu não lembro.

Foster: E você sabe como é que fala *A Star is Born* em português?

Alexia: Sim. A gente pode falar de duas formas, “nasce uma **estrela**” ou “assim nasce uma estrela.”

Foster: Ta bom, faz sentido.

Alexia: Sim.

Foster: Então, a gente tem essa música do filme e a releitura do... Como que é? Luan Santana e Paula Fernandes?

Alexia: Paula Fernandes, isso.

Foster: Tá.

Alexia: Isso. Luan Santana é um dos cantores sertanejos mais conhecidos do Brasil, é assim, é surreal a quantidade de gente que ama ele, é apaixonada por ele. Ele é um cara super novo e tem fama de **galã**, sabe? E...

Foster: E certamente seria mais ou menos *country music*.

Alexia: É, é.

Foster: É *country pop*.

Alexia: O Luan Santana, ele canta o sertanejo universitário, que eu considero *country pop*.

Foster: É, eu considero música que não é muito do **meu gosto**, mas enfim...

Alexia: E a Paula Fernandes também, é uma cantora, ela é muito **bonita**. Ela me incomoda um pouco, porque eu acho ela muito forçada em relação à tudo, mas ela tem um vozerão. Quando eu falo que tem um vozerão, ela tem uma voz muito imponente.

Foster: Vozerão. Pode falar vozona?

Alexia: É. Não, vozerão.

Foster: Vozerão.

Foster: Então amor, porque essa música virou o assunto mais comentado, o assunto mais popular hoje em dia no Brasil?

Alexia: Primeiro que ficou uma releitura horrorosa, tá todo mundo fazendo piada. Principalmente da parte do **refrão** que eles falam "juntos e shallow now" literalmente isso. "Juntos e shallow now". E aí a galera caiu em cima, né?

Foster: É, isso quer dizer que todo mundo está **zoando** a música que é horrível.

Alexia: É. E eles tentaram procurar alguma outra palavra que rimasse com *shallow*, só que "*shallow"* em português é "raso" né?

Foster: Uhun.

Alexia: Então eles poderiam ter usado a palavra "**raso**" em português normal, eles não precisavam ter usado *shallow*, mas eles queriam continuar com *shallow* porque o nome da música original é "*Shallow*." E...

Foster: Não faz sentido nenhum.

Alexia: Não, e “shallow now.” Juntos e shallow now.

Foster: Bom, me parece que o jeito que eles estão usando *shallow* na música original digamos não é tipo, como é que é “*shallow*” em português, raso?

Alexia: É Raso, isso.

Foster: Raso. É, mas tem muito mais a ver com **profundidade**, né? Não tem a ver com água, é tipo um sentimento mais emocional.

Alexia: Exatamente.

Foster: Eles poderiam ter colocado qualquer palavra, tipo “juntos e superficial,” sei lá.

Alexia: Qualquer coisa. Qualquer coisa.

Foster: “Juntos e animal.”

Alexia: E detalhe, Paula Fernandes ficou tão incomodada com as pessoas fazendo meme e etc, que ela falou que ela mandou pra Lady Gaga, a música pra Lady Gaga dar opinião e a música **voltou** sem nenhum tipo de comentário assim. É, pra **mudar** isso ou aquilo. Claro, como é que a Gaga sabe, a Gaga não sabe falar português.

Foster: A Gaga não sabe falar português.

Alexia: Como é que ela vai corrigir alguma coisa?

Foster: Ah meu deus. Tem um assunto que é um assunto **delicado** digamos, é quando o brasileiro deve usar uma palavra inglesa e quando não. Por exemplo, se eu estou falando com você e você fala "*Facebook*" ao invés de "Facebook," algumas pessoas vão achar que é um pouco, sei lá, metida, pretensiosa.

Alexia: Sim. A gente já comentou bastante sobre isso aqui, que os mesmos brasileiros que sabem falar inglês perfeitamente vão usar "Facebook, Instagram, Powerpoint, Liquid Paper, Linkedin."

Foster: Liquid paper.

Alexia: É.

Foster: Que seria “Wite out.”

Alexia: Que na verdade a gente tem a marca chamada Liquid Paper, por isso.

Foster: Uhun. Tá bom.

Alexia: Mas é verdade.

Foster: É verdade, mas eu acho que sempre existe, tipo um **equilíbrio**, depende com quem você está falando, mas nesse caso não faz sentido nenhum.

Alexia: Não faz. Agora, o que eu acho mais legal é que mesmo tendo virado **piada**, a galera ter caído em cima, algumas empresas e algumas pessoas estão usando como ação de marketing. Então, por exemplo, o Uber pra divulgar mais o Uber Pool deles, eles mudaram o nome, eles colocaram como “Shallow Now” e deram 50% de **desconto**. Maravilhoso.

Foster: A beleza dessa música é que não faz sentido, é tão **estúpida**, que até o Uber pode falar, “ah Uber Pool, Shallow Now,” que também não faz sentido nenhum, mas **funciona**.

Alexia: E já tem **filtro** no Instagram de “Juntos e Shallow now” que eu já vi, já tirei foto, é a **capa** desse episódio, então...

Foster: Ai meu deus do céu. E bom Alexia, eu só tinha algumas perguntas sobre vocabulário, tá bom?

Alexia: Claro.

Foster: Então, no refrão...

Alexia: Uhun

Foster: É “refrã” ou é “refrão”?

Alexia: Refrão.

Foster: Refrão. Refrão que em inglês pode ser “*the refrain” or “the chorus” of the song*.

Alexia: É, eu sempre escutei mais "*the chorus.*"

Foster: É "*chorus*" seria a parte da música que repete muito, a parte mais importante né?

Alexia: Uhun.

Foster: Eles falam "bote um ponto final." Então eles estão usando, utilizando o verbo "botar" e eu queria saber se tem diferença entre "botar" e "colocar." Você sabe?

Alexia: Não. Os dois verbos significam a mesma coisa, a diferença é a forma de utilização. Um é mais coloquial e o outro é mais formal.

Foster: Sim. Eu também, bom, eu acho que "colocar" tem um pouco mais a ver com, tipo, sei lá, **localização** de um objeto por exemplo. Tipo, "coloque isso na mesa."

Alexia: Na verdade eu posso virar e falar "bota isso na mesa."

Foster: É.

Alexia: Então quando você procura os dois verbos assim, “qual é a diferença entre botar e colocar,” você vai abrir um site e vai estar escrito assim “colocar, verbo...” E então as explicações né. E aí você olha pro verbo “botar” e aí tem uma parte que é “o que é botar” e a resposta é “colocar, por.” Então é a mesma coisa.

Foster: É, então é um ciclo que não... Sem fim.

Alexia: É simplesmente a forma de utilização. Eu não vou usar o “botar” em uma apresentação, eu não vou usar o “botar” quando eu to falando com pessoas de forma mais formal.

Foster: Tá.

Alexia: Eu vou usar o “colocar.”

Foster: Otimo, obrigado. Então pergunta final ou vou botar um ponto final no episódio. Eles falam no refrão “cole de uma vez, nossas **metades**, juntos e shallow now.” Obviamente vai ser difícil pra você explicar isso porque não faz sentido, mas “cole de uma vez”? Realmente não entendo.

Alexia: Uhun. “Cole” vem de “colar” né?

Foster: Sim.

Alexia: Então “colar” *is “to glue.”*

Foster: Ah...

Alexia: *It’s to make one part,* né? Uma parte só. Então o que eles querem dizer aqui das nossas metades é o seguinte. Eu tenho que dar uma explicação pra isso. Quando você fala “metade,” ou seja, um completa o outro né? Então a minha metade completa a sua metade Foster, por exemplo.

Foster: Sim, mas um pouco *shallow* agora.

Alexia: Então o que eles tão falando é pra colar as duas metades e transformar em uma só. É isso, e aí vem o “juntos e shallow now." Então “Diga o que te fez sentir saudade, bote um ponto final. Cole de uma vez nossas metades, juntos e shallow now.”

Foster: Nossa amor, a gente realmente precisa fazer mais episódios sobre **poesia**.

Alexia: Eu não consigo parar de rir, porque na minha cabeça vem todos os memes possíveis.

Foster: É, e só pra botar mais um ponto final, “meme” seria “*meme*,” né?

Alexia: É.

Foster: Ah! Nossa Senhora.

Alexia: Eu to literalmente **chorando de rir** agora.

Foster: Sim.

Alexia: Ah, **último** comentário.

Foster: Tá bom.

Alexia: Paula Fernandes, pra justificar, falou que a língua portuguesa não é muito melódica.

Foster: Ahhh!

Alexia: Eu acho que Elis Regina, todas as nossas grandes artistas e cantoras, nossas grandes cantores e artistas estão mortos agora com esse comentário.

Foster: Nossa, a língua portuguesa tem tantos sons, tem 55 sons pra ser exato, muito mais do que a **maioria** das línguas do mundo, muito mais do que o inglês. Então Paula, desculpa, mas tá muito errada.

Alexia: Sim. Então esse foi o episódio de hoje, mais divertido, mas também se vocês trombarem com algum meme brasileiros e tá lá escrito “juntos e shallow now,” agora vocês já sabem o que que é isso. E é isso, espero que vocês tenham gostado.

Foster: Eu gostei muito, pode aprender muito português com meme. É verdade.

Alexia: É verdade.

Foster: Tá.

Alexia: Então é isso gente, obrigada. *Thank you Foster*, muito obrigada.

Foster: De nada e até a próxima vez, que você ainda está em Portugal, então por agora a gente está juntos mas um pouco shallow now. né?

Alexia: Sim. Então tá bom, tchau.

Foster: Tá bom. Um beijo amor, **te amo**. Tchau.

Alexia: Te amo. Tchau.

Vocabulário e expressões úteis

---

polêmica - polemic

chegando - arriving

assunto - subject, matter

por causa da - because of the

cantores - singers

cover - cover (song)

***Também pode significar "capa."*

letra - lyrics (song)

***Também pode significar "letter" como "letra a, letra b, letra c."*

melhor atriz - best actress

estrela - star

galã - someone who is famous and also beautiful

***Tem origem no termo francês "galant."*

meu gosto - my taste

bonita - beautiful, pretty

refrão - chorus, refrain

zoando - joking

raso - shallow

profundidade - depth

voltou - came back

mudar - to change

delicado - delicate

equilíbrio - balance

piada - joke

desconto - discount

estúpida - stupid

funciona - it works

filtro - filter

capa - cover

localização - location

metades - half

poesia - poetry

chorando de rir - laughing out loud (expression)

último - last

maioria - majority

divertido - funny

trombarem (trombar) - to bump into

te amo - I love you

14 - Novo episódio! Hoje falamos sobre João Gilberto

Alexia: Oi Foster.

Foster: Oi Alexia.

Alexia: Tudo bem?

Foster: Tudo ótimo.

Alexia: Feliz quinta-feira, bem vindo de volta.

Foster: Feliz quinta-feira, a gente está de volta. Então amor, vamos lá, onde a gente estava, o que que a gente estava fazendo, vamos acabar com isso logo.

Alexia: Bom, estávamos nos Estados Unidos, então viemos pra cá e esse “cá” significa Porto, Portugal.

Foster: Quer dizer que a gente está no Porto, em Portugal.

Alexia: Em Portugal. Exatamente.

Foster: Que é muito complicado, aliás.

Alexia: Por que?

Foster: Porque com alguns países em português são masculinos ou femininos, mas Portugal é só “em Portugal.”

Alexia: Sim.

Foster: Mas no Brasil.

Alexia: Exatamente.

Foster: Por que?

Alexia: Menor ideia, no país de Portugal, em Portugal. No país Brasil. Eu não sei.

Foster: Mas a gente no Porto, em Portugal, é difícil pra caramba.

Alexia: A gente tá na cidade do Porto, em Portugal.

Foster: Caraca. Bom, sejam bem vindos ao Carioca Connection de novo.

Alexia: Sim.

Foster: *We're back*, a gente está de volta com... A gente passou por algumas coisas difíceis, coisas pessoais. A gente tomou** um brake.

Alexia: Sim.

Foster: Um descanso. E a gente está de volta.

Alexia: A gente não **tomou, a gente não bebeu nada, né? A gente tirou...

Foster: Um **descanso**?

Alexia: Um descanso.

Foster: Caraca.

Alexia: A gente tirou um brake, se você quiser adaptar isso pro português.

Foster: Você fala “um brake,” né?

Alexia: Sim, eu acho que você tá confundindo com espanhol, “tomar.”

Foster: Não, eu sei, eu sei, mas eu estou falando tomar um descanso há 5 anos já.

Alexia: Não, não, não, não. Tirar um descanso.

Foster: Tá bom.

Alexia: Bom, então estamos nessa cidade maravilhosa que é Porto e voltamos **fresquinhos** com assuntos pra vocês. E o primeiro assunto que nós gostaríamos de falar, que **acabou de acontecer** né, foi nesse sábado se eu não me engano.

Foster: Uhun.

Alexia: É que o João Gilberto, o considerado inventor da Bossa Nova, morreu.

Foster: É, que é uma notícia muito **triste** porque eu amei ele, eu ainda amo ele, aliás, a música dele Desafinado foi a primeira música brasileira que eu ouvi na minha vida. Então ele ainda tem um lugar muito muito especial no meu **coração**.

Alexia: Hmm. Sim. O João Gilberto, ele...

Foster: Era uma **pessoa conhecida**.

Alexia: Como nosso presidente Bolsonaro falou pro mundo inteiro.

Foster: Você quer contar essa história só pra deixar claro?

Alexia: Não, é, enfim. O João Gilberto, ele morreu, né, no sábado e obviamente o presidente da nação, né, do Brasil deveria ter soltado uma nota, né, falando sobre o João Gilberto, porque não foi qualquer pessoa, foi uma das pessoas mais importantes pra música brasileira mesmo.

Foster: Uhun.

Alexia: E ele falou assim, “João Gilberto era uma pessoa conhecida,” e nada mais que isso, mas...

Foster: Que é verdade, aliás. É uma pessoa muito conhecida.

Alexia: É, mas eu acho que ele nunca colocou João Gilberto pra trocar, ou ele nunca soube as músicas que o João Gilberto fez, enfim, eu não quero entrar nesse mérito agora, porque a gente tá falando sobre coisa não boa, mas coisa importante, e Bolsonaro não é importante nesse momento.

Foster: Sim, então, me conta Alexia, quem foi o João Gilberto pra você, eu sei que ele é “O Pai da **Bossa Nova**” mas na história do Brasil a música brasileira, que que ele fez?

Alexia: Bom, João Gilberto foi o **pioneiro** da Bossa Nova no Brasil, foi ele que começou os primeiros arranjos da Bossa Nova, e ele fazia parte do grupo Vinicius de Moraes, Toquinho, Tom Jobim, Caetano, Gilberto Gil e etc. Então foi um dos grupos mais importantes né, pro nascimento

da música brasileira de hoje em dia, principalmente a Bossa Nova, e o João Gilberto simplesmente era conhecido como **gênio** do violão e dos **arranjos**.

Foster: Sim, ele é. Eu toco violão, não sou músico profissional, mas na verdade as coisas que ele **toca** é sensacional. Ele é incrível, era um gênio.

Alexia: Isso que eu ia te corrigir.

Foster: Sim.

Alexia: Tudo no passado agora.

Foster: Sim, mas ainda...

Alexia: Sim, a música dele é **inesquecível** e **pra sempre.**

Foster: É.

Alexia: Bom, e ele também era conhecido como uma figura excêntrica.

Foster: É, ele não foi um cara “normal”, ele foi meio **esquisito**.

Alexia: É, ele tem várias histórias super **engraçadas** que definem muito a personalidade dele, principalmente agora nos últimos anos de vida dele que ele ficou cada vez mais recluso.

Foster: Sim, recluso quer dizer **fechado** do mundo exterior, né?

Alexia: Exatamente, na casa dele e enfim, era uma confusão pra ele e pros filhos dele. Bom, e existe uma história que eu acho muito engraçada, que um dia no **auge** da carreira dele, ele ligou pra uma pessoa que fazia **afinação** de violão, guitarra, enfim.

Foster: Uhun.

Alexia: E aí ele ligou pra essa pessoa que eu sinceramente não sei o nome e falou, “oi fulano, aqui é o João.”

Foster: Sim, só um minuto “fulano” e “fulana” quer dizer, você está **contando uma história** e você não sabe qual é o nome correto.

Alexia: Uhun.

Foster: Então “fulano” é qualquer pessoa.

Alexia: Isso.

Foster: Ta bom, continue por favor.

Alexia: E aí, “oi fulano, aqui é o João” e aí essa pessoa atendeu o telefone e falou “João?” Porque João é um nome absurdamente comum no Brasil.

Foster: É, imagina John.

Alexia: É a coisa mais normal do mundo, só que ele meio que falou “oi João, tudo bem?” Aí o João Gilberto respondeu, “tudo, olha, alguém... Uma outra pessoa me passou o seu telefone e eu queria saber se você poderia **cuidar** do meu violão.” Aí essa pessoa já escutou um pouco mais a **voz** né, e a voz do João Gilberto era super **reconhecida** depois de um tempo.

Foster: Sim.

Alexia: Você conseguiria reconhecer quem era o João Gilberto.

Foster: Facilmente.

Alexia: Muito.

Foster: Ele não tem uma voz normal.

Alexia: Não, é só o falar o mais baixo possível em um tom de voz só, é isso.

Foster: É, mas até pros músicos, falando em geral né, ele não tem uma voz musical, ele sempre está quase **sussurrando**.

Alexia: É exatamente.

Foster: É.

Alexia: E aí essa pessoa dos violões virou e falou “claro, João Gilberto, com o maior prazer. Você marca de vir aqui em casa e a gente faz,” aí ele explicou “olha, você sabe como é que eu sou, eu não saio muito de casa, eu não gosto e tal” aí essa pessoa “ok, então eu vou pra sua casa,”

aí ele falou “mas você sabe como é que eu sou também, eu não gosto muito de receber pessoas em casa e tal, vou fazer o seguinte, vou deixar meu violão na **portaria**.” Aí essa pessoa do violão virou e falou “mas João, como é que eu vou afinar esse violão sem você testar e etc, a gente precisa ver como é que você toca,” aí ele virou e falou “ah fulano, eu já toco do mesmo jeito há 50 anos, você sabe muito bem como é que eu toco, não precisa testar nada, tá tudo certo.”

Foster: É, pareceu uma pessoa muito muito particular, digamos.

Alexia: É, essa não é minha história preferida. A segunda, que eu juro que vai ser rápido.

Foster: É, eu sei qual é.

Alexia: Com a Elba ramalho

Foster: Ela quem?

Alexia: É uma cantora...

Foster: Sim.

Alexia: Brasileira, super reconhecida. Um dia...

Foster: Fala o nome dela.

Alexia: Elba Ramalho.

Foster: Sim, só que você falou muito rápido.

Alexia: Elba Ramalho. Um dia ele ligou pra Elba e falou “oi Elba, é, você faz um favor pra mim?”

Foster: Eu amo esse nome “Elba.” Oi Elba, oi Elba.

Alexia: “Você faz um favor pra mim?” Ela “claro João, o que que você quer?” “Você compra um **baralho** pra mim e trás aqui em casa” aí a Elba falou.

Foster: Pode parar e explicar a palavra “baralho”?

Alexia: *Cards*.

Foster: *Deck of cards*?

Alexia: Uhun. Baralho.

Foster: Mas nossa, uma palavra tão difícil e tão parecida com a palavra “caralho.”

Alexia: Sim.

Foster: Baralho. *Deck of cards*.

Alexia: Mas se você pensar “*deck of cards”* é muito maior e muito mais **difícil de lembrar** do que “baralho.”

Foster: Tá bom, pode continuar meu amor.

Alexia: E a Elba falou “João, desce aí em qualquer bar se vende baralho” que antigamente era muito normal os bares venderem baralhos, porque...

Foster: Hoje em dia não é.

Alexia: É, hoje em dia venderiam iPhone, smartphone, mas antigamente eram baralhos.

Foster: Num bar?

Alexia: Que é como as pessoas se **entretiam**, entendeu? Quando você sentava no bar, você **jogava cartas** com seus amigos.

Foster: Bom, eu sei que você está **mentindo** agora, mas pode continuar.

Alexia: Ñão.

Foster: To brincando.

Alexia: Ah tá. E aí ele falou "Ah Elba, você sabe como é que eu sou, não gosto muito de sair de casa." Aí a Elba saiu da casa dele, foi num bar... Não, saiu da casa dela, desculpa, foi num bar, comprou o baralho e foi pra casa do João. E aí tocou a **campainha**, interfonou, bateu na porta, nada do João abrir. Aí ela começou a se enfurecer, ficou 1 hora na porta dele tentando fazer com que ele abrisse, ele não abriu e ele tava lá dentro. E aí, ela **desistiu** e botou uma carta de cada vez por baixo da

porta dele pra ele pegar do outro lado. Então esse era o João Gilberto pros mais íntimos.

Foster: Sim, pros mais íntimos ele foi um cara esquisito, um pouco estranho, diferente, mas pro resto do mundo foi um gênio e, Amor, a gente pode falar no próximo episódio sobre uma música dele?

Alexia: Sim, só fala próximo de novo.

Foster: Próximo.

Alexia: Agora sim, não é “próximo,” é “próximo.”

Foster: Eu sei, e depois a gente pode fazer um episódio sobre o “x” em português.

Alexia: Ótimo.

Foster: Que é muito complicado.

Alexia: Então pessoal, estamos de volta. Bem vindos de volta também, espero que vocês tenham gostado. E vão lá escutar João Gilberto, porque vocês vão adorar.

Foster: Sim, isso, até próximo**.

***Normalmente nós usamos a expressão "até a próxima."*

Alexia: Até já já.

Vocabulário e expressões úteis

coisas difíceis - difficult things
coisas pessoais - personal things
descanso - rest
fresquinhos - fresh
acabou de acontecer - just happened
triste - sad
coração - heart
pessoa conhecida - known person
bossa nova - a style of Brazilian music derived from samba but placing more emphasis on melody and less on percussion
pioneiro - pioneer
gênio - genius
arranjo (musical) - musical arrangement
toca (tocar) - to play
inesquecível - unforgettable
pra sempre - forever
esquisito - weird
engraçadas - funny
fechado - closed
auge - peak
afinação - tuning
contando uma história - telling a story
cuidar - to take care
voz - voice
reconhecida - recognized
sussurrando - whispering

portaria - entrance
baralho - deck of cards
difícil de lembrar - hard to remember
entretiam (entreter) - to entertain
jogar cartas - play cards
mentindo - lying
campainha - bell
desistiu - gave up
próximo - next

15 - Yoga, em português

Foster: Alô alô, oi Alexia.

Alexia: Oi, oi, oi, oi. Tudo bem?

Foster: Sejam bem vindos a mais um episódio do Carioca Connection.

Alexia: Sim, Carioca Connection, nós amamos vocês. **Não nos entendam mal**, a gente **sumiu** um pouquinho de novo, mas esse episódio a gente vai falar sobre uma coisa muito interessante e muito importante pro Foster, principalmente.

Foster: Sim, você quer explicar o que que é.

Alexia: Nós vamos falar sobre yoga. Ou yoga.

Foster: É, como assim?

Alexia: Porque tem pessoas que falam em português “yoga” como eu falo, ou pessoas que falam em português também “yoga.” E **tanto faz**.

Foster: Tanto faz?

Alexia: Uhun.

Foster: Mas você tem uma ideia qual seria mais normal ou mais comum?

Alexia: Mais comum “yoga.”

Foster: “Yoga.”

Alexia: Isso.

Foster: Com uma vogal aberta né?

Foster: Exatamente.

Foster: Tá.

Alexia: Mas não quer dizer que seja o correto, então...

Foster: Exatamente. Então Alexia, eu queria falar sobre a yoga porque agora a gente está aqui em Portugal e eu adoro yoga, eu sempre... eu já fiz yoga há muito tempo, com sei lá, algum tipo de **frequência**.

Alexia: Uhun.

Foster: Mas aqui em Portugal eu fiz uma aula de yoga e eu estava totalmente **perdido**.

Alexia: Você tava **fora de forma**.

Foster: Fora de, fora de tudo.

Alexia: E como é que foi a volta pra yoga depois desse tempo todo, porque eu lembro que você chegou em casa tipo completamente acabado, **cansado**.

Foster: Caraca, muito sofrimento, muito sofrimento mesmo. Tinha** um momento, durante a aula que a professora chegou pra mim e... Lembra bem que eu estou fazendo yoga há quase 8 anos, sei lá, e eu estava **suando** tanto e **quase morrendo** e obviamente minha **cara** falou tipo, “eu estou morrendo aqui, eu preciso de **ajuda**.”

**Nesse caso o Foster deveria ter usado "teve um momento."*

Alexia: Minha cara, você disse, tipo, sua aparência tava demonstrando isso.

Foster: Isso, isso. E ela chegou pra mim e ela **quase sussurrou** porque é uma aula de yoga.

Alexia: Todo mundo em silencio.

Foster: E ela falou, "é sua primeira vez fazendo yoga?"

Foster: Eu falei "não, não é não."

Alexia: E eu tenho uma dúvida. Quem é o yogui?

Foster: Quem é o yogui?

Alexia: É por exemplo, você se considera um yogui?

Foster: Como assim? Eu?

Alexia: É.

Foster: Não.

Alexia: E o yogui é quem?

Foster: É o professor.

Alexia: Ah, então todo professor é um yogui?

Foster: Não , não necessariamente. Na verdade é que não sei, não conheço o yogui, mas ao meu ver, o yogui normalmente é um professor. Imagino que na Índia, na Tailândia, sei lá, o yogui tem uma definição um pouco mais rígida, mas pra mim é quem está me **guiando**.

Alexia: Uhun. E você na verdade optou por fazer yoga por quê? Eu fico lendo, eu nunca fiz né, isso é uma coisa que eu assumo.

Foster: Tem que fazer.

Alexia: É, e dizem que muitas pessoas fazem por causa da postura, do **alongamento**, outras pessoas fazem por conta do estresse. Outras pessoas fazem porque é um estilo de vida e pode ser tudo ao mesmo tempo também, claro.

Foster: É, pra mim é tudo ao mesmo tempo. Que eu preciso do alongamento que meu corpo sempre está doendo né? Eu sofro muito com estresse, com **ansiedade**, isso ajuda também, mas sobretudo é um bom exercício, é **difícil** pra caramba. Eu odeio quando as pessoas falam tipo, “ah yoga, sei lá, não é um esporte não...” Porque não é um esporte, mas é difícil.

Alexia: Sim. Pilates também é muito difícil, eu acho que eu posso colocar no mesmo nível de dificuldade pra mim, yoga e pilates eu imagino.

Foster: É, não sei, são duas coisas diferentes, mas Alexia eu queria, sei lá, falar sobre algumas dúvidas que eu tive durante a aula e que ainda tenho até hoje.

Alexia: Tá.

Foster: Partes do **corpo**.

Alexia: Uhun.

Foster: Normais.

Alexia: Tá.

Foster: Pode me dar alguns exemplos?

Alexia: Mas em relação às posições? Porque assim, na yoga você usa as posições, né, de acordo com o que a professora vai falando, então, eu não sei as posições, mas por exemplo tem o cachorro...

Foster: É. *Downward Dog*.

Alexia: É.

Foster: Que eu acho que é cachorro, tem gato, tem vaca.

Alexia: Tem **árvore**, tem essas coisas assim, então você usa as partes do corpo bastante. Então imagino que você use muito os braços.

Foster: Sim, exatamente, eu estou te perguntando isso porque a professora portuguesa estava falando muita coisa** como "**estica**, estica, estica o rabo, estica o rabito."
***Muitas coisas*

Alexia: Não, mas aí é português de Portugal.

Foster: Sim, mas também, coisas tipo **cotovelo**...

Alexia: Não tem como você esticar o rabo porque o rabo é o bumbum, então não tem como você esticar o bumbum.

Foster: É, é., enfim. Mas tinha coisas tipo ela falou tipo, "ah, o seu cotovelo precisa ir pra **esquerda**," eu falei, "caraca, cotovelo, esquerda, po...." É muito difícil.

Alexia: Eu acho que seria uma ótima **aula** de português você ir pra qualquer tipo de aula em português né?

Foster: Ah, melhor coisa do mundo também, eu sempre recomendo, é você pode fazer uma aula de yoga no Youtube

Alexia: Uhun.

Foster: Em português.

Alexia: Sim.

Foster: Que tem milhões.

Alexia: Mas eu acho que uma coisa que quase ninguém escuta e eu imagino que a professora ou o professor falem bastante, é, abre o tórax, né de respiração, então abre bastante o tórax que é essa parte daqui.

Foster: É, o seu peito.

Alexia: É, abre o tórax, deixa o tórax respirar, abre o peito, fecha, sente a **respiração** dentro de você. E aí ela deve falar costas, coluna, cintura, quadril, bumbum ou bunda.

Foster: Bumbum. Pode me explicar a diferença entre **cintura** e **quadril**.

Alexia: Sim, eu acho que eu vou falar uma besteira muito grande.

Foster: Pode falar, pode falar.

Alexia: Mas a cintura é o que fica aqui na barriga, a onde você coloca a mão na cintura.

Foster: É cintura também pode ser o negócio que você usa pras suas calças não caírem.

Alexia: Cinto.

Foster: Ah, cinto.

Alexia: Você coloca o cinto na cintura.

Foster: Mas também pode falar **jogo de cintura**. Aha!

Alexia: Sim, você tem que ter um jogo de cintura pra lidar com a situação. E quadril fica abaixo, fica antes do bumbum e abaixo da cintura. Esse é o quadril.

Foster: Tá bom. Eu acho que o problema, todas as minhas dificuldades vem do fato que em português vocês usam, a maioria das palavras médicas vem do latim, né? Tipo “tórax,” a gente também tem essas palavras em inglês, mas normalmente a gente usa palavras mais comuns.

Alexia: Sim, vocês são muito práticos nesse sentido, a gente falou isso, sobre médico outro dia, tipo, oftalmologista, *eye doctor*.

Foster: É, muito mais simples

Alexia: É, exatamente, então. As partes do corpo é um assunto muito difícil em qualquer língua eu imagino, a gente pode fazer um episódio sobre isso no futuro, eu vou ter que estudar um pouco antes também, mas a gente pode falar. Agora, uma pergunta, você acha que hoje em dia a yoga tá sendo considerada um hype?

Foster: Um hype?

Alexia: Uhun.

Foster: Tipo está bombando, é muito popular?

Alexia: Que todo mundo quer fazer, porque virou popular, porque qualquer pessoa vira professor de yoga hoje em dia, sabe esse tipo de coisa? Como todo mundo é *coach* hoje em dia, todo mundo diz que faz yoga só por que é hype entendeu?

Foster: É.

Alexia: Eu vejo isso muito acontecendo no Rio.

Foster: É, bom primeiramente acho muito engraçado que vocês estão roubando mais uma palavra inglesa, *hype.*

Alexia: Hype.

Foster: Mas sim, eu acho que a yoga tem **um pouco** disso, mas ao mesmo tempo, se você realmente está fazendo yoga como eu já disse, yoga é difícil. Então o hype vai acabar logo.

Alexia: Sim, é, as pessoas não vão **seguir** muito, mas enfim, eu acho que a gente falou bastante sobre yoga. Alguma outra coisa que você gostaria de colocar aqui na mesa?

Foster: Não, não. Eu estou sofrendo muito com meu português, igual que estava sofrendo muito com a aula de yoga, porque a gente está sem fazer um episódio há muito tempo.

Alexia: Sim, mas você está em Portugal e falando português, é só pelo fato de ainda estar cedo.

Foster: É, ainda é cedo. Bom, enfim gente, a gente voltou e você pode esperar mais episódios novos daqui a pouco**.
***Daqui a pouco normalmente significa em alguns minutos ou horas. Aqui ficaria melhor se o Foster usasse "em breve."*

Alexia: Sim, então até o próximo episódio.

Foster: Até já já

Alexia: Tchau.

Vocabulário e expressões úteis

---

não nos entendam mal - don’t get us wrong
sumiu - disappeared
tanto faz - whatever
frequência - frequency
perdido - lost
fora de forma - out of shape
cansado - tired
suando - sweating
quase morrendo - almost dying
cara - face
ajuda - help
quase - almost
sussurrou - whispered
guiando - guiding
alongamento - stretching
ansiedade - anxiety
difícil - difficult
corpo - body
árvore - tree
estica - stretch

cotovelo - elbow
esquerda - left
aula - class
respiração - breath
bumbum - butt
***É uma forma mais leve de falar "bunda.'*

cintura - waist
quadril - hip
cinto - belt
jogo de cintura - it's an expression meaning one has flexibility to deal with something.
***Por exemplo: As coisas não estão boas, mas ele tem jogo de cintura e tudo vai dar certo.*
Você precisa de jogo de cintura pra lidar com seu chefe.

um pouco - a little
seguir - follow

16 - O Caminho de Santiago

Foster: Oi Alexia, tudo bem?

Alexia: Oi Foster, tudo e com você?

Foster: Tudo ótimo.

Alexia: E aí, como é que está seu dia?

Foster: Meu dia está complicado.

Alexia: Por que?

Foster: Porque o computador da Alexia não está **funcionando**.

Alexia: Inexistente.

Foster: É, a gente está tentando **resolver** a situação agora, mas por agora, Alexia está sem computador. O que quer dizer, ela não pode trabalhar, que quer dizer que a gente pode gravar podcast.

Alexia: Temos 3 horas até minha aula com o Ken, então.

Foster: Então, vamos lá.

Alexia: Vamos.

Foster: Então sobre o que que a gente vai falar hoje?

Alexia: Sobre outro **assunto** preferido seu. Você está percebendo que eu estou só falando sobre assuntos muito muito bons pra você né? Foi yoga ou yoga e hoje é sobre o *Camino de Santigo.* Caminho de Santiago

Foster: Sim, hoje a gente vai falar sobre o Caminho de Santiago, e gente, eu já vou falar. Eu acho que eu falo isso em quase todos os episódios, mas esse episódio vai ser muito muito difícil pra mim, porque a gente está falando sobre uma coisa que existe em vários **países** do **mundo**, mas **principalmente** na Espanha. E quando eu estou falando sobre minhas experiências na Espanha, minha **mente** vira espanhola, **do nada**.

Alexia: Normal né? Normal, mas isso é um bom processo, é um bom aprendizado, saber fazer sua mente focar naquilo que você quer e não no que ela quer.

Foster: É um bom treinamento, é a yoga da mente.

Alexia: Yoga mental.

Foster: Yoga mental. Então vamos lá amor, vamos fazer um pouco de yoga mental e falar sobre o Caminho de Santiago. O que você quer saber?

Alexia: A primeira coisa é, o que que te motivou a fazer? Porque pra algumas pessoas eu vejo que é a **viagem** da vida né? Que são pessoas que realmente se preparam, fazem exercício, porque fazem o *Camino* muito longo. E tem outras pessoas que fazem a menor parte, e tem outras que vão indo até onde Deus dará**.
***é uma expressão que significa que não há um destino bem definido.*

Foster: É.

Alexia: Mas no seu caso, o que que te motivou a fazer?

Foster: Bom, só pra começar, eu já fiz o Caminho de Santiago **duas vezes**, comecei em Roncesvalles que é uma **cidadezinha** que fica na fronteira da França e **caminhei** desde Roncesvalles até Santiago de Compostela ou em português seria Santiago de Compostela né?

Alexia: Uhun.

Foster: Que basicamente é a Espanha inteira e o que me motivou? Na verdade nada. Foi** um intercâmbio que minha universidade tinha, que cada verão um grupo de **alunos** vai fazer** o Caminho de Santiago.
***Era um intercâmbio.*
***"Podia fazer" ou "fazia"*

Alexia: Mas esse grupo de aluno são quantas pessoas? É um professor que leva? Você tem que pagar por isso? Como é que é?

Foster: Depende do ano, mas eu diria que normalmente são, tipo, entre 10 e 15 pessoas fazendo e tem dois professores que são especialistas na Espanha Medieval. E eu fiz a primeira vez quando eu tinha 18 anos só porque eu achei legal. Eu sempre gostava** da

natureza, eu sempre queria** visitar a Europa, então eu fiz. E daí eu fiquei **apaixonado** pela Espanha e também eu fiquei muito muito amigo dos professores, então a segunda vez que eu fiz, eu fiz como assistente deles.

***Eu sempre gostei*

***Eu sempre quis*

Alexia: *TA, teacher assistant.*

Foster: *TA*, isso. E é, é isso. Não tinha uma motivação **intrínseca**.

Alexia: Gostei, muito bem!

Foster: Pode falar isso?

Alexia: Pode! Quer dizer, poder pode. A gente nunca fala isso, mas pode.

Foster: É, isso foi uma tradução diretamente do inglês.

Alexia: Agora a primeira vez que você fez, **quanto tempo durou**?

Foster: Bom, eu diria entre 6 e 8 semanas.

Alexia: Isso você **parando** pra dormir, parando pra almoçar, pra jantar, tudo direitinho né? Não era uma coisa sem parar, literalmente.

Foster: Não, literalmente não. A gente tava andando pra caramba, quer dizer...

Alexia: Quantos quilômetros por dia, por exemplo?

Foster: Depende do dia porque o terrano**.

Alexia: **Terreno.

Foster: Terreno. O terreno muda muito, porque obviamente na Espanha tem montanhas, tem partes mais planas.

Alexia: Tem planícies, tem montanhas.

Foster: Isso, mas eu diria, um dia normal seria 18 quilômetros, por aí.

Alexia: E nesse grupo, a primeira vez, teve alguém que **desistiu** no meio?

Foster: Sim. Então tinha uma menina que quebrou um calcanhar né.

Alexia: Uhun.

Foster: O *ankle* dela, acho que no segundo dia.

Alexia: Ai coitada.

Foster: É, ela ficou no ônibus o dia inteiro.

Alexia: Ai **tadinha**. O dia inteiro não, a viagem inteira.

Foster: É, mas tinha um ônibus que às vezes a gente fazia viagens pra outros lugares da Espanha, então ela ficou, tipo, pegando o ônibus de cada cidade enquanto a gente tava caminhando.

Alexia: Tadinha, que **chatice**.

Foster: Sim.

Alexia: E a segunda vez, de onde pra onde você fez?

Foster: Mesma coisa.

Alexia: Também, mesma coisa.

Foster: Sim, mesmo esquema, mas Alexia eu queria te perguntar, o que que é o Caminho de Santiago?

Alexia: Como assim?

Foster: Você sabe o que que é? Não sei se todo mundo sabe o que que é, a gente começou o episódio sem explicar o que que é.

Alexia: Eu acho nada mais justo você falar o que que é o Caminho de Santiago.

Foster: Ah, te peguei Alexia.

Alexia: Eu sabia, quando você fez essa pergunta você deu um sorrisinho tipo assim “haha, vou fazer isso só pra sacanear ela.”

Foster: Bom gente, o Caminho de Santiago é uma das **peregrinações**, pode falar isso?

Alexia: Sim.

Foster: Peregrinações.

Alexia: Sim.

Foster: Nossa, que palavra! É uma das peregrinações mais famosas do...

Alexia: Mundo.

Foster: Do mundo, mas sobretudo do Cristianismo.

Alexia: Uhun.

Foster: E a lenda fala que os **ossos**...

Alexia: Os ossos.

Foster: Os ossos do Santo Santiago são** **enterrados** lá em Santiago enquanto ele estava espalhando a palavra de Jesus
**Essa frase do Foster gerou confusão porque "são" e "estão" juntos com "enquanto" indicam continuidade. Em qualquer outra frase, o Foster poderia dizer "foram/eram ... enquanto," mas como nesse caso o sujeito morreu, algo que temos certeza que aconteceu e acabou no passado, ficaria "foram enterrados lá em Santiago depois que ele espalhou a palavra de Jesus."*

Alexia: Pera aí, os ossos de Santiago estão...

Foster: Enterrados.

Alexia: Enterrados enquanto ele tava espalhando a palavra de Jesus?

Foster: Sim, é mito. Na verdade nenhum santo chegou na **Península Ibérica**.

Alexia: Não não, eu to tentando entender. Então ele tava já morto, o santo, enquanto ele tava espalhando a palavra de Jesus.

Foster: É uma história muito muito complicado, a lenda que** tem a ver com batalhas medievais, muita coisa, mas ele acabou morrendo em Santiago.
***"a lenda tem a ver com..." A palavra "que" não é necessária.*

Alexia: Enquanto ele tava espalhando a palavra de Jesus, é isso?

Foster: É mais ou menos isso. É a versão muito muito simples

Alexia: Tá, e o que que você **sente** mais falta do Caminho de Santiago no seu dia a dia?

Foster: Sempre quando eu penso sobre minha vida, momentos de felicidade na minha vida, eu sempre sempre volto para aqueles momentos que eu estava fazendo o Caminho, porque você acorda, coloca seus sapatos, sapatos de andar né, e você anda. Só. Você vai conhecendo pessoas do **mundo inteiro**, algumas pessoas fazendo o Caminho por razões religiosas, outras pessoas simplesmente fazendo o

Caminho porque eles queriam andar, queriam um desafio. Então o estilo da vida** é tão simples, é tão bom, é tão gostoso.
***Normalmente dizemos "estilos de vida."*

Alexia: Ótimo. E você vai fazer **de novo**, né?

Foster: Eu quero.

Alexia: Então como é que você fala pras outras pessoas, quando você **encontra** no meio do *Camino*.

Foster: Buen *Camino*.

Alexia: Então *Buen Camino* Foster.

Vocabulário e expressões úteis

---

funcionando - working

resolver - to solve
***Em algumas situações pode significar "to decide."*
Por exemplo:
Eu resolvi esse problema → I solved this problem.
Depois de um tempo ele resolveu fazer isso → After some time he decided to do this.

assunto - subject, matter
países - countries
mundo - world
principalmente - mainly
mente - mind
do nada - out of the blue, out of nowhere
aprendizado - learning
viagem - trip
duas vezes - twice
cidadezinha - little city
caminhei - I walked
alunos - students
apaixonado - in love
intrínseca - intrinsic
quanto tempo durou? - how long did it last?
parando - stopping
terreno - terrain
desistiu - gave up
tadinha - poor thing
***É uma versão mais curta que vem de "coitadinha."*

que chatice - that's a bummer
peregrinações - pilgrimages
ossos - bones
enterrados - buried
Península Ibérica - Iberian Peninsula
sente - feels
mundo inteiro - whole world
de novo - again
encontra - finds

17 - O Google nos mostrou as perguntas mais frequentes sobre o Brasil!

Alexia: Oi Foster.

Foster: Oi Alexia, tudo bem?

Alexia: Tudo e com você?

Foster: Tudo ótimo!

Alexia: Hoje eu resolvi fazer um episódio pra te testar.

Foster: Ai meu deus!

Alexia: Vamos saber o quanto você conhece do Brasil. Eu tive essa ideia porque eu tava fazendo um brainstorm né do que que a gente podia gravar pra cá, pros episódios do Carioca Connection, e uma ideia que eu tive é, o que que mais se **procura** no Google sobre o Brasil? E aí eu peguei uma **matéria** da BBC Brasil, que já tinha isso **pronto**, mas eu vou te fazer as perguntas e você vai respondê-las.

Foster: Ai! Eu já sei que eu vou sofrer muito, mas rapidamente Alexia, a palavra *brainstorm* ou *brainstorming* já existe em português?

Alexia: Sim, é um brainstorm.

Foster: Tá bom, tá bom. Eu sempre fico curioso com essas, sei lá, palavras **roubadas**..

Alexia: Sim, é... Adaptadas. Não são roubadas, adaptadas.

Foster: É, eu estou zoando, mas só pra ver se eu entendi certo, você vai me perguntar sobre as coisas mais procuradas no Brasil no Google.

Alexia: No Google sobre o Brasil.

Foster: Tá entendi.

Alexia: Isso. Algumas vão ser **extremamente fáceis** pra você, óbvio. E outras, eu acho que você vai demorar um pouquinho mais de tempo pra responder.

Foster: Tá bom, só pra me defender antes de começar. Essas coisas normalmente eu sou muito bom, com geografia, sei lá, é... Coisas sobre populações do mundo e a Alexia não é tão boa.

Alexia: Eu sou horrível. Eu admito, eu não tenho **vergonha** de admitir, eu sou horrível! É um **desespero**. E não é que eu não saiba, eu simplesmente fico **nervosa**, é desesperador.

Foster: Tá bom.

Alexia: Vamo lá.

Foster: Na próxima vez a gente pode falar sobre coisas nos Estados Unidos.

Alexia: Não, não.

Foster: Enfim, vamo lá.

Alexia: A primeira pergunta é, qual é a **língua** que se fala no Brasil.

Foster: Isso é fácil, espanhol. Português.

Alexia: Sim, se eu quisesse ser chata, eu também incluiria as línguas das tribos indígenas né.

Foster: Sim, claro, mas a gente está falando sobre a língua oficial e se não me engano, o português, a língua portuguesa é a língua oficial no Brasil né?

Alexia: Sim, é, claro.

Foster: Tá bom, por exemplo, nos Estados Unidos a gente não tem uma língua do estado.

Alexia: Do estado ou do país

Foster: Do governo né?

Alexia: Ah não?

Foster: Não.

Alexia: Eu não sabia disso

Foster: É.

Alexia: Sério?

Foster: Tão vendo gente? Que a Alexia...

Alexia: Você tá de sacanagem comigo ou não?

Foster: Não, eu não to.

Alexia: Ai que interessante.

Foster: É, você aprende algo todos os dias né?

Alexia: Porque o Carioca Connection também é cultura.

Foster: Tá, vamo lá.

Alexia: Que horas são no Brasil?

Foster: Agora?

Alexia: É.

Foster: São 2h.

Alexia: Não, no Brasil.

Foster: Ah no Brasil, gente, seria tipo 10 da manhã.

Alexia: São 10 horas da manhã, são 4 horas a menos né? Daqui de Portugal.

Foster: Isso.

Alexia: Qual é a capital do Brasil, muita gente erra essa, é verdade.

Foster: Eu sei que não é o Rio de Janeiro, não é São Paulo, é Buenos Aires?

Alexia: Deixa de ser ridículo.

Foster: É Brasília,

Alexia: Brasília.

Foster: Mas no passado foi...

Alexia: Rio de Janeiro.

Foster: O primeira** capital do Brasil foi Salvador.

Alexia: **A primeira.

Foster: A primeira capital. “O capital” seria com dinheiro, não é?

Alexia: Isso.

Foster: Tá, Salvador, Rio de Janeiro e hoje em dia Brasília.

Alexia: Muito bem, muito bem. Quantas vezes o Brasil ganhou a Copa do Mundo?

Foster: Cinco. Que?

Alexia: Pentacampeão. Cinco vezes campeão. Você sabia desse nome, pentacampeão né?

Foster: Sim.

Alexia: E aí se ganhar mais uma vez é heptacampeão**.
***Na verdade se o Brasil ganhar a Copa do Mundo mais uma volta ele se tornará hexacampeão. Heptacampeão é quem foi sete vezes campeão.*
**** Recado da Alexia: às vezes eu fico muito confusa! Mas ainda bem que temos as worksheets para isso, né? :)*

Foster: Ah, daí fica mais difícil.

Alexia: Coisa que vai ser muito difícil da gente fazer também.

Foster: É, e o seguinte?

Alexia: O seguinte é, qual é a população do Brasil? Claro que você pode **chutar**.

Foster: Eu sou muito bom nisso, eu sei que é mais de 200 **mil** habitantes e eu acho até um pouco mais, tipo 220 mil.

Alexia: Mil ou **milhões**?

Foster: Milhões, desculpa. Gente com números, com qualquer língua do mundo eu sempre falo que números é a coisa mais difícil.

Alexia: Sim, então estamos em quase 211 milhões. E no Rio de Janeiro, estado, não a capital?**
***A capital do estado do Rio de Janeiro é a cidade do Rio de Janeiro. Também temos o estado e a cidade de São Paulo.*

Foster: Ah, o estado inteiro?

Alexia: É.

Foster: Eu diria na cidade, na capital seria 15 mil, por aí, então o estado eu chutaria 20 mil? 20 milhões, desculpa.

Alexia: Quase 18 milhões.

Foster: Ah, perto.

Alexia: Sim. Em qual continente fica o Brasil?

Foster: Na África? Vou parar de brincar. América Latina amor, é muito fácil isso. Quem está procurando isso no Google?

Alexia: O que que é o Jiu Jitsu brasileiro?

Foster: O Jiu Jitsu brasileiro é um arte marcial**.

Alexia: **Uma arte marcial.

Foster: É uma arte marcial que o Jiu Jitsu começou no Japão, mas a forma mais popular hoje em dia existe no Brasil, **começando** com a família Gracie. Eu sei o que que é...

Alexia: Não, você **enrolou**, enrolou e não falou nada. Jiu Jitsu no Brasil, o Jiu Jitsu brasileiro começou vindo do Judô né? Só que eu vou falar aqui uma coisa muito básica, mas a principal diferença entre o Judô e o Jiu Jitsu é que o Jiu Jitsu você luta, você pratica no **chão** enquanto o Judô é em pé.

Foster: É.

Alexia: Então essa é a principal diferença.

Foster: É, é uma luta no chão.

Alexia: Qual é o clima do Brasil?

Foster: Depende do lugar gente. Rio de Janeiro é sempre, fica quente pra caramba. No sul você tem frio, na Bahia imagino que ainda...

Alexia: Muito quente.

Foster: Muito quente.

Alexia: Norte, nordeste e sudeste quente, sul frio, centro-oeste quente. Ou seja, é quente.

Foster: É, mas não tem uma resposta simples.

Alexia: Qual é a **moeda** do Brasil?

Foster: Hoje em dia é o Real e no passado era o Cruzeiro.

Alexia: Muito bem. Por que que os brasileiros falam português?

Foster: Porque o Brasil foi colonalizado**.

Alexia: **Colonizado.

Foster: Colonizado pelo Portugal**.

Alexia: **Por Portugal.

Foster: Por Portugal.

Alexia: Sim. Nós éramos uma colônia até que Dom Pedro deu um basta e o fez o império do Brasil.

Foster: É, uma versão muito simples da história, mas...

Alexia: Completamente simples. Quantos estados o Brasil tem?

Foster: Ah, isso não sei exatamente. Eu diria 25.

Alexia: 26 e o Distrito Federal.

Foster: Então Brasília não é considerado um estado?

Alexia: Não, não, mas faz sentido né?

Foster: Isso é bom. É a mesma coisa nos Estados Unidos. Não acho que faça muito sentido, mas enfim.

Alexia: Você tem que ter alguma coisa diferente nesse meio tempo. Eu acho.

Foster: Tá bom.

Alexia: Quando que eu devo ir ao Brasil, qual a melhor época que você indica?

Foster: Esse é muito fácil pra mim. Agora! Sai do sofá agora, onde você está agora, tem coisas acontecendo no Brasil. Sempre tem algo pra ver, algo pra fazer. Tem mais perguntas Alexia?

Alexia: Só tem que tomar cuidado porque agora existe uma **lei** que você só pode ir ao banheiro fazer número 2 um dia sim e um dia não.

Foster: Ihh... Esse é outro episódio.

Alexia: Bom é isso. Foi um episódio super simples, mas você viu com coisas básicas o quanto você estava errando também na língua portuguesa, principalmente em falar números, então é importante saber porque né, você também pode **ser enganado** quando te falam que é uma coisa ou outra, é bom ficar atento.

Foster: Eu até, tipo, até o número 100 eu estou bem, depois disso fica mais complicado.

Alexia: E é isso. Então foi um episódio super simples, super gostoso de fazer. É interessante você perceber que que os estrangeiros mais procuram sobre o Brasil e quais são as **preocupações**. Agora, tem uma que eu deixei por último que é a principal. O Brasil é **seguro**? E aí depende, na verdade, do que que você considera seguro, onde é que você mora e que tipo de **segurança** você está acostumado né? Eu começaria por aí.

Foster: É, eu acho que essa pergunta seria outro episódio inteiro e é uma situação muito muito complicada. Acho que não dá tempo para entrar nesse agora.

Alexia: Não, não precisamos, mas fica aí a questão.

Foster: Tá bom. Tá bom, obrigado amor. Até a próxima.

Alexia: Tchau tchau.

Vocabulário e expressões úteis

---

procura - search, look for
***também pode significar "demand" quando usada como um substantivo. Por exemplo:*
Ele procura seus óculos → He looks for his glasses

Ele está procurando seus óculos → He's looking for his glasses

A procura por esse produto é enorme→ The demand for this product is huge

matéria - article, matter, subject

pronto - ready
roubadas - stolen
extremamente fáceis - extremely easy
vergonha - shame
desespero - despair
nervosa - nervous
língua - language, tongue
capital - capital
***Masculino e feminino tem significados completamente diferentes.*
Por exemplo:
O investidor forneceu novo capital para a empresa → The investor provided new capital for the company
Londres é a capital do Reino Unido → London is the capital of the United Kingdom

chutar - kick
***Também pode ser entendida como "to guess."*
Eu chuto que você vai ficar rica em 10 anos → I'm guessing you'll become rich in 10 years

mil - thousand

milhões - millions
começando - starting
enrolou - rolled
***Também usamos como "to fool" ou "bullshit" alguém.*
Por exemplo:

Ele enrolou um cigarro → He rolled a cigarette

Ele me enrolou → He fooled me

chão - floor
moeda - coin, currency
lei - law
ser enganado - be tricked, be fooled
preocupações - concerns
seguro - safe, insurance
segurança - safety

18 - E fomos experimentar Massagem Tailandesa!

Alexia: Oi Foster.

Foster: Oi Alexia, tudo bom?

Alexia: Tudo. Bem vindo à mais um episódio do Carioca Connection.

Foster: Bem vindo.**

***Isso gerou confusão porque você precisa concordar o gênero com a pessoa para quem você está dizendo.*

Por exemplo:

Bem vinda (Alexia)

Bem vindo (qualquer pessoa sem identificar o gênero)

Bem vindos (mais de uma pessoa)

Alexia: Bem vinda, no meu caso né, bem vinda.

Foster: Sim, mas eu estou falando pra qualquer um.

Alexia: Ah, eu to falando pra você

Foster: Ah desculpa! Bem vinda Alexia.

Alexia: Hoje nós vamos falar sobre **massagem**.

Foster: Massagem.

Alexia: Sim.

Foster: Tá bom, não é "**mensagem**," é "massagem."

Alexia: Massagem.

Foster: Por que?

Alexia: Porque nós fizemos massagem tailandesa outro dia. E eu gostaria de contar um pouco sobre essa experiência.

Foster: Tá bom, então pode falar.

Alexia: Bom, o Foster, ele sempre tenta me **convencer** a fazer coisas diferentes, né? Sair do meu lugar comum, da minha **zona de conforto**.

Foster: Você acha que isso é... Esse é meu papel?

Alexia: Não, não é o seu papel, mas você tem disso bastante também.

Foster: Você acha que eu tenho mais do que você?

Alexia: Sim.

Foster: Ah, fiquei feliz.

Alexia: E a gente já tava querendo fazer uma massagem há muito tempo por mil motivos. Um, estresse, dois, ficar o dia inteiro sentado de frente pro computador, numa postura horrível, três, que a gente ama esse tipo de coisa e é um pouco de **amor próprio** né? Nos darmos isso.

Foster: Sim, e também há quase, eu acho que quase... Exatamente dez anos atrás eu fui pra Tailândia e eu nunca tive a oportunidade de fazer **lá**, então eu queria fazer aqui. Eu achei um lugar aqui, agora a gente tá

no Porto, em Portugal, e achei um lugar **barato**, que parecia, tipo, super super autêntico, tipo, tailandês mesmo. Então a gente foi.

Alexia: Sim, nós fomos. Eu sempre fui acostumada a fazer Shiatsu, que é a técnica japonesa né, que eu amo de paixão, sou apaixonada pelo Shiatsu, e nunca nem tinha escutado falar da massagem tailandesa tradicional, só um outro tipo de massagem tailandesa que as pessoas comentam, que eu acho que vocês já devem imaginar sobre o que que é, eu não preciso ficar aqui falando, ao vivo e a cores.

Foster: Ah, uma massagem com final feliz, é isso.

Alexia: Você quer dizer *happy ending* né?

Foster: É.

Alexia: *Well*. Bom... a minha massagem tailandesa tradicional não teve um *happy ending*, não teve um final feliz, porque eu estava completamente **dolorida**, morrendo de dor e eu quase **xinguei** a tailandesa quarenta vezes durante o processo de uma hora.

Foster: Então tá, me explica, porque pessoalmente eu adorei, a minha foi intensa, mas foi legal, eu gostei.

Alexia: Você gosta de pessoas fazendo massagem intensamente, né, você gosta da pegada mais forte.

Foster: Não, eu acho que eu gosto de **dor**, né, eu sou... Como é que fala isso, masoquista?

Alexia: Sadomasoquista**.
***Na verdade uma pessoa que gosta de sentir dor é "masoquista."*

Foster: Um pouco. Eu acho que eu mereço. Alexia está falando **corta** corta, não, deixa aí no episódio, todo mundo precisa ouvir isso.

Alexia: Sim, e eu já não, eu gosto um pouco mais de **carinho**, uma coisa mais suave né, que eu sou muito muito dolorida no meu corpo inteiro, é surreal, tipo o Foster coloca um dedo no meu ombro e eu já to morrendo de dor.

Foster: Você já está com muita dor no ombro e também, você é muito sensível, fisicamente.

Alexia: Sou.

Foster: Muito **pequeno**, pequena.

Alexia: Não, mas ser pequena não quer dizer ser sensível, porque a tailandesa era menor do que eu e a mulher fazia **malabarismos** comigo.

Foster: Não, mas ela estava** muito forte.
***Aqui ficaria melhor se o Foster usasse "era muito forte."*

Alexia: Não, mas a sua, a minha era tranquila. Bom, chegamos lá e aí pediram pra nós colocarmos uma roupinha especial. Eu fui, me troquei, e aí chegou a tailandesa que não falava nem português, nem inglês direito, mas ela conseguia me dar as direções, tipo, "l*ay back*, *belly up*" sabe? Essas coisas assim. E aí **começou**, quando ela começou a me **tocar**, eu percebi os locais que eu **jamais** imaginaria que eu estivesse com dor.

Foster: Também.

Alexia: É. E eu assim, gente mas será que eu to **pisando** errado pra ter essa dor toda, atrás do **joelho**, perto da **coxa**, sabe?

Foster: Pois é, e eu acho que você está andando errado. Eu também, eu senti dor nos meus pés, nas minhas pernas, nas minhas costas, em qualquer... Estava doendo pra caramba.

Alexia: Aí, ela... A massagem tailandesa é muito ligada ao **alongamento**, também né, não é só a massagem em si. E aí, eu faço massagem, quer dizer, as pessoas fazem massagem em mim e eu estou de olhos fechados, porque eu não quero ficar olhão aberto assim vendo o que que a mulher tá fazendo em mim, não faz sentido isso.

Foster: É, aconteceu algumas vezes durante minha massagem. E não é a coisa mais confortável do mundo.

Alexia: Não, porque...

Foster: Fazendo contato...

Alexia: Contato...

Foster: Olhar...

Alexia: É.

Foster: Contato de olhos?

Alexia: Não, pera aí.

Foster: Eu adoro quando eu estou procurando uma palavra em português...

Alexia: Troca de olhares.

Foster: Isso.

Alexia: Bom, sim, e às vezes eu abria os olhos pra ver que posição que ela tava fazendo, porque eu sentia os dois pés dela na minha coxa, e ela tava puxando os meus braços e eu não tava entendendo como é que ela tava conseguindo fazer isso. E eu abria o olho e falava “ah ela tá assim” e fechava logo depois.

Foster: É, é o seguinte, uma massagem normal só tem uma pessoa mexendo em você né. Massagem tailandesa, eu percebi, é uma **parceria**, tipo, ela está fazendo coisas com você, mas você faz parte do jogo também. É uma **loucura**.

Alexia: A minha melhor parte foi quando ela estalou as minhas costas. Foi tão bom quando ela fez isso, tão bom.

Foster: Sim. Você quer explicar o que quer dizer “estalar,” porque é um verbo que está aparecendo muito na minha vida ultimamente.

Alexia: Porque tá aparecendo agora? Mas sim, “estalar” é quando você, eu nem sem em inglês.

[Som de estalo]

Alexia: É, como é que fala isso em inglês?

Foster: *Crack, crack your knuckles*?

Alexia: Sim, estalar os dedos.

Foster: Mas com as costas, com as costas seria, sei lá, eu acho que *crack*, *stretch*, não sei qual seria a **tradução** perfeita.

Alexia: "*Strecht*" é "alongar."

Foster: É.

Alexia: Estalar é outra, enfim.

Foster: Enfim, todo mundo entendeu.

Alexia: É. E você também pode estalar os dedos. Você consegue estalar os dedos?

Foster: É.

[Som estalando os dedos]

Alexia: Isso.

Foster: Você não consegue.

Alexia: Com essa não, só consigo com a esquerda.

Foster: Sério?

[Som de estalo]

Alexia: Só com a esquerda.

Foster: Tá a gente pode melhorar isso.

Alexia: E também pode estalar com a língua.

[Som de estalo com a lingua]

Alexia: É isso.

Foster: *Snap* talvez seria um bom, uma boa tradução.

Alexia: Sim. Tem uma, acabei de lembrar, não tem nada a ver... Tem a ver com estalar, você sabe o que que é um peteleco?

Foster: Não faço ideia. Que que é isso?

Alexia: Dar um peteleco em alguém, dar um peteleco em alguém é isso ó... É quando você faz assim com a mão, é quando você junta o seu **dedão** com o seu dedo indicador e aí meio que machuca a outra pessoa, sabe?

Foster: É, eu entendi. Eu acho que a maioria dos nossos ouvintes não vão entender porque às vezes a Alexia **esquece** que um podcast é só áudio né?

Alexia: Sim, mas eles podem colocar no Google depois. O que que é um peteleco? Olha aí.

Foster: Tá bom.

Alexia: É isso.

Foster: Tá bom. Mais alguma coisa?

Alexia: Não. Então só pra eu resumir, massagem é uma delícia, eu sempre fico **desesperada** durante a massagem, porque dói muito. Muito muito muito muito, mas eu adorei a massagem tailandesa, eu

realmente fiquei muito mais relaxada depois de dois dias, porque durante dois dias eu fiquei morrendo de dor. Depois disso passou. E é isso.

Foster: Você quer fazer de novo?

Alexia: Eu quero fazer Shiatsu.

Foster: Tá bom, tá bom. Então até a próxima gente, relaxa.

Alexia: Relaxa, vai lá se cuidar, *self care moment*.

Foster: Tá bom, tchau tchau

Alexia: Tchau.

Vocabulário e expressões úteis

massagem - massage

mensagem - message

convencer - to convince

zona de conforto - comfort zone

amor próprio - self love

lá - (over) there

barato - cheap

dolorida - sore, painful

xinguei (xingar) - to curse

dor - pain

orta (cortar) - to cut

carinho - affection

pequeno - small

malabarismos - juggling

começou - started

tocar - to touch

jamais - never

pisando - stepping

joelho - knee

coxa - thigh

alongamento - stretching

parceria - partnership

loucura - madness

tradução - translation

dedão - thumb

***Em redes sociais, principalmente no Youtube, você vai ouvir muito "joinha" que pode ser traduzido como "thumbs up."*

esquece - forgets

desesperada - desperate

19 - O futuro vai chegar e o que achamos disso

Foster: Olá, olá. Olá Alexia, tudo bem?

Alexia: Hello, hello. Bom dia, boa tarde, boa noite.

Foster: Bom dia, boa tarde, boa noite Rio de Janeiro, São Paulo.

Alexia: Todos os lugares do mundo.

Foster: É. Alexia como você está?

Alexia: Eu to bem e você?

Foster: Estou bem. Sobre o que que a gente vai falar sobre hoje? Sobre o que, muito “sobres,” nossa.

Alexia: Vai, fala de novo.

Foster: Vamos falar sobre o que hoje?

Alexia: Muito bem. Isso foi uma ideia sua na verdade, que é um tema que você adora pensar e adora **discutir** de forma amigável né, lembrando que “discutir” pode ser de forma amigável ou não.

Foster: Qual? Eu nao lembro.

Alexia: O que a gente vai achar de **estranho** no futuro. Coisas que a nós vamos achar de estranhas no futuro.

Foster: Eu adoro isso e... Bom, eu adoro a pergunta, mas eu queria falar sobre isso aqui no podcast porque eu sei que vai ser muito muito difícil falar sobre isso, tipo coisas no futuro que hipoteticamente poderiam acontecer, muitas **conjugações** né?

Alexia: A primeira coisa que vem na cabeça quando você me faz esse tipo de pergunta é, tipo assim, eu assistia pelo menos muito Os Jetsons quando era pequena.

Foster: É.

Alexia: E Os Jetsons seria hoje em dia né, o nosso ano. Seria tipo, 2000 e alguma coisa. E é muito surreal você ver que quase nada que eles tavam** **prevendo aconteceu**.
***Às vezes falamos "tavam" ao invés de "estavam" quando falamos rápido.*

Foster: É, mas só pra eu ter certeza que a gente está na mesma página, pode falar isso em português? Eu sei que isso...

Alexia: Pode, pode.

Foster: Bom, só pra clarificar um pouco a pergunta é a seguinte né, "quais são as coisas no futuro que vamos achar super super **esquisitas**", essas coisas que a gente está fazendo agora, hoje em dia. Por exemplo, no passado, **escravidão**, é sei lá, coisas medievais, tipo, "pô, como que meu avô estava fazendo isso?" Sempre tem coisas na história que parecem tipo bárbaras hoje em dia.

Alexia: Sim, eu acho que a gente pode continuar, **começar**, desculpa, de uma forma mais "fútil." Por exemplo, eu acho que no futuro as redes sociais vão ser consideradas ridículas, tipo por que que a gente perdia tanto tempo com redes sociais?

Foster: No futuro?

Alexia: É.

Foster: Eu já estou achando.

Alexia: Eu acho que vai acontecer isso. É, tipo os influencers do Instagram.

Foster: Ah, mesma coisa.

Alexia: Então, porque que nós nos deixamos levar por isso. Será que foi bom? Será que tiveram pessoas que realmente fizeram uma mudança? Por exemplo, Gisele Bündchen em relação à natureza, a biodiversidade, etc. Eu acho ela importante, e eu realmente vejo muito mais ela no Instagram do que em outro lugar, então eu fico meio dividida em relação à isso, sabe?

Foster: É, bom, redes sociais eu já tô no futuro com isso, tipo, eu já deixei faz muito tempo, mas amor, a gente pode colocar tipo, num ano, tipo, de anos que seja o ano 2050 ou que...

Alexia: 2050?

Foster: Ou mais?

Alexia: Ou seja, daqui a 30 anos.

Foster: É, vamos dizer 100 anos no futuro.

Alexia: Tá.

Foster: 100 anos daqui.**
***É melhor dizer "daqui 100 anos."*

Alexia: Tá.

Foster: O que você acha que vai ser ridículo, alguma coisa que a gente está fazendo agora que vai ser... Os historiadores do futuro vão pensar, tipo, "que gente ridícula."

Alexia: Eu acho que a gente pode pensar em relação à educação, tomando o Brasil, que eu tenho capacidade de falar, como exemplo né. Nem todo mundo tem acesso à educação no Brasil, até hoje. E eu acho,

eu acho que eu espero... Vai ser muito difícil, porque é uma coisa que eu espero muito, é que isso mude completamente.

Foster: Não, mas não pode fazer isso.

Alexia: Pois é, é muito difícil.

Foster: Tem que ser uma coisa tão ridícula, que tipo, não faz sentido para as pessoas no futuro. Eu posso começar com um exemplo. Eu acho que a ideia de todo mundo ter um **carro**, é, carro foi uma ideia horrível. Eu gosto de carros, não gosto muito tipo seu pai que ama, mas com certeza daqui a 100 anos todo mundo vai fazer tipo "pô gente, todo mundo tinha carro? Isso não foi uma ideia **legal**."

Alexia: Eu acho que 100 anos é pouco se você considerar o mundo inteiro ter que se adaptar com, por exemplo, **ferrovias**.

Foster: Tá, 200 anos no futuro. Tá, que mais, você tem um?

Alexia: Ahnnn..

Foster: Eu tenho muitos, eu posso falar comigo mesmo, monólogo.

Alexia: Vai então.

Foster: Comer animais.

Alexia: Sim. Eu acho que vai ser uma coisa do passado.

Foster: E olha só gente, não somos vegetarianos, a gente não come muita muita carne, mas imagino, eu não estou dizendo nada mal sobre pessoas que comem carne hoje em dia, porque eu também sou um desses, mas com certeza as pessoas do futuro, eles vão falar tipo, “nossa senhora, eles comiam animais?”

Alexia: Sim.

Foster: Mas animais são **simpáticos**.

Alexia: E detalhe, a gente não precisa de animais pra **sobreviver**, isso é uma coisa muito cultural, que foi imposta em todo mundo na verdade.

Foster: Debatível, debatível, mas no futuro eu acho que não vai ser.

Alexia: Que mais?

Foster: Você não tem nenhum?

Alexia: Eu acho a **miséria**.

Foster: Miséria?

Alexia: Sim, eu acho que a miséria vai ser uma coisa que todo mundo vai olhar e falar “como é que ainda existiam pessoas que viviam sem saneamento básico.”

Foster: Ahhh, você está falando miséria tipo econômica.

Alexia: Sim.

Foster: Tá. Eu acho que miséria tipo pessoal, pessoas **infelizes**...

Alexia: Ah não. Quando eu falo miséria é em relação à pobreza.

Foster: Ah tá. Porque essa palavra em inglês pode ser tipo, a miséria da pobreza, mas também tipo, *miserable*.

Alexia: Não, não...

Foster: Tá bom.

Alexia: Você pode falar em português também, ”estou miserável, eu estou completamente acabado,” mas não se usa.

Foster: Entendi.

Alexia: Porque é uma palavra muito forte.

Foster: Entendi. Eu concordo, provavelmente eu acho relacionada com isso, eu acho a ideia de pessoas que moram na rua, gente, isso existe em qualquer lugar do mundo, não conheço nenhuma cidade do mundo que eu não vi pessoas sem lugar pra ficar, pessoas do mundo na **rua**. E parece que deve ser um problema muito fácil de **consertar**, acho que em algum momento no futuro eles vão consertar e pensar “que ridículo.”

Alexia: Sim. Agora coisas assim meio ridículas, mas você acha que **caneta**, **lápis** ainda vão existir?

Foster: Daqui a 100 anos?

Alexia: Sim.

Foster: Sim, eu acho.

Alexia: É? Por quê?

Foster: Porque depois da, sei lá, do começo da tecnologia e os computadores, os robós vão...

Alexia: Robôs.

Foster: Os robôs vão tentar matar todo mundo, daí a gente não vai ter computadores mais e um lápis e caneta vai ser muito, muito útil.

Alexia: E sobre coisas que tão lançando agora, por exemplo, Alexa, o Google Mini, você acha que... eu acho que as pessoas vão olhar pra isso e vão falar “coisa ridícula, por que que isso existiu?” Sabe? “Podia ser feito de outras formas tão mais inteligentes.”

Foster: Inteligência artificial é muito difícil para mim, porque por um lado eu acho, eu concordo com você, tipo “ah é meio ridículo isso,” mas por outro lado eu acho que a Alexia**, o Google...

Alexia: A **Alexa.

Foster: A Alexa, desculpa.

Alexia: A Alexia tá aqui.

Foster: Não é você, mas todas essas formas de inteligência artificial vai ser eles falando tipo, “ah os seres humanos são tão ridículos, somos muitos, bem mais inteligentes.” Isso pode acontecer também.

Alexia: Pode, a gente já tem robozinho que **limpa** a casa né? Então...

Foster: É, a gente tem iPhone.

Alexia: Sim, sim, é.

Foster: E talvez a gente vai combinar com a tecnologia, vai ser uma singularidade, não sei se você sabe o que que é isso, mas todo mundo vai ter um computador nas suas cabeças.

Alexia: Uma coisa que eu acho que também não vai mais existir é essa história de mulheres terem que lutar pelos **direitos** enquanto existem ainda, tipo, homens fazendo as leis pras mulheres como em relação ao **aborto**, como em relação ao voto que existiu e etc, etc. Eu to falando de uma forma muito ampla e muito subjetiva, porque eu não quero entrar nesse assunto agora, mas eu também acho que essa parte, tipo as mulheres do futuro e os homens do futuro vão olhar pra trás e falar "Meu Deus, que perda de tempo, vocês terem lutado tanto tempo com isso, enquanto podia ter sido resolvido tanto antes," sabe?

Foster: Eu espero que sim.

Alexia: É.

Foster: Espero que sim. Eu pensei numa coisa agora, a medicina, a forma que a gente toma medicina hoje em dia...

Alexia: O **remédio**.

Foster: O remédio, é, mas quando eu estou falando mais em geral, eu posso falar medicina né?

Alexia: Você pode falar, “a forma que a medicina é feita hoje em dia,” entendeu?

Foster: É, não, mas é mais relacionado com o jeito que a gente toma remédios.

Alexia: Então é, “o jeito que nós tomamos remédio.”

Foster: Tipo, hoje em dia, “ah você está sentindo dor, toma essa pílula, toma esse comprimido,” né? E eu acho** no futuro vai ser tipo, “ah a gente já sabe a sua genética, seu DNA.”
***”Eu acho que...”*

Alexia: Uhun.

Foster: “Perfeitamente, todos os genes, então você vai tomar esse remédio que foi feito especialmente, personalizado pra você.”

Alexia: Pode ser interessante essa ideia, mas aí vai muito que a gente falou também com relação.... Inteligência artificial, que vai ser um relacionamento artificial de qualquer forma, então... Bom, eu acho que é isso, a gente podia ficar aqui o resto do dia inteiro falando sobre, discutindo sobre, do nada ia surgir mais uma ideia, etc, mas eu, pra mim continua sendo tipo, *what do you hope for*, sabe? O que que você espera que mude, ou que se adapte, ou que não exista mais.

Foster: É, eu acho que talvez você seja um pouco mais otimista comparada comigo, mas, sei lá, a gente não sabe, a** 100 anos talvez o mundo vai ser um lugar muito bom e **justo** ou talvez todo mundo vai morrer daqui a pouco com um, sei lá...
**"Em 100 anos."*

Alexia: Então tá bom. Então a gente se vê no próximo episódio.

Foster: Se estamos vivemos.

Alexia: Se estivermos vivos.

Foster: Ahhh sabia. Tchau tchau.

Alexia: Tchau.

Vocabulário e expressões úteis

---

discutir - to discuss

estranho - weird

conjugações - conjugations

prevendo (prever) - to predict, to foresee

aconteceu - it happened

esquisitas - weird

escravidão - slavery

começar - to begin

carro - car

legal - cool

ferrovias - railways

comer - to eat

simpáticos - friendly

sobreviver - to survive

debatível - debatable

miséria - misery

infelizes - unhappy

rua - street

consertar - to fix

caneta - pen

lápis - pencil

limpar - to clean

direitos - rights

aborto - abortion

remédio - medicine

justo - fair

20 - Fernando de Noronha - uma introdução

Alexia: Oi Foster.

Foster: Oi Alexia, tudo bem?

Alexia: Tudo e com você?

Foster: Na verdade não, não está tudo bem não.

Alexia: Por quê?

Foster: Porque eu estou com muita muita **dor de cabeça** e também é um sábado e a gente está basicamente no sótão?

Alexia: Não, no **porão**. Sótão é em cima e porão e embaixo

Foster: A gente está no porão de nosso coworking, num sábado, eu estou com dor de cabeça, então um pouco **irritado**, mas eu estou muito feliz de estar aqui com você gravando podcast.

Alexia: Ah que bom, então é um *mixed feelings*.

Foster: É, como é que você fala isso em português?

Alexia: Aii, é...

Foster: Combinação de...

Alexia: Uma mistura de **emoções**.

Foster: Ta bom. Então Alexia, a gente vai falar sobre o que hoje?

Alexia: Nos vamos falar sobre Fernando de Noronha.

Foster: Uhun.

Alexia: Que parece o nome de uma pessoa, mas na verdade não é.

Foster: É, me lembra muito do Fernando Pessoa.

Alexia: Sim, mas é muito diferente uma coisa da outra.

Foster: Não tem nada a ver.

Alexia: Não, a gente vai falar sobre Fernando de Noronha que é um arquipélago brasileiro do Estado de Pernambuco.

Foster: Amor, a gente pode começar com o nome da **ilha**? Porque é muito difícil pra mim, não sei porquê. Pode falar pra mim?

Alexia: Fernando de.

Foster: Fernando, essa parte é facil.

Alexia: De.

Foster: De.

Alexia: Noronha.

Foster: Noronha.

Alexia: Perfeito.

Foster: Ta bom assim?

Alexia: Tá ótimo.

Foster: Então fala rápido.

Alexia: Fernando de Noronha.

Foster: Nossa Senhora, Fernando de Noronha.

Alexia: Você praticamente não fala o “Fernando”, entendeu? É Fernando de Noronha.”

Foster: Fernandi...

Alexia: É. É você fala tipo como se fosse “Fernão de Noronha,” entendeu? “Fernão de Noronha.” “Fernando de Noronha.”

Foster: Tá eu vou tentar com um ritmo normal. Fernando de Noronha.

Alexia: Perfeito.

Foster: Noronha. “Noronha” é uma palavra difícil.

Alexia: Noronha. É.

Foster: Tá bom.

Alexia: Normalmente os meus **alunos** tem mais dificuldade com “lh” do que com “nh.”

Foster: Não, eu acho que essa palavra aqui é difícil porque você tem o “noro, noro,” que às vezes o “r” é difícil pra qualquer **falante** que é a língua nativa é inglês né, e também você tem o “nh.”

Alexia: Sim.

Foster: Tudo junto e é muito complicado.

Alexia: Mas você tá ótimo. Noronha.

Foster: Noronha.

Alexia: A Perfeito.

Foster: Então, vamo lá com o episódio.

Alexia: Bom, como eu disse, é um arquipélago brasileiro no Estado de Pernambuco. Você entende quando eu falo que que é arquipélago?

Foster: Sim, a gente tem a mesma palavra em inglês. É igual.

Alexia: Como é que se fala em inglês?

Foster: *Archipelago.*

Alexia: Ah ta bom. Então é um conjunto de ilhas.

Foster: Sim, várias ilhas.

Alexia: É.

Foster: Numa área, né?

Alexia: Numa área só. E no caso de Fernando de Noronha, tem 21 ilhas.

Foster: 21?**

***Ilhas é um substantivo feminino.*

Alexia: 21 ilhas.

Foster: Meu Deus do céu.

Alexia: Ilhotas e **rochedos** de origem vulcânica. Ilhotas, eu descobri o que que era quando eu tava fazendo essa pesquisa, porque gente, eu aprendi tanto tanto tanto tanto pra falar pra vocês, eu não sabia nada sobre Fernando de Noronha, e eu tô **abismada** com tudo que eu descobri.

Foster: Tá, duas coisas. Primeiramente, “abismada” é uma palavra que você usa muito e na verdade nunca entendo exatamente o que você quer falar.

Alexia: Chocada.

Foster: Ah, tá bom. Uh, é bom saber. E ilhota, a primeira vez que você falou isso, eu entendi “**idiota**” então cuidado aí gente.

Alexia: Ilhota são ilhas de dimensão reduzida ou um rochedo no meio do mar. Eu peguei essa descrição, né, da internet. Então na verdade é o seguinte, são pequenas ilhas ou rochedos no mar. É isso.

Foster: É faz sentido, tipo “filhota” né?

Alexia: Sabia que você ia falar isso.

Foster: Seu pai te chama de filhota, é tipo filha, mas um pouco mais fofo, mais... Sei lá.

Alexia: Bom e dessas 21 ilhas desse arquipélago todo, só existe um centro comercial que é a Vila dos Remédios. Lá fica os postos de saúde, ficam os **postos de saúde**, as escolas, delegacias, e a única emissora de TV que se chama TV Golfinho. Eu achei tão **fofo**.

Foster: TV Golfinho, e só pra dar uma...

Alexia: “Você assistiu hoje na Globo aquilo?” Tudo bem. “Você assistiu na TV Golfinho hoje?”

Foster: É, mas uma breve clarificação, "**golfinho**" não tem nada a ver com "golfe," o esporte, golfinho é um peixe, que realmente não é peixe.

Alexia: Não é peixe. É um **mamífero**.

Foster: É, mamífero. Eu falei peixe porque não lembrei a palavra mamífero.

Alexia: Como é que se fala golfinho em inglês?

Foster: "*Dolphin.*"

Alexia: É isso

Foster: Ou "*porpoise*", dependendo do mamífero.

Alexia: Então, é isso. Então nas 21 ilhas, só existe um centro comercial onde você consegue fazer compras, onde você precisa ir ao médico, não existe hospital na ilha, então são só postos de saúde.

Foster: É serio?

Alexia: É sério. Não existe hospital.

Foster: Mas caraca, tem tantos turistas.

Alexia: É, só posto de saúde.

Foster: E que que vai acontecer se um golfinho ataca?

Alexia: É mais fácil um **tubarão** atacar, a gente vai chegar nessa parte.

Foster: Eu sei, **eu estou brincando**, mas nossa, eles precisam de, sei lá, um helicóptero, alguma coisa assim.

Alexia: Eles... É, então, vamo lá.

Foster: Eu estou adiantando, desculpe.

Alexia: Vamos entrar na história de Fernando de Noronha, ta? Porque não tem como a gente falar da ilha sem contar sobre a história que, pra mim, foi uma das melhores histórias do Brasil. Eu gostei bastante.

Foster: Tá bom. Então, Alexia, me conta. A história da ilha Fernando de Noronha.

Alexia: Começa por aí, não é uma ilha, é um arquipélago.

Foster: Eu sei amor, eu só queria falar todas essas palavras tão difíceis com dor de cabeça. Me conta, fala, fala, fala, eu não posso falar mais.

Alexia: Vamo lá. O arquipélago foi avistado pela primeira vez entre 1500 e 1502 e a sua descoberta foi feita pela expedição do explorador Fernão de Loronha. Você entendeu da onde vem o nome Fernando de Noronha agora?

Foster: Entendi, mas não entendi porque eles mudaram só um pouco né.

Alexia: Eu acho que, eu não cheguei nessa parte de, assim, porque se não ia ficar...

Foster: Da história, da série.

Alexia: É um episódio, é vários episódios, só seria isso até o final da temporada, mas ele, o Fernão era um **judeu** português que foi convertido ao catolicismo, então ele era chamado de cristão novo naquela época. E ele é um dos **primeiros** grandes exploradores de pau-brasil nas terras **recém descobertas** né, então....

Foster: Você quer explicar o que que é pau-brasil?

Alexia: É uma... é um símbolo, tipo, do que que o Brasil foi mais explorado naquela época, é uma **árvore** super importante.

Foster: É uma árvore, é isso que eu queria dizer porque eu sempre...

Alexia: Né, porque tanta história por trás de pau-brasil que eu não sei que que você quis dizer nesse momento.

Foster: É, mas eu acho que a maioria dos nossos ouvintes já sabem que pau também pode ter outro significado.

Alexia: Sim, pode ter um significado mais vulgar né? Mais chulo.

Foster: Mais biológico.

Alexia: É, anatômico. Anatômico? É assim que se fala de anatomia? É, acho que é.

Foster: É.

Alexia: Não sei, enfim.

Foster: Você tá perguntando isso pra mim??

Alexia: Mas a primeira pessoa que descreve sobre o arquipélago e conta sobre o arquipélago foi Américo Vespúcio, que...

Foster: Ah é?

Alexia: É.

Foster: Ah, mas é nosso cara.

Alexia: Que na época era um mercador, navegador, geógrafo, cosmógrafo italiano. E também explorador de oceanos ao serviço do reino de Portugal e de Espanha. Ele viajou pelo novo mundo

escrevendo sobre essas novas terras, então por isso que esse homem foi pra vários lugares e ele que descreve tudo para o reino de Portugal e de Espanha na época.

Foster: Mas caraca, ele tá... Eu imagino que os Estados Unidos da América vem do Vespuccio, nossa.

Alexia: Vespúcio.

Foster: Eu falo Vespuccio. Vespuccio. Mas esse cara estava super ocupado, nossa.

Alexia: Sim, sim.

Foster: Enfim.

Alexia: Bom, e aí durante os séculos 16 e 18.

Foster: É, eu preciso dizer que números e a Alexia não são os melhores amigos.

Alexia: Não, nem um pouco. Então entre os séculos 16 e 18 o arquipélago sofreu constantes invasões de ingleses, franceses e holandeses, então ficou uma guerra infinita durante dois séculos pra dizer de quem era quem, tá?

Foster: É, naquela época que os ingleses, é, a gente já sabe a história né?

Alexia: Já. Bom, em 1700, em setembro de 1700, ou seja, 200 anos depois de que ela foi descoberta, de que escreveram sobre o arquipélago pela primeira vez, se tornou finalmente uma dependência do Estado de Pernambuco, então é uma terra **acoplada** ao Brasil oficialmente.

Foster: Tá, o que quer dizer a palavra que você usou agora...

Alexia: Acoplada?

Foster: Acoplada?

Alexia: É.

Foster: Nunca ouvi essa palavra na minha vida, que quer dizer isso?

Alexia: Talvez eu esteja, talvez eu esteja tendo um vocabulário um pouco mais afinado estando agora aqui em Portugal, eu não sei o que que tá acontecendo.

Foster: Não, eu acho que não tem a ver com isso, eu acho que você realmente fez uma **pesquisa** e...

Alexia: Mas não tá escrito acoplado aqui, você pode ver.

Foster: Então me explica, que quer dizer?

Alexia: Quando você acopla uma coisa na outra, você junta uma coisa na outra.

Foster: Ah, tipo, acoplação?

Alexia: Uhn??

Foster: Não, pode ser, a gente tá...

Alexia: Acoplar.

Foster: Ah tá, é que a gente tem uma palavra bem parecida em inglês que tem a ver com sexo. Gente, não sei onde minha mente está hoje, desculpa. Pau-Brasil.

Alexia: Bom, então se tornou dependência de Pernambuco e virou oficialmente uma parte do Estado de Pernambuco, mas logo depois, em 1736, foi de novo invadida pelos franceses, porque eles não **desistiam** das nossas terras naquela época, e ficou sendo chamada um pouco, é, ficou sendo chamada durante o ano de 1736 até 1737 de *Île Dauphine*, então realmente os franceses foram lá, colocaram a bandeira da França, mudaram o nome, e começaram a chamar de *Île Dauphine*, que é Ilha dos Golfinhos, "*dauphine"* é "golfinho".

Foster: É, eu estava imaginando né.

Alexia: É, exatamente. E aí só em 1937 uma nova expedição de portugueses, brasileiros, índios, o que fosse naquela época, expulsou os franceses finalmente de lá.

Foster: Tá bom, parabéns.

Alexia: Alguma pergunta até agora? Ou não, tudo certo.

Foster: Amor, eu tenho tantas perguntas porque é muita história, já tem francês, já tem golfinhos, pode continuar com a história e daí depois disso eu acho que eu vou querer saber um pouco sobre a ilha **hoje em dia**.

Alexia: Sim.

Foster: No episódio que vem.

Alexia: Sim. Então vamo lá, depois que os brasileiros... é, os brasileiros retomaram, os portugueses retomaram né, porque a gente ainda tá em 1700 e alguma coisa.

Foster: Ahhhh isso difícil pra Alexia, quem é brasileiro e português ao mesmo tempo.

Alexia: Sim, então em 1739, o arquipélago virou uma prisão de **ciganos** naquela época. Existiam muitos ciganos chegando e foi usada como uma prisão dos ciganos, só cigano ia pra lá.

Foster: Ai meu Deus. Desculpa que eu estou rindo gente, mas prisão de ciganos, só essa noção, não faz sentido na minha mente.

Alexia: Sim, mais de 100 anos depois, 1844, era usada como prisão dos Farroupilhas. Os Farroupilhas, a gente pode até gravar um episódio sobre isso que eu acho interessante, eu retomei minhas aulas de história né, do **colégio**, lendo sobre isso. A Revolução Farroupilha foi quando os republicanos lutaram contra o governo imperial do Brasil. Foi um marco muito importante pro Brasil naquela época né, que se chama Revolução Farroupilha.

Foster: Nossa.

Alexia: E todos os Farroupilhas que eram capturados naquela época iam pra essa prisão no Arquipélago Fernando de Noronha.

Foster: Nossa, essa** episódio está cheio de palavras difíceis. "Farroupilhas."
*** "Esse" pois "episódio" é um substantivo masculino.*

Alexia: Farroupilhas. Você estudou isso, estudando no Brasil na época?

Foster: Não, eu nunca ouvi falar sobre, nem essa revolução, nem essa palavra.

Alexia: Bom, a gente pode gravar um episódio sobre isso que eu acho interessante.

Foster: Eu gostaria.

Alexia: Bom, em 1890 mudou. Esquece os Farroupilhas, agora era uma prisão dos capoeiristas. Você sabe porque que os capoeiristas eram considerados maus naquela época?

Foster: Pessoa que praticam capoeira?

Alexia: Exatamente.

Foster: Porque, bom eu estou chutando aqui, mas imagino e do pouco que eu conheço da capoeira... Basicamente era uma luta escondida né?

Alexia: Na época dos escravos, né, os africanos trouxeram a capoeira junto com eles e eles **lutavam**, dançavam capoeira porque envolvia

música, na época, na escravidão, mas depois de muito tempo, começaram a se tornar grandes grupos e muito perigosos de capoeiristas, principalmente na capital do Brasil que era o Rio de Janeiro naquela época.

Foster: Já?

Alexia: É, sim.

Foster: Não foi** Salvador?
**Não era salvador?*

Alexia: Não.

Foster: Tá bom.

Alexia: E aí se tornou praticamente uma máfia, as pessoas realmente lutavam e usavam a capoeira de forma ruim. Claro que eu to falando sobre uma época muito longe de agora, eu não sou historiadora, e eu não sei falar muito sobre isso, mas a capoeira se tornou um assunto muito ruim, uma coisa muito ruim que era **proibida** por **lei**, quem lutasse capoeira ia pra prisão.

Foster: Nossa gente, que **loucura**. Mas eu preciso admitir que eu fiz uma aula de capoeira e basicamente foi uma máfia e eles estavam tentando me matar.

Alexia: Bom, passado muito tempo, muito muito tempo, em 1938 a União, ou seja, o Brasil, né, o Governo Brasileiro pediu para que o arquipélago se tornasse um presídio político federal contra os extremistas, porque já era a pré-ditadura, né, tava começando a ter muita gente contra o governo, muita gente contra o que tava acontecendo naquela época. Já tava começando a ter casos extremos, segundo o que eu li, é... De até, eles usavam a palavra “terroristas” né, que tavam tacando o terror na cidade.

Foster: É, já?

Alexia: Uhun.

Alexia: Caraca. Bom, Alexia posso te parar rapidinho?

Alexia: Pode.

Foster: Eu acho que já vai ser muita muita informação pros ouvintes, pra absorver todas essas informaçõe né? Eu acho bom se a gente divide.

Alexia: Tá bom.

Foster: O episódio.

Alexia: Eu acho ótimo.

Foster: No episódio que vem a gente pode continuar com a história dessa ilha que é maluca aparentemente e também falar um pouco sobre Fernando de Noron...

Alexia: Fernando de Noronha hoje em dia.

Foster: O Foster vai **dormir** um pouco, ele vai acordar e a gente vai voltar com outro episódio.

Alexia: Bom, então até o próximo episódio, depois vão acompanhando, vão anotando aí as datas pra você fazerem os dados históricos desse...

Foster: Ou pega os worksheets.

Alexia: Ou isso, que é muito importante

Foster: Muito mais fácil.

Alexia: Tchau

Foster: Tchau tchau.

Vocabulário e expressões úteis

---

dor de cabeça - headache
porão - basement
irritado - irritated

emoções - emotions
ilha - island
alunos - students
falante - speaker
abismada - shocked
rochedos - boulders
ilhotas - islets
idiota - moron
posto de saúde - health center
fofo - cute
golfinho - dolphin
mamífero - mammal
tubarão - shark
eu estou brincando - i'm kidding
judeu - jewish
primeiro - first
recém descobertas - newly discovered
árvore - tree
acoplada - attached, connected
pesquisa - research
desistiam (desistir) - to give up
hoje em dia - nowadays
ciganos - gypsies
colégio - school
***Também dizemos "escola." Para "college" nós dizemos "universidade" ou "faculdade."*

lutavam (lutar) - to fight
proibida - prohibited

lei - law
loucura - madness
dormir - to sleep

21 - Um pouco mais sobre... Fernando de Noronha!

Foster: *Are you ready to go, Alexia?*

Alexia: Sim senhor.

Foster: *Testing, testing.*

Alexia: Olá olá.

Foster: *Okay, part 2 of Foster trying to speaking Portuguese when he's very sleepy with a headache. 3, 2, 1. Take it away Alexia. Keep it in, keep it in the episode.*

Alexia: Oi pessoal, hoje temos mais um episódio sobre Fernando de Noronha. Como vocês perceberam, nós fizemos uma super pesquisa sobre esse **lugar incrível** e eu acho que ficaram, que se tornaram episódios muito muito bons.

Foster: Oi Alexia, tudo bem?

Alexia: Oi Foster, tudo e com você?

Foster: Como você está?

Alexia: Eu estou bem e você um pouco melhor já?

Foster: É.... Sim, sim. Eu estou sentindo** um pouco melhor, mas eu acho que meu português vai seguir complicado hoje, digamos.
***Nesse caso seria melhor usar o verbo "sentir" no reflexivo, "eu estou me sentindo um pouco melhor." Se a Alexia tivesse feito uma pergunta com o mesmo verbo, seria "você está se sentindo melhor?"*

Alexia: Vai nada, tá tudo certo. Eu que vou falar mais mesmo, então tudo bem.

Foster: Então fale amor.

Alexia: To falando.

Alexia: Fale.

Alexia: Bom, vamos continuar com a história de Fernando de Noronha. Então você que surgiu hoje aqui, volta um episódio atrás, escuta o primeiro episódio sobre Fernando de Noronha pra entender sobre o que que a gente tá falando, que é a história do arquipélago de... Um dos mais importantes do Brasil.

Foster: É, se é a primeira vez que você está escutando esse podcast, você vai ficar muito muito confuso se você não escutar o episódio anterior, né?

Alexia: Exatamente. Bom, então continuando com a nossa linha do tempo, nós chegamos no ano de 1942, que é bem quando a **Segunda Guerra Mundial** tá acontecendo né? E aí o que que aconteceu?

Foster: Sim.

Alexia: O querido governo dos Estados Unidos.

Foster: Parece que tem uma...

Alexia: O que?

Foster: Uma Segunda Guerra Mundial acontecendo agora no coworking.

Alexia: Por quê?

Foster: Que a gente está gravando.

Alexia: Virginia deve estar aqui do lado.

Foster: Tá, pode continuar, você estava falando sobre guerra né?

Alexia: É, eu to falando sobre a Segunda Guerra Mundial que foi quando o arquipélago se tornou federal, ou seja, saiu de Pernambuco de novo, se tornou federal e passou a servir como uma base avançada da guerra. E de muito uso do querido Estados Unidos, seu país.

Foster: Sim, não é meu país, eu sou cidadão americano.

Alexia: Sim, é seu país amor, não começa com isso.

Foster: É, mas você não precisa, sei lá, é muito muito, é muita coisa pra **lidar** com isso tudo.

Alexia: Isso tudo pra dizer que a partir de 1942 até 1988, ou seja, um ano antes da gente nascer, o arquipélago não voltou pra Pernambuco, só quatro décadas e meia depois que Pernambuco voltou a ter o arquipélago de volta ao estado.

Foster: Então esse tempo inteiro...

Alexia: Durante esse tempo todo era federal.

Foster: Era americano?

Alexia: Não, era federal.

Foster: Ah, tá.

Alexia: Era federal. E aí, com Juscelino Kubitschek como presidente, em 1957 foi quando finalmente a prisão, né, que a gente andou falando sobre toda a prisão, foi fechada e foi a primeira vez que um presidente visitou o arquipélago, um presidente brasileiro visitou o arquipélago.

Foster: É, pode falar o nome do presidente **de novo** por que...

Alexia: Juscelino Kubitschek.

Foster: Fala mais **devagar** amor, pelo amor de Deus.

Alexia: Juscelino.

Foster: Juscelino.

Alexia: Kubitschek.

Foster: Kubitschek. Também conhecido como J.K. né?

Alexia: Exatamente.

Foster: É o que eu falo sempre, J.K. meu brother.

Alexia: Sim, e eu acho, eu não tenho certeza, mas ou parte da família dele ou a filha dele, eu não lembro direito, era amiga dos meus pais na época.

Foster: É, bom, vamos **verificar** isso com o Marco Antônio depois, mas agora pode continuar com a história Alexia.

Alexia: Sim. Em 1972 abriu a primeira **pousada** pra turistas, então finalmente tava virando um arquipélago de visitação e não só de prisão, de federal, prisão, ciganos, Farroupilhas, tudo isso. Claro que existe também muita gente que fala e eu tenho certeza que isso aconteceu, que o arquipélago foi pra onde várias pessoas durante a ditadura foi mandadas, né, as pessoas foram mandadas

Foster: Desconhecidos. Não, desconhecidos não, **desaparecidos**.

Alexia: É, “desaparecidos.”

Foster: É, **mortos** né.

Alexia: E foi um ambiente de tortura, né, enfim porque era federal, foi bem na época, só em 1957 a prisão foi fechada, então com certeza aconteceu isso lá.

Foster: É uma história muito **escura**, porque hoje em dia...

Alexia: Muito, é muito dark.

Foster: É muito dark?

Alexia: É.

Foster: Vocês falam isso em português?

Alexia: Uhun.

Foster: Cada episódio você vem com uma palavra nova que... Então, mas eu fiquei impressionado que quando todo mundo **pensa** sobre essa **ilha**, é uma das ilhas mais famosas do mundo.

Alexia: É.

Alexia: Pra turismo, não pra morrer com **ciganos**, prisão, sei lá.

Alexia: É muito surreal, é muito surreal. E como era um arquipélago né, tipo assim, tudo que acontecia lá, ninguém sabia o que que tava acontecendo. Era só **jogar** os **corpos** no **mar**, beijinho e tchau tchau.

Então eles estavam fazendo o que queriam com essa prisão, desde sempre.

Foster: É, mas parou né?

Alexia: Parou, parou.

Foster: Agora é um lugar legal.

Alexia: Sim. E aí em 1988, como eu falei, voltou a ser parte do estado de Pernambuco e foi quando tudo mudou, tudo mudou. Teve uma campanha liderada pelo ambientalista José Truda Palazzo Júnior que conseguiu transformar a maior parte do arquipélago em parque nacional.

Foster: Ele é italiano?

Alexia: Não sei amor.

Foster: Tá, com esse nome Palazzo.

Alexia: Sim, mas você sabe que existiu uma grande migração italiana...

Foster: Não, mas a gente já, o episódio pass... No **episódio anterior** a gente estava falando sobre italianos, sei lá.

Alexia: A gente falou sobre Américo Vespúcio que era italiano.

Foster: É, eu acho que não são parentes.

Alexia: Não.

Foster: Talvez, é...

Alexia: E só em 2001, ou seja, pouquíssimo tempo atrás, Fernando de Noronha se tornou **Patrimônio** Natural da Humanidade. E aí chegamos...

Foster: Uhun, do UNESCO né?

Alexia: No México?

Foster: Do UNESCO?

Alexia: Ahn?

Foster: UNESCO.

Alexia: UNESCO!

Foster: UNESCO?

Alexia: É.

Foster: Eu acho que aqui em Portugal onde a gente tá agora, eles falam “UNESCO.”

Alexia: Menor ideia...

Foster: Por isso eu falei, eu falei certo, mas você falou que, UNESCO...

Alexia: UNESCO, eu posso estar errada, mas do jeito que você está falando parecia do “México.”

Foster: É, não tem nada a ver com o México, mas é a organização que dá esse negócio de Patrimônio da Humanidade né?

Alexia: Sim, sim. Então, só em 2001 o arquipélago se tornou Patrimônio Natural da Humanidade e aí foi quando realmente começou a se tornar um arquipélago turístico e viver do turismo e saber explorar, né, essa parte e fazer com que o arquipélago se tornasse tanto um lugar bom para se morar, quanto para se visitar.

Foster: Ah é?

Alexia: É.

Foster: Tem pessoas que mora lá?

Alexia: Sim.

Foster: Hoje em dia?

Alexia: Tem pessoas que moram lá.

Foster: Mas não é **caro** pra caramba?

Alexia: Morar? Todas as pessoas que moram lá são donas de pousadas, donos de restaurantes, que tem...

Foster: Entendi.

Alexia: Companhia turística, então vivem disso e vivem pra isso.

Foster: Entendi.

Alexia: É. Bom, como chegar em Fernando de Noronha hoje em dia? Você precisa ir para Natal ou Recife e pegar um avião e voar para Fernando de Noronha que tem um aeroporto lá.

Foster: É, então você precisa pegar avião pra pegar mais uma** avião. É isso?
***"Avião" é um substantivo masculino, logo "um avião."*

Alexia: Sim, exatamente.

Foster: Então não é o lugar mais fácil de chegar.

Alexia: Não. Bom, pra você entrar na ilha, você precisa pagar uma **taxa** ambiental, que hoje em dia custa R$64,25 por dia, então se você for ficar...

Foster: Por dia?

Alexia: É.

Foster: É eu concordo com isso né, reais, isso é tipo 15 dolares por dia.

Alexia: Sim.

Foster: É, eu concordo

Alexia: Sim.

Foster: Legal, eu apoio isso

Alexia: Mas que você pode **pagar** pela internet ou direto no aeroporto, você não vai conseguir entrar na ilha sem pagar essa taxa ambiental. As únicas pessoas que não pagam taxa ambiental são as **aeromoças**, **comissários de bordo** e **piloto**.

Foster: Imagino as pessoas que moram lá.

Alexia: Sim sim.

Foster: Os moradores.

Alexia: Sim, eu to falando em relação a visitação.

Foster: Tá bom.

Alexia: Tá? É... Comida, você encontra todos os tipos de comida, mas claro que é muito voltada à **frutos do mar**. Peixes...

Foster: Por quê?

Alexia: Porque, como assim, você tá me sacaneando né?

Foster: To.

Alexia: Tá ótimo.

Foster: É um arquipélago amor.

Alexia: É o que?

Foster: Arquipélago.

Alexia: Arquipélago.

Foster: Arquipélago.

Alexia: Arquipélago.

Foster: É um grupo de ilhas.

Alexia: E você pode gastar desde R$20 num self service até tipo R$200 por pessoa num restaurante super bacana e super caro.

Foster: É e só pra explicar, quando a Alexia fala self service, basicamente é um buffet livre né?

Alexia: A kilo, buffet livre, o que for do restaurante, mas que você próprio se serve, self service.

Foster: Exatamente.

Alexia: Bom, o que que você faz na ilha? Além das imensas **trilhas** que existem por lá. Existem muitas trilhas e muitos lugares pra conhecer.

Foster: Eu sei o que eu faria se eu estivesse lá.

Alexia: Você pode **mergulhar** e **nadar**...

Foster: Com os golfinhos.

Alexia: Com os golfinhos.

Foster: Eu quero fazer isso!

Alexia: Com as tartarugas marinhas.

Foster: Tem também?

Alexia: Tem muitas **tartarugas marinhas**. E uma coisa que eu nunca faria na minha vida que seria nadar com os **tubarões**.

Foster: Eu faria sem pensar duas vezes.

Alexia: Menor condição.

Foster: Mas você fica tipo num** caixa né?

*** "Caixa" é um substantivo feminino, logo "numa caixa."*

Alexia: Não!

Foster: Livre?

Alexia: É mergulho livre, porque...

Foster: A não, **nem a pau**!

Alexia: Exatamente.

Foster: Só com os golfinhos, tem uma área, tipo, uma área **simpática**?

Alexia: Tem, se chama Baía dos Golfinhos, que é onde eles ficam.

Foster: Ah, legal.

Alexia: E aí você pode mergulhar.

Foster: Não tem tubarão lá?

Alexia: Hmm, eu acho que os golfinhos não gostam dos tubarões e vice-versa, porque os golfinhos atacam né, eles não são muito simpáticos.

Foster: Eu sempre ouvi isso, que os golfinhos, tubarões tem medo do golfinho.

Alexia: É.

Foster: Mas golfinho é muito simpático com ser humano, porque somos mamíferos também né, um animal **impressionante**.

Alexia: É. E hoje em dia virou um **santuário** dos golfinhos, principalmente lá.

Foster: Gente, eu poderia falar um dia inteiro sobre golfinho.

Alexia: Bom...

Foster: Meu animal de espírito.

Alexia: Gostei. Teve uma história muito engraçada que uma amiga minha da **faculdade**, séculos atrás, a Tami, um dia ela foi pra Fernando de Noronha e ela tava **morrendo de medo** do mergulho com os tubarões né, que na época o **namorado**, hoje em dia **marido**, tava querendo muito mergulhar com os tubarões e eu falando assim "Tami, por favor não faz isso. Mergulha com as tartarugas, com os golfinhos, mas os tubarões não, não precisa disso." Aí ela falou que foi na **reunião** antes com os **guias**, né, porque você não pode fazer nada na ilha sem guia, o que eu acho muito bom isso, que os guias viraram pro grupo e falaram, "não se preocupem, porque os tubarões são praticamente vegetarianos, eles..."

Foster: Praticamente?

Alexia: Esse praticamente é ótimo. "Porque eles não vão te atacar, eles não sentem necessidade de atacar os humanos, porque aqui eles

encontram tudo, eles encontram comida, eles não **passam fome**, então tudo bem.”

Foster: Que será que eles comem?

Alexia: Aí... Ahn?

Foster: Que será que eles estão comendo? Não, eu nunca ouvi falar que tubarões são vegetarianos.

Alexia: Não amor, ele tava **brincando**.

Foster: Ahh...

Alexia: Claro, isso foi uma ironia, ele fala isso pra acalmar as pessoas pras pessoas realmente fazerem o mergulho com os tubarões, entendeu?

Foster: Eu estava imaginando um tubarão comendo **espinafre**, sei lá...

Alexia: Bom, e aí a Tami depois falou que ela desistiu, ela não quis ir, e a gente ficou rindo disso, porque eu falei, “sim, tubarão é vegetariano

até você levantar, fazer um movimento minimamente **brusco**, que ele não goste, ele vai e te ataca, e aí ele deixa de ser vegetariano naquele momento."

Foster: É. Você quer explicar a palavra "brusco"?

Alexia: Brusco?

Foster: Brusco.

Alexia: É um movimento que você não tá prevendo né, que te assusta, é um movimento...

Foster: Tipo, rápido, inesperado.

Alexia: É, exatamente, exatamente.

Foster: É uma boa palavra isso. "Brusco."

Alexia: Brusco. Movimento brusco. Bom, na ilha, no arquipélago, como eu falei lá no outro episódio, só tem um banco, um caixa eletrônico, ou

seja, pra você ir lá, a maioria dos lugares não aceita cartão, cartão de crédito nem nada, e é importante você levar dinheiro.

Foster: Sempre, sempre é uma boa ideia. Amor, você queria ou você quer visitar um dia?

Alexia: Sim, claro.

Foster: Pra mim parece ótimo, mas eu vi tantas coisas em **revistas**, no Instagram, parece que está muito muito **lotado** hoje em dia, que todo mundo vai lá.

Alexia: Sim, é sobre isso que a gente vai falar no próxima episódio.

Foster: Tem mais um?

Alexia: Tem mais um.

Foster: Oba! Então até já já.

Alexia: Tchau!

Vocabulário e expressões úteis

---

lugar incrível - amazing place
segunda guerra mundial - second world war
lidar - to deal
de novo - again
devagar - slowly
verificar - to check, to verify
pousada - guesthouse
***Pousadas são muito comuns no Brasil. Normalmente são casas grandes transformadas em "guesthouses" e são mais baratas que hotéis.*

desconhecidos - unknown
desaparecidos - missing people
mortos - dead
escura - dark
pensar - to think
ilha - island
ciganos - gypsies
jogar - to throw

***"Jogar" também é usado como "play" para esportes. Lembrando que não é utilizado para instrumentos musicais.*
Por exemplo:

Eu jogo futebol → I play soccer

Eu jogo videogame → I play video game

Eu toco violino → I play violin

corpos - bodies
mar - sea
episódio anterior - previous episode
patrimônio - heritage
caro - expensive
taxa - fee
pagar - to pay
aeromoças - flight attendants (feminine)
comissários de bordo - flight attendants (masculine)
piloto - pilot
frutos do mar - seafood
trilha - track, trail
***Nós dizemos "fazer trilha" para "to hike."*

mergulhar - to dive
nadar - to swim
tartarugas marinhas - sea turtles
tubarões - sharks
livre - free
nem a pau - no way (expression)
simpática - friendly

impressionante - impressive
santuário - sanctuary
faculdade - college
morrendo de medo - scared to death
namorado - boyfriend
marido - husband
reunião - meeting
guias - guides
passar fome - to starve
brincando - playing
espinafre - spinach
brusco - abrupt
revistas - magazines
lotado - crowded

22 - Fernando de Noronha hoje em dia ✌

Alexia: Mais o Wilson Simonal que vão ser mais três...

Foster: Você está dando spoiler amor, a gente está no ar.

Alexia: Ai desculpa, eu não sabia, você não me avisa essas coisas.

Foster: Olá pessoal, seja bem vindo a mais um episódio do Carioca Connection. Alexia, como você está hoje?

Alexia: Estou **animada** porque a gente vai acabar de falar sobre Fernando de Noronha.

Foster: Então vamo lá.

Alexia: Bom, pra terminar eu queria falar um pouquinho sobre a ilha, literalmente hoje em dia. Na época do Instagram como a gente tava falando.

Foster: É, tá. Então, voce quer...

Alexia: *Instagram era.*

Foster: Onde você quer começar?

Alexia: Bom, eu queria falar sobre duas **dicas** na verdade. Eu fiquei procurando as melhores épocas pra se visitar a ilha, né, e aí difere. Por exemplo, você pode tanto mergulhar né, fazer o **passeio** de mergulho ou de surfar, ou normal né? Tipo assim, não quero nem um nem outro, eu quero ficar na trilha, quero aproveitar a **piscina** do meu hotel e etc.

Foster: Tá, então na sua cabeça normal seria mais tipo, de **férias**, de **luxo** né.

Alexia: É. Exatamente.

Foster: Então, você tem a opção de surfar.

Alexia: Que a melhor época é janeiro. Surf é janeiro.

Foster: Uhun. E também **mergulhar**, brincar com os golfinhos ou ficar no hotel.

Alexia: Então, pra mergulhar é entre setembro e outubro, que é quando as algas não estão tão no lugar, tipo, não tão** **tão visíveis**, então o mar, a água fica clarinha.
***Assim como "tá" e "to," quando falamos rápido dizemos "tão" ao invés de "estão." O segundo "tão" significa "so, very."*

Foster: É, a imagem que você **sempre**... Sempre se vê né, sei lá, na capa das revistas de viagens, sempre é votada como a praia mais bonita do mundo.

Alexia: Sim.

Foster: Imagino que é durante essa época né?

Alexia: Eu imagino também. E aí, a época de **superlotação** do arquipélago, tem duas épocas, uma é julho, o mês de julho inteiro é superlotação.

Foster: Por quê?

Alexia: É **férias escolar** no Brasil e normalmente é quando todo mundo realmente tira férias assim, pra **viajar**.

Foster: Mas todos os meninos e meninas, as crianças do Brasil, eles tem **dinheiro** pra sair e ir pra Fernando de Noronha?

Alexia: Os pais né meu amor.

Foster: Tá, eu estava pensando "é muito caro né." Bom, é longe, você precisa pegar duas** aviões.
***"Avião" é um substantivo masculino, logo "dois aviões."*

Alexia: É esse meu ponto. Então, julho e de dezembro à fevereiro é quando o arquipélago está mais lotado. Hoje em dia com a facilidade de você comprar passagens e você pode dividir em 24 vezes, em 36 vezes, e tudo se pode fazer pela internet né, passagem de avião, **hospedagem**, você pode pagar isso tudo pela internet e normalmente pode se dividir, muito mais pessoas estão viajando.

Foster: É, e a gente poderia gravar um episódio inteiro sobre **parcelamentos** no Brasil porque realmente é uma cultura que, pelo

menos nos Estados Unidos, não temos essa cultura de parcelar tudo, mas no Brasil é uma coisa.

Alexia: É, é. A gente já falou sobre isso aqui em alguns momentos, porque claro que não é a **primeira** vez que a gente fala sobre parcelamento né?

Foster: Eu acho que não.

Alexia: Bom, e aí com esse alto índice de pessoas visitando a ilha, acontece que a administração da ilha precisa tomar certas atitudes, então existem algumas praias, algumas bacias, alguns lugares que só podem, sei lá, 50 pessoas por dia entrar. Lembra Ibitipoca, que só podiam 300 pessoas no parque inteiro por dia?

Foster: Uhun.

Alexia: É mais ou menos o que acontece...

Foster: Que foi uma loucura, você precisa acordar 6h da manhã

Alexia: Você não acreditava em mim

Foster: Não, e eu cheguei lá e tem** 5000 pessoas esperando** entrar**.** É uma loucura.

**Para concordar com a conjugação do verbo "chegar" no início da frase, o Foster deveria falar "e tinha" ou "e havia."*

***"esperando para entrar"*

Alexia: É, você não acreditou em mim, e aí quando você chegou lá e viu você falou "é verdade."

Foster: É, é uma **loucura**, mas também eu acho necessário, mas é né, é uma situação complicada, porque tem muitas pessoas querendo visitar o mesmo **lugar** ao mesmo tempo.

Alexia: É, e aí voltando a história a época do Instagram, a era do Instagram, as pessoas querem visitar as fotos que elam viram no Instagram, que elas viram no Google, que são normalmente os lugares mais instagramáveis, mais bonitos pra se postar.

Foster: Por favor, não fala isso amor.

Alexia: É verdade.

Foster: Insta...

Alexia: Instagramável.

Foster: Ai meu Deus.

Foster: Gente, a Alexia e eu vamos falar rapidamente, não no podcast, e a gente já volta tá?

Alexia: E aí acontece isso, não podem mergulhar mais do que sei lá, 20 pessoas por dia, não podem ir até a praia mais do que 50 pessoas por dia, então acaba uma complicação **imensa** em relação à isso. E principalmente em relação à infraestrutura da água da ilha. Com tanta gente em todos os hotéis, pousadas e Airbnb's e etc, normalmente falta água. Já teve uma época que faltou água por 10 dias seguidos.

Foster: Na ilha? Nossa Senhora, na ilha inteira?

Alexia: Exatamente.

Foster: Caraca, o que que eles fizeram?

Alexia: Amor, eu não sei que que eles fizeram, porque...

Foster: Mas todo mundo morreu?

Alexia: Não, mandavam vir de Pernambuco né, galões de água e etc.

Foster: É, todo mundo tá morrendo. Eu estava chegando a uma conclusão muito dramática.

Alexia: A pessoa se tacou no mar e saiu mergulhando com os tubarões. Não. Todo mundo ficou bem.

Foster: Que bom.

Alexia: É, então a minha dica na verdade é, visitem Fernando de Noronha agora que vocês já sabem a história e o por trás e tantas **mudanças** que esse arquipélago passou ao longo de tantos anos e é um lugar que eu sou muito curiosa pra visitar, eu nunca tive oportunidade.

Foster: É sério?

Alexia: É sério, porque é muito caro né, é uma viagem cara e infelizmente eu tinha a mentalidade do tipo, “ah se eu vou gastar, sei lá, R$2000 indo pra algum lugar no Brasil eu prefiro ir para o Chile, eu prefiro ir para o Uruguai, eu prefiro ir para a Argentina. Pra fora.”

Foster: É, é um jeito de pensar que muitos muitos brasileiros que eu conheço, eles pensam igual.

Alexia: É, é cultural, mas eu acho que agora **mais velha** eu percebo os **lugares maravilhosos** que o Brasil tem e as oportunidades que existem de visitar. E Fernando de Noronha é assim, topo da minha lista, eu super iria pra lá e passaria duas semanas.

Foster: É mesmo?

Alexia: Uhun.

Foster: Eu fiquei fascinada** com a história...

Alexia: Fascinado**.

Foster: Tá bom. Eu fiquei fascinado com a história, eu achei super super interessante, mas depois de falar sobre essa ilha por alguns dias, na verdade eu não tenho muita muita vontade de ir, só porque o Brasil tem tantos lugares, não parecidos, mas tipo, ilhas e praias com golfinhos que são... Tem menas** pessoas e são, é muito **mais barato**.
***Menos.*

Alexia: Sim, com certeza, mas não deixa de ser um lugar absurdamente interessante pra visitar.

Foster: Não, não. Eu somente estou dizendo que não seria no topo do meu lis...

Alexia: Da minha lista.

Foster: Não seria** no topo da minha lista.
***Como o Foster está falando de localização, no topo de sua lista, soaria um pouco mais natural dizer "não estaria no topo da minha lista."*

Alexia: Muito bem. Bom, então com isso acabamos a nossa série de Fernando de Noronha. O Foster já tá **exausto** de falar de sobre isso,

então na próxima vez nós vamos falar sobre um **assunto** completamente diferente.

Foster: É, mas não estou exausto porque não gostei da tema**, só porque eu estou sofrendo muito mentalmente hoje em dia, sofrendo com dor de cabeça.

Alexia: **Do tema.

Foster: Do tema.

Alexia: Isso.

Foster: Que que eu falei?

Alexia: Da tema.

Foster: Po, gente. Mas eu espero que eu sou** exemplo de até quando é o mais difícil pra você fala português. **Às vezes** você acorda e você não quer falar.
***”que eu seja...”*

Alexia: Nem inglês e nem português, nenhuma língua.

Foster: Não, hoje eu mal consigo falar inglês, eu estou aqui gravando podcast e eu mereço um **troféu**. Eu sei que a Alexia não vai me dar, então eu quero um golfinho pra brincar comigo, obrigado. Tchau.

Alexia: Tchau.

Vocabulário e expressões úteis

---

animada - excited
dicas - tips
passeio - tour
piscina - pool
férias - vacation
luxo - luxury
mergulhar - to dive
tão - so, very
sempre - always

superlotação - overcrowding
férias escolar - school holidays
viajar - to travel
dinheiro - money
hospedagem - accommodation
parcelamento - pay in installments
primeira - first
loucura - madness
lugar - place
imensa - immense
mudanças - changes
mais velha - older
lugares maravilhosos - wonderful places
mais barato - cheaper
exausto - exhausted
assunto - subject, matter
às vezes - sometimes
troféu - trophy

23 - Convidada especial: Christina Lorimer! {Parte I}

Alexia: Olá pessoal, bem vindo à mais um episódio do Carioca Connection. Hoje a gente vai conversar com a Christina Lorimer, ela é americana e que fala português **fluentemente**, então achei que seria uma ótima **convidada** pra **bater um papo** comigo sobre a vida dela, como é que ela começou com a essa vida de professora de inglês que ela faz hoje em dia. Enfim, espero que vocês gostem, eu não vou falar muito pra não dar muito *spoiler*. Então, *let's go with the episode*.

Alexia: Quem é você? Quem é Christina, né? Como é que você começou a aprender português, como é que o português entrou na sua vida, eu já assisti um pouco dos seus vídeos e sei que muito vem do seu **marido**, claro.

Christina: Não.

Alexia: Então... Não? Me conta!

Christina: É, na verdade, isso é muito engraçado, eu não fico **com raiva** de você porque eu gosto muito de você, mas eu, sim eu fico com raiva que quando as pessoas, tipo assim, "ah você fala português," eu "sim" e as pessoas, "ah é porque seu marido é brasileiro. Eu falo "não meu bem, é o seguinte, eu conheci o meu marido porque eu consegui falar em português." Então é tipo assim, **obviamente** desde, eu to

casada, a gente tá junto há uns 3 anos, casada para** dois anos. E melhora, e meu português fica melhorando né, cada vez mais, porque a nossa primeira língua, nossa língua nativa que todo casal... Eu tava explicando isso para** Foster, minha teoria sobre isso, mas todo casal também tem uma língua nativa deles, né?
**"casado por dois anos..."*
**"para o Foster..."*

Alexia: Sim.

Christina: E como a gente conheceu em português, o** nossa língua é português, né?
**"a nossa língua..."*

Alexia: E vocês se conheceram no Brasil ou aí?

Christina: A gente conheceu** no Brasil, mas o que aconteceu, eu já falava português quando eu conhecia** ele, e meu português fica melhor cada vez mais, mas eu não, por exemplo, eu não **aprendi** português para poder comunicar com ele, isso é um... Todo mundo pensa isso. Eu, tudo bem, né?
**Fica um pouco mais natural usar o verbo "conhecer" no reflexivo nesse caso, "a gente se conheceu..."*
**"quando eu conheci ele..."*

Alexia: Não, mas é a mesma coisa com o Foster, todo mundo acha que ele aprendeu português por causa de mim. E não! A gente se conheceu, ele já sabia português, então...

Christina: Então, é exatamente isso. E é muito **engraçado** porque eu falo “não gente, se eu não falasse português...”

Alexia: Jamais.

Christina: Porque né, porque ele não tava nem pensando sobre aprender português, ele não tava nem aí para o inglês, digo inglês né. Então eu jamais eu ia ter essa vida aqui né, jamais eu ia ter conhecido ele. Eu tinha que falar português para isso acontecer. Então, é muito, é muito** ironia quando as pessoas “ahh você fala português porque você... O seu marido é brasileiro” eu falo “ahhh dá todo o crédito para o outro né?”
**”é muito irônico...” ou “é muita ironia...”*

Alexia: Mas a mesma coisa acontece comigo também, não sei se acontece com ele. Viram pra mim e falam, “nossa você fala inglês super bem, é por causa do Foster?” Eu falei, “não!”

Alexia: Aqui ó. Não...

Christina: Eu quero começar assim.

Alexia: Não, eu já aprendi, eu faço inglês desde que eu tinha, sei lá, 5 anos de idade, sempre foi minha **segunda** língua, então assim, não foi por causa dele.

Christina: É

Alexia: Com ele **melhorou**, claro, óbvio.

Christina: Isso é o que eu falo, eu falo óbvio com ele melhorou bastante e mudou meu sotaque bastante, né? Porque onde eu realmente aprendi português, melhorei bastante, muito, era** no interior de São Paulo, então meu sotaque era muito **caipira**, era tipo muito puxado, entendeu? E aí, depois de conhecer ele, ou na verdade depois de conhecer ele eu passei um tempinho, voltei para** Estados Unidos, mas, quando voltei pra** Brasil e a gente morou juntos, eu morei em BH, então aí meu **sotaque**, minha **gíria**, ficou bem mais mineiro, né?
***Para concordar com o tempo verbal que "aprendi" está conjugado, é preciso usar "foi..."*
***"para os Estados Unidos..."*
***"para o Brasil..."*

Alexia: Sim.

Christina: Aí meu sotaque hoje em dia eu não sei, na verdade é uma mistura de tudo, sotaque é assim né, sotaque é uma coisa **doida**, que ninguém... Tem muita confusão sobre o que que é, mas sotaque muda, fica mudando, até na primeira língua muda, à vezes...

Alexia: Muito.

Christina: Você vai, você passa um tempo em outro país, ou outra região que tem uma variedade ou um dialeto, sotaques diferentes e ele muda, você percebe quando você começa a falar igual que as pessoas lá.

Alexia: É, por exemplo, meu sotaque é **carioca**, e muito carioca, é carioca da gema mesmo.

Christina: Você nasceu lá?

Alexia: Nasci lá, mas quando eu vou pra Minas, pro interior de Minas, que é em Poços de Caldas, onde minha família inteira **mora**, se eu passar um mês lá, eu já falo mais cantado, igual mineiro.

Christina: Exatamente. Oh, juro pra você, quando eu fui pro Rio, eu, a primeira vez eu fiquei um mês e tava só nesse ano, era 2012, que eu fui pra* Brasil num Fulbright né? E eu fui lá, eu fiz uma meia maratona, eu fui pra um congresso, eu fiquei um tempinho lá e eu começava a falar isso com "mais." E eu tipo, o que é isso?
**"para o Brasil..." ou mais informalmente "pro Brasil..."*

Alexia: Tá saindo.

Christina: É, saiu! E foi muito bonitinho, o sotaque vai mudando né?

Alexia: Vai, vai, mas não é uma coisa que as pessoas devem **se preocupar**. Eu sempre falo isso pros meus alunos, eu acho que você também fala.

Christina: Falo.

Alexia: Sotaque é a última coisa que você deve se preocupar. Fazer uma frase, formular uma frase é mais importante. O sotaque vem depois, não tem problema.

Christina: Não, é uma coisa que eu tento fazer muito, com meus alunos é, sem ser de uma maneira muito **chata**, tipo assim, se isso for possível, mas é definir os termos que a gente tá usando o tempo todo. Então pra você o que significa **falante nativo**? E ninguém sabe como definir isso. Quem é esse** pessoa, quem é esse ideal que tá na sua cabeça? O que significa sotaque? Como isso é diferente de pronúncia? *"essa pessoa..."

Alexia: Exatamente.

Christina: Rolou uma grande **discussão** no meu Instagram Stories alguns meses atrás sobre um post que alguém que fez, um brasileiro fez, eu não sei, eu acho que na época a gente nem sabia que um ou o outro existia né, mas tinha um brasileiro que postou alguma coisa sobre, com certeza você viu o post, porque viralizou, sobre como os americanos acham o sotaque brasileiro **fofinho** por causa desse som vocálico extra que às vezes coloca lá no finalzinho, esse "i" né?

Alexia: Uhun.

Christina: "Hotdogi," "iPadi."

Alexia: "Facebooki."

Christina: "Facebooki," tudo isso. E ele falou que por causa disso os americanos acham o sotaque brasileiro muito fofo, então agora, ele escreveu, agora que ele vai puxar mais e pisar mais nessa coisa. E eu tipo, tipo *faceplant* né? E eu "não gente, não, porque isso não é erro de pronúncia, pode impedir que as pessoas te entendam, a compreensão e tal." E tinha pessoas falando que isso era **preconceito** linguístico, porque eu tava falando para não fazer isso eu falei, "gente, a gente tem que entender a diferença entre sotaque e pronúncia." Essa** é um erro de **pronúncia**, porque vai impedir a **compreensão**, a pessoa não vai te entender.
***"Esse é um erro..."*

Alexia: Sim, exatamente.

Christina: E o único objetivo que você tem com aprender o inglês é comunicar para que a pessoa te entenda, entendeu? Esse é o seu único objetivo. Eu não to falando sobre sotaque, mas puxar um erro não é uma **variedade** de um idioma, né? Esse aqui, no final das contas, é um erro de pronúncia e esse** que a gente tem que focar, mas sotaque, todo mundo tem um sotaque, né? É muito doido!
***"e é nisso que a gente tem que focar..." porque você "foca em" alguma coisa.*

Alexia: É, o que na verdade, o que eu sempre falo pro Foster, por exemplo, se eu tiver no Brasil e falar pra minha amiga, "Marina, entra aí no seu Facebook pra eu ver o seu Instagram." Não, isso não rola, porque é uma forma que a gente abrasileirou também as palavras, então...

Christina: Sim.

Alexia: Entre brasileiros falar Facebook, Instagram, Linkedin.

Christina: Eu faço a mesma coisa nos meus vídeos.

Alexia: Tudo certo.

Christina: Ou quando eu to falando sobre o Facebook eu vou falar assim.

Alexia: É.

Christina: Porque é minha responsabilidade isso que rolou lá nessa discussão também. Na verdade isso era outra discussão sobre *code-switching*. Nossa, eu amo Instagram Stories, é uma comunidade muito pequena, mas a gente tem discussões muito legais, sabe?
Então **rolou** uma grande discussão também sobre *code-switching*. Eu falei assim, eu não uso *code-switching*, que é trocar entre inglês e português nesse caso, com pessoas que não entendem inglês, isso não faz sentido, porque isso sou eu sendo muito **arrogante** e não lendo a minha audiência né? Eu tenho que saber quem que é meu público, com que eu to falando, então não vou falar com minha mãe, eu vou inserir palavras em português, **tadinha**, ela não entende nada, né? E daí fica muito estressado**, minha avó, magina, né?
Mas aí com uma amiga que é brasileira aqui também a gente é 50%, 50 português, 50 inglês, qualquer palavra que chega primeiro para minha mente que eu, que mais **encaixa** na situação.
***"fica muito estressante..."*

Alexia: É.

Christina: E mais se expressa a emoção que eu to sentindo, mas eu não posso fazer isso com todo mundo, então se eu to falando com brasileiros e os brasileiros não entendem inglês, eu não vou simplesmente começar a falar um monte de coisa em inglês, né?

Alexia: É.

Christina: É no sentido geral.

Alexia: Sim.

Christina: Numa **galera**, eu to lá conversando com pessoas. E isso também aplica para esse aí, eu não vou ficar lá insistindo, forçando a barra, falar “Facebook,” não é “Facebook,” não gente, eu vou falar “ah, você viu essa coisa lá no Face?”

Alexia: É, é isso. Pronto e acabou. Eu acho que existe muito uma **barreira**, né, das pessoas em relação à isso, principalmente quem tá aprendendo português. É difícil você realmente pensar e falar “Facebooki, Instagram, Linkedin.” “Linkedin” pra mim é o **pior** falar em inglês e é o pior mudar isso em português.

Christina: Ah é dificil.

Alexia: Muito difícil pra mim.

Christina: Eu entendo. É “Linkedin,” é bem diferente.

Alexia: Muito muito.

Christina: Linkedin. Porque tem muita **consoante** né? Tem um *consonant cluster* aí que é “Linkedin.”

Alexia: Pois é.

Christina: “Linkedin.”

Alexia: Muito difícil.

Christina: Esse é dificil. É.

Alexia: Mas o Christina, você aprendeu espanhol antes do português, né?

Christina: Aprendi.

Alexia: Te ajudou?

Christina: Espanhol é a minha segunda língua e português é a minha terceira língua. Eu aprendi, comecei a aprender espanhol, tipo assim, e nessa coisa comum aqui nos Estados Unidos, de *high school.* Também eu trabalhei, eu trabalhei dez anos no *service industry,* né, em restaurantes como bartender ou garçom e tal, então eu tava sempre,

sempre com muito espanhol. E eu cresci, e eu sou de** California, entendeu? Então é tipo...
**"eu sou da Califórnia..."*

Alexia: Sim.

Christina: É Mexico.

Alexia: Com certeza.

Christina: Pronto, acabou. É, isso aí é outra discussão política, mas deve ser de** México ainda, mas enfim. Aí também eu fiz minha formação em espanhol, eu morei por um ano em** Espanha, depois que eu me formei, eu fui pra Costa Rica, eu morei um ano e meio em** Costa Rica, minha irmã morou em** Equador, eu fui lá visitei ela, Equador, Peru por dois meses, então. Aí eu voltei pra Califórnia e por 4 anos, quando eu tava fazendo meu mestrado, eu trabalhei em **ONGs** lá em São Francisco que eram totalmente *Spanish speaking*, ou seja, eu entrei na porta e eu falei espanhol o dia todo. Eu fiz minhas reuniões de pessoal, meu *staff meetings* em espanhol, conversava com todos meus colegas em espanhol, então eu tava muito, mas muito fluente em espanhol. Era uma coisa muito doida, tipo assim, eu nunca na minha vida, eu achei que não ia ser fluente. **Ó** como a vida dá voltas né? Vira voltas.
**"do Mexico..."*
**"na Espanha..."*
**"na Costa Rica..."*
**"no Equador..."*

Christina: Aí o que aconteceu. Eu fui pela primeira vez para** Brasil em 2010 e isso era turismo. Eu fui pra Salvador da Bahia e realmente era porque eu tava precisando sair do país, é uma história que eu conto num outro episódio né, que eu contei para o Foster, mas tava precisando viajar, eu já tinha me apaixonado.
*** "para o Brasil..."*

Alexia: Espairecer, tava precisando relaxar.

Christina: É, relaxar é *understatement,* né? Se não, eu não ia terminar o meu mestrado, eu tava com muito *burnout*. E minha mãe falou pra mim, "não, você tá precisando viajar, vai lá." Eu tinha **economizado** muito dinheiro porque tava só estudando e tinha 3 empregos, né? Eu tava **ralando**, mas eu não tava gastando nada de dinheiro, então fui lá pra Salvador da Bahia. Eu fui lá para** dois meses e isso foi a minha primeira experiência com a cultura brasileira e o povo brasileiro. Aí comecei a soltar um pouquinho de português, mas eu tava nessa época, que eu tava trabalhando nas ONGs, tava** muito espanhol, então. E eu fiz também, eu expliquei nesse episódio com o Foster, nessa viagem eu fiz um *sandwich* né, eu fui pra Costa Rica, depois Brasil, depois Costa Rica, aí eu voltei. Então eu tava falando em espanhol, com minha comunidade, minha família, com essa essência aí né, e aí eu fui pra* Brasil eu acho que tipo assim, tava saindo só espanhol, mas muitas vezes foi muito difícil para eu aprender.
Eu falava alguma coisa e eu tinha que perguntar às pessoas, tipo, "isso era espanhol ou português?" Que era muito parecido e eu não sabia. Aí quando eu voltei pra Costa Rica, eu tava já falando espanhol com um sotaque puxando o português, e as pessoas "o que aconteceu com você?"

*”por dois meses...”
*”era muito espanho...”
*”para o Brasil...”

Alexia: Portunhol.

Christina: Acharam, eles acharam, tipo, que eu tinha um *stroke*, sabe? Que tipo, “que que você tá falando, que isso? Tá soando muito doido seu português, seu espanhol” e eu “ah!” mas enfim. Eu voltei para os Estados Unidos e não pensei muito em espanhol, em português mais, porque eu tinha que terminar o meu mestrado, voltar para minha vida normal de inglês e espanhol. **Terminei** o meu mestrado e continuei trabalhando em ONG, mas alguma coisa aconteceu lá com esse trabalho e na área, na verdade, no que eu tava trabalhando, que era dando aula de inglês, mas era uma coisa muito puxada por** justiça social, eu tava trabalhando numa ONG com imigrantes refugiados, latinos, que sofreram de violência doméstica, então foi uma coisa que demandava muito de mim, muito, puxava muita energia emocional, e eu já não tava conseguindo mais. Aí eu solicitei um Fulbright. Aí eu ganhei a Fulbright, aí eu fui pra** Brasil. Aí que realmente começava, e o meu ponto, como realmente quando eu comecei a aprender português e falar em português e **entender** a cultura brasileira, porque por mais que eu tava em Salvador da Bahia, isso, eu achei que todo o Brasil foi** desse jeito...
*”puxada para justiça social...”
*”para o Brasil...”
*”que todo o Brasil era...”

Alexia: Não!

Christina: Hoje que.. Aí eles me colocavam** no interior de São Paulo, né
***"eles me colocaram..."*

Alexia: Muito diferente.

Christina: São José do Rio Preto

Alexia: É muito diferente.

Christina: Muito diferente, então que aí que eu realmente... Isso era em 2012. Que aí que eu realmente que eu falo que comecei a aprender espanhol e entender tudo né? Esse é tipo, o começo da minha vida brasileira. E o espanhol sim, me ajudou, é o que eu sempre falo para todo mundo, é o seguinte, no começo o espanhol ajuda bastante, e depois ele **atrapalha** tudo. Porque me ajudou, eu não sei de que maneira, me ajudou simplesmente porque eu já tinha aprendido uma língua, então eu já me conhecia como aprendiz né, de línguas, já entendi o que que eu precisava fazer para aprender mais, eu fazia um monte de erros, eu cometia um monte de erro, né? Quando eu aprendi espanhol, muita coisa lá em** Espanha e eu tava** muito jovem também.
***"muita coisa lá na Espanha..."*
***"eu era muito jovem..."*

Alexia: Uhun.

Christina: Né, eu tinha uns 19 anos, eu tava tipo caindo em depressão lá na Espanha porque não conseguia me comunicar, eu não me preparava** para ir para a Espanha tipo assim, eu dei um jeito, eu tinha um **jeitinho brasileiro** antes que eu sabia** que que era isso né, eu **dei um jeito** para não ter que tomar um requisito de uma aula que você tem que tomar antes de fazer esse *study abroad.*
*** "eu não me preparei..."*
*** "antes de saber o que era isso né..."*

Alexia: Ou seja você **burlou** o sistema pra conseguir.

Christina: Então, aí eu fui lá, mas foi um erro total né, porque eu cheguei lá sem nada de espanhol, sem poder comunicar com ninguém, e eu sou uma pessoa comunicativa, né? Vamos combinar isso, então cheguei lá e eu não conseguia fazer amizade, não conseguia nada, e foi muito difícil aprender espanhol. Foi um luto** para mim, eu posso te dizer, foi muito, muito difícil, até que foi que a coisa que eu acho que foi a melhor coisa que eu já fiz na minha vida, sem dúvidas né, porque ele me direcionou para um monte de coisa, eu sou uma pessoa diferente, eu acho que daquela época, sobretudo, porque foi o final da minha adolescência né.
*** "uma ***luta*** pra mim..."*

Alexia: Sim, tem todo uma mudança de mentalidade, de maturidade de tudo.

Christina: Tudo diferente, eu acho que meu **cérebro** mudou, né?

Alexia: Sim.

Christina: Depois que eu fiquei bilíngue, meu cérebro mudo de verdade, e abriu vários mundos para mim. Então foi a melhor coisa que eu fiz, e de fato, quando eu fui para a Espanha, eu não fui** um *major*, eu não tava fazendo, estudando espanhol, eu fui lá como... Com um *major* na** arte, eu tava estudando pintar e desenhar.
*** "eu não fiz..."*
*** "em arte..."*

Alexia: Ummm.

Christina: E eu fui lá e eu tomei tantas disciplinas da língua espanhola, e da literatura espanhola e linguística aplicada e cultura e sei lá, que quando eu voltei para minha faculdade em** Califórnia, eu já tinha terminado o *major* todo em um ano.
*** "na Califórnia..."*

Alexia: Incrível.

Christina: De tantas coisas que eu tomei. Porque** tanto interesse que eu tinha em realmente entender essa língua, porque foi a coisa mais difícil que eu já fiz. Eu não tava uma pessoa acadêmica, não tava, eu não era, não era pessoa acadêmica, entendeu? Eu não lia, eu não escrevia, eu, durante a minha vida toda, eu era *performing arts*, eu dançava, eu pintava, eu fazia teatro musical, mas como isso foi muito difícil para mim, eu realmente, em inglês a gente fala *ranker down* né, *hit the books, I hit the books* pela primeira vez, que realmente eu falei "opa, eu tenho que estudar pra fazer alguma coisa bem."
*** "por causa de tanto interesse..."*

Alexia: E esse foi o primeiro episódio com a Christina Lorimer, eu espero que vocês tenham gostado. No próximo episódio nós vamos ter ela de novo, pra continuar essa conversa. Então, até o próximo.

Vocabulário e expressões úteis

---

fluentemente - fluently
convidada - guest
bater um papo - to chat
marido - husband
com raiva - angry
obviamente - obviously
aprendi - I learned
engraçado - funny
segunda - second
engraçado - funny
caipira - similar to “redneck”
sotaque - accent
gíria - slang
doida - crazy
carioca - from Rio
***Muitas coisas podem ser carioca. Uma pessoa que veio do Rio de Janeiro é carioca, o sotaque do Rio de Janeiro é carioca...*

mora - lives
se preocupar - to worry
chata - boring
falante nativo - native speaker
discussão - discussion
fofinho - cute
preconceito - prejudice
pronúncia - pronunciation
compreensão - understanding
variedade - variety
rolou - it happened
***A tradução exata do verbo "rolar" é "to roll," mas também o usamos para indicar acontecimento.*
Por exemplo:
Está rolando uma festa muito legal na casa do Foster → There is a cool party going on at Foster's house.
Ontem rolou uma discussão na rua → Yesterday there was a discussion on the street.

arrogante - arrogant
tadinha - poor thing
***"Tadinha" é a versão mais curta de "coitadinha."*

encaixa - fit
galera - crowd, guys
barreira - barrier
pior - worse

consoante - consonant
ONGs - NGOs
***ONGs → Organizações não governamentais*
NGOs → Non-governmental organizations

ó - look
***"ó" é a versão mais curta de "olha" e é muito utilizada quando alguém está mostrando algo. Só utilizamos em conversações, dificilmente utilizamos na escrita.*
Por exemplo:
Ó meu celular novo → Look at my new phone.

espairecer - to unwind
economizado (economizar) - to save
ralando - working hard (expression)
***A tradução exata do verbo "ralar" é "to grate," mas também o usamos como "working hard on something".*
Eu estou ralando na faculdade → I'm studying hard at university
Eu tive que ralar pra comprar esse carro → I had to work hard to buy this car

portunhol - Portuguese and Spanish
***Como português é muito parecido com espanhol, às vezes tentamos falar o espanhol e acabamos falando "portunhol," uma mistura das duas línguas.*

terminei - I finished
entender - to understand

atrapalha - disturbs
jeitinho brasileiro - brazilian way
***Diz respeito a maneira que o povo brasileiro improvisa soluções para situações problemáticas e normalmente não segue procedimentos*

dei um jeito - I managed (expression)
burlou - to violate a law, to cheat
luta - fight
cérebro - brain

24 - Convidada especial: Christina Lorimer! {Parte II}

Alexia: Olá pessoal, bem vindo à mais um episódio do Carioca Connection. Hoje a gente vai conversar com a Christina Lorimer, ela é americana e que fala português fluentemente, então achei que seria uma ótima convidada pra bater um papo comigo sobre a vida dela, como é que ela começou com a essa vida de professora de inglês que ela faz hoje em dia. Enfim, espero que vocês gostem, eu não vou falar muito pra não dar muito *spoiler*. Então, *let's go with the episode*.

Alexia: É, na verdade eu acho que aprender o espanhol pra você abriu as portas pro **resto do mundo**, literalmente. Porque depois disso você não parou de **viajar**, e aí teve a oportunidade de ir pro Brasil, e aprender uma terceira língua que tudo bem, é parecida com o espanhol? É, mas ao mesmo tempo é completamente diferente.

Christina: Então vamos pro** parte que é mais difícil né? Ele, o espanhol ajudou em termos linguísticos sobre, tipo assim, porque também quando você aprende outra língua que você deve saber muito bem, você começa a refletir sobre sua própria língua.
**"*pra parte...*"

Alexia: É.

Christina: Então muita coisa que você às vezes aprendeu, mas provavelmente não sobre a sua primeira língua, sua língua nativa, aí de repente você precisa saber dessas informações para aplicar elas para esse novo idioma. Então essa parte eu já tinha feito entendeu? Aí espanhol também tem gênero, que é o** parte mais difícil para mim, sobre espanhol, sobre o português, mas pelo menos eu sabia que existia.
**é a parte mais difícil...”*

Alexia: Exatamente, é isso que eu falo sempre pros meus alunos. O espanhol vai te dar, pra quem aprendeu né antes, vai te dar uma base porque é muito parecido com o português nesse sentido, principalmente nos gêneros. A gente aprende a entender que tem gênero, pra quem é falante nativo de inglês, mas o resto...

Christina: É, mas e Alexia, essa coisa de gênero, ele** mexeu com a minha **cabeça** de um jeito que você não tem ideia. Foi uma coisa filosófica, eu entrei numa **piração**, tipo assim, “como uma cadeira é feminina?” Aí eu começava... Porque eu tava trabalhando muito com justiça social na época, eu começava a ficar puto** com qualquer coisa que era masculino. É tipo assim, “mas porque açaí é masculino? Tipo, coração, é, coração é muito feminina.” Tipo, porque tem que ser machista essa língua, né enfim.
Foi muito doido, mas entendi isso, entendi coisa de subjuntivo, entendi coisas de várias conjugações de verbos, então claro, o espanhol ajudou pra caramba e muitas das palavras são cognatos né? Não *false friends*, mas algumas das palavras realmente ajuda você a entender. Agora, o** parte que é muito difícil é o seguinte, por espanhol ser uma língua tão parecida com a língua portuguesa, confunde muito a gente, porque a

nossa cabeça fica não entendendo realmente como trocar muito facilmente de um idioma para o outro, porque as palavras são muito parecidas. Ou seja você tem "*entonces"* e você tem "então," então uma coisa que eu comecei a fazer, eu percebi, com meu espanhol, eu começava a pronunciar "*entonces*" mas com entonação e acento de "então."
Então começava a falar "*entonces.*"
**"essa coisa de gênero, ela mexeu com..."*
"começava a ficar **puta..."*
**"Agora, a parte..."*

Alexia: É uma confusão, é uma **confusão**. Eu lembro que a minha mãe, a minha mãe era muito engraçado né, enfim, ela aprendeu, a primeira língua dela era francês.

Christina: Hmm.

Alexia: Então ela já desde pequenininha falava francês e português. Aí, começou a aprender inglês. O inglês era bem diferente do francês e do português, então tudo bem. Aí ela foi aprender espanhol e italiano, ela não conseguia falar nada.
Quando ela viajava pra Argentina, pra algum lugar assim, era tudo em italiano, com mistura de espanhol, com **mistura** de português, porque faz muita confusão mesmo no **cérebro**, principalmente...

Christina: Faz muito.

Alexia: Por exemplo, no seu caso, você fala português todos os dias, ok, você já consegue fazer diferença, mas no caso dela...

Christina: Mas eu não fala espanhol mais.

Alexia: No caso dela, quando ela ia visitar os países, aí que ela acessava a língua e aí que ela começava a falar, então era uma confusão.

Christina: Imagino. Imagino. Mas é essa coisa de práctica** é muito real né? Quando uma nova língua, com as nossas, nossos idiomas né? Com quem que a gente convive, mas tipo, faz muito tempo já, quase 5 anos, que eu não falo diariamente espanhol, que eu não falo às vezes nem um pouco espanhol, porque, que foi até uma coisa que me surpreendeu bastante, mas quando mudei para** Brasil, no começo eu tava com uma galera mais internacional.
**"coisa de prática..."*
**"mudei para o Brasil..."*

Alexia: Uhun.

Christina: Porque eu, sabe, eu fiz parte de um grupo de pessoas internacionais lá na faculdade para poder ter amigos, ter amizades, aí tinha muito peruano. Então tinha uns** 4 ou 5 pessoas que tava** todo tipo, doutorado em matemática, foi muito interessante que é tipo assim, eu comecei a sair com 5 homens peruanos que eram matemáticos né? Eu falei "gente que que é minha vida aqui?"
**"tinha umas 4 ou 5 pessoas que estavam..."*

Alexia: É o seu oposto, né? Totalmente ligada a arte, dança, humanas...

Christina: Totalmente, totalmente, mas foi muito engraçado, eu adorei eles e me acolheram e foi muito legal, mas aí **eles se foram** né? Entendeu, e eu também, eu começava a falar português eu tinha minhas** próprios amigos brasileiros. Então até no Brasil espanhol não tem uma presença muito forte, que não foi uma coisa que eu esperava, entendeu? Mas não, você não vai ouvir muito espanhol, você não vai, não tem tantas pessoas estudando espanhol, e tem poucos latinos de outros países .
**"meus próprios amigos..."*

Alexia: Sim.

Christina: Na América do Sul.

Alexia: Sim.

Christina: Então, eu tava esperando até poder utilizar e praticar o meu espanhol mais quando eu morava no Brasil e não foi o fato, aí meu espanhol se for perdendo. Aí eu voltei para** Estados Unidos e quando voltei dos Estados Unidos depois dessa experiência de Fulbright, eu tava dando aula de inglês na universidade pública em San Diego. Eu tava trabalhando com muito aluno internacional mas eu... Por mais que seja doido né, era San Diego, meia hora de** México, mas meu contexto, eu tava usando espanhol menos, não tava trabalhando em ONG né, não tava trabalhando com imigrantes, mas eu tava trabalhando com alunos universitários né, internacionais de** Arábia Saudita, da China... Que idioma eu to falando?
**"para os Estados Unidos..."*

**”meia hora do México...”*
**”da Arábia Saudita...”*

Alexia: China.

Christina: China. China e Japão e França, então eu não usava, não praticava meu espanhol, então foi assim, foi anos. Aí depois eu voltei pra Brasil de novo. Então, hoje em dia se você coloca tipo um cubano na minha frente e um brasileiro, eu não consigo ir de um para o outro, tenho que realmente tipo **fechar meus olhos**, concentrar muito para poder falar em espanhol hoje em dia, que é uma coisa que eu nunca na minha vida achei que ia acontecer.

Alexia: Mas isso aconteceu com o Foster também. Ano passado a gente foi pro Chile e ele, depois de muito tempo de não ter contato com a língua espanhola, porque ele teve praticamente a mesma experiência que você que espanha, né?

Christina: Sim.

Alexia: E aí quando ele foi pro Chile e o espanhol chileno é completamente diferente do espanhol da Espanha.

Christina: É muito rápido né? Você come muito as palavras né?

Alexia: É uma **loucura**, uma loucura. Ele ficou assim “eu não sei mais espanhol” e ficou muito depressivo em relação a isso.

Christina: É.

Alexia: Porque te dá um problema.

Christina: Porque é a nossa identidade, entendeu? Tipo assim, é uma das coisas que eu mais amo sobre aprender e ensinar línguas é toda o** parte mais comportamental e emocional e porque realmente tipo, eu sinto muita falta de espanhol, que é uma coisa que fazia muita parte da minha identidade por muito tempo. Eu tenho uma **ligação** muito forte com esse, essa língua. Então quando penso em espanhol, é como se fosse tipo assim, o meu melhor amigo da vida que eu já não tenho mais contato, tipo, às vezes amante, tipo assim...
**"é toda a parte mais..."*

Alexia: Que não tem Whatsapp, que não tem Instagram, que não tem nada...

Christina: A gente não tem comunicação mais. Eu sinto muita falta desse idioma, eu sinto muita falta porque aí tem a Christina, é uma coisa engraçada né, tem a Christina que fala inglês, tem a Christina...

Alexia: As personalidades.

Christina: Espanhola, a Christina que fala Espanhol e tem a Christina mais brasileira. E essa é outra Christina também, eu sinto muita falta dela também.

Alexia: Claro, claro. Óbvio, agora quando que você se tocou, por exemplo, você já tava no Brasil acho que pela segunda vez, né? Você já tinha um conhecimento maior da língua, quando que você se tocou

que você conseguia se virar muito bem na língua? Que as pessoas podiam te compreender perfeitamente e que você falou “okay, estou falando português finalmente,” sabe? Não preciso de ninguém me **ajudando** ou me esforçar.”

Christina: É, isso definitivamente isso não aconteceu na primeira vez que eu fui, que era Salvador da Bahia para** 2 meses, isso quando eu fui pra Fulbright eu entrei também num ritmo que eu tinha que ser muito firme com as pessoas, porque eu tava fazendo pesquisa, assim, eu tava fazendo várias coisas na bolsa Fulbright né? Tava ajudando os professores do Departamento de Letras dentro da sala de aula, eu tava dando minha própria aula de extensão para alunos de pós (graduação) que era Inglês Para Fins Acadêmicos, eu tava dando **palestras** de cultura americana, eu tava fazendo treinamento de Toefl e eu tinha minha** próprio projeto de pesquisa que era o que eu realmente tava lá pra fazer.
*** ”por 2 meses...”*
*** ”meu próprio projeto”*

Alexia: Uhun.

Christina: Que era Capacitação de Professores de Inglês na Rede Pública. Em quase todas essas situações eu tava falando inglês, então o que aconteceu? No começo eu tava ficando muito frustrada porque eu percebi que é uma coisa, tipo assim, a gente como americanos, quando a gente viaja a gente tem um monte de privilégio que a gente precisa reconhecer.

Alexia: Uhun, sim.

Christina: Mas tem uma coisa que é muito chato**, tem uma coisa que é muito chato** que faz parte da** pacote né, *it's part of the package*, faz parte né, mas que é muito chato para nós porque todo mundo quer falar inglês. Então...
**"que é muito chata..."*
**"é muito chata..."*
**"do pacote..."*

Alexia: Sim.

Christina: Onde você for, independente do país, independente de qualquer coisa, você vai chegar e você tem que entender as pessoas querem ser amigos comigo** porque gosta de mim, porque quer realmente ser amigo ou porque quer **treinar** o inglês?
**"querem ser meus amigos..."*

Alexia: Mas é verdade.

Christina: Quer praticar o inglês comigo? Então eu tinha vários episódios, várias situações. Quando eu cheguei pra** Brasil essa segunda vez, quando eu fui lá para, no interior de São Paulo, onde as pessoas começava** querer sair comigo, me mostrar a cidade ou me convidar para lugares somente para praticar.
**"cheguei no Brasil..."*

Alexia: Treinar o inglês.

Christina: Para treinar o inglês, que é uma coisa que é muito chata, não somente porque ué, né, que chato, mas também porque eu tava tentando aprender português. Então eu tinha uma situação particular que me impactou bastante que era uma colega minha que ela, a gente trabalhava dentro do mesmo escritório e todo dia eu combinei com ela, a gente tinha um combinado, chegou para** eu acho que o segundo mês que eu tava lá eu tinha que fazer um combinado com as pessoas e falar "é o seguinte, durante o dia a gente pode falar em inglês, mas o segundo que eu saio do campus, da faculdade, ninguém vai falar inglês mais comigo não, é só português tá gente? Tá? Todo mundo, combina? **concorda**?" Até com o meu *host professor*, e a família dela e as filhas dela, porque de repente eu também eu era professora de inglês das filhas dela só porque ela era meu... né? Eu falei não, então, mas com uma que era amiga na época, com uma colega a gente saiu e ela puxava, a gente saiu e ela continuava, a gente saiu, ela continuava, e tem uma situação, não sei se você já passou por isso, mas eu já passei várias vezes por essa situação que é muito desconfortável, que você tá falando com alguém em uma língua e a pessoa te responde em outra.
**"chegou, eu acho que no segundo mês"*

Alexia: Na outra, é. É.

Christina: Então, a gente foi, a gente foi pra** jantar e ela começava a falar comigo em inglês, e tentando ser mais sutil e não **grosseira** eu simplesmente respondia em português, para tentar fazê-la lembrar que a gente tinha esse combinado. E ela insistia, ela falava comigo em inglês, eu falava com ela em português, esse *tug of war* né, de línguas.
**"a gente foi jantar..."*

Alexia: É uma guerra fria, totalmente.

Christina: Nossa, e foi assim Alexia, até que eu, eu meio perdi minha paciência.

Alexia: Claro.

Christina: Eu falei “oh, é o seguinte, eu to aqui eu to tentando aprender português, porra, tipo assim, me ajuda aqui ué, eu to te ajudando o dia todo, to ajudando todos os alunos das faculdades da UNESP, to ajudando a comunidade, to ajudando os professores de inglês, to ensinando inglês para essa cidade de 500 mil pessoas o dia todo, alguém pode falar português comigo. Eu não to nem tentando pedir tutorial, só quero que você converse comigo um pouquinho em português.” Sabe? E aí nossa a **amizade** acabou.

Alexia: Claro, mas é óbvio porque ela tinha um interesse, você tinha outro, não tinha como, ainda mais depois de você ter feito o combinado, né galera?

Christina: Mas tava abusando né? Tem pessoas que também abusam desse, dessa troca de experiência e troca de cultura...

Alexia: É, eu nunca passei por isso porque realmente, por exemplo, com os meus alunos, só em português, eles não tão ali pra ficar fazendo, treinar nada comigo nem eu com eles, é só português mesmo. O Foster, quando ele vai visitar o Rio ou o Brasil e encontra as pessoas, tem alguns amigos meus que ficam querendo falar em inglês com ele até pra ver “e aí, eu consigo me virar ou não?”

Christina: Sim .

Alexia: E aí às vezes ele se incomoda, mas **maioria** das vezes ele fala assim “aqui galera, vamos aqui voltar pro português, porque eu to muito ruim” e vamos embora sabe?

Christina: Não mas tem jeitos também, tipo não me importa nem um pouco e tudo tem a ver com ler a situação.

Alexia: Sim.

Christina: E ler o contexto, e que às vezes pessoas faltam muito de** sensibilidade e às vezes não é culpa deles nada, é que as pessoas não tem prática em conviver com pessoas que fala** vários idiomas ou que são de países diferentes. Você deve entender isso muito bem, porque aqui nos Estados Unidos isso acontece muito né?
***pessoas faltam muito com sensibilidade...” ou “pessoas tem falta de sensibilidade...”*

Alexia: Muito.

Christina: Em várias cidades sim, mas na maior parte do país a gente não, não é, a gente não é um país nem uma cultura que valoriza *multiculturalism*, nem *multilingualism*, então tem menos pessoas que viajam pra fora, que tem menos pessoas que tem experiência multiculturais, multilíngues. Aí você vai encontrar com pessoas que às vezes não é que a pessoa tá querendo ser rude, nem grosseira, nem impaciente...

Alexia: Não.

Christina: É que simplesmente essa pessoa não entende e não tem a prática de conversar ou de conviver com pessoas de outras partes do mundo.

Alexia: Sim.

Christina: Não é que tá ok, né, não to justificando esse **comportamento** de algumas pessoas daqui.

Alexia: Não, mas a gente entende melhor né.

Christina: Sim.

Alexia: A gente tem um pouco mais de paciência.

Christina: É.

Alexia: Né, nesse caso, então.

Vocabulário e expressões úteis

---

resto do mundo - rest of the world
viajar - to travel
cabeça - head
piração - a proposition, suggestion or theory considered absurd or rather unlikely
puta - mad, pissed
***A palavra "puta" significa "whore" mas às vezes usamos de forma informal para indicar que estamos bravos com alguma coisa.*
Por exemplo:
Eu to puto com o meu chefe → I'm mad at my boss

confusão - confusion
mistura - mixture
cérebro - brain
eles se foram - they are gone
fechar meus olhos - close my eyes
loucura - madness
ligação - connection
ajudando - helping
fins - purposes
palestras - lectures
treinar - to practice
concorda - agrees
grosseira - rough, rude
amizade - friendship
maioria - majority
comportamento - behavior

25 - Convidada especial: Christina Lorimer! {Parte III}

Alexia: Olá pessoal, bem vindo à mais um episódio do Carioca Connection. Hoje a gente vai conversar com a Christina Lorimer, ela é americana e que fala português fluentemente, então achei que seria uma ótima convidada pra bater um papo comigo sobre a vida dela, como é que ela começou com a essa vida de professora de inglês que ela faz hoje em dia. Enfim, espero que vocês gostem, eu não vou falar muito pra não dar muito *spoiler*. Então, *let's go with the episode*.

Alexia: Agora, um assunto que eu acho que interessa nós duas muito, a dança. A dança, eu vi um vídeo seu, eu não sei com quem agora, eu esqueci, mas enfim, que você falou que a dança te ajudou muito no **processo de aprendizado** de língua.

Christina: Hmmm.

Alexia: No meu caso, ajudou no seguinte, por exemplo, eu dancei Balé desde 2 anos de idade, parei já há um tempo porque não dá pra fazer tudo nessa vida né, não tem como.

Christina: Não dá.

Alexia: Infelizmente, mas a dança ela me ajudou no sentido de fazer um **roteiro** né, porque você tinha que fazer coreografia pra se apresentar.

Christina: Sim.

Alexia: E então você entrega o produto final pras pessoas na apresentação. Comigo eu sempre faço um roteiro quando eu tenho uma experiência nova, em inglês.

Christina: Claro.

Alexia: Então, isso me ajudou muito muito muito principalmente quando eu fui **conhecer** os pais do Foster pela primeira vez.

Christina: É.

Alexia: Quando eu tenho que conhecer algum amigo dele que é muito importante pra ele, então sempre falo assim, "como é que eu me vejo nessa situação?"

Christina: É, a coreografia principalmente né, que eu trabalhei com coreografia desde 12 anos de idade até que basicamente que terminei o *highschool*, porque eu tava fazendo coreografia para teatro musical e também para os diferentes **coros** lá no nosso *highschool* porque minha mãe era direto do coral. Enfim, a coisa com coreografia é o seguinte, eu não anotava coisas da coreografia, eu não era uma dessas pessoas que... Às vezes eu desenhava bastante coisas né, as formações e tal dos grupos, mas eu não anotava passos, nada assim, tava tudo dentro da

minha cabeça. Então desde muito pequena eu treinei a visualização e até hoje é uma das coisas que eu acho mais importante quando você tá aprendendo um novo idioma, porque você precisa poder visualizar você naquela situação e sim, treinar os passos. Que uma conversação, uma conversa tem passos, é uma dança, o que a gente está fazendo aqui é uma dança, eu tenho que escutar você, tem um ritmo que a gente tá levando aqui, então é muito musical, língua é muito musical, né?

Alexia: Exatamente.

Christina: Aí é essa coisa de visualização e a preparação igual que você falou, eu falo certinho para todos os meus alunos fazer a mesma coisa que em tudo Alexia, mas as pessoas querem falar inglês como uma coisa, querem que seja muito natural, muito automático, eles acham que se você tem que ser esforçar é porque você tá** **burro**, ou porque você não consegue, eu falei “meu Deus do céu.”
*****”*você é burro...*”

Alexia: É o oposto.

Christina: É o oposto, eu to falando português há uns 5, 6 anos e eu ainda **pesquiso** coisas o dia todo, eu olho exemplos o dia todo, eu faço roteiro também para coisa difícil quando é uma nova conversa, né? Ou sobretudo uma conversa que é muito importante para novas situações

Alexia: Sim.

Christina: Então, você tem que fazer isso, você tem que preparar. Eu li uma coisa uma vez, ah eu sei, era um podcast de Tim Ferris, que ele tava fazendo acho que com James Fox.

Alexia: Uhun.

Christina: Eu acho que foi esse, mas enfim. Aí eles estavam conversando sobre stand-up, não, não era James Fox, era outro, mas enfim, tava conversando sobre stand-up e ele tava conversando com alguém, um ator que falou como que ele prepara para** tipo uns 8 dias, prepara por muito tempo antes de fazer um podcast. E isso são duas histórias separadas, um que tem a ver com stand-up, outro que tem a ver com esse cara. O podcast de Tim Ferris era com, eu acho que Martin Short que é um comediante também, que ele antes de uma **entrevista**, ele prepara um monte, mas um monte, 8 dias seguidos, o dia todo, ele prepara para as entrevistas, e ele é super mega **famoso** ainda, mas porque ele sabe que esse é um momento importante que tem que preparar e está na língua dele né, na língua nativa. E também tem situações de stand-up, onde que eles treina** os *jokes* deles...
**"prepara por tipo uns 8 dias..."*
**"eles treinam..."*

Alexia: Uhun.

Christina: As piadas, um milhão** vezes para medir a reação do** audiência né?
**"um milhão de vezes..."*
**"da audiência..."*

Alexia: Exatamente.

Christina: Para entender a reação das pessoas e do público. E todo mundo acha que eles vão para o palco, conta uma piada e é muito engraçada pela primeira vez, meu Deus do céu, essa piada tá treinada há 2 anos, 3 anos. É uma coisa que precisa fazer roteiro, precisa treinar, precisa medir a reação do outro para ver se a pessoa entendeu o nosso caso, para ver se a pessoa entendeu, o que que entendeu, o que** palavras que você tem que mudar, que ordem das palavras que deve trocar, será que você consegue inserir uma **gíria** para que seja mais natural?
***"quais palavras você tem que mudar..."*

Alexia: Sim.

Christina: Mas é **trabalhoso**, e todo mundo...

Alexia: É muito.

Christina: E todo mundo quer que seja uma coisa muito orgânico**, eu falo, "entende que não vai ser assim, às vezes não por muito tempo."
***"coisa muito orgânica..."*

Alexia: E eu vejo a necessidade do imediatismo, em tudo. Então assim, é igual quando a gente tá fazendo Instagram né, você quer ter likes, você quer ter comentários e tal, não sei o que, é a mesma coisa com a língua, não.

Christina: É.

Alexia: A língua é um processo. É uma coisa que você vai, gera.

Christina: É, a gente é um reflexo da cultura né?

Alexia: Sim.

Christina: E da cultura que a gente tá vivendo hoje em dia é muito assim. Onde eu vejo isso mais Alexia, na verdade, é na cultura de Youtube né, que as pessoas acham que tipo assim... E às vezes até seja possível para algumas pessoas, mas pela** maioria, precisa de um processo, precisa de um f*oundation*, uma base, precisa de alguma coisa organizada. O **luto**** hoje em dia não é mais informações, é como que você vai organizar, gerenciar todas as informações.
*****”mas para a maioria...”***
*****”a ***luta*** hoje em dia...”***

Alexia: Sim.

Christina: Porque a gente não precisa de mais informação, entendeu?

Alexia: Já tem muito, em todos os lugares.

Christina: As pessoas vão lá pro Youtube faz um *binge watching* né, de um canal, fica a noite **acordada** toda e pensam que aprendeu alguma coisa, mas não aprendeu nada.

Alexia: Não.

Christina: Aprendeu nada, porque não processou essas informações, não fez uma reflexão sobre, não colocava** em prática, não tá juntando as diferentes *pieces* né desse quebra cabeças, então é uma coisa muito doida, as pessoas tá** consumindo muitas informações, mas do jeito errado.
**pra concordar com o tempo verbal dos outros verbos da frase, a Christina deveria dizer "não colocou em prática..."*
***"as pessoas estão consumindo..."*

Alexia: E não consegue focar, e não consegue **melhorar**, não consegue se motivar, não consegue nada porque tem tudo ao mesmo tempo.

Christina: É, e esse aí realmente é o grande luto** hoje em dia. Isso como professora, isso que acho que é meu trabalho principal. Claro, eu crio material didático, eu tenho o maior prazer em fazer isso, obviamente você precisa de alguma coisa para estudar, mas eu não considero o maior** parte do meu trabalho como uma **criadora de conteúdo** né? Porque todo mundo pode achar um monte de conteúdo hoje em dia, a maior parte é ruim, muito não é de alta qualidade, muitas informações é** erradas, então tem que **ter muito cuidado**, mas o que as pessoas tá** realmente precisando é um "coach", é o que eu faço de *language coaching* também, as pessoas tá** precisando** ajuda com o comportamento né, essa rotina de estudar e como desenvolver esses hábitos que realmente vai levar pessoa a ter um foco né, e ter um pouco de **paciência** com esse processo para que o processo também seja **gostoso**.
***"a grande luta..."*
***"a maior parte..."*

**”muitas informações são erradas...”*
**”as pessoas estão realmente precisando...”*
**”as pessoas estão precisando de ajuda...”*

Alexia: Sim, sim eu acho isso tudo. Agora, hoje em dia, o que que você considera sua maior dificuldade com português, que que você tá lutando contra?

Christina: Hmmm, boa pergunta. Boa pergunta. Eu acho que...

Alexia: Porque eu por exemplo, em inglês.

Christina: Uhun.

Alexia: Eu tenho muita dificuldade, por exemplo com a palavra "*something.*"

Christina: Hmm.

Alexia: Eu tenho muita dificuldade com essa palavra porque **junta** dois sons muito difíceis.

Christina: Sim.

Alexia: Né, pra quem fala português, então eu sempre luto com essa palavra e normalmente com esses sons, quando eles estão juntos.

Christina: Sim.

Alexia: Em português você tem alguma coisa?

Christina: Claro, o português tipo, o maior desafio e sempre vai ficar** é gênero né?
*** "sempre vai ser..."*

Alexia: Uhun.

Christina: Que muitas vezes, ou e você pode ver as vezes meu Instagram Stories, aí eu falo uma palavra e eu **troco** e eu volto, e eu troco, e eu volto, e eu troco. Tipo, aí eu percebi quando eu comecei gravar vídeo, eu comecei perceber essas coisas mais, por isso que eu comecei falar para meus alunos pra sempre gravar vídeos deles falando em inglês, porque você começa a **perceber** mais seus erros, e meus erros são muito óbvios para mim né, é principalmente gênero e preposição.

Alexia: Ahh.

Christina: Acho que preposições são **terríveis** em qualquer idioma né.

Alexia: Insuportáveis.

Christina: É uma das coisas mais difíceis, mas hoje em dia, além da coisa de gênero, porque sempre vai ser um luto** para mim toda vez que eu tenho uma nova palavra e que, claro que tem algumas regrinhas, tem algumas** padrões mas não tantos né?
*** "vai ser uma luta..."*
*** "tem alguns padrões..."*

Alexia: Não.

Christina: Às vezes também você não dá. Eu sempre dou exemplo que por anos eu falava “a **chá**,” chá” eu falava que era feminina, “a chá” ou “uma chá” né e “o **cor** .“ Para mim isso são dois exemplos muito claros que não dá para ver que um é masculino que o outro é feminino, não dá.

Alexia: Não.

Christina: Não dá para entender que essas palavras...

Alexia: Igual problema né, “um problema”, não é “uma problema.”

Christina: Mas até daí você tem esse *pattern* de “ema” né, “o poema, o problema.” Então, mas tem algumas coisas que você pode seguir, mas tem um monte de palavra que não, então gênero sempre vai ser um desafio e sim, pode ser meu maior desafio hoje. E as preposições, a maneira que você junta as palavras, mas eu vou te falar onde que eu mais peço ajuda, porque eu crio muito conteúdo em português e eu tenho uma **arma secreta**, tenho alguém que trabalha comigo, que se eu to com pressa ele traduz as coisas para mim, e se não to com pressa ele revisa o português que eu escrevi e o conteúdo que criei em português. E o problema principal que eu tenho hoje em dia já que meu português é bem fluente né, é maneiras mais criativas, mais idiomáticas, mais... Eu não gosto quando as pessoas falam “naturais,” porque o que é natural, né? Mais variadas, maneiras mais variadas de dizer a mesma coisa. Por exemplo, meu curso online, eu apresento no

começo de cada aula, eu tenho que fazer uma apresentação, mas eu não quero falar o tempo todo “olá, tudo ótimo com você”?
Tipo assim, eu quero variar.

Alexia: Fica uma coisa muito robótica, fica uma coisa muito robótica.

Christina: Eu quero **variar**, como é que eu vario isso? É aí que eu peço muito ajuda, eu falo assim, esses são os 3 pontos que eu quero falar no começo de cada aula, os 3 no fechamento de cada aula, isso me ajuda a dar uma variada né?

Alexia: Sim.

Christina: E aí a pessoa vem e me ajuda às vezes com expressões idiomáticas, ou algumas gíria ou simplesmente um jeito diferente de dizer a mesma coisa. Isso eu diria, fora das coisas muito típicas que é gênero e proposições, eu diria que esse é meu maior **desafio** hoje em dia.

Alexia: É, eu também acho que muda muito de região para região, por exemplo, tem expressões só do Rio, expressões só de São Paulo, expressão só do sul.

Christina: É.

Alexia: E aí tem muita coisa pra aprender, até eu.

Christina: É.

Alexia: Às vezes.

Christina: É muito engraçado, muda de acordo de** região, mas muda de acordo também de** cultura e subcultura. Por isso que eu amo línguas, por isso que eu amo aprender e ensinar línguas, porque é muito rica, sabe? Essa aprendizagem é muito rica, tem muito nuance, muita coisa envolvida.
*** "muda de acordo com a região"*
*** de acordo também com a cultura"*

Alexia: Tem, tem. Principalmente português que aí numa próxima vez quando você vier, também pro Carioca Connection, eu já vou estar em Portugal e a gente pode começar a fazer as diferenças maiores.

Christina: Muito legal.

Alexia: Entre Portugal e Brasil.

Christina: Sim.

Alexia: Mas, pra terminar esse episódio.

Christina: Claro.

Alexia: Se você que tiver que escolher um lugar, um lugar do Brasil pras pessoas visitarem, pra onde você mandaria elas? Tirando por exemplo, Rio, BH, São Paulo, sabe?

Christina: Tá, eu tiro, eu tiro, eu tiro. O interior de Minas Gerais, realmente eu acho que no interior de Minas Gerais é muito *underestimated,* as pessoas não sabem sobre essa região e quando eu morava em São José do Rio Preto, eu fui pra algum lugar, não é Divinópolis, é Delfinópolis.

Alexia: Uhun.

Christina: Então Delfinópolis no interior de Minas Gerais tem uns** 500 **cachoeiras**.
*****umas 500 cachoeiras."*

Alexia: Deve ser **lindo**.

Christina: A comida é maravilhosa, as pessoas são muito receptivas, para mim é um **sonho**. Posso falar outro?

Alexia: Eu sempre falo, pode...

Christina: Porque eu acabei de lembrar outro.

Alexia: Pode, fala.

Christina: Praia do Sono no** Paraty.
*****"em Paraty."

Alexia: Amo, a gente gravou um episódio inteiro sobre praia do sono já aqui no Carioca Connection.

Christina: Então...

Alexia: Acho que tem dois episódios sobre, é assim o meu lugar preferido.

Christina: Fui lá pra *New Year's Eve* e foi uma experiência incrível.

Alexia: Não, Praia do Sono em Paraty realmente é um dos melhores lugares da minha vida mesmo.

Christina: É.

Alexia: Mas agora falando sobre Minas Gerais, pra mim, tudo bem que minha família é mineira, eu conheço muitos mineiros e tal, mas pra mim é o melhor povo do Brasil. Eu amo os mineiros, muito, amo a comida mineira, amo os mineiros, amo a forma que eles falam, amo tudo.

Christina: Também.

Alexia: Tudo.

Christina: Também.

Alexia: Christina, muito obrigada por você ter vindo.

Christina: De nada, magina! Muito obrigada, eu que agradeço.

Alexia: Bom a gente vai botar todas as suas informações aqui no show notes, etc.

Christina: Ótimo, otimo.

Alexia: E enfim, e a gente vai se ver, vai se falar de novo.

Christina: Só queria falar pras pessoas que tá** escutando, para as pessoas que tá** aprendendo português, eu to super **à disposição**. Fico à disposição para poder ajudar com qualquer coisa, pode me escrever um email, pode me enviar um direct lá no Instagram que eu com o maior prazer, eu gosto de conversar também sobre isso, sabe? Então eu não sou somente uma professora de inglês, eu to aqui, eu to à disposição realmente pra ajudar a tirar as dúvidas das pessoas que também tá** aprendendo português.
***"que estão escutando..."*
***"que estão aprendendo..."*
***"pessoas que também estão aprendendo português."*

Alexia: E eu acho que *networking* é tudo nessa vida, e também essa comunidade de aprendizado de línguas, porque eu gosto de falar que a gente faz parte de uma comunidade.

Christina: Sim.

Alexia: Independente se a pessoa tá aprendendo chinês, japonês, o que for.

Christina: Sim.

Alexia: A gente faz parte de uma **comunidade**, e quanto mais nós formos juntos, melhor né?

Christina: Melhor. Com certeza. Tá, brigada viu?

Alexia: Muito obrigada!

Christina: Ótimo dia pra vocês.

Alexia: Tchau.

Christina: Beijão , tchau!

Vocabulário e expressões úteis

---

processo de aprendizado - learning process
roteiro - script
conhecer - to know
coros - chorus
burro - dumb
pesquiso - search, research
entrevista - interview
famoso - famous
piadas - jokes
gíria - slang
trabalhoso - laborious, arduous
luto - mourning, grief
luta - fight
acordada - awake
melhorar - to improve
criadora de conteúdo - creative content
ter muito cuidado - be very careful
paciência - patience
gostoso - enjoyable, tasty
junta - joins
troco - change

perceber - to realize
terríveis - terrible
chá - tea
arma secreta - secret weapon
variar - vary
desafio - challenge
cachoeiras - waterfalls
lindo - pretty
sonho - dream
à disposição - available
comunidade - community

26 - Como fazer uma cirurgia de catarata com humor!

Alexia: Olá Marco.

Marco: Olá minha filha.

Alexia: Bem vindo de volta ao Carioca Connection.

Marco: Muito obrigado, um prazer sempre.

Alexia: Um prazer mais ou menos, porque hoje a gente **acordou** e falou “pai, você vai gravar episódio com a gente, tá pronto?”

Marco: Eu estou sempre **pronto** pro Carioca Connection, adoro.

Alexia: Bom, você fez bastante sucesso nos último episódios e por isso que a gente pensou em te chamar de novo pra você contar que que aconteceu com você na sexta-feira passada.

Marco: Eu fui operado...

Alexia: Calma. Calma, não fala assim de uma vez.

Marco: Tá bem, **eu fui operado** de uma **catarata**, que eu não vou perturbar vocês com detalhes, todo mundo adora contar com todos os detalhes a **operação** e tal.

Alexia: Mas é por isso que a gente tá aqui.

Marco: Não, mas há uma maneira mais charmosa de fazer, essa maneira é não aborrecer os **ouvintes** com **detalhes chatos**, que isso interessa só pra nós, os pacientes ou "utentes" como se fala aqui em Portugal.

Alexia: Bom, vamos começar do começo.

Marco: Ok.

Alexia: A gente chegou aqui em Portugal e aí achamos o querido Dr. Ruy né, que foi um **anjo** que caiu na **Terra** pra gente e o Dr. Ruy... A gente foi lá e viu que os transplantes dos seus olhos estavam completamente transparentes porque, pra quem não sabe, claro que

todos vocês, meu pai tem as duas córneas transplantadas, então um dos grandes **medos** nossos seria que esses transplantes não estivessem bons e não fosse só a catarata né?

Marco: Exatamente. E o transplante foi feito em 1992 mais ou menos, um deles eu lembro, em Buenos Aires por um grande cirurgião. Esse cirurgião, Dr. Enrique Malbrán, era um dos grandes nomes dessa cirurgia de transplante em Buenos Aires, era **conhecido** no mundo inteiro, e eu fui até lá e fiz dois transplantes, o do olho esquerdo e do olho direito.

Alexia: Com anestesia local.

Marco: Com anestesia local que eu não queria ficar... Essa parte é uma parte que **hoje em dia** eu não teria mais coragem eu acho, porque você leva uma injeção no olho. Mas enfim, correu tudo bem, a qualidade das córneas transplantadas dele são excelentes, é por isso que elas duraram até hoje transparentes e o Dr. Ruy ficou impressionado.

Alexia: E o Dr. Ruy é aqui de Portugal e nós fomos lá, marcamos a **cirurgia** pra sexta-feira passada. E pra mim, quando alguém fala sobre

cirurgia, é sempre aquela coisa, tem que ir pro hospital, tem que internar, tem que fazer cirurgia, fica mais 2 ou 3 dias no hospital dependendo, volta pra casa e tem uma recuperação. E com a catarata, é impressionante, porque é feito no **consultório**, numa sala específica, né, de cirurgia, eles fazem tudo lá, toda sexta-feira eles operam. Ah, uma coisa importante, “cirurgia” e “operação” são duas coisas diferentes. “Operação” é quando é algo grande, extremamente, como é que se diz? Complicado. E “cirurgia” são coisas pequenas né?

Marco: Filha querida, eu acho que não, eles se referem a “cirurgia” ou “operação” da mesma forma, não tem essa divisão semântica que você tá fazendo, mas enfim...

Alexia: Eu acho que tem, mas tudo bem.

Marco: Bom, ok. O importante é que as pessoas costumam falar “ah, operação de catarata demora 15 minutos” e simplificar um milagre da tecnologia que é o seguinte. **Rapidamente**. Antigamente, quando as pessoas faziam operação de catarata, elas ficavam numa cama de hospital com dois **travesseiros** pesados pra que a cabeça não mexesse, do lado de cada **orelha** e era um drama. E veio sendo um drama durante muito tempo até que a tecnologia, com a graça de Deus

e dos cientistas, evoluiu tamanha, de tal forma que a cirurgia hoje ela é feita a laser. Basicamente é o seguinte, é feita uma pequena **incisão** no olho...

Alexia: Pera aí, calma. O que que é “incisão”?

Marco: “Incisão” é um cortezinho.

Alexia: Isso.

Marco: No olho. Então eles retiram uma coisa chamada cristalino, que eu não sei bem o que que é, mas é uma espécie de lente do olho humano, é onde as imagens se formam. Aquilo tá **embaçado** pela catarata, esse é o problema, tira a visão completamente do olho, é feito em dois segundos, não me pergunta como. E daí é colocado no lugar uma **lente** ultra, intraocular, ou seja, uma lente dentro do olho, uma pequena lente super especial que é medida exatamente pro seu olho, foi daí meu grande problema, que eles não conseguiam **medir** no começo porque....

Alexia: Não é, não foi nenhum grande problema pai. Foi super tranquilo, o Dr. Ruy tá super acostumado a fazer isso e fez manualmente, não teve problema algum.

Marco: Problema foi só pra mim que eu fiquei suando.

Alexia: Você que ficou **ansioso** com isso.

Marco: Mas enfim, é colocado então a lente, fecha-se a incisão e você então volta pra casa com cuidado...

Alexia: Não não não, calma. Aí quando você termina a cirurgia, você sai da sala de cirurgia e espera praticamente uma hora, uma hora e meia, porque uma coisa que meu pai não sabia é que ele levou um pouquinho de anestesia geral pra ficar calmo durante a operação. Ele tava completamente **grogue**, muito grogue. Ou seja, tava em Alfa.

Marco: Quando você deita na, como chama, na cama, **poltrona**...

Alexia: Na maca, na **maca**.

Marco: Não é maca não, é uma espécie de poltrona de primeira classe de avião, vamos chamar assim, que você fica deitado, a **enfermeira**, são 3 enfermeiras, uma delas te coloca, te dá uma anestesia, eu não sabia que era, uma injeção na **veia**, e eu falo...

Alexia: No **braço**.

Marco: No braço, “pra que que é isso?” ela falou assim “isso é pra não **inchar** muito o olho,” o que é uma bobagem, que eu tenho 73 anos, eu to **apto** a escutar que eu to tomando uma anestesia. Enfim, e deixa um **canudinho** aberto que é pra se precisar um pouco mais de anestesia, te coloca uma **máscara** no rosto, uma máscara tranquila, simples e com arzinho fluindo por baixo da máscara pra você se sentir bem. E daí então começa a operação e você não vê nada, você vê só uma **luz** branca de, claro, de operação na tua frente, no teu único olho né que tá aberto, e depois você então sai de lá meio grogue, graças a Deus tinha lá o Foster e a minha filha para me **guiar** pelos caminhos até o Dr. Ruy.

Alexia: Bom e aí depois de isso tudo, praticamente uma semana depois, ontem ou anteontem, você saiu de casa e viu pela primeira vez um **céu azul**, a real cor né, do céu.

Marco: Sim, o Porto, Portugal, mas o Porto em especial onde eu to morando, ele tem um azul, ele tem uma luz maravilhosa, é conhecido no mundo inteiro essa luz aqui de Portugal e do Porto, então o meu olho continuava, eu **pingando** colírios, etc, ele continuava um pouco embaçado porque ele tava inchado. E ontem pela primeira vez, ele desinchou e eu então saí na rua e percebi aquele azul maravilhoso, enfim, uma beleza maravilhosa e falei, "gente, **pera aí**, isso é porque eu estou enxergando." Aí eu fechei o olho direito e fiquei emocionado com o olho esquerdo eu conseguia ver tudo, principalmente o céu azul, os edifícios recortados contra o céu azul, uma coisa linda linda linda, aí eu liguei pra minha filha.

Alexia: Então ótimo, então pai, muito obrigada por ter participado por esse episódio, eu espero que só fique melhorando a sua visão mais e mais né? Porque agora é só uma melhora, depois você vai colocar **óculos** com as novas lentes, então vai ser ótimo e provavelmente a gente vai ter mais episódio com você.

Marco: Tá, a última coisa que eu queria falar, é importante. É, se você vai fazer uma operação de catarata...

Alexia: Ou operação daquela miopia que hoje em dia tem laser e tal.

Marco: Sim, vá tranquilo. Realmente são 10 minutos e agradeça à todos os cientistas que durante mais de 150 anos trabalharam nisso pra gente.

Alexia: Tá ótimo, então muito obrigada e até a próxima

Marco: *Bye bye*.

Vocabulário e expressões úteis

---

acordou - woke up
pronto - ready
eu fui operado - I was operated
operação - operation, surgery
ouvintes - listeners
detalhes chatos - boring details
anjo - angel
Terra - Earth
medo - fear
conhecido - known
hoje em dia - nowadays
cirurgia - surgery
consultório - clinic
rapidamente - quickly
travesseiros - pillows
orelha - ear
incisão - incision, cut
embaçado - blurry
lente - lens
medir - to measure

ansioso - anxious
***Em português "ansioso" pode significar "anxious" ou "looking forward to." Por exemplo:*
Essa cirurgia me deixou ansioso → This surgery got me anxious
Estou ansioso para te ver de novo → I'm looking forward to seeing you again

grogue - groggy
poltrona - armchair
maca - stretcher
enfermeira - nurse
veia - vein
braço - arm
inchar - to swell
apto - able, capable
canudinho - straw
máscara - mask
luz - light
guiar - to guide
céu azul - blue sky
pingando - dripping
pera aí - wait a second
***Essa expressão vem "espera aí," mas quando falamos rápido dizemos "pera aí."*

óculos - glasses

27 - A presença do Brasil durante Segunda Guerra Mundial

Alexia: Oi pai, bem vindo de novo ao Carioca Connection.

Marco: *Again, a pleasure*.

Alexia: Não pai.

Marco: De novo, um prazer.

Alexia: Sim, um prazer imenso. E hoje eu quero conversar com você sobre um assunto que a gente recebeu dos ouvintes, que eles querem muito saber. Não foram só dois e-mails sobre, foram mais do que dois e-mails sobre. Eu não vim preparada pra esse episódio, então você vai precisar ser bem direto e reto nas respostas, porque a gente vai falar sobre a participação do Brasil durante a **Segunda Guerra Mundial**.

Marco: Ok.

Alexia: Então minha primeira pergunta é, quando que começou a participação do Brasil durante a Guerra?

Marco: Bom, primeiro, vocês não estão escutando um **historiador**, eu não vou ter datas precisas e tal, mas eu vivi isso, eu sou **fruto** desse episódio. Eu vou dizer pra vocês porquê, mas foi mais ou menos 1943 quando o Brasil então entrou ao lado dos Aliados na Segunda Guerra Mundial.

Alexia: E você nasceu em 1945 né?

Marco: Sim, meu pai foi **convocado** pra Guerra. Ele estava numa cidadezinha perto do Rio de Janeiro aonde **embarcavam** as tropas...

Alexia: Três Rios?

Marco: Três Rios.

Alexia: Três Rios fica **perto** de Petrópolis, fica na estrada de Petrópolis. É muito perto mesmo, fica acho que a duas horas e meia do Rio de Janeiro. É uma cidadezinha muito pequenininha hoje em dia, nunca fui, vou ser muito sincera, mas eu sei que fica ao lado de Petrópolis.

Marco: Então, as tropas brasileiras, parte delas, estavam em três Rios, acantonadas, como se fala, esperando...

Alexia: O que que é “acantonadas”?

Marco: “Acantonadas” é em **barracas**, esperando o embarque no navio. Minha mãe, **grávida** de mim, estava num pequeno hotel no Rio de Janeiro separada do meu pai, não tinham contato, claro, época de guerra. E daí o tempo foi passando e quando chegou na época do meu pai embarcar, com a graça de Deus a guerra acabou.

Alexia: Mas eu to um pouco confusa, porque a participação do Brasil começou em 1943 e você, em 1945, nasceu. Mas eu sei, claro, porque é da minha família, que o meu avô tava indo pra guerra e a vovó tava grávida de você, não é isso?

Marco: Sim.

Alexia: Então ele foi convocado só dois anos depois de quando começou.

Marco: É, já tinha ido um contingente grande...

Alexia: Que que é “contingente”?

Marco: “Contingente” é um número de soldados. Tinha ido uma divisão, seriam por volta de 50 mil homens. Então o meu pai estava com as tropas que iriam chegar ainda pra reforçar essa divisão e a guerra acabou antes.

Alexia: Mas como é que foi feito, por exemplo, todos os homens brasileiros de tal a tal idade tinham que participar? Como é que foi feito essa, esse chamado?

Marco: Foi feito como sempre no Brasil, os homens de tantos a tantos anos são **obrigados** a se apresentarem para servir o exército e parte deles foi enviado para guerra. A maior parte eram de pobres, **gente pobre**, gente que não teve como escapar. Houve muitos muitos casos de gente que inventou uma desculpa pra, enfim...

Alexia: Não participar, por exemplo, inventar que a visão tava ruim, qualquer coisa assim.

Marco: Mil coisas, mas enfim, meu pai tava lá pronto pra embarcar, a guerra acabou e nada do meu pai ser desmobilizado né? E minha mãe grávida de mim e **sozinha**. Então um dia meu pai chegou pro comandante e falou “olha, eu servi minha pátria, eu to aqui por uma questão de burocracia eu não estou sendo desmobilizado, minha mulher vai ter um filho.” Eu. “E eu tenho que sair daqui, eu peço a sua ajuda.” E o comandante foi muito legal, liberou meu pai. Meu pai viajou pro Rio e encontrou minha mãe, com alegria, vocês imaginam qual. A minha mãe então e meu pai decidiram ter o **filho** no Rio, que eu estava pra nascer dali a meses. Depois resolveram ir pra São Paulo, onde tinha parte da família pra ficar mais perto da família. Chegaram em São Paulo e resolveram ainda ir pra Poços de Caldas que é a cidade aonde eu nasci.

Alexia: Ou seja, você quase foi **carioca**, você quase foi **paulista** e resolveram te botar no **mineiro**.

Marco: Exato.

Alexia: Que é, pra mim, o melhor povo brasileiro.

Marco: Muito obrigado. Aí fomos pra Poços de Caldas, eu fui na **barriga** da minha mãe né, aí chegamos em Poços, ela teve então em setembro...

Alexia: Dia 18, ou seja, tá chegando seu aniversário.

Marco: Sim, há 73 anos atrás, 74, ela teve o Marco Antônio que nasceu lindo e formoso na Santa Casa de Misericórdia de Poços de Caldas.

Alexia: Santa Casa da Misericórdia de Poços de Caldas.

Marco: Sim minha filha, eu confesso que eu não sabia esse "da", em todo caso.

Alexia: Bom, e aí voltando agora ao assunto principal, porque não é o seu nascimento papai querido. O Brasil foi chamado por quem pra participar?

Marco: O Brasil foi meio forçado a participar, porque...

Alexia: Como assim?

Marco: Forçado pelas potências aliadas, especialmente Estados Unidos e Inglaterra a participar. O Brasil mantinha uma neutralidade, era o Getúlio Vargas o...

Alexia: Presidente.

Marco: Nosso presidente, vamos chamar assim.

Alexia: Ele era presidente né?

Marco: Sim, mas ele não tinha muito entusiasmo em entrar numa guerra e principalmente ele era um admirador secreto de regimes totalitários, porque ele era um totalitário, ele foi ditador do Brasil e depois ele voltou como eleito. Ele foi, enfim, isso dai é história do Brasil, mas ele não tinha grande entusiasmo, então os Estados Unidos e a Inglaterra precisavam desesperadamente de bases no nordeste do Brasil.

Alexia: Calma, a gente acabou de gravar alguns episódios sobre o arquipélago de Fernando de Noronha, que na época foi usado como uma base dos Estados Unidos principalmente para a Guerra, então só pra fazer a ligação.

Marco: Certo. Fernando de Noronha foi uma base pequena, foi mais um ponto estratégico. A grande base foi em Natal, na **ponta** do nordeste brasileiro. Se vocês olharem no mapa é a ponta mais próxima da África, que eles precisavam, os aviões na época não voavam muito, daquela base pra apoiar a invasão da África do Norte, que foi por onde **começou** a invasão anglo-americana pra derrotar os alemães e italianos que estavam lá na África do Norte. Da África do Norte, só pra dizer, depois eles passaram pra Itália, invadiram a Sicília, o sul da Itália, a Itália inteira. E depois houve a invasão do outro lado da Inglaterra para a França, mas no começo eles precisavam muito dessa base aqui. E ter o Brasil ao lado seria uma vantagem, sempre é bom. Na época a guerra não tava ganha, tava indecisa. Então o Roosevelt, que era o presidente americano, fez uma visita ao Brasil de boas relações, então... E nas negociações...

Alexia: É aquela história de manter a boa vizinhança.

Marco: Manter a boa vizinhança e essa boa vizinhança acabou que o Getúlio... A juventude brasileira saiu às ruas pra pedir que o Brasil se posicionasse ao lado dos Aliados, houve uma pressão popular e o Getúlio acabou então...

Alexia: Cedendo e participando.

Marco: Cedendo e participando. A história conta que o Getúlio entrou entusiasmado, não foi bem isso, mas isso aí também é um detalhe. Os americanos fizeram uma base enorme em Natal e foi muito engraçado, porque pelo menos uma coisa engraçada né, que modificou. Natal era uma coisa do interior **semi agrário** de um Brasil da década de 40 e de repente foi invadido por gente amiga, falando uma língua estranha, mascando chiclete, tomando Coca-Cola e mudou a vida da cidade. Existem livros sobre isso, mas o fato é que o Brasil então preparou suas tropas e como o Brasil não tinha condições financeiras, bélicas, etc...

Alexia: Pera aí, calma pai, você tá falando sem parar, literalmente, dando muitas informações. Então, o Roosevelt veio, quer dizer, foi pra lá né, a gente tá em Portugal, teve uma reunião com o Getúlio, pediu para que o Brasil apoiasse os aliados.

Marco: É, “pediu.”

Alexia: Sim pai, pediu né, porque ele não podia ordenar nada.

Marco: Quase, porque eles já tinham planos preparados pra tomar forças se por acaso o Getúlio dissesse não. É incrível, mas é isso.

Alexia: E como é que foi, por exemplo, eu entendo essa questão **patriota** né, de "vou lutar pelo meu país, vou lutar para que o mundo não seja dominado por uma força má," né, que era o Hitler naquela época, mas assim, o Brasil "não tinha nada a ver." Era uma realidade muito longe né da realidade do Brasil, porque quem tava completamente metido nisso era os Estados Unidos com as forças aliadas. O Brasil foi colocado como o mais um que vai a festa né, aquele +1. E como é que foi essa questão patriota na época? Todo mundo se juntou pra ir? Realmente lutavam por isso ou não, foi uma **mistura de emoções**?

Marco: Não. A grande massa da população brasileira não tinha meios de se informar. Era alguns jornais, rádio e só, quer dizer, não tinha esse frenesi hoje de celular, redes sociais, nem nada. Mesmo assim, a juventude brasileira foi pra rua. Eu digo a **juventude**, foi a uni.

Alexia: A juventude brasileira quando você fala eram das grandes cidades né?

Marco: Das grandes cidades, claro.

Alexia: Rio de Janeiro, São Paulo, porque naquela época que você acabou de falar, em 1940, 1950 principalmente o interior e quem não era parte do sudeste não tinha acesso à quase nada né?

Marco: Exato. Alguns jornais e a rádio nacional, que na época todo mundo escutava, mas que não tava muito ligada nesse assunto. Fazendo um paralelo importante, a Argentina ficou neutra, o governo era do Perón. Só uma coisinha, mil desculpas desse 1943, eu não me preparei também, pode ter sido 42, 43.

Alexia: Não tem o menor problema.

Marco: Tudo bem. Argentina se beneficiou imenso de ficar neutra, ela ganhou muito dinheiro exportando carne, soja pro mundo em conflito. Imagine vocês, o Brasil entrou, a gente tinha pouco, mas entrou com tudo que a gente tinha. Nós tivemos uma força aérea lutando na Itália. Tivemos 50 mil homens lutando na Itália e a Marinha Brasileira patrulhou a costa da América do Sul, entrou em combate inclusive com alguns submarinos alemães que estavam por aqui. E o Brasil entrou

então com tudo com o que tinha. Era pouco pra uma guerra planetária, mas entrou com tudo que tinha.

Alexia: E graças a Deus foi a última vez que o Brasil se meteu em alguma guerra né?

Marco: Com a graça de Deus.

Alexia: Que bom. Assim, claro que eu acho que a gente tem que nos defender e etc, etc. É sempre bom ter forças armadas, enfim, mas de qualquer forma o Brasil não tá sob **ameaça**, além do nosso atual presidente, nenhuma, então tá tudo certo. Agora pai, que que aconteceu do lado de lá? Como é que foi o resultado? Pra gente finalizar esse assunto.

Marco: É, isso é importante, porque nós estamos falando aqui de gente que **morreu**, que sofreu, que não voltou. Então os nossos soldados foram pra lá. Era FEB, Força Expedicionária Brasileira. A FEB desceu principalmente no porto de Nápoles, já estava dominada pelos Aliados, e seguiu pra frente de batalha numa **região montanhosa** perto de Pistoia, uma cidade montanhosa e participou de algumas batalhas

importantes. Uma delas foi Monte Castelo e Monte Cassino, aonde os alemães estavam entrincheirados fortemente.

Alexia: Que que é “entrincheirados ” pai?

Marco: Estavam mantendo posições defensivas fortes.

Alexia: Em **trincheiras**, né?

Marco: É, “trincheiras” é uma força de expressão. Nos pontos montanhosos mais altos, com artilharia pesada.

Alexia: Pontos estratégicos que você quer falar.

Marco: Sim, e as tropas brasileiras que faziam parte de um grande exército americano e inglês participaram dessas batalhas. Nós tivemos entre 400 à 600 mortos lá na Itália, muitos feridos e o Brasil dominou algumas cidades, ajudou no esforço de guerra e foi isso que aconteceu. Então...

Alexia: Mas dos 50 mil que foram, a maior parte voltou né? Não foi uma perda surreal, isso que eu to falando.

Marco: Não. Graças à Deus não, porque repito, nós fazemos parte de um grande exército inglês, americano principalmente e com outras tropas. Poloneses livres, a Polônia tava invadida então... Tiveram também algumas tropas marroquinas, enfim, a gente não vai falar nem demais nem de menos, não foi uma coisa dramática que mudou o panorama da guerra, mas foi uma coisa muito importante pra um país semi agrário que pela primeira vez na vida, na história, graças à Deus inclusive, mandou tropas pra um outro continente pra lutar em favor de uma causa.

Alexia: Muito bom.

Marco: Fizeram parte daquilo que o Foster chama *The Great Generation* dos Estados Unidos, A Grande Geração. Eles fizeram parte dessa grande geração, nós só estamos aqui levando a nossa vida em liberdade, porque essa grande geração **se opôs** ao Nazismo e ao Fascismo e venceu.

Alexia: Tá ótimo, então eu acho que com essa conclusão nós chegamos ao final do episódio. Pai, muito obrigada...

Marco: De nada.

Alexia: Por ter participado de novo e até a próxima. Tchau.

Marco: *Bye bye*.

Vocabulário e expressões úteis

Segunda Guerra Mundial - Second World War
historiador - historian
fruto - result
convocado - called, convened

embarcavam - they boarded
perto - close
barracas - stalls, tents
grávida - pregnant
obrigados - forced
***Obrigado pode significar "forced, obligated" ou "thank you."*
Por exemplo:
Obrigado por sua participação → Thank you for your participation
Eu fui obrigado a dirigir → I was forced to drive

gente pobre - poor people
sozinha - alone
filho - son
carioca - from Rio de Janeiro
paulista - from São Paulo
mineiro - from Minas Gerais
barriga - belly
ponta - edge, end
começou - started
cedendo (ceder) - give in, yield
patriota - patriot
mistura de emoções - mixed emotions
juventude - youth
ameaça - threat
região montanhosa - mountainous region
trincheiras - trenches
semi agrário - semi agrarian
se opôs - opposed

28 - Hiperconectividade: você está sempre conectado?

Foster: Olá pessoal e sejam bem vindos à mais um episódio do Carioca Connection. Hoje eu estou aqui com Marco Antônio, o pai da Alexia. Marco, seja bem vindo.

Marco: Muito obrigado. Hello, hello.

Foster: Então Marco, hoje a gente vai falar sobre um assunto **polêmico**, pelo menos aqui nesta casa, e é a hiperconectividade. O que você entende com essa palavra.

Marco: Eu era... É uma palavra meio **difusa** pra mim e hoje, depois de pensar bastante, de escutar inclusive um podcast que você me **sugeriu**, eu cheguei a uma conclusão trágica. Nós estamos cercados, nós estamos completamente **reféns** de um **mundo** aonde se quiserem, e querem, nos manipulam. Não digo nos manipulam da forma que vocês estão entendendo, mas nos conduzem, nos... Nós somos, de boa vontade, **escravos virtuais**. Nós adoramos ser escravos virtuais e nós somos, sei lá quem, domina esses meios, Facebook, Youtube, o celular,

a informação que você dá no banco. Enfim, **nós estamos ferrados**, a gente tá completamente amarrados à essa hiperconectividade.

Foster: Tá bom, deixa eu clarificar um pouco, só pra começar. Eu sou um pouco radical com essas coisas que eu realmente acredito que quase todos nós estamos **viciados** no celular, nas mídias sociais, nas redes sociais e a internet, essas coisas, nossas telas, nossos aparelhos. E eu passo muito tempo tentando convencer a Alexia e o Marco tipo, "você também está viciado no celular" e ninguém me escuta. Então eu recomendei pro Marco Antônio escutar um podcast que se chama Vozes do CBN né, que é um canal do Brasil e eu recomendo muito o podcast, não somente esse episódio, mas o podcast é muito bom, a qualidade da produção é muito boa, mas o que você **aprendeu** nesse podcast? Ou me dá o **antes** e o **depois**, porque parece que ninguém entendeu a minha discussão, porque eu fiquei tão radical com esse assunto e depois de escutar parece que você entende um pouco mais o que você estava tentando dizer.

Marco: Entendi. Ouvindo esse episódio veio a tona tudo o que eu intuía, mas eu não tinha entendido. Não é a inocência de falar "ah, as crianças devem usar menos o celular, sai da frente da televisão." Isso é o **jardim de infância** do que tá acontecendo, é uma tragédia o que tá acontecendo. E por outro lado, também existe uma parte boa da

internet, ótima, que é a informação, informação boa. É difícil falar pouco sobre isso, mas eu ser bem sério, existe a parte boa da internet, de pesquisa, de eu e o Foster estarmos falando sobre um país, por exemplo, a China, e eu então colocar aqui no Google “quantos habitantes tem a China, qual é a capital da china.” Existe uma parte boa da internet.

Foster: É, eu não tenho nenhum problema com a internet, com tecnologia, não é uma discussão anti-tecnologia né? É tipo, essas tecnologias já tem a gente. Você falou como refém, como escravos digitais né, ou virtuais, são **palavras fortes**.

Marco: São, e são pequenas ainda pro que eu quero **exprimir**. Nós somos, acho que a palavra correta seria **prisioneiros** de um sistema gigantesco do qual nós não temos a mínima condição de reagir. Nós temos uma que é entendermos isso e usarmos de forma mais inteligente esses poderosos meios que estão na palma da minha mão agora. Aqui se estivessem vendo, to com meu celular na mão. Eu escuto muita música por aqui, eu tenho muita coisa boa por aqui, mas eu tenho também a noção de que não só a internet, tudo, o mundo computadorizado e globalizado pro **mal**, que eu to falando pro mal, ele simplesmente torna você uma vítima, queira você ou não. Então,

rapidamente, uma criança, ela deve ser, segundo um **psiquiatra** desse episódio que eu escutei...

Foster: Uhun.

Marco: Um psiquiatra do bem, um cara que fala coisas corretas, não é psiquiatra da modinha que... Enfim.

Foster: Não, não é. É uma** cientista.
*** A palavra "cientista" não altera no masculino ou feminino, mas como estamos falando do psicólogo em questão, o Foster deveria dizer "um cientista."*

Marco: É um sujeito firme, direito, ele falou o seguinte, "até os 2 anos de idade, não se deve colocar uma criança na frente de uma tela, de nada, porque...

Foster: Nenhuma.

Marco: Nenhuma, nem televisão, porque se não a criança não vai aprender. Ele fala o seguinte, que depois esses joguinhos que tem nas telas, vamos chamar assim.

Foster: Tablete**, iphone.

*** Quando falamos "tablet", pronunciamos da mesma forma que em inglês.*

Marco: Eles não tem fim, eles não terminam nunca. E a criança não tem aquele **caminhãozinho**, aquele **bonequinho**, aquele **montinho de areia** aonde ela faz alguma coisa e tem um fim, depois ela pára e vai tomar banho. Não, aquilo continua, continua, continua, continua, atrapalha o aprendizado da criança, aí vem a tragédia, Foster. Por outro lado, nós temos que educar nossas crianças pra saberem dominar esses aparelhos pra um, se protegerem, dois, ganharem **dinheiro**. No mundo quem não tiver, não dominar isso, é uma pessoa que mora em Marte. E terceiro, nós temos que preservar a vida social das nossas crianças, elas somente arranjaram amiguinhos, namorados, namorada, etc, se elas forem conectadas nesse mundo. Então, olha a tragédia, ao mesmo tempo explicar pra elas, dar limites pra elas, e ao mesmo tempo permitir que elas dominem a tecnologia que, se hoje é importante, no futuro do mundo será vital. Agora, os casos que esse Vox apresenta de um menino de, sei lá, 10 anos de idade... Se me perdoem eu vou ser **escatológico**, mas é necessário, que ele ficou 53 horas jogando um joguinho que eu sei lá o que que é, e ele não comia,

ele mastigava o sanduíche e agora desculpem, mas eu tenho que falar pra vocês entenderem a monstruosidade, **ele fazia cocô nas calças** e jogava a cueca pela janela.

Foster: Eu estou rindo porque, Marco, pode falar qualquer coisa aqui no Carioca Connection, já falei muito muito pior do que cocô.

Marco: Não, não, mas eu to dizendo, mas é uma coisa muito **nojenta**, me chocou.

Foster: É, impressionante.

Marco: Uma criança fazendo cocô nas calças, jogando a cueca pela janela pra não parar de jogar um joguinho. Esse garoto foi levado pra esse psiquiatra, eu não sei o que o psiquiatra fez com ele, mas é um tratamento de choque. São pessoas... É o extremo né, é o alcoolismo dessa virtualidade exagerada.

Foster: Então, Marco você já está entrando tipo nos extremos que obviamente tem crianças que realmente estão, são viciados** nesses jogos, nessa tecnologia, mas também é difícil pra nós né? Por exemplo, eu e a Alexia, a gente trabalha na internet, a gente ganha dinheiro na

internet, então passamos quase o dia inteiro na frente de uma tela. Então é muito muito difícil e não sei a solução.
**O Foster está falando sobre as crianças, então "viciadas."*

Marco: Mas Foster, eu vou fazer um diagnóstico meu, seu e da Alexia.

Foster: Por favor.

Marco: Nós não estamos **doentes**, embora... Nós não estamos doentes, nós nos controlamos. Não é controlar, sair da internet, nós sabemos utilizar a internet, agora...

Foster: Posso te parar rapidinho?

Marco: Claro.

Foster: Quanto tempo, eu te perguntei isso a semana passada, "Marco, quanto tempo você passa, por semana, no seu celular?" Você chutou, sei lá, foi tipo "ah, talvez 2 horas por dia." E foi mais ou menos 4, né? Isso é normal. Eu acho que em média é quase 40 horas na frente do celular, ficando com o celular todos os dias, então não sei se eu aceito

totalmente que não estamos doentes, não estamos doentes, doentes, mas já somos vítimas.

Marco: Foster, eu vou dividir a vítima em dois, duas coisas importantes. Vítimas, vamos dizer, dentro desse aspecto total que você falou, mas a vítima que eu usei é dentro do aspecto da humanidade, você não tira um documento sem você dar todos os seus dados pra um computador. Você não abre uma conta no banco, você não faz nada, e aqui na internet eles usam **descaradamente**, eu vou usar uma palavra em português que eu adoro, despudoradamente, sem nenhum pudor você, eles te sugam. Eu, um dia, procurando na internet um hotel barato na Espanha.

Foster: Uhun.

Marco: Eu olhei "hotel barato na Espanha," esse aqui parece ser bom, esse aqui parece ser bom, pra um dia quem sabe, tal, e desliguei. No dia seguinte eu recebi 25 ofertas de hotel na Espanha e aluguel de carro, etc tal. Eles te usam, eles te **espremem**, eles te **sugam**, então é nesse ponto que eu to falando vítima. Agora nós, vocês trabalham com o computador e vocês dominam o computador. Você pode dizer o seguinte, "Marco eu trabalho numa pedreira e eu não consigo sair da

pedreira antes de 7h da noite.” Ou seja, você trabalha muito na pedreira, você trabalha muito no computador, mas você domina o computador, então você tem...

Foster: Às vezes, às vezes eu tento. Mas às vezes me domina também.

Marco: Sim, mas você tem a consciência, Foster. Ter a consciência que ninguém tem, eu não to me colocando numa posição elitista privilegiada, mas de repente **caiu a ficha pra mim**.

Foster: É, posso te perguntar duas coisas?

Marco: Claro.

Foster: Primeiramente a palavra que você usou, você falou “descaradamente” e daí você falou que tem uma palavra em português que você adora, que não entendi.

Marco: “Despudoradamente” é sem pudor.

Foster: “Pudor” quer dizer o que?

Marco: “Pudor” quer dizer o seguinte, eu tenho **pudor** em entrar numa sala pelado, uma sala de visitas... É sem pudor, sem dó nem piedade, sem vergonha do que tá fazendo.

Foster: Exatamente. Entendi.

Marco: Quando eu cheguei à essa conclusão eu pensei, então as eleições e a política são influenciadas. Total, mas como existem dois lados, então as coisas se contrabalançam. Ninguém vai ganhar uma eleição pelo computador, porque o outro lado usa também dos mesmos métodos, pelo menos isso. Agora, o massacre que você sofre aqui, to falando por mim agora em Foster, eu sei que eu não to falando por você.

Foster: Sim às vezes o Marco Antônio esquece que é um podcast, então é só áudio, mas você está apontando pro celular.

Marco: Sim, o que eu recebo aqui no Google de **notícias tendenciosas**, **mentirosas**, é uma coisa inacreditável. To falando agora por mim, particularmente.

Foster: Não, foi um processo...

Marco: Todo dia tem uma notícia exagerada, que eu chamo de bad news.

Foster: Bad news. É, fake news é bad news pro Marco Antônio, mas posso falar Marco...

Marco: Sim.

Foster: Que foi um processo pra você entender o Google, como a internet funciona, mas eu acho que hoje em dia você está bem atualizado, digamos. E agora que você entende essas coisas, você tem alguma, sei lá, você vai mudar algo na sua vida, em relação ao seu uso da tecnologia?

Marco: Já mudou, já mudei.

Foster: Por exemplo?

Marco: Quando eu acordo, a primeira coisa que eu vejo é olhar a hora no celular.

Foster: Uhun.

Marco: Então eu já entrei no celular 8 da manhã. Isso daí antigamente eu nem pensava, era automático, agora eu penso. As notícias, que eu lia 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 jornais por dia, não jornal o inteiro, as manchetes, etc, agora eu to **restringindo**, agora eu leio 2, 3. E estou aprendendo uma coisa chamada “não dê importância às silly news,” que são o seguinte... Outro dia eu li uma coisa assim, o nome de uma artista famosa, eu não lembro agora, “fulana de tal, não estava se sentindo bem, mas agora está.” É o máximo de silly news que você pode imaginar na sua vida, isso aí existe 290 mil por dia, e você fica naquilo. E daí Foster, tem uma coisa que eu percebi mais aterradora ainda, é que a internet, ela é como se fosse um ópio né?

Foster: Como assim? Que que é um ópio?

Marco: Um ópio é...

Foster: Ah, eu acho que entendi.

Marco: O ópio é uma droga...

Foster: É uma coisa que consome tudo.

Marco: Mas ela deu vazão a que essa vontade de nós nos drogarmos aparecesse de forma **inacreditável**, então... Tem uma coisa aqui na internet que chama-se perrengue chique.

Foster: A gente vai gravar um episódio inteiro sobre perrengue chique.

Marco: Então as pessoas em Mykonos, centenas, milhares de pessoas, todas vendo o pôr do sol Mykonos na Grécia, que é a coisa mais linda do mundo, mas elas não estão vendo, elas estão colocando o celular pra ver. Então, o que que isso significa? Que elas estão elas dizendo, “eu estou aqui, olha Mariazinha como é legal eu estar aqui, não vendo o pôr do sol de Mykonos.”

Foster: Exatamente. Eu vou deixar o episódio sobre perrengue chique pra você e a Alexia, porque eu não aguento mais o perrengue chique. Mas Marco, eu fico muito feliz de que escutando você hoje, você parece quase eu falando, tipo de “nossa, estamos drogados, viciados com essas coisas, eles estão nos manipulando.” Parece quase tipo teorias...

Marco: Teoria conspiratória.

Foster: Exatamente, essa foi** a frase que eu estou** procurando. Mas ainda estou otimista, né?
***Essa era a fase que eu estava procurando.*

Marco: Sim, porque do momento que você tem, na psiquiatria... Eu fiz análise muitos anos. No momento que você tem noção do que está se passando com você, você já quase que **ganhou a batalha**.

Foster: Primeiro passo.

Marco: É, mas quase que já ganhou a batalha. E segundo, nós não somos, eu, Foster, Alexia, ludistas. Ludismo eram as pessoas na Inglaterra que, quando chegou a revolução industrial, que as máquinas passaram a fazer o trabalho dos homens, os ludistas quebravam as máquinas. Ou seja, quebravam...

Foster: É, a gente tem uma palavra muito parecida em inglês que seria *Luddite*.

Marco: É, então nós não somos anti-tecnologia, ao contrário, acabei de gravar um episódio onde a tecnologia salvou minha visão.

Foster: É.

Marco: Tá certo? O que nós estamos falando é de nós, o nosso uso e principalmente como nós permitimos que eles nos usem.

Foster: Exatamente.

Marco: Nós somos vítimas conscientes.

Foster: Exatamente. Então a gente já tomou o primeiro passo e vamos atualizando e a gente vai dar notícia, sei lá, daqui a 6 meses, como a gente está em relação a todas essas coisas.

Marco: Uma coisinha, Pedro Dória é um grande especialista no assunto, um jornalista brasileiro, ele fez um curso na Califórnia especializado, ele é jornalista experimentado. Ele diz uma frase que eu digo pra vocês, “tudo o que vocês escreverem na internet, tudo, jamais se apagará.” Então *take care*, cuidado. Não se exponham.

Foster: É um ponto **debatível**, mas eu acho que é um bom lugar pra terminar. Então Marco, com este episódio **bizarro** a gente vai deixar nossos ouvintes pra pensar nisso e até a próxima.

Marco: Até a próxima *crazy people*, *nice to speak with you.*

Foster: Tchau tchau.

Vocabulário e expressões úteis

---

polêmico - controversial

difusa - diffuse
sugeriu - suggested
reféns - hostages
mundo - world
escravos virtuais - virtual slaves
nós estamos ferrados - we're screwed
viciado - addicted
aprendeu - learned
antes - before
depois - after
jardim de infância - kindergarden
palavras fortes - strong words
exprimir - to express
prisioneiros - prisoners
mal - bad
psiquiatra - psychiatrist
caminhãozinho - small truck toy
bonequinho - doll
montinho de areia - sand pile
dinheiro - money
escatológico - eschatological
ele fazia cocô nas calças - he pooped his pants
nojenta - disgusting
doentes - ill, sick
descaradamente - shamelessly
espremem - squeeze
sugam - suck
caiu a ficha pra mim - it hit me
pudor - decency

notícias tendenciosas - biased news
notícias mentirosas - fake news
restringindo - constraining
inacreditável - unbelievable
ganhou a batalha - won the battle
debatível - debatable
bizarro - bizarre

29 - Mais um integrante da família Carioca Connection! {Parte I}

Alexia: Olá pessoal, bem vindos a mais um episódio do Carioca Connection. Hoje eu to conversando com uma pessoa super especial pra gente que é o Felipe Arcaro. E é uma grande **novidade**, porque ele está trabalhando conosco aqui no Carioca Connection. E a melhor forma de vocês conhecerem ele é gravando episódio com ele e se apresentando aqui no Carioca Connection pra vocês. Então vamos lá, hoje é o primeiro episódio com ele, com o Felipe, e agora vamos lá pro episódio.

Alexia: Oi Felipe.

Felipe: Oi, tudo bem?

Alexia: Tudo! Bom, só pra dar, só pra dar um resuminho, nós estamos hoje com o Felipe Arcaro, que é mais um membro da nossa equipe, aqui do Carioca Connection e do Inglês Nu e Cru, que muitos de vocês já sabem, que a gente também trabalha com outro projeto nosso, temos um outro podcast, e hoje estamos apresentando ele pra vocês. E

o Felipe tem uma história muito **bacana**, porque ele é de São Paulo, do interior de São Paulo e é uma vida completamente diferente da minha, então Felipe, se apresente, quem é você?

Felipe: Tá. Meu nome é Felipe Arcaro, eu sou do interior de São Paulo, de uma cidade chamada Limeira. Fica a mais ou menos 1 hora e meia de São Paulo e...

Alexia: Fica perto de Campinas?

Felipe: Sim, sim. Fica meia hora de Campinas, **muito pertinho** de Campinas. Nasci e cresci nessa cidadezinha e vivi lá durante talvez uns 21 anos da minha vida. Porque eu fiz universidade lá também, lá tem uma UNICAMP nova, relativamente nova.

Alexia: Ah UNICAMP.

Felipe: Uhun. E eu entrei no segundo ano que a universidade tava funcionando. Então é a universidade entrou em funcionamento em 2009 e em 2010 eu entrei no curso de Engenharia de Manufatura lá.

Alexia: Eu não sabia que UNICAMP era tão nova. Não fazia ideia.

Felipe: Ah não, a UNICAMP em si é muito antiga, mas esse campus em Limeira é relativamente novo, mas a UNICAMP de Campinas mesmo e algumas outras que tem **espalhadas** por São Paulo, já é um pouco mais antiga.

Alexia: E pera aí, você foi fazer Engenharia de...?

Felipe: Manufatura.

Alexia: Que seria?

Felipe: Ah, isso uma discussão eterna que a gente tinha. Tinha dois cursos de engenharia, né, nessa UNICAMP, no campus de Limeira, Produção e Manufatura. Enquanto Produção é a engenharia mais tradicional que todo mundo conhece, a Manufatura, ela tinha bastante matérias, ou bastante créditos voltados pra Engenharia dos Materiais.

Alexia: Uhun.

Felipe: Então a gente... Enquanto Produção focava bastante em processos, a parte mais gerencial de uma empresa, a Engenharia de

Manufatura em si focava bastante em materiais e toda a parte mais industrial. Inclusive, quando eu fui procurar qual que é a equivalência dessa engenharia nos Estados Unidos, eles chamavam de Engenharia Industrial.

Alexia: E não é muito né? Na verdade, é uma equivalência, mas não é muito perto da realidade ou é?

Felipe: Ah, na verdade não muito, **muda bastante**, muda bastante, mas quando eu fui fazer as matérias lá, eu tive que escolher alguma coisa que fazia sentido, então era ou Mecânica ou Industrial. Fazia mais sentido.

Alexia: Mecânica... É engraçado que Engenharia Mecânica, quer dizer, o mundo da engenharia é muito longe do meu, que eu me formei em Administração voltada pro Marketing.

Felipe: Uhun.

Alexia: E Entretenimento na ESPM, que foi mais ou menos pra onde você foi né, no final das contas, ou não?

Felipe: Sim, mais ou menos, sim. Sim.

Alexia: A gente tem mania de falar que engenheiro pode fazer tudo, depois que se forma.

Felipe: Pois é, essa era minha grande ideia, assim, quando eu tava decidindo o que eu ia estudar, porque pra ser bem honesto, no segundo ano do colegial eu não sabia e eu sempre me dei bem com exatas. E aí é aquele negócio né, “você quer ser médico?” “Não, não quero ser médico.” “Você quer ser advogado?” “Não.” “Então engenharia.”

Alexia: Claro. Óbvio.

Felipe: E eu não tinha certeza, mas assim abriu muitas portas, até porque enquanto eu fazia engenharia teve aquele programa do Ciências Sem Fronteiras, e **apesar de** ter... Esse programa funcionar pra vários cursos, era muito mais fácil se você fizesse um curso de exatas.

Alexia: Sim.

Felipe: Então eu gosto de falar que abriu muitas portas.

Alexia: Sim, bom, pra quem tá escutando a gente, com certeza já reparou que o meu sotaque é o oposto do seu. E claro, vice-versa né? Enquanto eu puxo o "r" pra garganta o seu é "porta," mas não é tanto assim, é um pouco mais neutro, não é um "porrrta porta."

Felipe: Sim.

Alexia: Isso é porque você morou em São Paulo capital muito tempo ou não, é de Limeira mesmo?

Felipe: Não, de Limeira e Piracicaba ali do lado é bem puxado mesmo, é bem "porta." Mas eu, quando eu estudei na universidade, e depois disso, eu estudava ou vivia muito com o pessoal de São Paulo. Então óbvio, além das **brincadeiras** com o meu sotaque, **enfim**, você acaba pegando né, quando você vive muito com um grupo de pessoas você acaba pegando. Então teve até uma passagem engraçada, eu tava vivendo, morando junto com essa galera e aí eu fui falar com meus pais no Skype e aí eles falaram "quem que é esse cara aqui que ta falando diferente?" Então é um negócio que muda bastante, depende muito do dia, se eu to **cansado** ou não to, não sei, eu não controlo muito.

Alexia: É engraçado você falar isso, porque o Foster com o inglês dele que é do sul, ele não tem sotaque do sul comigo, no podcast, nada. Agora quando ele tá lá, é sulista total. É muito engraçado ver isso.

Felipe: Sim, acho muito interessante assim. E a gente não escolhe, não escolhe mesmo. Parece que você... Eu acho que tem muito a ver com empatia, depende com quem você tá falando assim, sabe?

Alexia: Sim.

Felipe: É muito muito interessante.

Alexia: E também depende de como é que a pessoa te entende, por exemplo, com os meus alunos, quando eu to dando aula de português, com algumas pessoas eu posso puxar muito o meu “s” e “x.”

Felipe: Uhun.

Alexia: Eu falo muito carregado. E com outros não, eu já falo um pouco mais devagar e não puxando tanto o “s.” E você também é professor né, no italki.

Felipe: Sim, sim, sim. E eu acho que isso te deixa um pouquinho maluco com línguas assim, porque eu gosto bastante, aprendi inglês, agora eu to estudando alemão, já estudei um pouco de francês e agora às vezes eu vou falar com um amigo, talvez até com meus pais, e aí eu falo e já é natural eu pensar "será que da forma que eu to falando eles vão entender?" É óbvio que eles vão entender porque eles são nativos, mas isso é um mecanismo que eu criei eu acho, pra tentar traduzir em 2, 3 línguas pra falar "tá, isso daqui tá certo" entendeu? É uma gramática certa, não é o meu **sotaque** aqui. É muito doido isso.

Alexia: É, eu to sofrendo a mesma coisa aqui em Portugal. Toda vez que eu abro a boca pra falar alguma coisa, assim, "será que eles vão me entender ou será que eu não vou conseguir entender a resposta?" E assim vai, é uma loucura esse país.

Felipe: Sim, mas você já tá treinada né, porque com os alunos é mais ou menos assim, você tem que falar de uma forma que se ele traduzir exatamente, talvez pra inglês que é a língua mais comum, ele vai entender e aí segue o barco, sim.

Alexia: É. Bom então vamos lá, você nasceu em Limeira, ficou em Limeira até 20 anos e depois foi pra São Paulo e aí em São Paulo você ficou **quanto tempo**, morando na capital?

Felipe: Tá. Então na verdade eu não fui direto pra São Paulo, e na verdade eu nem tinha vontade de sair muito de Limeira, mas eu conheci muitas pessoas de São Paulo e eu comecei a visitar, visitar essa galera e achei muito legal. Falei "po, legal a cidade, principalmente de final de semana."

Alexia: Ah claro.

Felipe: E isso plantou uma **sementinha** na minha cabeça. E aí eu não fui direto pra São Paulo, eu fiz o intercâmbio, depois que eu voltei do intercâmbio eu consegui um estágio em Jaguariúna, na Ambev.

Alexia: Nossa, aí... Ah bom, tá. Jaguariúna eu não ia saber onde que fica mesmo.

Felipe: Sim, fica a 15 minutos de Campinas na verdade.

Alexia: Ah tá, tá bom.

Felipe: Bem pertinho, tudo perto aqui. E aí eu vim morar em Jaguariúna, depois de um tempo eu achei que a cidade era um pouco pequena, ainda no mesmo trabalho, eu fui morar em Campinas. E aí em Campinas eu morei por um ano e meio, dois anos e tal. E aí surgiu essa oportunidade de ir morar em São Paulo, pra trabalhar numa consultoria. E aí daquela sementinha que eu falei, eu falei "po, acho que agora é legal ter essa oportunidade de trabalhar em São Paulo, porque eu só conheço São Paulo de **final de semana**." Dizem que São Paulo é uma coisa durante semana e São Paulo é outra coisa de final de semana.

Alexia: E é?

Felipe: Sem dúvida nenhuma, sem dúvida nenhuma. E o que eu ouvia bastante é que um dos luxos, considerado luxo em São Paulo, é morar perto do trabalho, porque o trânsito é um negócio de maluco assim, e essa era minha prioridade, morar perto do trabalho. E eu consegui, eu trabalhava na Berrini, e aí eu encontrei uma galera que também trabalhava na Berrini, a gente fechou um apartamento lá e eu morei em São Paulo por 7, 8 meses, alguma coisa assim. E foi interessante.

Alexia: Ah, eu pensei que era mais.

Felipe: Não, não, não.

Alexia: Eu pensei que era mais.

Felipe: São Paulo capital... Eu ia bastante pra lá, porque muitas empresas, inclusive essa que eu trabalhei em Jaguariúna e a outra que eu trabalhei em Campinas, eles tem sede em São Paulo, tem lá uma filial ou a sede né. Então muitas vezes eram, apesar de eu morar aqui, eram 2 dias aqui, 3 dias em São Paulo, e ficava nessa ida e vinda assim né. E às vezes eu ficava por lá e às vezes era ônibus todo dia, ônibus da empresa mesmo, e cansa bastante.

Alexia: Meu deus do céu. Não, pelo amor de Deus. Não, mas é engraçado porque essa **mentalidade** de morar **perto do trabalho** já chegou no Rio de Janeiro também.

Felipe: Hmmm.

Alexia: Porque o **trânsito** de lá não é tão ruim quanto São Paulo, mas é muito **ruim**. Já virou muito ruim, mesmo com o metrô agora

funcionando melhor, com a linha um pouco maior. Essa história assim, por exemplo, se a pessoa trabalha em Botafogo e mora na Barra, é um inferno. Então você pelo menos tem que morar um pouco mais perto, se não em Botafogo que é o melhor dos mundos. E isso já chegou também lá.

Felipe: Ah sim. É muito interessante isso, eu tenho amigos que trabalhavam comigo, que moram... Nasceram e cresceram em São Paulo, mas num lugar diferente e demoravam um pouco mais do que 2 horas cada trajeto, ou seja 4 horas “perdidas,” porque você pode fazer um monte de coisa no metrô, **mas era barra**.

Alexia: Não, pra mim é perdido, pra mim é perdido. Não existe, ainda mais voltando pra casa. Indo você até consegue ser um pouco produtivo assim.

Felipe: Sim, pois é.

Alexia: Mas voltando não, nem um pouco. Agora..

Felipe: Pode falar.

Alexia: Pode falar, pode falar.

Felipe: Ah, mas uma coisa que você aprende em São Paulo também, é que assim, no interior normalmente o transporte público, ele é um pouco problemático. Talvez não problemático, mas não é muito frequente, então você tem que se programar, porque o ônibus passa, sei lá, de 1 em 1 hora, de 2 em 2 horas, mas em São Paulo, eu lembro que quando eu tava pensando em me mudar, ou ia pra lá de carro, eu me recusava um pouco assim a usar o transporte público, porque eu falava “não, não faz sentido,” por causa da minha experiência. Eu falava “carro bom, transporte público ruim.” Sabe?

Alexia: E é o oposto.

Felipe: E é o oposto. Aí eu comecei a pegar e sabe aquele negócio que você fala “hmmm, pode ser que eu tava errado.” E sim, é muito... funciona muito bem.

Alexia: É, na verdade você tava tendo a vivência de uma pessoa de cidade grande.

Felipe: Exato.

Alexia: Porque existe essa grande diferença, entre a vivência de cidade pequena de interior, em qualquer lugar do mundo, e quando você vai pra uma megalópole tipo São Paulo.

Felipe: Exato.

Alexia: Que eu não sei andar em São Paulo mesmo. Não tenho o mar pra me direcionar se eu me perder, sabe?

Felipe: Ah é verdade.

Alexia: Se eu me perder eu vou pro **mar**, não existe isso.

Felipe: É verdade, é verdade. Não, é bem... Tá, São Paulo é muito grande, mas normalmente quando você trabalha e vive lá, você tá no centro né, nas **bolhas** assim. Não no centro de São Paulo, mas nos centros comerciais, então você vive numa bolha. Se você mora na Berrini ou na Vila Olímpia, que são os mais bairros mais famosos pra quem trabalha lá normalmente, você come, **se diverte**, trabalha, **dorme**.

Alexia: Você faz tudo lá.

Felipe: Tudo nesta bolha, então eu não sei nem se é justo eu falar que eu conheço, que eu morei em São Paulo. Eu morei na Berrini ali.

Alexia: Você conhece todos os bares de lá, mas...

Felipe: Sim, lá era sempre assim, Berrini, Vila Olímpia e Pinheiros.

Alexia: Se você tivesse que escolher entre morar agora em São Paulo ou aí no interior, você continuaria no interior?

Felipe: Então, isso é bem complicado porque, tá, tem esse **traumazinho** de São Paulo né, muita gente, muita coisa acontecendo. Inclusive foi um dos motivos que eu saí de lá, porque é muito, eu não tenho nem o que falar é muito o que, é muito. E por outro lado o interior é muito **pacato** né, então é um coração dividido assim, é difícil.

Alexia: Existe alguma cidade meio termo aí em São Paulo qual você fala “ok, essa talvez seria bom”?

Felipe: Ah, eu gostava muito de Campinas quando eu morava lá, porque é uma miniatura de São Paulo assim, tem bastante coisa pra fazer, tem... o trânsito não é tão intenso quanto São Paulo, mas de novo, aí você chega em Campinas e você fala “hmmm, não tem aquele negócio que tem em São Paulo,” sabe? E aí fica aquele coração dividido.

Alexia: Sei, mas pelo menos em Campinas tem até o aeroporto né?

Felipe: Sim, sim.

Alexia: Então seria uma ótima, na verdade.

Felipe: Sim, sim.

Alexia: É, é engraçado isso.

Vocabulário e expressões úteis

---

novidade - news
bacana - cool
muito pertinho - very close
espalhadas - scattered

muda bastante - it's very different
**A frase "muda bastante" pode ser traduzida para "it changes a lot," mas também pode ser entendida como "it's very different."*

Por exemplo:
Quando eu mudei de São Paulo para o Rio, eu percebi que muda bastante → When I moved from São Paulo to Rio, I realized it's very different
Aquele restaurante tem um menu diferente todo dia, os pratos mudam bastante → That restaurant has a different menu everyday, the dishes change a lot

apesar de - although
brincadeiras - jokes
enfim - anyway
cansado - tired
sotaque - accent
quanto tempo - how much time
sementinha - little seed
final de semana - weekend
mentalidade - mentality
perto do trabalho - close to work
trânsito - traffic
ruim - bad
mas era barra - but it was difficult
***A tradução exata de "barra" é "bar," mas usamos como gíria para dizer "hard, difficult."*
Por exemplo:
Eu comi uma barra de chocolate → I ate a chocolate bar

Meu trabalho é barra → My job is hard

mar - sea
bolhas - bubbles
se diverte - have fun
dorme - sleeps
traumazinho - small trauma
pacato - quiet, calm

30 - Mais um integrante da família Carioca Connection! {Parte II}

Alexia: Oi pessoal, bem vindo a mais um episódio do Carioca Connection e hoje ainda temos a continuação do episódio com o Felipe, da conversa que eu tive com o Felipe. E uma curiosidade antes de vocês começarem, é a primeira vez que ele gravou um episódio de podcast na vida, então ele tava super nervoso, mas deu tudo certo. Espero que vocês estejam gostando e agora, *on with the show*.

Alexia: E bom, aí Felipe, você foi, morou em São Paulo 8 meses e **largou tudo**.

Felipe: Mais ou menos, sim.

Alexia: É. E como é que foi essa... Você decidiu "largar tudo e viajar"?

Felipe: Sim, sim. Na verdade isso começou um pouco com esse **intercâmbio** que eu fiz nos Estados Unidos. Então lá, um pouco diferente do Brasil, lá as pessoas acabam fazendo coisas diferentes, então um **cara** que não sabia o que queria ainda ou que ia trabalhar

com arte, sei lá, como músico, era aceitável, enquanto aqui é um negócio meio “puts, você tem certeza?” Sabe?

Alexia: “Isso não dá dinheiro, você tem certeza que você vai fazer isso?”

Felipe: Exato, exato. E isso acendeu uma luzinha, eu falei “po, legal.” Isso deu uma certa desencarrilhada na vida, porque eu tava sempre “po, legal, terminei o colégio, faculdade, faculdade, trabalho” e fui fazendo tudo conforme mandava o figurino. E aí desde que eu voltei eu sempre ficava “po, mas to aqui dentro dessa empresa, 12 horas por dia, tal.” E eu ficava falando pros meus amigos, como se aquele negócio de... Se você convencer alguém, você tá um pouquinho mais **certo**, sabe?

Alexia: Uhun.

Felipe: E eu fiquei enchendo o saco dos outros assim, e eu tinha conversas incríveis com os amigos assim, mas eu entendi que tem muita gente que tem circunstâncias diferentes. E era fácil pra eu falar “ah cara, ficar aqui dentro por, sei lá, 8 horas, 10 horas por dia, todos os dias da sua vida tal, tal, tal,” mas o cara tinha uma família, tinha um filho, enfim. E sabe, demorou um pouquinho pra eu entender que

pessoas, circunstâncias diferentes, enfim. E aí um dia eu falei “po, se eu falo tanto, porque que eu não faço né?” E não é **de uma hora pra outra** assim, demorou uns 3, 4 anos pra eu entender isso daí. E aí, quando eu fui morar em São Paulo foi meio que essa gota d’água no sentido de... Po, eu cheguei, em termos de trabalho, de carreira assim, no centro né, no centro industrial, no centro comercial do Brasil. São Paulo e Rio ali né.

Alexia: Sim, é onde tem o dinheiro. São Paulo é onde tem o dinheiro. Eu tenho muitos amigos que saíram do Rio, foram pra São Paulo e não saem mais de lá, porque é lá onde tem o dinheiro, é lá onde consegue se trabalhar.

Felipe: Sim, exato. E eu conversava bastante com os dois opostos, eu tinha amigos que saíram junto comigo, mas eu acabei voltando assim pra esse mundo e eu conversava “e aí, como é que tá? Como é que você tá se sentindo?.” E eu também conversava com pessoas que eu deveria **me espelhar** dentro da empresa, ou de outras empresas que eu sabia que, cara, tava crescendo como um **foguete** dentro da empresa assim. E aí eu falei “po, legal, eu não acho que de um lado esse negócio de largar tudo e tentar alguma coisa mais alternativa não funciona pra mim, porque eu sou meio **ansioso**, por outro lado, eu não

me espelho nessa galera que ta crescendo muito e vivendo pela empresa.”

Alexia: Sim.

Felipe: Não faz sentido pra mim agora.

Alexia: Sim.

Felipe: E aí eu falei “po, legal, juntei um dinheiro trabalhando, vou viajar um tempo.” E aí sim, em dezembro do ano passado eu saí do meu trabalho, conversei com todo mundo, deixei muito bem explicado e fui fazer um **mochilão** na América do Sul.

Alexia: E também a importância do portas abertas né? Olha gente, eu to saindo não é por causa de vocês, é por causa de mim. Porque é um **término de relacionamento**.

Felipe: Sem dúvida.

Alexia: De qualquer forma né?

Felipe: Sem dúvida, sem dúvida.

Alexia: Tem que tomar muito cuidado.

Felipe: E é o clichezão do “não é você, sou eu” né, o problema. Mas sim, eu com o meu chefe na época, a gente conversou muito abertamente. Eu falei “olha, eu entendo isso, eu sei o que eu tenho que fazer e eu sei aonde que eu chegaria fazendo isso, eu só não vou ser totalmente honesto, 100% honesto aqui, eu vou chegar meio já **desmotivado**, meio pensando em ir embora e não funciona assim. Eu sou um pouco intenso, ou eu to lá sempre ou não to lá nunca e foi bem legal, assim, a conversa foi bem honesta.

Alexia: Ah que bom. Bom, aí você foi pro mochilão pela América do Sul, você começou por onde e acabou aonde?

Felipe: Tá. A minha ideia, ideia de **sonhador**, era fazer um mochilão de 1 ano pela América inteira. Então, eu saí do Brasil, primeiro eu fui pra Manaus, Amazonas, polêmica aí.

Alexia: Olha aí... Gente, não vamos entrar nesse assunto nesse momento. Em algum momento a gente vai falar sobre isso aqui, mas não hoje, que não tem como.

Felipe: Não tem, tá difícil. Então eu fui, um amigo meu tava se formando e juntou né. Então po, eu cruzei o Brasil, fui prestigiar ele na formatura de medicina e voltei e comecei pelo sul. Então eu peguei um voo pra Porto Alegre e comecei a fazer todo o contorno né, contornar o Brasil por baixo assim, então... O Brasil não, a América, então eu comecei pelo Uruguai, aí eu fiz Uruguai, aí eu cruzei de ferry, que eles chamam lá, do Uruguai pra Argentina.

Alexia: Foi o que a gente fez também.

Felipe: E voei pra Ushuaia. Ah é? E voei pra Ushuaia, então... E Ushuaia eu achei "po cara, eu to muito perto da Antártica aqui" e tudo mais, achei bem legal isso. E aí eu falei "ah beleza, agora é hora de começar a subir." Então a minha ideia era, vou bater em Ushuaia e depois eu vou bater em Alasca, no Alasca, em Fairbanks, porque era sonho assim, eu falei "ah, vou cruzar esse negócio." E aí todo mundo, "ahhh, você assistiu aquele filme né, Na Natureza Selvagem, o *Into the Wild."* Eu falei

“não, **não tem nada ver** cara, eu ainda gosto de dinheiro, eu não vou queimar o único dinheiro que eu tenho aqui pra sair vivendo...”

Alexia: Não, é coisa de **maluco** se você tivesse feito isso. Com certeza.

Felipe: Não, não. E ainda falava “não quero viver... Eu gosto de gente.” E o cara do filme, é o oposto, ele tá tentando mostrar que ele não precisa, enfim, sem spoiler. E aí eu comecei a subir, aí eu fiz todos os pontos turísticos ali né, que tem El Calafate, El Chaltén, Bariloche, todos os pontos turísticos e parei em Pucón.

Alexia: Uhun.

Felipe: Porque eu falei “po, to viajando muito rápido, assim meio turistão, sabe, fica 3 dias, vai, 3 dias, vai.” E isso cansa um pouco. Aí eu parei em Pucón e fui fazer um voluntário lá.

Alexia: Uhun.

Felipe: Então imagina, menos de 2 meses eu saí de uma consultoria em São Paulo pra trocar dinheiro por moradia no Chile, no interior do Chile, e era muito engraçado falar com meus amigos.

Alexia: Não, é, e eu imagino porque nós fomos pro Chile também, só que a gente ficou em Santiago, Valparaíso e Viña del Mar. E todos meus amigos chilenos falaram que Pucón é o lugar pra ir pro Chile, que é a coisa mais linda de se ver, porque o Chile é muito interessante, né? É uma linha, **literalmente**, que tem um deserto e tem a natureza do sul que é o oposto, é literalmente o **oposto**.

Felipe: Exato, exato. E eu não conhecia muito assim, que você conhece quando você chega e mora, e conversa com a galera e eles falam coisas específicas assim do lugar. Pucón fica ainda na Patagônia, que é uma região climática que eles chamam ali do sul do Chile e da Argentina, e por isso é **caro** pra caramba, que a Patagônia é muito famosa principalmente pra Europeu. E aí eu falei "po, legal, to voluntariando vai ficar um pouquinho mais barato." E aí eu tava vivendo uma vida muito **bacana** assim, muito mais tranquila que **durou** talvez 2 dias. To brincando, durou talvez um mês e isso já começou a me **cutucar** assim "e aí, tá legal, mas e aí, tá faltando alguma coisa." Só que nesse meio tempo, eu cheguei lá, fazia talvez 1,2... não, 1 mês e alguma coisinha que eu tava viajando, no meu terceiro dia me roubaram tudo.

Alexia: O que que é o tudo, é o seu computador...

Felipe: Não é porque assim, eu tinha uma **mochila** grande e uma mochila pequena. E juvenil pra caramba na mochila grande só roupa, e na mochila pequena todo o resto.

Alexia: Pera aí que essa expressão “juvenil pra caramba” é uma coisa que eu nunca uso, mas é muito **engraçada**. É muito engraçada, é uma coisa de jovem né? De não ter **maturidade**, é juvenil pra caramba.

Felipe: Exato, é eu acho que é até usado de um jeito **pejorativo** nessa situação, mas é de que jovem sem maturidade de **viagem** nessa situação. E nessa mochilazinha tinha tudo, de... Cara, Kindle, passaporte, Macbook que eu tinha, celular, porque nesse dia meu celular tava sem bateria e eu deixei carregando com o carregador externo. Eu falei “não vou deixar em cima da cama né, vou colocar na mochila.” E aí levaram, e roubaram uma amiga minha também, enfim, maldade assim, alguém entrou, pegou e saiu, mas não foi a galera do hostel.

Alexia: Foi **furto** né, na verdade.

Felipe: Sim, sim, e era uma situação muito específica que a eletricidade da cidade tava indo e voltando e eu acho que alguém se aproveitou disso e ninguém viu assim, não foi... Depois eu conversei com a galera, pode ter sido alguém do hostel, pode, mas eu tenho quase certeza que não, eu acho que alguém se aproveitou da situação, entrou, saiu e ninguém viu, porque uma coisa que você aprende viajando é que, cara, **viajante** roubar viajante, assim não faz sentido sabe, tipo, tá todo mundo no mesmo barco ali, sabe?

Alexia: É, claro que existem pessoas malvadas em qualquer situação, né?

Felipe: Sim, sim.

Alexia: Pessoas de **má índole**, mas por exemplo, quando a gente tava em Buenos Aires, a gente tinha acabado de chegar do Chile, entramos num taxi... Não, mentira, a gente pegou tipo um *shuttle* do aeroporto...

Felipe: Uhun, sei.

Alexia: Que é muito mais barato do que taxi lá, do aeroporto de Buenos Aires. E aí o Foster tava com a mala e a mochilinha do computador né, aquela que é de lado.

Felipe: Sei.

Alexia: Tipo *messenger bag.* E aí a gente saiu do carro, chegamos no apartamento, tudo certo. Ele sobe e cadê o computador? Ele tinha esquecido a mochilinha embaixo do banco do *shuttle*, porque ele arrumou tudo e botou a mochila tipo embaixo da perna, do banco, e ficou lá.

Felipe: Nossa.

Alexia: E aí, a gente teve que ligar pra empresa, aí o Foster super nervoso e quando você tá nervoso não fala nem português, nem inglês, nem espanhol, você não fala nada.

Felipe: Nada.

Alexia: Eu não sei falar espanhol direito nessa situação.

Felipe: Sim, claro.

Alexia: Então, não tinha como. Ele saiu correndo, literalmente, pra empresa e eles assim “não, não vi nada, mas o motorista teria avisado.” Aí o motorista chegou depois de terminar tudo e falou “não, tá aqui sim,” mas os caras da empresa não iam **devolver** se fosse por eles.

Felipe: Caramba.

Alexia: É.

Felipe: Pois é. E é muito complicado esse negócio e assim, qualquer lugar turístico principalmente... Po, a gente é do Brasil e a gente conhece, você tem que ser um pouquinho mais **cuidadoso**, **trancar** suas coisas, eu não tinha trancado, não tenho nem como culpar, tava num quarto, enfim. Passou.

Alexia: Tem que ser **sagaz**, tem que ser sagaz.

Felipe: Exato.

Alexia: Porque isso existe em qualquer lugar do mundo, não adianta, não é o chileno. Não, não é, sabe?

Felipe: Não, não tem como culpar uma nacionalidade baseado em um cara. E aí eu entrei numa onda meio esotérica assim de tipo, óbvio que eu fiquei muito chateado. Eu não tinha dinheiro nenhum, que eu tinha preguiça de sacar, mas eu fiquei lá com um montão de roupa... um montão, uma mochila de roupa e um cartão de crédito que eu tinha. E eu falei "po, talvez isso aconteceu, porque lá pra cima, se nada disso tivesse acontecido, alguém ia me machucar pra roubar minhas coisas, enfim." Entrei nessa onda e ficou tudo bem assim, eu fiquei até surpreso, que eu achei que, falei "ah não, isso não é mais não, sabia, tá vendo, é um **sinal** pra eu voltar.." eu falei "não, vamos continuar." Aí eu continuei, subindo, subindo até que eu cheguei no Atacama, que foi bem legal também e fiz uma parte da Bolívia. Só que eu cheguei na Bolívia eu tava muito cansado já, já fazia 6 meses que eu tava, não, um pouco menos, 5 meses. Cara, esse negócio de viajar cansa assim sabe?

Alexia: Muito. As pessoas ficam falando "ah, vida de nômade é a melhor coisa que existe." Não, não é. Cansa muito.

Felipe: Sim, sim, exato. E aí eu pensei, “po, to cansado desse negócio de continuar sempre, ah pra onde eu vou agora, ter que me planejar muito,” e aquele negócio que eu falei “ah, durou um mês essa tranquilidade,” foi de que, eu tive um... Me chegou uma ideia, eu ia falar tive uma realização. Me chegou uma ideia que, eu falei “po, legal, to sentindo falta de fazer alguma coisa, no sentido de criar, de ta sendo produtivo.” E não produtivo de “ah cara, tenho 9 horas pra fazer tudo isso, tal, tal, tal.” Não era um negócio mais que foi, eu quero ta fazendo alguma coisa, eu sentia falta disso, talvez alguma coisa que pode não me dar **grana** nesse momento, talvez no futuro, nem isso, mas eu não me sentia muito legal só fazendo aquele negócio, “ah beleza, você vai ficar aqui numa recepção, você pode ficar aqui e tal,” pra mim parecia pouco, eu queria mais. E aí eu senti que tudo que eu coloquei culpa em empresa e não, não era feliz esse negócio, era mais eu assim, e eu gosto de fazer coisas e só queria direcionar o tempo da forma correta.

Alexia: É, mas é um bom autoconhecimento né?

Felipe: Sem dúvida.

Alexia: As pessoas falam, é muito engraçado, as pessoas... uma amiga minha fala que quando você tá num relacionamento, começando um

relacionamento, a melhor forma de conhecer o outro é viajar, passar um final de semana os dois 48 horas sozinhos pra ver se é aquilo mesmo e o mesmo acontece com a gente né? Um autoconhecimento de viajar com nós mesmos, de sair, encaram esse tipo de situação, você acaba falando “ok, não era a empresa, era eu, era eu que tava precisando de uma **mudança** e que eu preciso entender minhas prioridades e saber que que eu preciso fazer daqui pra frente.” Então é ótimo isso.

Felipe: Sim, exato. E po, eu tava cansado, sentindo falta de fazer algo que me preenchesse de uma forma que eu me sentia bem, eu não sabia o que era ainda. Então, cansado, queria algo que fizesse sentido e eu não tinha mais o passaporte com os **vistos**, ou seja, tava numa **encruzilhada** aí. E eu falei “ah legal, vou voltar, mas eu não vou voltar...” E isso já fazia 3, 4 meses que eu tinha sido roubado, “eu não vou voltar direto, eu vou voltar devagarzinho.” E aí, foi que eu entendi que andar de ônibus assim, os ônibus de 1 hora que eu reclamava, 2 horas não é tanto assim. E aí eu fui pra Salta na Argentina, então eu voltei né, contornei tudo, eu voltei, um ônibus de 24 horas até Foz.

Alexia: Meu Deus.

Felipe: Pra conhecer, porque nossa, todo mundo falava dessas Cataratas, po, de fato incrível e depois o outro...

Alexia: Pera aí, calma. “Dessas cataratas,” a gente tá falando aqui com pessoas que talvez nunca tenham ido.

Felipe: Ahh! Mas olha, na minha experiência de viagem, todo mundo que eu conheci já tinha ido pras Cataratas, menos os brasileiros, que acho que a gente fala “tá aqui eu posso ir qualquer hora.” Sabe?

Alexia: Mas é verdade, porque a gente tem isso né, a gente conhece a América do Sul, menos o Brasil.

Felipe: Pois é.

Alexia: A gente não conhece o Brasil, é **impressionante**.

Felipe: Verdade, então eu fui direito pra Foz, onde tem as Cataratas do Iguaçu e depois fui pra Floripa, pra subir... Sabe aquele negócio que você vai chupando o **sorvete devagar** assim pra demorar pra acabar? Mais ou menos isso. Aí Floripa, Curitiba e São Paulo, aí eu voltei. Isso faz 2 meses.

Vocabulário e expressões úteis

---

largou tudo - left everything behind, blew it,
intercâmbio - exchange program
cara - face
***A tradução de "a cara" é "the face," mas podemos usar no masculino como uma gíria que quer dizer "guy."*
Por exemplo:
Sua cara tá branca → Your face is white
Aquele cara tem dinheiro → That guy has money

certo - right
de uma hora pra outra - suddenly
me espelhar - look up to
foguete - rocket
ansioso - anxious
mochilão - backpack trip, big backpack
término de relacionamento - breakup
desmotivado - demotivated
sonhador - dreamer
não tem nada ver - it has nothing to do
maluco - crazy

literalmente - literally
oposto - opposite
caro - expensive
bacana - cool
durou - it lasted
cutucar - to poke
mochila - backpack
engraçada - funny
maturidade - maturity
pejorativo - pejorative
viagem - trip
furto - theft
***Há uma diferença entre "roubo" e "furto."*
Furto: caracterizado pela tomada de um bem material, sem que haja violência ou ameaça contra a vítima.
Roubo: consiste em um ato de subtrair um bem material de outrem por meio de violência ou ameaça.

viajante - traveler
má índole - bad character
devolver - to give back
cuidadoso - careful
trancar - to lock
sagaz - sagacious
sinal - signal
grana - money
mudança - change
vistos - visas
encruzilhada - crossroad

impressionante - impressive
sorvete - ice cream
devagar - slowly

30 - Mais um integrante da família Carioca Connection! {Parte III}

Alexia: Mais um episódio do Carioca Connection e hoje é o final da minha conversa com o Felipe. Então hoje nós concluímos a nossa conversa, concluímos os nossos **pensamentos** e concluímos também essa parte de vocês conhecerem mais um integrante aqui do Carioca Connection. Então espero que vocês tenham gostado dos dois primeiros, quem tá chegando agora volta pra trás, escuta os dois primeiros e vamos em frente. Então aperta o play, continua aqui com a gente e segue com o episódio.

Alexia: E aí você entrou pra cá né? Pra fazer parte da gente.

Felipe: Sim, sim. É, **a gente se conheceu**, na verdade, foi em março, abril ali.

Alexia: Você tinha acabado de voltar.

Felipe: Não, não. Quando eu fiz a... Eu passei por todo o processo né, o vídeo que eu gravei, eu tava morando numa **fazenda**...

Alexia: Verdade.

Felipe: Orgânica em Salta, um negócio meio diferente do que eu fazia. Eu queria né, testar algumas coisas. E sim, eu comecei o processo lá, fiz todas as fases né. E aí quando eu cheguei aqui, fazia uma semana que eu tinha chegado em casa, vocês me ligaram.

Alexia: Sim, sim, mas foi ótimo. É engraçado, porque eu fico pensando né, todas essas viagens que eu e o Foster fizemos, pra onde a gente foi, deixou de ir, só de... Por exemplo, na época que era Brasil e Estados Unidos só, eu ficava **exausta** de ficar mudando pra lá 3 meses, aí volta 3 meses, aí vai pra lá 3 meses. É muito cansativo, mas ao mesmo tempo, é como a gente conhece né, o mundo, não tem como.

Felipe: Exato.

Alexia: E a gente tem um **emprego** que dá essa oportunidade de vida, então é muito bom.

Felipe: Sim, sim. Exato. E o que eu mais gosto desse negócio de viagem, ou de testar um monte de coisa, é óbvio que tem um certo

privilégio poder testar, “ah quero isso, quero aquilo, tal, tal, tal” e de aceitar viver com menos do que talvez uma vida tradicional te daria, mas... E **eu acabei de ler** O Alquimista, que fala bastante isso assim, que fala de um jeito bonitinho né. Mas toda vez que eu falava “não, isso aqui vai me dar uma epifania aqui, aí eu vou saber exatamente. Ah não, agora isso aqui, isso aqui, isso aqui...” mas toda essa volta acho que vai te formulando.

Alexia: Preenchendo.

Felipe: Criando, é, exato. Vai te dando forma, vai te dando forma pra que você chegue num lugar e você fala “po, tava aqui entendeu? Mas se eu não tivesse feito tudo o resto, aqui não seria aqui, eu não conseguiria ver” né.

Alexia: Sim.

Felipe: Por isso que eu falei do O Alquimista, que eu achei bem engraçado a história, assim, bem a interessante a forma com que ele explica tudo pra voltar no mesmo lugar que ele tava.

Alexia: É engraçado porque você tá falando de O Alquimista, mas eu não li, eu tenho que admitir isso.

Felipe: Então, eu também não tinha lido e de novo, eu conheço todo mundo "ah você já leu O Alquimista, Paulo Coelho, tal." Todo mundo de fora conhece algumas coisas do Brasil que a gente não conhece. Eu falei "ah vou dar uma chance." E aí eu descobri que a galera que tava viajando lia também por causa disso, porque fala muito de viagem, muito de jornadas e tal. Aí eu falei "po legal." E coincidentemente eu tava editando os podcasts lá e eu vi e falei "caramba, também to nessa onda de tentar colocar umas **metas** aqui e ler mais." Porque né, comprar livro compra, mas ler, que nem academia, to pagando, to pagando...

Alexia: Eu também, nem me fala, nem me fala disso, mas é engraçado porque agora eu vou falar a minha opinião, eu não gosto de Paulo Coelho, eu nunca gostei dele.

Felipe: Eu já ouvi isso.

Alexia: Nunca gostei dele porque eu acho ele chato, mas não é nada mais do que isso sabe? Pra quem tá escutando aqui a gente agora,

leiam Paulo Coelho porque ele é um autor muito importante brasileiro, isso é um fato.

Felipe: Exato, exato.

Alexia: Mas eu não tenho **paciência** pra aquele homem, é surreal, tem umas coisas que não dão certo.

Felipe: Sim, eu tava falando com uma **escritora** romena que mora na França.

Alexia: Meu Deus.

Felipe: Que é uma das minhas **alunas**. É. E aí ela tava falando, eu falei "que que você acha de Paulo Coelho" porque ela né, deve ter uma bagagem gigantesca, lê pra caramba, ela falou "ah cara, ele é muito..."

Alexia: Comercial.

Felipe: "Neutro." Exato, todo mundo gosta. Eu falei "tá, eu sou um cara que não gosto muito de conflito, talvez eu vou gostar, não sou o cara mais **polêmico** assim que vai chegar e vai falar uma opinião." Então,

achei legal assim, achei bem interessante, mas zero propriedade pra dar uma crítica aqui, sem propriedade nenhuma.

Alexia: É, a propriedade que eu tenho é a minha vivência. Gosto ou não gosto, é isso.

Felipe: Exato. Gostei, gostei, exato.

Alexia: Mas então Felipe, o que mais assim? Ah, uma coisa importante que a gente tinha até comentado antes de gravar esse episódio, que talvez as pessoas vão gostar. Por exemplo, o **carioca**, ele tem muitas gírias pessoais né? A gente fala muito “mermão,” “coé,” “cara.” “Cara” também é de São Paulo, mas enfim.

Felipe: “Cara” é de São Paulo, é.

Alexia: É. O que que é assim, quando alguém tiver conversando com um **paulista** e não reconhece pelo **sotaque** né, porque tem paulista neutro, que não é o seu sotaque, é o sotaque do meu pai, que é aquele “r” que não é de nenhum lugar, sabe?

Felipe: Sim sim, sei, sei.

Alexia: E não dá as vezes pra reparar da onde é a pessoa. Quais são as **gírias** paulistas assim que você acha?

Felipe: Tá, agora eu to pensando em dois tipos de paulistas. Tem o paulista que é mais *high society* assim sabe? Que acha que é o paulista paulista.

Alexia: Sabia que você ia falar.

Felipe: E aí ele fala, parece que ele coloca um "i" depois de todo "r." Então você fala "marmita," eu falo "marmita," sei lá, e ele fala "marmita" e ele faz o "i" tipo, esse som nasal, ele coloca bastante ênfase no som nasal, então se você pegar... Eu não sei se o pessoal sabe o que é "marmita," que é até difícil de explicar né?

Alexia: Então, "marmita" é aquilo que... Vamos lá, você vai ter que almoçar no **escritório**, no trabalho, então você vai preparar o seu almoço em casa. Isso é uma "marmita," você vai botar dentro de um pote e vai levar pro trabalho. Isso é "marmita".

Felipe: Exato, exato. Exatamente, e aí se a gente fosse falar “ah pega a minha marmita,” e aí ele falaria “pega a minha marmita, meu.” Sabe? Aquele...

Alexia: Mas isso pra mim é muito a cultura Italiana, talvez.

Felipe: Sim, tem uma influência muito forte Italiana em São Paulo, sim. Talvez “cara,” “veio” que eles falam bastante também

Alexia: “Veio.” Sim, eu falo que o “cara” é carioca e “veio, vei” é paulista.

Felipe: Sim, sim. **Concordo**.

Alexia: “Mano.”

Felipe: “Mano,” bastante. É que depende, mais periferia, mais central, varia bastante porque São Paulo tem 19 milhões de pessoas.

Alexia: Só.

Felipe: A grande São Paulo né. São Paulo se eu não me engano tem 11 milhões e a grande São Paulo 19, se eu não me engano.

Alexia: Portugal tem 10 milhões o país inteiro, então...

Felipe: Pois é, é um negócio muito, muito interessante. E o “beleza” né que a gente fala bastante, que ninguém entende, mas “beleza” funciona pra tudo assim.

Alexia: Sim.

Felipe: E significa “*beauty,*” mas a gente usa pra tudo bem...

Alexia: Tudo bem, beleza.

Felipe: Pra ok, usa pra tudo.

Alexia: É tipo “Felipe me ajuda nisso?” “Uhun, beleza”. Acabou, é isso, tá tudo certo.

Felipe: Sim, exato. E acho que o “beleza” aprende bastante lá, o pessoal fala bastante.

Alexia: Tem uma gíria específica que eu não consigo lidar que é “cabuloso.”

Felipe: Ah “cabuloso” sim.

Alexia: Cabuloso é o que? Porque eu sempre falo, é uma coisa muito complicada, mas também pode ser usada de diferentes formas, eu nunca sei que que é cabuloso.

Felipe: Pode ser... Eu acho que é, talvez uma tradução seria “intenso.” Então se você falar “ah, aquele crime foi ruim, aquele crime foi cabuloso,” um negócio mais complicado, talvez intenso. Ou “ah, aquele negócio, aquele trabalho que eu to fazendo é cabuloso,” é difícil, é intenso. Não sei, é um negócio que é difícil de explicar.

Alexia: Eu também não entendo. Bom, e pra finalizar. Se você tivesse que escolher, vamos pensar, duas, dois lugares no Brasil pras pessoas visitarem, que que você indicaria?

Felipe: Dois?

Alexia: É.

Felipe: Cara, Manaus porque eu já conheci e é um negócio, experiência assim, física muito interessante, porque você chega e você sente meio que o peso assim da floresta, sabe? O ar é diferente, você consegue pegar uns tour** e ir direto pro meio da floresta mesmo. Pra quem é um pouco mais aventureiro pode ir acampar no meio da Floresta Amazônica.
**Algumas pessoas com sotaque do interior ignoram o plural em algumas frases, o que não está certo gramaticalmente.*

Alexia: Não, eu não faria isso. Eu já fico imaginando em **cobra**, mosquito, aquilo tudo entrando no camping. Eu não sou dessas.

Felipe: Sim, sim. Eu também não fiz isso, mas eu acho que a experiência física que eu tive lá dentro do Brasil foi diferente de qualquer outro lugar. E meu lugar preferido no Brasil é o interior de Minas assim, não tem como, Minas é um negócio... Se alguém me falar "cara, quem que é a pessoa mais brasileira que você conhece?"

Alexia: É o mineiro.

Felipe: Talvez é um cara de minas. É, exato.

Alexia: Sim, eu concordo. Minha família toda é de Minas e eu sou apaixonada. E isso que a gente começou a falar que você adapta o seu sotaque, né, de acordo com quem você tá falando, eu, se passar um mês em Minas Gerais, o meu sotaque já muda pra mineiro na hora. Eu amo aquele lugar, Minas pra mim é... A comida, as pessoas, tudo. É o Brasil.

Felipe: Sim, sim. Se eu pudesse morar... é que lá também, BH é diferente, Belo Horizonte é um pouco diferente do interior de Minas. Então, em termos de trabalho, **carreira** assim, normalmente a galera vai pra São Paulo, mas o interior de Minas, tirando essa parte de carreira, cara, é um lugar assim que eu moraria fácil.

Alexia: Mas qual lugar, eu quero nomes.

Felipe: Ah, eu conheci... É que tinha uma amiga minha que estudava medicina e agora eu esqueci o nome da cidade. Não é Alfenas, não é essas cidades.

Alexia: Eu já ia falar Alfenas.

Felipe: Não, não é Alfenas. É aqui pertinho, é perto de Santa Rita do Sapucaí.

Alexia: Tá, eu não vou saber, mas depois você volta e a gente coloca na *show notes* qual é o lugar.

Felipe: Sim, eu esqueci agora, mas é perto de Santa Rita.

Alexia: Tem um lugar que muita gente fala que é impressionantemente lindo é Capitólio.

Felipe: Ah, Capitólio, sim. Que tem os... Eu não sei se são canyons, mas a galera anda de barco ali no meio daquelas, talvez é considerado canyons, mas umas **pedras**, uns **lagos** lindos assim. Sim, eu nunca visitei, mas é bem bonito, bem bonito.

Alexia: É, a maioria das coisas que a gente fala aqui, a gente nunca visitou, mas a gente fala pras pessoas irem e contarem pra gente. Que é o jeito.

Felipe: Sim.

Alexia: Bom Felipe, muito obrigada por ter participado. Sua **primeira experiência**, foi a primeira vez que você gravou um podcast né?

Felipe: Foi, sim. Foi a primeira vez.

Alexia: Então eu espero que a gente não tenha te traumatizado, mas eu acho que não.

Felipe: Não, não tem problema.

Alexia: E um dia você volta e aí eu vou te colocar pra falar com o Foster, você e ele, pra ver como é que o Foster se relaciona em relação à isso.

Felipe: Ah, tá legal. Tá bom. Beleza.

Alexia: Vai ser ótimo. Então brigada, e gente, a gente se vê no próximo episódio, muito obrigada por terem escutado o Carioca Connection. Até já.

Felipe: Tchau.

Vocabulário e expressões úteis

pensamentos - thoughts
a gente se conheceu - we met each other
fazenda - farm
exausta - exhausted
emprego - job
eu acabei de ler - I just read
metas - goals
paciência - patience
escritora - writer (feminine)
alunas - students (feminine)
polêmico - controversial
carioca - a native of Rio de Janeiro or anything that comes from Rio de Janeiro.
***Por exemplo:*

A Alexia é carioca → Alexia comes from Rio

Eu gosto daquele samba carioca → I like that samba from Rio

sotaque - accent
paulista - from São Paulo State
***Até mesmo os brasileiros se confundem, mas o correto é:*

Paulistano → que nasceu na cidade de São Paulo

Paulista → que nasceu no estado de São Paulo

gírias - slang
escritório - office
concordo - I agree
cobra - snake

carreira - career
pedras - stones
lagos - lakes
primeira experiência - first experience

32 - O que é acarajé da Bahia?

Foster: Olá olá, oi pessoal, e seja bem vindo a mais um episódio do Carioca Connection. Oi Alexia, tudo bem?

Alexia: Olá! Tudo e com você?

Foster: Tudo.

Alexia: Voltamos!

Foster: Voltamos, há muito tempo, é a primeira vez há muito tempo que a gente gravou um episódio.

Alexia: Faz muito tempo que nós gravamos um episódio.

Foster: Sim, também pode falar "há muito tempo," né?

Alexia: Não. Assim, **provavelmente** deve tá correto com a gramática, quando você escreve a sentença inteira, mas "faz muito tempo." "Há muito que nós gravamos." "Faz muito tempo" fica mais legal.

Foster: Entendi, entendi. É muito mais comum, eu acho.

Alexia: Sim.

Foster: Bom, só pra vocês saberem, eu vou **sofrer** muito, e primeiramente Alexia, porque o sumiço? Onde a gente estava?

Alexia: Nós estávamos em Portugal, provavelmente vocês...

Foster: Há muito tempo.

Alexia: Acompanharam esse processo. Nós chegamos a apresentar o Felipe pra vocês, que é o nosso terceiro integrante.

Foster: Uhun.

Alexia: Da família, enfim. E aí tivemos que voltar aqui pros Estados Unidos, tivemos dois meses muito intensos de muita coisa acontecendo na nossa vida pessoal e profissional.

Foster: Sim, muitos **casamentos**. Todos os meus amigos.

Alexia: Não o nosso, exatamente.

Foster: É, mas enfim, a gente tá nos Estados Unidos agora, e isso quer dizer que eu, pessoalmente, eu estou falando muito inglês com a Alexia.

Alexia: Eu também to falando muito inglês.

Foster: É, eu acho que faz mais sentido, quando a gente está aqui, falar inglês, mas enfim. O meu português vai ficar um pouco complicado hoje.

Alexia: Você **reparou** que todo episódio do Carioca Connection você acha que o seu inglês está ruim, oh, o seu português está ruim.

Foster: Sim, eu acho bom só avisar o pessoal.

Alexia: Não tem problema, eles estão aqui pra aprender, **junto com você.**

Foster: Enfim, Alexia, hoje o episódio é sobre o que?

Alexia: Hoje nós vamos falar sobre um **prato típico brasileiro**, mais especificamente da Bahia.

Foster: Oba.

Alexia: Do nordeste brasileiro.

Foster: To curioso.

Alexia: E é o acarajé da Bahia.

Foster: Acarajé.

Alexia: Sim.

Foster: Pode falar essa palavra mais uma vez?

Alexia: Acarajé.

Foster: Acarajé.

Alexia: Da Bahia.

Foster: Da Bahia

Alexia: Sim, eu to falando que é acarajé da Bahia porque ontem, quando eu tava pesquisando pra fazer esse episódio, eu descobri que existem vários tipos de acarajé, e eu não sabia disso.

Foster: Entendi, não sabia, também não. Bom antes do que a gente começar**, a pronúncia amor.

Alexia: Antes da gente começar.

Foster: Eu sabia, eu já te falei que eu vou sofrer. Enfim, antes... Como é que é?

Alexia: Da gente.

Foster: Antes da gente começar.

Alexia: Sim, é porque eu tô diminuindo né, seria "antes de a gente começar." "Antes da gente começar."

Foster: Sim, entendi. Antes da gente começar, uma palavra** sobre a pronúncia "Acarajé."
Normalmente dizemos "um comentário sobre" ao dizer "a word about."

Alexia: Que que tem?

Foster: Tá certo assim?

Alexia: Sim, tá certíssimo.

Foster: Então, **se não me engano**, o último som é uma vogal aberta né? "Acarajé."

Alexia: Sim, sim.

Foster: Então acho que a tendência dos gringos é falar "Acarajei."

Alexia: "Acarajei." Não, "acarajé."

Foster: "Jé."

Alexia: Você dá um sorriso quando fala o "jé."

Foster: É o mesmo som de "é" né, tipo "pois é."

Alexia: O mesmo som de "é," o mesmo som de "pois é," o mesmo som de "Jéssica."

Foster: Exatamente, então uma vogal aberta.

Alexia: Exatamente.

Foster: Tá, então me explica amor, que que é um acarajé da Bahia?

Alexia: O acarajé da Bahia é uma culinária afro-brasileira, isso significa que, como quase tudo do Brasil, esse prato especificamente foi trazido pelos **escravos africanos** que foram pro Brasil naquela época. Que foram levados para o Brasil naquela época.

Foster: É, pensando bem, eu não consigo pensar numa comida brasileira que não seria afro-brasileira né?

Alexia: Eu to pensando, é... Não sei, mas talvez... não sei, tudo nosso é tão **misturado**, então não sei.

Foster: Ah, enfim. Mas é uma comida afro-brasileira e como é que é, que que tem?

Alexia: É um prato típico da Bahia, então você vai encontrar acarajé bom mesmo lá na Bahia. Não que você não vai ver no Rio de Janeiro, em Minas, em São Paulo, mas assim...

Foster: Eu já comi acarajé bom pra caramba no Rio.

Alexia: Provavelmente feito por baianas.

Foster: Provavelmente.

Alexia: Que vendem na rua. Esse seria meu último ponto, mas enfim.

Foster: Tá.

Alexia: O que que tem no acarajé da Bahia? É como se fosse um bolinho feito de massa de **feijão** fradinho. Então, feijão né?

Foster: Uhun.

Alexia: Existe um tipo de feijão que é o feijão fradinho, que é aquele que é meio branquinho, não é nem o marrom escuro, é o mais branquinho dos marrons, é o feijão fradinho.

Foster: Tá, gente é uma coisa muito muito complicada no Brasil, todos os tipos de feijão. Tem feijão carioca, feijão fraudinho.**

Alexia: Fradinho.

Foster: Fradinho.

Alexia: Isso.

Foster: Eu pensava que era "fraudinho."

Alexia: Não, "fradinho."

Foster: "Fraudinho" é um tipo de **carne** né?

Alexia: Fraudinha.

Foster: Fraudinha.

Alexia: Isso.

Foster: Meu Deus.

Alexia: Bom, então é um bolinho feito de massa de feijão fradinho com cebola e sal e é frito no azeite de dendê.

Foster: Dendê?

Alexia: Dendê.

Foster: Dendê. Você quer explicar pra gente o que que é dendê?

Alexia: Sim, o azeite de dendê também é uma coisa super típica nordestina que as pessoas falam que as pessoas no nordeste tem dendê, que são **cobertos** de dendê, porque é uma coisa muito muito

típica deles. E é um azeite que é feito do fruto da **palmeira** né. Tem a palmeira que é a árvore.

Foster: Uhun.

Alexia: O fruto dela, eu não vou conseguir explicar como é que é feito esse azeite, mas esse azeite vem do fruto da palmeira.

Foster: Sim, eu acho que a gente entendeu, mas dendê, além do azeite, tem outro significado ou não?

Alexia: Não que eu lembre agora, a não ser esse significado de, é uma pessoa que tem dendê, entendeu? Que tem aquela coisa especial.

Foster: Ah tá, tem um **jeito**.

Alexia: É.

Foster: Tá bom.

Alexia: Enfim, e aí esse azeite é tipo um tipo de **gordura** que, quando consumida crua, é rica em vitamina A sendo excelente para a saúde

dos **olhos** e beleza da **pele**. Ta aí a explicação porque que a pessoa é cheia de dendê, porque tem a pele linda, porque é muito bonita, etc.

Foster: Ah, agora entendi.

Alexia: Sim, tudo tem uma explicação nessa vida.

Foster: Não tudo, mas enfim.

Alexia: Bom, e aí vem as **curiosidades** que eu comecei a aprender ontem só na verdade e vou compartilhar com vocês. No continente africano, o acarajé é conhecido *akara*.

Foster: *Akara*?

Alexia: É.

Foster: Não sabia.

Alexia: Exatamente, e especificamente no norte da Nigéria é chamado de *kosai*. Em Gana, é conhecido como *koose*. Então, pra vocês verem como é que o acarajé realmente veio da África, a gente não sabe

especificamente de qual dos lugares da África que o acarajé da Bahia teve a maior influência, porque aparentemente em todos os lugares Africanos existem.

Foster: É, mas dá pra ver que realmente é uma comida africana com **raízes** fortes do continente africano.

Alexia: Sim.

Foster: Amor, acarajé normalmente vem com **camarão** né?

Alexia: Sim, normalmente vem com camarão, mas... Ui, agora vai ser difícil de explicar isso tudo, porque o acarajé em si, ele pode ser cortado ao meio né, dividido ao meio, e recheado com camarão refogado e pimenta.

Foster: Refogado?

Alexia: É quando você refoga no fogo, é quando você... como é que eu vou explicar "refogar," gente? Fica pro próximo episódio, porque eu não sei explicar o que que é "refogar" agora.

Foster: Tá bom, pode deixar.

Alexia: E aí junto com o camarão refogado e a pimenta existe o Vatapá e o Caruru.

Foster: E você sabe o que que são essas coisas?

Alexia: Sim, então vamos lá. Vatapá também é um prato típico da culinária afro-brasileira.

Foster: Uhun, já ouvi falar eu acho.

Alexia: Você comeu isso, porque você se você comeu o real acarajé, tinha isso dentro.

Foster: Sim, já comi.

Alexia: E é o seguinte, o preparo é feito com **pão molhado**, literalmente pão molhado ou farinha, fubá, gengibre, pimenta malagueta, amendoim, cravo, castanha de cajú, leite desnatado, azeite de oliva, cebola, alho e tomate. Então o vatapá por si só já é um prato muito grande e muito **pesado**.

Foster: Meu deus, muita coisa.

Alexia: Muita coisa. E o caruru.

Foster: Caruru.

Alexia: Caruru.

Foster: Que palavra ridícula, gente.

Alexia: Amor!

Foster: Ridícula não, mas é divertida.

Alexia: Amor, você não pode falar que a palavra é ridícula porque você está **menosprezando**.

Foster: Não não não, eu não queria falar ridícula no sentido pejorativo, mais tipo ridícula "caruru."

Alexia: É engraçado.

Foster: "Caruru," é muito bom.

Alexia: Sim, já o caruru, ele é um cozido de quiabo.

Foster: Hmm, eu adoro adoro quiabo, é uma palavra que eu sempre penso sobre essa palavra. Pense gente, "quiabo" é uma palavra tão bonita. E em inglês, seria... você sabe?

Alexia: *Okra*.

Foster: *Okra*. *Okra*, quiabo. A língua portuguesa é tão bonita gente.

Alexia: Então vocês imaginem como se fosse um bolo já de feijão fradinho, cortado ao meio, tem o vatapá, tem o caruru e tem o camarão junto com pimenta. E não é pimenta "ah pimentinha," é pimenta realmente de verdade, é super apimentado esse prato.

Foster: Quer dizer que é picante.

Alexia: Picante, exatamente.

Foster: Então seria picante demais pra você, imagino

Alexia: Sim, eu não gosto de acarajé, eu não consigo comer acarajé.

Foster: É, você não gosta de coisas apimentadas

Alexia: Sim.

Foster: Mas, enfim, eu queria te perguntar uma pergunta sensível, digamos.

Alexia: Ahn?

Foster: Você come camarão com cabeça ou sem?

Alexia: Eu como sem. Não, eu como sem o **rabo.**

Foster: Sem o rabo, mas com a cabeça, os olhos, essas coisas?

Foster: Normalmente eu corto.

Alexia: Sim, eu só pergunto porque eu acho que toda vez que eu comi acarajé no Brasil, o camarão vem com cabeça, os olhos, todas as coisas que não é normal, pelo menos aqui nos Estados Unidos.

Foster: Não só no Brasil, em Portugal também vem com tudo né, e você tem que tirar, mas...

Foster: Tirar ou comer.

Alexia: Sim. Eu não gosto de comer com o rosto do peixe me olhando, nada, eu não gosto de olhar pra nada disso, mas sim. E principalmente em **praia**, quando você come camarão em praia, ele vem inteiro, e você tá comendo com a mão né, então como é que você vai cortar a parte? Você bota o corpo inteiro do camarão dentro da sua boca e só corta o rabo, normalmente é isso.

Foster: É, é uma coisa esquisita né, comendo um animal inteiro. Mas enfim, a Alexia não gosta de coisas picantes, eu adoro.

Alexia: Como é que foi a sua experiência comendo o acarajé da Bahia?

Foster: Adorei. Adorei, eu recomendo fortemente.

Alexia: Então, **recomendação** do Foster feita aqui.

Foster: Sim, aprovado aqui.

Alexia: Sim.

Foster: Com o meu **carimbo**.

Alexia: No Rio de Janeiro, eu sei que existe uma barraca de baianas que elas servem em Copacabana, na esquina da (rua) Nossa Senhora de Copacabana com a (rua) Siqueira Campos, então ali em frente à praça, pra quem tiver curiosidade, porque eu sei que elas são realmente baianas e foram criadas lá. E elas se vestem com roupas típicas de baiana, que são aqueles vestidos grandes, rodados, com saia rodada, normalmente brancas e com lenço na cabeça.

Foster: Nossa, uma indicação específica. Gente, é um podcast de graça.

Alexia: Sim.

Foster: Ótimo. Então vai lá, experimente o acarajé. Eu acho que vale a pena. E algo mais******?

*****Embora "algo mais" esteja correto, também se diz "mais alguma coisa".***

*****O Foster parece ter pronunciado "mas" ou invés de "mais."***

Alexia: Ou então vai direto pra Bahia, come acarajé, aí depois conta pra gente.

Foster: É melhor né?

Alexia: Vai pra Salvador. Então tá, é isso. Espero te ver novamente no próximo episódio.

Foster: Sim, feliz de estar de volta e até a próxima.

Alexia: Até a próxima. Tchau.

Foster: Tchau tchau.

Vocabulário e expressões úteis

---

provavelmente - probably
sofrer - to suffer
casamentos - weddings
reparou - noticed
junto com você - with you
prato típico brasileiro - typical brazilian dish
se não me engano - if i'm not mistaken
escravos africanos - african slaves
misturado - mixed
feijão - bean
carne - meat
cobertos - covered
palmeira - palm tree

jeito - way of being
gordura - fat
olhos - eyes
pele - skin
curiosidades - fun facts, curiosities
***Nesse caso foi utilizado como "fun facts" ou "interesting facts."*

raízes - roots
camarão - shrimp
pesado - heavy
pão molhado - wet bread
menosprezando (menosprezar) - underestimate, despise
rabo - tail
praia - beach
recomendação - recommendation
carimbo - stamp

34 - A importância do Flamengo nesse último mês

Alexia: Oi oi pessoal, bem vindos a mais um episódio aqui do Carioca Connection.

Foster: Olá pessoal, eu estou aqui também.

Alexia: Como vocês podem **perceber** o Foster tá aqui comigo e eu sou a Alexia, como vocês já bem sabem. E hoje a gente vai trazer um assunto que foi muito legal agora final de ano pro Brasil. Eu pelo menos acho isso.

Foster: Sim, hoje a gente vai falar sobre futebol.

Alexia: Sobre futebol, mas a gente não vai falar sobre **Seleção Brasileira** (de futebol), nada disso, a gente vai falar sobre um time específico brasileiro.

Foster: Que é?

Alexia: Flamengo.

Foster: Flamengo.

Alexia: Isso, time **carioca**.

Foster: Mengão.

Alexia: Não começa Foster.

Foster: Mengão é um super fã do Flamengo né?

Alexia: Não, Mengão é como você... É o **apelido** do flamengo.

Foster: É, mas...

Alexia: Não é fã. Fã é você por exemplo, é um torcedor.

Foster: É, mas eu me chamo de Mengão.

Alexia: Não, você não pode se chamar de Mengão. Tá muito errado isso.

Foster: Tá bom, eu nem sei muito sobre futebol, mas eu vou tentar hoje. Mas me explica Alexia, o que aconteceu essa semana e porque o Brasil inteiro está maluco?

Alexia: Primeiro que no sábado tava tendo a final da Copa Libertadores da América, ou seja, os times da América do Sul participaram desse campeonato. Eu quero deixar bem claro aqui, que **eu não acompanho** esse tipo de campeonato, eu nem sabia que tava acontecendo, eu só comecei a descobrir o que tava acontecendo porque eu vi metade do meu Instagram, dos meus amigos viajando

para o Peru, indo pra Lima, todos **vestidos** de Flamengo pra assistir a final da Libertadores.

Foster: É, eu acho que vai ficar bem óbvio que nenhum dos dois, que não somos aficionados** com o futebol.
***Aficionado por (alguma coisa).*

Alexia: Aficionados.

Foster: Aficionados.

Alexia: Uhun.

Foster: Espertos com o futebol. **Especialistas**! Especialistas é a palavra que eu estava procurando, mas pessoalmente eu não sei sobre o que eu estou falando quando eu falo sobre futebol, mas eu gosto.

Alexia: É muito mais simples do que futebol americano.

Foster: É debatível.

Alexia: Não, você faz gol e tá todo mundo feliz. Você não tem que avançar pra 4 e volta 4 jardas e aí depois avança, todo mundo sai com concussão na cabeça. É um **desespero**.

Foster: Tem razão, ta certo. Primeiramente Alexia, explica pra gente quem é o Flamengo.

Alexia: Flamengo é um time carioca, é o maior time carioca. **Cá entre nós**, infelizmente, porque eu não sou flamenguista.

Foster: Você é de quem**?
***Normalmente se diz "você torce pra quem" ou "você torce pra qual time?"*

Alexia: Eu era vascaína, ou seja, o **concorrente** principal do Flamengo.

Foster: Que seria Vasco.

Alexia: Sim, Vasco.

Foster: E como se chama o fã de** Vasco?
***do Vasco.*

Alexia: Vascaína.

Foster: Vascaína e flamenguista.

Alexia: Isso.

Foster: Tá bom.

Alexia: No seu caso você é flamenguista e eu sou flamenguista. Quando é Vasco, eu sou vascaína e você é vascaíno.

Foster: Entendi. E agora tinha a Copa dos Libertadores**.

Alexia: Copa Libertadores da América.

Foster: Tá bom, e parece, pelo menos pra mim, que é basicamente uma mini Copa do Mundo (de futebol), mas só pra América Latina, é isso?

Alexia: América do Sul, exatamente.

Foster: Perfeito.

Alexia: Enfim, e aí teve a final agora no sábado. Como eu falei, metade do meu Instagram tava lá e eu não fazia ideia do que que tava acontecendo, até que começou a pipocar.

Foster: Pipocar?

Alexia: Eu já falei isso aqui várias vezes. "Aparecer."

Foster: "Pipocar" é "aparecer."

Alexia: É.

Foster: Em vários lugares no** mesmo tempo.
***Ao mesmo tempo.*

Alexia: Exatamente. Mensagens nos meus grupos de Whatsapp ao mesmo tempo de pessoas falando "é hoje o jogo hein? Tá todo mundo preparado?" Aí pessoas assim que eu jamais imaginaria tá parando pra assistir futebol começaram a comentar também. Eu falei "gente, que

isso? É o Brasil jogando? Tá tendo alguma coisa muito importante pra Seleção Brasileira?"

Foster: É.

Alexia: E aí eles falaram "não, é o flamengo que tá hoje na final" aí eu assim, "final do que? "Da libertadores." Eu falei "ah tá, ok, agora entendi."

Foster: Sim. Então eles ganharam no final** contra quem?
*****"Final" é um substantivo masculino, mas quando ao falar sobre a última etapa de um campeonato, se diz "na final."*

Alexia: Eles ganharam de virada, como tem aquela expressão em português que "de virada é mais gostoso," porque você fica naquela ansiedade porque o seu time tá perdendo e aí do nada faz um gol e vira o jogo. Então de virada é mais gostoso.

Foster: Tá bom, então de virada quer dizer que eles estavam perdendo o jogo e daí eles viraram o jogo, eles ganharam.

Alexia: Exatamente.

Foster: Tá bom, ótimo, parabéns.

Alexia: Sim, e aí foi a festa do urubu em Lima, no Peru. Urubu é o símbolo do Flamengo, então...

Foster: É um **pássaro** né?

Alexia: É, é aquele que come animais mortos.

Foster: É, eu acho que em inglês seria *vulture.*

Alexia: Isso, é um *vulture*. Então a urubuzada toda tava em Lima, no Peru, comemorando as pessoas chegarem.

Foster: Urubuzada?

Alexia: É.

Foster: Quer dizer grupo de pessoas?

Alexia: Quer dizer os torcedores do Flamengo.

Foster: Exatamente.

Alexia: E aí é muito engraçado porque eu vi vários amigos meus pegando carro e **dirigindo** até Brasília, de Brasília pegando o avião pra ir pro Peru.

Alexia: É sério?

Alexia: É sério, outros que, na volta, eles saíram do Peru, foram parar em Santiago, de Santiago - Florianópolis, Florianópolis - São Paulo, São Paulo - Rio de Janeiro. Então assim...

Foster: Meu deus.

Alexia: O pessoalmente realmente foi pra torcer.

Foster: E uma coisa que me surpreendeu bastante, você me falou que não é só os fãs do Flamengo, não somente os flamenguistas, mas o Brasil inteiro estava lá torcendo, até as pessoas que são de Vasco**. **_Pessoas que torcem para o Vasco._

Alexia: É, então... Na verdade, assim... o Flamengo tava, como é que se diz, tava jogando contra o River Plate, que é um time Argentino. Então já começa por aí.

Foster: River plate, prato do rio.

Alexia: Pessoas, ouvintes argentinos, saibam que nós não temos nada contra vocês e é verdade, mas existe essa concorrência né, entre Argentina e Brasil desde sempre no futebol.

Foster: Uhun. Vocês tem a palavra em português "**rivalidade**"?

Alexia: Uma rivalidade, exatamente. E essa rivalidade aconteceu no sábado que era Argentina contra o Brasil, simplesmente isso. E pessoas vascaínos, fluminense, botafoguenses, todos eles, corintianos, são paulistas. São paulinos, desculpa.

Foster: Uhuh.

Alexia: Muita gente gente tava torcendo a favor, mesmo de cara amarrada, mesmo não gostando.

Foster: Uhun. Quando você fala "cara amarrada"?

Alexia: É tipo, "não to gostando disso, mas eu tenho que fazer."

Foster: Exatamente.

Alexia: É isso. E muita gente torceu por ter sido o Brasil lá jogando contra o River Plate argentino. E o Brasil parou. Foi festa, principalmente no Rio de Janeiro, por mais de 24 horas as pessoas comemorando porque no domingo teve a final do Brasileirão, do Campeonato Brasileiro (de futebol), que o Flamengo também foi campeão, então foram dois campeonatos ganhos num final de semana.

Foster: Ual.

Alexia: Sim.

Foster: Daí você fala "dois campeonatos ganhos."

Alexia: Sim.

Foster: Ah, entendi. Que "ganho" no passado, o particípio é irregular, e não seria "ganhados."

Alexia: Não.

Foster: Entendi. "Ganhos." Ótimo, então foi uma boa semana pro Flamengo, também parece pro** Brasil inteiro.

**Parece que pro Brasil inteiro.*

Alexia: É, quando se fala de Brasileirão não, né, porque, você tá envolvendo o Brasil inteiro, mas muitos dos meus amigos flamenguistas estavam postando "deve ser muito ruim não ser flamenguista" porque você acabou de ganhar dois campeonatos em um final de semana só, então realmente foi muito importante. E uma curiosidade, o técnico do Flamengo é um português que acabou de vir do Benfica.

Foster: Ah, nossa.

Alexia: Tipo, há 4 meses, 3 meses atrás ele virou técnico do Flamengo, que é o... Cadê o nome dele, Jorge Jesus.

Foster: Jorge Jesus. E Benfica é um time português.

Alexia: Sim, de Lisboa.

Foster: Exatamente. Legal, então eu acho que é uma coisa muito boa, porque eu acho que o Brasil estava precisando de boas notícias e chegaram.

Alexia: É. Eu acho que pra mim, eu não entendo nada de futebol, mas tá ganhando, manda todo mundo embora da seleção oficial do Brasil, bota o pessoal do Flamengo, bota o Jorge Jesus, o Gabibol, que é o principal atacante do Flamengo, vai no lugar do Neymar, que aliás, uma outra curiosidade, o Gabigol, esse...

Foster: O nome dele é gol?

Alexia: Não, o nome dele é Gabriel Barbosa, só que todo mundo chama ele de Gabigol porque ele faz gol, e ele faz umas coisas assim.

Foster: Uhun.

Alexia: O Gabigol, ele namora a irmã do Neymar.

Foster: Ual.

Alexia: Então, tá tudo em família, tomara que ele passe um pouco dessa motivação pro Neymar durante a Copa (do Mundo de futebol).

Foster: Ouviu, Gabigol? Tá bom, um pouco **inspiração**** pro Brasil, e a gente está mandando nosso amor pro Flamengo, pro Gabigol, mais algo**?
***Um pouco de inspiração.*
***Fica mais natural dizer "mais alguma coisa?"*

Alexia: Você adorou isso né? Pro Gabigol.

Foster: Sim, é divertido falar isso, Gabigol.

Alexia: Não, só isso. Então é isso gente, mais uma **curiosidade** do Brasilzão pra vocês.

Foster: Bom, até a próxima.

Alexia: Tchau.

Foster: Tchau.

Vocabulário e expressões úteis

---

perceber - to perceive, to realize
seleção brasileira - Brazilian team
carioca - from rio
apelido - nickname
eu não acompanho - I don't follow
vestidos - dressed
esperto - clever
especialista - expert
desespero - despair, desperation
cá entre nós - between us
concorrente - competitor
pássaro - bird
dirigindo - driving
rivalidade - rivalry
inspiração - inspiration
curiosidade - fun fact, curiosity
***Nesse caso foi utilizado como "fun facts" ou "interesting facts."*

33 - Aliens no Brasil. Varginha tem muito o que contar!

Alexia: Oi pessoal, mais um episódio aqui do nosso querido Carioca Connection. E hoje nós temos um assunto super bacana e muito **místico** pra falar, e eu to aqui com o nosso querido Foster.

Foster: Oi gente, tudo bem Alexia?

Alexia: Tudo e com você?

Foster: Tudo ótimo.

Alexia: Hoje a gente tem um assunto muito interessante pra falar sobre.

Foster: Você já falou que é um assunto místico?

Alexia: É meio místico, é meio **fora do normal**.

Foster: Fora do normal, então já estou interessado, já estou curioso. Vamos lá.

Alexia: Sim, hoje nós vamos falar sobre um caso que aconteceu no ano de 1996.

Foster: Faz pouco tempo.

Alexia: Sim. Nós dois tínhamos 5, 6 anos.

Foster: Uhun.

Alexia: E foi quando apareceram ETs em Varginha, que fica em Minas Gerais.

Foster: Tá bom, então pera ai amor. ETs, você está falando as letras "e" "t" né?

Alexia: Eu to falando a letra "e" e a letra "t" e botando no plural com um "s" no final.

Foster: Exatamente, então ET quer dizer?

Alexia: "ET" quer dizer "extraterrestre."

Foster: Exatamente. Também você pode falar "alien."

Alexia: Alien.

Foster: Sim. *Aliens, E.T.s, extraterrestrials*.

Alexia: *E.T. phone home*. É exatamente isso.

Foster: Exatamente, então teve um caso no ano 1996**.
***O Foster não disse o "e."*

Alexia: E 96, isso.

Foster: Então me explica, o que aconteceu. É uma cidadezinha né, é uma cidade pequena que fica em Minas, Minas Gerais.

Alexia: Primeiro eu tenho uma pergunta pra te fazer, o que que quer dizer UFO?

Foster: Pra mim?

Alexia: É.

Foster: Ou em inglês?

Alexia: Em inglês.

Foster: *Unidentified flying object.*

Alexia: Ótimo, porque a gente no Brasil, em português, a gente adaptou várias palavras do inglês pro português, claro né, vocês já sabem disso.

Foster: Normal.

Alexia: E o caso Varginha, que é como é chamado esse caso dos ETs, é um **incidente** ufólogo.

Foster: Ufólogo?

Alexia: Exatamente.

Foster: Meu deus. Mas é legal isso, é uma palavra que vocês estão usando o português mas parece uma palavra meio científica, "ufólogo."

Alexia: Mas é uma palavra científica, existem profissões que são os ufólogos, que estudam os ETs.

Foster: Sim. E como é que fala em português, vocês falam U.F.O ou UFO?

Alexia: A gente, não, a gente fala ET. Eu não sei, a gente fala...

Foster: Mas o veículo que os ETs chegam.

Alexia: Ah meu Deus, eu tenho tudo anotado menos isso, é a... Nave espacial**.
**Também podemos dizer OVNI - Objeto voador não identificado.*

Foster: Nave espacial.

Alexia: Isso.

Foster: Muito bem. Então, segue por favor.

Alexia: Bom, então o caso Varginha foi um incidente ufólogo apontado como o mais notável do gênero de todos os tempos no Brasil.

Foster: Tá bom, entendi. Então é a coisa mais séria, ufóloga, do Brasil inteiro.

Alexia: SIm, porque é em um momento recente da história do Brasil, né, foi em 96, ou seja, quanto tempo atrás?

Foster: Quase 15 anos?

Alexia: Sim, 15 anos atrás, o que é **pouquíssimo** tempo. E não só uma como várias pessoas viram os ETs pela cidade. Então existem **depoimentos** de várias pessoas.

Foster: Tá bom. Então vamos lá, me explica, quantas pessoas, quantos ETs, o que aconteceu, eu quero ouvir fatos.

Alexia: Bom, então vamos lá. Eu escrevi os fatos né, eu vou contar pra vocês, mas só pra eu não me perder na história, porque tem muitos

detalhes eu vou seguindo aqui o meu roteirinho e você vai me fazendo perguntas ao longo. Tá bom?

Foster: Perfeito.

Alexia: Então ótimo. Varginha. Primeiro que Varginha é conhecida como a cidade dos ETs né, então muitas pessoas saem dos lugares do Brasil ou do mundo até e vão visitar Varginha exatamente pra isso, pra ver a cidade.

Foster: Pera aí, você já conhece alguém que foi lá?

Alexia: Eu pessoalmente não, mas existem comunidades na internet, comunidades ufólogas que vão pra lá de vez em quando sim.

Foster: Você quer saber algo?

Alexia: O que?

Foster: Já fui.

Alexia: Você não foi.

Foster: Não.

Alexia: Bom, fica localizada no sul de Minas Gerais, perto de Poços de Caldas. E Varginhas entrou para o mapa-múndi da ufologia depois que três garotas relataram ter ficado frente a frente com um ser extraterrestre, ou seja, com um ET.

Foster: Tá bom, então três meninas de qual idade?

Alexia: Elas eram jovens na época, sei lá, eram duas mais novas de 20 e poucos anos e uma um pouquinho mais velha.

Foster: Ok.

Alexia: Não eram **crianças**, elas já eram **adultas**.

Foster: Tá bom.

Alexia: É muito engraçado porque quando você pára pra pensar a reação das pessoas ao verem um ET, eu estaria **chorando** olhando pra um ET.

Foster: De felicidade?

Alexia: Não, morrendo de medo.

Foster: De saber que a gente não somos** os únicos no universo?
***Podemos dizer "nós não somos" ou "a gente não é," sendo este último mais informal.*

Alexia: Não, eu estaria desesperada, **desesperada**. Bom, o que que elas fizeram? Elas viram o ET, voltaram pra casa, contaram pra mãe. E aí a mãe não acreditou de jeito nenhum e pra vocês entenderem, Varginha, principalmente nesse lugar, é um ambiente muito rural né, então são **fazendas**, são **campos** abertos, são lugares abertos, não é tipo no meio de uma cidade com **prédios** como São Paulo, é um lugar rural, completamente rural.

Foster: Sim, também provavelmente um lugar **conservador**, talvez não essas coisas também.

Alexia: É, então, quando você pára pra ler essa história, claro que existem milhões de detalhes que eu não vou colocar aqui, porque se

não vai ficar um podcast só sobre o caso Varginha, e a gente não pode fazer isso, mas tem em qualquer lugar da internet, em inglês e em português pra vocês lerem, e além dessas três meninas, tiveram outras pessoas ligadas ao exército brasileiro e não que viram os ETs.

Foster: Tá, no mesmo dia, no mesmo caso?

Alexia: Sim, no mesmo dia, num período de 48 horas.

Foster: Tá bom.

Alexia: E o que é mais estranho é que o **Exército Brasileiro** já estava na cidade quando isso aconteceu. E que que o Exército Brasileiro vai fazer em Varginha? Nada. Não tem nada pra fazer em Varginha, não tem nem base do Exército Brasileiro lá. Não tinha, na verdade, base do Exército Brasileiro lá.

Foster: Tem café bom né? Eu li sobre Varginha que também é conhecido sobre** um lugar de café. Talvez eles estavam lá pra beber um bom café.
***"Conhecida como." Para soar mais natural, diríamos "conhecida como um lugar que tem um bom café."*

Alexia: Bom, e aí pessoas e **testemunhas** dizem terem visto soldados do exército tirando sacos pretos de um lugar e colocando dentro de um caminhão.

Foster: Tá. A minha tese do café ainda segue intacto**.

Alexia: Intacta.

Foster: Intacta.

Alexia: Isso. Bom, dia 20 de janeiro de 96 a Polícia Militar e o **Corpo de Bombeiro** teriam capturado duas criaturas de outro planeta e as conduzido para análises em hospitais e **necropsia** em Campinas. E, de acordo com a comunidade ufóloga, essas instituições, ou seja, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros e o hospital que fez a necropsia dos corpos, negam ou sonegam os fatos ocorridos.

Foster: Tá bom, então me explica a diferença entre "negam" e "sonegam."

Alexia: Sonegam. Então "negar" é dizer que não aconteceu, né, estou negando algo.

Foster: Exatamente.

Alexia: "Sonegar" é dizer que sim aconteceu, mas não era de ET, eram dois corpos humanos que acharam ou então dois cachorros que acharam, sabe, uma coisa assim. Então estão sonegando, ou estão mentindo ao mesmo tempo que afirmam que realmente a Polícia Militar e o Corpo de Bombeiro tiraram os corpos de lá.

Foster: Tá bom, entendi. Então até agora a gente tem um caso que várias meninas jovens, eles** viram um ET.

Alexia: Elas.

Foster: Elas viram um ET e também o exército do Brasil estava lá na mesma cidade e tinha mais testemunhas também. É isso?

Alexia: Sim, e aí um fato super intrigante do caso Varginha é a morte de um policial militar que supostamente, em decorrência de um vírus estranho adquirido do ET, tenha morrido. Porque essa história é a

seguinte, esse policial militar, ele tava dentro do carro, passando na rua, e aí viu uma criatura, uma pessoa, muito diferente caída assim na beira da rua, na beira da estrada e ele não pensou duas vezes, pegou essa criatura, botou dentro do carro e levou para o hospital.

Foster: Ah é o primeiro erro né?

Alexia: E aí ele pegou com as mãos né, e aí ele **tocou** pele com **pele**, digamos assim.

Foster: Uhun.

Alexia: E ele morreu pouco tempo depois. Também tem um caso de dois **fazendeiros**, um casal de fazendeiros que acharam muito estranho que as vacas tavam gemendo ou gritando a noite e aí eles olharam, tinha um clarão.

Foster: Um **clarão**?

Alexia: Um clarão, tipo uma luz muito forte no céu.

Foster: Uhun.

Alexia: Que foi baixando aos poucos e aí eles viram as vacas **gritando**, saíram de casa com uma espingarda né, com uma arma achando que alguém estava roubando as vacas.

Foster: Uhun, qual foi** o nome da arma?
"E qual era" soa mais natural.

Alexia: Espingarda.

Foster: Espingarda.

Alexia: Sim.

Foster: Que que é isso?

Alexia: Menor ideia de como que é em inglês, mas é aquela longa, de cano longo que tem um cano grosso assim.

Foster: Sim, entendi, é um tipo de *shotgun.*

Alexia: Sim. E no outro dia todas as vacas estavam mortas e com um espaço na grama como se fosse de uma nave espacial que tenha pousado. E só pra complementar, porque existem vários outros casos, mas um específico de que um ET tenha caído dentro de um lugar também com animais, eu não sei se era um zoológico ou coisa parecida, e que os animais daquela área onde o ET tava também acabaram morrendo depois.

Foster: Na mesma cidade, em Varginha?

Alexia: Na mesma cidade, mesmo dia, mesmo tudo.

Foster: Então no mesmo dia a gente tem vários casos, mas sei lá, as meninas falaram algo sobre as criaturas? São homens verdes?

Alexia: Então, elas descreveram como uma criatura muito magra, muito esquálida né, que é muito muito magra.

Foster: Esquálida?

Alexia: Esquálida.

Foster: Ah, entendi. *Squalid.*

Alexia: É.

Foster: É uma palavra que a gente não usa, mas existe.

Alexia: Com braços muito longos e muito finos também, com olhos grandes e que essa criatura em si tava com tipo uma **gosma**, um líquido assim em volta e parecia tá muito doente, porque não conseguia se levantar e nem se mexer.

Foster: Basicamente é o seu ET típico.

Alexia: Sim, sim. Bom, e aí essa história começou a tomar conhecimento nacional, conhecimento internacional e é claro que os Estados Unidos mandou pessoas para o Brasil pra ajudar nas investigações.

Foster: Muito bem.

Alexia: E eu sei que existe um acordo entre o Brasil e os Estados Unidos de que qualquer tipo de informação que tenha acontecido no

caso Varginha, ou qualquer outro que aconteça no Brasil, os Estados Unidos tem total acesso e propriedade sobre esse assunto.

Foster: Não existe nenhum caso que os Estados Unidos não fica lá fazendo algo né?

Alexia: Bom, e você devem estar se perguntando, "e aí, é verdade ou não é?" Gente, eu não faço ideia, eu pessoalmente prefiro não **acreditar** nisso porque me dá muita aflição saber que existem criaturas extraterrestres em algum lugar do universo olhando pra gente nesse momento.

Foster: Me dá muito mais aflição pensando** que não tem mais ninguém.
***Pensar.*

Alexia: Não, pra mim dá muita aflição saber que tem. Eu não sei, não sei.

Foster: Isso é outro papo pra um dia diferente.

Alexia: Sim, e a Polícia Militar e o Exército deram como justificativa que essas três meninas não viram um ET, e que na verdade elas viram um homem, que é popularmente conhecimento como "Mudinho."

Foster: Mudinho?

Alexia: É, Mudinho.

Foster: Ele é **mudo**.

Alexia: Mudo, não fala nada, mudinho. E ele costumava ficar **agachado**, que é na mesma posição em que o ET estaria, segundo os relatos, e que provavelmente apresentava algum desvio mental. Então, segundo o exército, o ET nunca existiu. Na época, o Mudinho tinha cerca de 30 anos e morava com a família em frente ao terreno onde as garotas afirmaram ter visto a criatura. E ainda hoje esse **morador** é visto regularmente agachado recolhendo objetos do chão como cigarros e **galhos**.

Foster: "Agachado" quer dizer o que?

Alexia: Sabe andando que nem cachorro ou gato? Agachado.

Foster: Tá.

Alexia: Tipo um **sapo**, sabe quando o sapo tá...

Foster: Sim, ele está andando com as mãos também no chão né?

Alexia: Sim. Enfim, e aí o Exército, um tenente coronel do Exército até falou "é mais provável a hipótese de que esse cidadão, estando provavelmente muito **sujo**, em decorrência das **chuvas**, visto agachado junto ao muro, tenha sido confundido por três meninas aterrorizadas por uma criatura do espaço." Então...

Foster: Ah bom, eu acho que tá tudo explicado então. Foi o Mudinho bebendo café em Varginha.

Alexia: Sim, mas o mudinho tava em vários lugares diferentes ao mesmo tempo?

Foster: Talvez, talvez ele é muito rápido.

Alexia: E as vacas morreram como?

Foster: Sei lá, vírus normal de vaca.

Alexia: Vírus normal de vaca.

Foster: Tudo tem uma explicação, amor.

Alexia: Enfim, então essa é a história do caso Varginha, que eu acho que a gente demorou até muito tempo pra falar sobre esse caso, porque é tão famoso no mundo a fora que é engraçado que até uma das minhas alunas, a Amanda, ela escutou num podcast sobre essa história. Duas meninas americanas falando sobre essa história, e foi tipo, uma hora e meia de podcast falando sobre esse assunto. Eu escutei até e falei "bom, seria muito bacana trazer pro Carioca Connection e contar essa história também." Então cá estou eu trazendo essa história pra vocês.

Foster: Você lembra o nome do podcast?

Alexia: Tem alguma coisa com 30... Não sei, mas eu vou deixar nas show notes.

Foster: Tá bom, então a Alexia vai deixar o outro podcast no show notes. Mais alguma coisa com ET, com Varginha, com esses negócios místicos?

Alexia: Você tem alguma pergunta?

Foster: Não, não, você quer ir?

Alexia: Pra Varginha?

Foster: Sim.

Alexia: Não, não quero ir caçar ET não, deixa eles lá e eu cá.

Foster: Não, não caçar, **brincar**, brincar com eles. Eu acho que seria legal passar em Poços de Caldas, visitar a sua família, visitar mais ETs ainda.

Alexia: Logo na entrada da cidade tem um ET como o mascote construído.

Foster: É bom marketing.

Alexia: É um ótimo marketing.

Foster: Mais algo** sobre ET?

***Soa mais natural dizer "mais alguma coisa."*

Alexia: Não, só isso.

Foster: Tá, então *Carioca Connection phone home*.

Alexia: Então tá bom, até o próximo.

Foster: Tchau.

Alexia: Tchau.

Vocabulário e expressões úteis

---

místico - mystic
fora do normal - unusual
incidente - incident
nave espacial - spaceship
mais notável - most notable
pouquíssimo - very little
depoimentos - statements, testimonials

crianças - children
adultas - adults
chorando - crying
desesperada - desperate
fazendas - farms
campos - fields
prédios - buildings
conservador - conservative
exército brasileiro - brazilian army
testemunhas - witnesses
intacta - intact
corpo de bombeiro - fire brigade
necropsia - necropsy
tocou - touched
pele - skin
fazendeiros - farmers
gritando - screaming
gosma - goo, goop
acreditar - to believe
mudo - mute
agachado - crouched
galhos - branches
morador - resident
sapo - frog
sujo - dirty
chuvas - rains
brincar - to play

35 - Jiu Jitsu e o Brasil: uma dupla incrível!

Alexia: Oi pessoal, mais um episódio aqui do Carioca Connection, estamos muitos felizes que vocês estão aqui conosco. E como sempre, vocês tem a mim, Alexia e o nosso querido Foster. Oi Foster!

Foster: Oi, fala pessoal. Tudo bem Alexia?

Alexia: Tudo e com você?

Foster: Tá tudo bem. A gente agora está na casa dos meus pais e tem muito **barulho**, porque sei lá, tem alguém...

Alexia: Alguém tá cortando grama, eu acho.

Foster: Eu acho que tão fazendo algo no **jardim**, mas tá tudo bem, a gente vai aguentar.

Alexia: Bom, hoje nós vamos falar sobre uma coisa muito importante pro Brasil.

Foster: Oba.

Alexia: Que é uma modalidade marcial.

Foster: Não me conta.

Alexia: Você já sabe.

Foster: Feijoada.

Alexia: Não é uma... Bom, pode ser considerado marcial, mas de qualquer forma é o Jiu Jitsu brasileiro.

Foster: Muito bem.

Alexia: Sim. Você sabe alguma coisa sobre?

Foster: Eu sei, eu tenho um pouco** experiência com o Jiu Jitsu, mas...

***"Um pouco de experiência" ou "pouca experiência."*

Alexia: Eu tenho pouca experiência com o Jiu jitsu

Foster: Eu sabia, eu sabia, eu estava esperando a sua correção. Tá bom.

Alexia: Lembra que o som do "X" não é "équis" é "esssperiência."

Foster: Sim, experiência.

Alexia: Isso, isso.

Foster: Sim, mas enfim. Eu não sei muito, então pode começar com o básico.

Alexia: Bom, Jiu Jitsu veio do Japão né, como acho que qualquer, praticamente qualquer arte marcial, a maioria **pelo menos** e foi introduzido no Brasil pela Família Gracie.

Foster: Uhun.

Alexia: Que é muito famosa. E eu tenho uma curiosidade pra falar, eu estudei com as **netas** e **bisnetas** do Gracie.

Foster: Sério?

Alexia: Sim.

Foster: Não sabia.

Alexia: Sim.

Foster: Caraca, eu **aprendo** algo todos os dias com você amor.

Alexia: Elas não eram da minha série no colégio, era uma série abaixo, mas eu tenho muito contato com Jiu Jitsu, porque o pai da minha melhor amiga, ele é mestre Jiu Jitsu, ele é campeão brasileiro Jiu Jitsu, e hoje em dia ele faz parte de um grupo de pessoas que estão querendo introduzir o Jiu Jitsu como uma atividade física nas escolas para as crianças.

Foster: Sim, que eu acho que é uma coisa super interessante. Aliás, oi Marina, oi... Como se chama o pai**?
***"Como se chama o pai dela" soaria mais natural.*

Alexia: Zé.

Foster: Zé. Oi Zé, tudo bem? Mas antes da gente falar sobre todas essas coisas um pouco mais complicadas, me explica amor, com o básico, quais são as **regras** fundamentais, essas coisas que você precisa saber sobre o Jiu Jitsu?

Alexia: Bom, você precisa saber que não é um esporte que você vai aprender pra sair lutando com as pessoas na rua. É o contrário disso. O que o Jiu Jitsu ele quer ensinar, é a questão de responsabilidade, de defesa pessoal e muito mais de **consciência** daquilo que você tá fazendo com o seu corpo e com a outra pessoa.

Foster: É, se não me engano, a ideia com o Jiu Jitsu tem essa parte de **defesa pessoal** como você falou, mas também eu conheço muitas pessoas, eu tenho muitos alunos que praticam e é tipo uma religião.

Alexia: Sim.

Foster: É uma coisa muito muito séria que não é somente uma coisa física, mas também espiritual, mental, que tem a ver com comunidade também.

Alexia: Tem. Quando você faz parte da comunidade do Jiu Jitsu, é uma comunidade muito forte e muito interessante. É engraçado porque quem faz Jiu Jitsu no Rio de Janeiro conhece todos os mestres Jiu Jitsu, sabe quem é quem, sabe quem dá aula em tal **academia**, diferente da outra. E eles se respeitam muito dentro desse **ambiente**, porque imagina, é um mestre dessa arte né, quando você chega em uma das últimas faixas né, que é um dos últimos níveis.

Foster: Uhun.

Alexia: Você se torna um mestre, então você, quando começa desde criança ou jovem ou adulto, você tem que começar lá embaixo, e aí você vai ganhando habilidade né, e vai passando de nível pra nível e vai ganhando a faixa. Você faz parte de premiações, então eu acho uma arte muito muito importante, muito legal.

Foster: Sim, é muito legal mesmo. Também essa comunidade por alguma razão, não sei porquê, talvez Jiu Jitsu está na moda hoje em dia, mas a gente faz parte de vários grupos com outros empreendedores digitais, pessoas que tem negócios, empresas na internet, e eu diria** pelo menos a metade das pessoas fazem Jiu Jitsu hoje em dia.
***Eu diria que.*

Alexia: É porque é uma luta de solo né, quando eu falo de solo, é que é uma luta que é completamente no chão.

Foster: Uhun.

Alexia: Você tá praticando a **luta no chão**. E por exemplo, **soco** e etc, que você vê no UFC né, naquele Muay Thai, aquelas **loucuras** todas, não existe no Jiu Jitsu.

Foster: Não é um vale tudo.

Alexia: Não, não é um vale tudo. Você não vê isso no Jiu Jitsu, você vê uma pessoa em cima da outra normalmente e que você tem que saber sair daquela posição.

Foster: Uhun, **cadeado**.

Alexia: De uma forma **esperta**, com **alavancas** né, com... Eu não sei explicar exatamente porque eu nunca lutei Jiu Jitsu, na verdade eu fiz uma aula de defesa pessoal

Foster: Também.

Alexia: Com essa minha melhor amiga, com a Marina, o qual não deu nem um pouco certo, mas praticamente todos os meninos que eram na minha série no colégio, eles faziam Jiu Jitsu fora do colégio.

Foster: Sim, sim, e a ideia é que realmente o tamanho da pessoa **não importa muito**, porque por exemplo, você pode lutar com um gigante e você, Alexia, é uma pessoa pequena e tanto faz né, porque tem a ver com a posição, o uso do seu corpo e essas coisas.

Alexia: Sim. O Jiu Jitsu brasileiro, ele é lutado com o kimono, que é aquele uniforme né, que você coloca.

Foster: O roupão.

Alexia: É, é o roupão. Eu vou ser muito sincera, eu não sei se o kimono no Jiu Jitsu brasileiro ou a calça também faz parte do kimono ou só o kimono.

Foster: Uhun, acho que sim.

Alexia: É. E aí, dentro da minha pesquisa, eles falam que as técnicas visam a levar o **adversário** à uma posição chamada de finalização. Isso significa que, se levada adiante, causaria a fratura de um osso ou a morte por estrangulamento ou esganamento.

Foster: Meu Deus.

Alexia: A posição de finalização pode ser, aí eles **descrevem**, vários tipos de posição de finalização.

Foster: Isso ai parece muito, não sei se você jogava no passado, mas o videogame *Mortal Kombat.*

Alexia: Sim, eu já joguei. Sim, mas é mais ou menos isso. Quer dizer, não, não é isso gente, pelo amor de Deus, é uma arte muito respeitada, não é um *Mortal Kombat*, mas...

Foster: Mas me fala amor, você queria falar sobre o pai da Marina, sua amiga, que basicamente está querendo ensinar Jiu Jitsu como requisito nas escolas.

Alexia: É, ele quer que se te torne parte de atividade física. Então por exemplo, nas escolas brasileiras... Aqui eu vou generalizar muito tá? Porque se eu for falar especificamente eu sei que nem todas as escolas públicas tem acesso e etc.

Foster: Não, tudo bem. Eu acho que todos os nossos episódios vem com um **aviso**.

Alexia: É, então...

Foster: Que são nossas opiniões só.

Alexia: Em geral e o que é esperado das escolas privadas e públicas no Brasil é que as crianças tenham acesso à atividades físicas como vôlei, basquete, futebol, handebol, queimado e...

Foster: Queimado é o que?

Alexia: É aquele que você tem que jogar a bola e te atingir, e se te atingir você vai pro outro lado e você tem que sair atingindo o outro. Eu já esqueci o nome disso, mas você tem o nome pra cá. Eu era muito boa porque ninguém conseguia me acertar.

Foster: *Dodgeball*?

Alexia: É isso. E que em São Paulo se chama "queimada" e no Rio "queimado."

Foster: Uhn.

Alexia: É, alô Felipe. Enfim, então tenha já acesso à isso, futebol, basquete, vôlei, etc. E também algumas escolas oferecem balé, oferecem **capoeira**, oferecem teatro, oferecem **pintura**, oferecem **canto** e etc.

Foster: Entendi, mas não oferecem Jiu Jitsu.

Alexia: Não, então o que essa bancada, esse grupo de pessoas quer, é que o Jiu Jitsu também seja incorporado nas escolas. E o Zé, que é da academia de Jiu Jitsu Leão Teixeira, que é o sobrenome dele, ele é um mestre muito muito bem visto no Rio de Janeiro, no Brasil. Ele já viajou muito e viaja sempre ainda pra Londres e aqui pra Califórnia, nos Estados Unidos, pra dar conferências, pra dar palestras, pra ensinar novos professores, pra fazer muita coisa, então eu acho que esse

grupo, além do Zé, tem outras pessoas muito muito boas que estão lutando por essa causa e se houvesse uma votação, eu estaria lá votando pelo sim, porque eu acho muito importante a defesa pessoal para as crianças e para os adolescente, e saber se defender mesmo né, porque é importante isso.

Foster: É, sobretudo no Brasil. Não, eu não estou falando isso de um jeito mal,** mas importante se defender, no Rio.
**De um jeito ruim.*

Alexia: Em todos os lugares do mundo, também aqui nos Estados Unidos.

Foster: É, e um fato curioso sobre o pai da marina, o Zé, também** ele é um bom jogador de golfe.
**"Ele também é..." soa mais natural.*

Alexia: Ele acabou de fazer o... Qual é nome daquilo?

Foster: *Hole in one*.

Alexia: Tomou champagne e tudo.

Foster: Que não tem nada a ver com o episódio de hoje, mas enfim amor, você concorda com essa ideia de ter Jiu Jitsu como requisito?

Alexia: Claro. Não requisito, mas introduzido. Requisito é, por exemplo, matemática, geografia e tal, mas eu acho importante.

Foster: Uhun, uma opção.

Alexia: É, como uma opção a mais., Eu sei que no Rio de Janeiro as escolas particulares, que são a americana, britânica e uma outra que eu esqueci o nome, já tem o Jiu Jitsu lá, e quem atende a maioria são os professores do Zé, que vão pras escolas e dão aulas após as aulas normais dos alunos.

Foster: Uhun.

Alexia: E é muito **bonitinho** ver aquelas crianças todas de kimono pequenininhas lutando. Muito fofas, muito fofas.

Foster: É, eu acho muito legal. Eu tentei uma vez o Jiu Jitsu não foi um sucesso, mas falando com você agora eu quero tentar de novo.

Alexia: Uma pergunta, você sabe em qual faixa começa e até qual faixa pode chegar?

Foster: Eu não sei em qual faixa começa, eu sei que pode chegar até o preto?

Alexia: Então, a faixa começa com a branca, que é inciante e a última curiosidade que eu quero contar aqui pra vocês, vai ser rápido, é que as duas últimas faixas, a vermelha, que é de **nono** grau, só foi alcançada por mestres brasileiros na vida, em todo tempo de Jiu Jitsu, só os brasileiros conseguiram alcançar.

Foster: Ual.

Alexia: E a última, vermelha de **décimo** grau, só seis ou cinco mestres que conseguiram alcançar na vida.

Foster: Nossa, no mundo inteiro?

Alexia: No mundo inteiro.

Foster: Que loucura.

Alexia: Sim

Foster: Também, só uma coisinha pra adicionar, a palavra "nono" é uma palavra muito difícil.

Alexia: Nono.

Foster: Nono. *Ninth*.

Alexia: É, eu acho que também é avô em italiano.

Foster: É sério?

Alexia: Eu acho que sim, posso estar falando errado, desculpa italianos, mas eu acho que sim.

Foster: Legal, então vamos lá fazer uma aulinha de Jiu Jitsu?

Alexia: Vamos. Então tá bom, é isso. Muito obrigada por terem escutado mais um episódio e nos vemos no próximo.

Foster: Muito obrigado gente. Até o próximo episódio.

Alexia: Tchau.

Foster: Tchau tchau.

Vocabulário e expressões úteis

barulho - noise
jardim - garden
pelo menos - at least
netas - granddaughters
bisnetas - great-granddaughters
aprendo - learn
regras - rules
consciência - consciousness
defesa pessoal - self-defense
ambiente - environment
academia - gym
luta no chão - ground fighting
soco - punch
loucura - madness
alavancas - levers
esperta - smart
cadeado - lock, padlock
não importa muito - it does not matter much
adversário - adversary
descrevem - describe
aviso - notice
capoeira - Brazilian fight, a system of physical discipline and movement originating among Brazilian slaves, treated as a martial art and dance form.
pintura - painting
canto - singing
bonitinho - cute

nono - ninth
décimo - tenth

36 - Podcasts Brasileiros que gostamos e indicamos {Parte I}

Alexia: Oi pessoal, mais um episódio aqui do Carioca Connection, sejam muito bem vindos, e eu estou aqui... Claro, eu sou a Alexia, vamos começar assim, e eu to aqui com o nosso queria Foster. Oi Foster, como é que você tá hoje?

Foster: Olá, bom dia pessoal! Bom dia, boa tarde boa noite. Eu estou bem e você Alexia?

Alexia: Também, hoje tá um dia meio nublado, meio tristonho, mas tá tudo bem.

Foster: Tristonho?

Alexia: Sim, meio triste.

Foster: Ah, legal, não sabia essa palavra não. Muito bom, então hoje, Alexia, a gente vai falar sobre um assunto que eu amo, que eu acho que a gente ama.

Alexia: Eu acho que todo mundo que escuta a gente também ama.

Foster: É, que é...

Alexia: São os podcasts em português que nós mais gostamos e queremos **indicar** para vocês.

Foster: Sim, um podcast sobre podcast, que coisa.

Alexia: Ou seja, nada melhor do que isso.

Foster: É, e eu acho que é um assunto importante porque a gente está falando sobre podcast** brasileiros que gostamos né. Então são podcasts pra nativos.
***Parece que o Foster está falando no singular e não no plural "podcasts."*

Alexia: Sim, são podcasts...

Foster: Em portugues 100%.

Alexia: Exatamente, são podcasts para quem quer se desafiar e escutar realmente um português falado rápido, sem pausas, digamos assim, porque eu faço muita pausa aqui na hora que eu to falando português, então você que tá atrás de um **desafio**, esses podcasts que nós vamos dar como opções são maravilhosos pra vocês. E além disso, fala muito do nosso Brasil, fala muito do país, fala muito das histórias do nosso país, então vai ser muito legal, muito bacana.

Foster: Sim, e eu recomendo muito que nossos ouvintes escutem os podcasts. Talvez vai ser um desafio difícil, pelo menos no início, mas eu prometo que depois de, sei lá, escutar 5 episódios, você vai ficando mais confortável com as pessoas, as personagem**, as vozes né?
***As personagens.*

Alexia: Sim, "as personagens." isso é uma, uma boa coisa que você falou. Em português "personagem" é sempre feminino.

Foster: É?

Alexia: Nunca masculino. É, mas claro que a gente não para pra pensar nisso na hora de falar, a gente fala "ah, aquele personagem do filme foi muito bom." A gente não fala "aquela personagem que é o ator x."

Foster: Ah, então é... Até os brasileiros cometam** esse **erro**.

Alexia: Cometem.

Foster: Cometem.

Alexia: Sim.

Foster: Legal, interesante.

Alexia: É interessante.

Foster: Então Alexia, a primeira** podcast que a gente vai falar sobre é...

Alexia: O primeiro podcast que a gente vai falar sobre.

Foster: O primeiro podcast... **Ainda é cedo**!

Alexia: É o Vozes: Histórias e Reflexões.

Foster: Vozes: Histórias e Reflexões.

Alexia: Sim.

Foster: Bom, eu amo o Vozes, é uma produção do CBN.

Alexia: Da CBN.

Foster: Da CBN, por que?

Alexia: Só porque é a letra C, entendeu? Da CBN.

Foster: Ah, eu estava pensando no **canal**.

Alexia: Se você pensar "do podcast CBN," sim, mas...

Foster: É.

Alexia: É um detalhe.

Foster: Nossa Senhora, muita coisa de gênero hoje. Bom, CBN quer dizer o que?

Alexia: Então, eu jurava que era alguma coisa assim, "Central Brasileira de alguma coisa," mas na verdade é "*Christian Broadcasting Network*."

Foster: *Christian Broadcasting Network.*

Alexia: Eu jamais imaginava que seria.

Foster: É um canal cristão?

Alexia: Eu não pesquisei muito sobre eles em si, mas eu sei que é dos Estados Unidos, claro, e se tem "*Christian*" no nome, provavelmente é um canal cristão.

Foster: Legal, não sabia não.

Alexia: Sim, olha aí.

Foster: Caraca.

Alexia: E aí a CBN no Brasil né, existe a CBN Brasil, e ela se divide entre CBN São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, enfim. Então é uma rádio muito

famosa no Brasil, que muitas pessoas escutam de manhã a rádio em si, não o podcast especificamente, e aí eles começaram a entrar nesse mundo do podcast, e nós estamos muitos felizes porque o Vozes é um dos podcasts preferidos do Foster.

Foster: Sim. Não é igual, mas eu acho que seria parecido com o NPR, o rádio nacional aqui nos Estados Unidos, que a maioria das pessoas escutam o rádio, mas daí eles vão **mergulhando** nesse mundo de podcast.

Alexia: Sim. Bom, e em falar em mergulhar, esse podcast é para quem quer mergulhar em boas histórias e a série né, que eles chamam esse podcast de série, é um preciosismo deles, na verdade.

Foster: Uhun.

Alexia: E a série tem a missão de promover a reflexão e conectar as pessoas às experiências umas das outras.

Foster: Exatamente, todos os episódios são histórias. É um podcast com um conceito de storytelling, apresentadas... A apresentadora é Gabriela Viana, se não me engano.

Alexia: Isso.

Foster: E ela é maravilhosa, ela é muito boa, eu gosto muito da voz e também da produção dela, mas uma coisa que eu adoro é que a qualidade da produção é muito muito boa, é muito alta.

Alexia: É muito boa mesmo, tá bem longe da nossa produção.

Foster: Um dia a gente vai chegar lá.

Alexia: É, pensa o seguinte, eles fazem parte de uma das maiores produtoras de rádio do Brasil e do mundo, então claro que eles tem acesso à muito mais coisa do que a gente que estamos no seu **quarto** agora, na casa dos seus pais, com dois microfones e um computador, então...

Foster: É, o nosso **orçamento** não é igual, é um pouco mais baixo.

Alexia: Sim.

Foster: Mas enfim. Eles tem um episódio, eu acho que cada semana, eu acho que é um programa semanal, e cada episódio se** trata de um tema talvez polêmico, sensível.

Alexia: Cada episódio "trata de."

Foster: Trata de.

Alexia: Não tem o "se." "Trata de um assunto."

Foster: Tá bom. Por exemplo, eles tem um episódio que eu adoro sobre a ansiedade, eles contam várias histórias de várias pessoas que sofrem com ansiedade.

Alexia: E aí não só as histórias, eles procuram médicos e psicólogos e psiquiatras.

Foster: Sim, especialistas. E também, eu acho que em todos os episódios tem um debate, mas depois de cada episódio eles tem um debate, quer dizer que a apresentadora, Gabriela Viana, e alguns especialistas ficam num palco falando sobre o tema do episódio. Então você tem duas coisas por cada** episódio.

***O Foster também poderia falar "você tem duas coisas por episódio."*

Alexia: Sim, então existem, na verdade, dois episódios para cada assunto.

Foster: Exatamente.

Alexia: Sim, o Vozes vale muito a pena se você tá procurando uma super produção e a Gabriela tem uma voz muito **clara**, porque ela é jornalista, claro, então ela foi treinada pra falar de forma clara, e de forma simples e fácil sobre assuntos mais específicos. Então, ao mesmo tempo que será um desafio pra vocês, quem tá escutando e vai escutar Vozes depois, não vai ser tão **difícil** assim, porque a Gabriela é um máximo nesse sentido, então vocês vão gostar **bastante**.

Foster: Sim, eu acho que ela é carioca, e até eu acho que ela gravou um episódio sobre isso, que ela nasceu no Rio de Janeiro e daí ela mudou** com, sei lá, com 10 anos.
***Quando nos referimos a mudar de casa, de cidade ou país, normalmente usamos o verbo no reflexivo. Então ficaria melhor dizer "ela se mudou..."*

Alexia: Pequena.

Foster: Pra São Paulo e daí ela foi treinado** em como falar.

Alexia: Treinada.

Foster: Treinada de** como falar corretamente essas coisas e é muito interessante.
***Treinada a falar corretamente.*

Alexia: É mesma história do meu primo, o Cadu. O Cadu, ele é carioca.

Foster: Ah é?

Alexia: É, ele é carioca, só que cresceu e foi criado em São Paulo, por isso que ele tem o sotaque paulista.

Foster: Ótimo.

Alexia: Sim. O segundo... A segunda dica que a gente quer dar hoje é de um podcast que a gente já falou aqui algumas vezes durante as nossas **temporadas**.

Foster: Eu acho que sim.

Alexia: Sim, tenho certeza que sim, que é o Projeto Humanos, que é um podcast de storytelling dedicado a contar histórias reais de pessoas reais. É produzido pelo Ivan Mizanzuk e...

Foster: Não, como é que fala isso em português?

Alexia: Não faço ideia, Mizanzuk.

Foster: Não, mas ele fala tipo, "Mizanzuk."

Alexia: Não sei.

Foster: Eu não lembro, mas é bem com um sotaque brasileiro.

Alexia: E é feito desde 2015, ou seja, um dos **precursores** do podcast no Brasil.

Foster: Precursores.

Alexia: Sim.

Foster: Hmm, que palavra bonita.

Alexia: Quando eu to sentada aqui nessa cadeira pra gravar o Carioca Connection, essas palavras saem da minha boca.

Foster: Seu vocabulário aumenta automaticamente.

Alexia: Eu me sinto uma jornalista também, então... E é uma produção do AntiCast.

Foster: Sim, o AntiCast que, eles tem vários programas, eu não lembro exatamente quais são os outros agora, mas o Projeto Humanos é meio tipo o primeiro podcast *storytelling* de contos, de histórias...

Alexia: De "storytelling."

Foster: Storytelling, é, do Brasil. Então eu comparo com *This American Life*, nos Estados Unidos, que realmente foi o podcast que começou o mundo de *podcasting*.

Alexia: Sim, eu, Alexia pessoalmente, não escuto tanto o Projeto Humanos quanto o Foster, então ele talvez possa dar mais dicas sobre episódios ou de alguma história eu ele **lembre**, porque eu realmente não escuto tanto quanto ele.

Foster: Sim, uma coisa que eu amo sobre o Projeto Humanos, eu acho que a primeira temporada foi** tipo episódios aleatórios.

Alexia: Foram.

Foster: Foram, mas eu estou falando sobre...

Alexia: A primeira temporada teve episódios aleatórios.

Foster: Tá bom, tá bom. Mas todas as temporadas depois, tipo não lembro quantos** eles tem agora.

Alexia: "Quantas."

Foster: Nossa Senhora, Alexia você está rígida hoje.

Alexia: Isso que você faz comigo no Inglês Nu e Cru Rádio.

Foster: Eu **acordei agora**.

Alexia: Eu também sempre "acordei agora."

Foster: Mas enfim, eles tem uma série tipo, sei lá, seis ou sete episódios sobre a Segunda Guerra Mundial e sobre... Ah, como é que fala essa palavra... Refugiados?

Alexia: Refugiados.

Foster: Refugiados que foram pro Brasil, que é interessantíssimo**.
***A série é "interessantíssima."*

Alexia: É, na verdade eu to olhando aqui no site deles agora e eles dividem em uma, duas, três, quatro, cinco, seis temporadas, só que são nomes de temporadas. Se você entrar, por exemplo, em "Especiais," que é o nome de uma temporada que eles dão, tem duas temporadas, entendeu?

Foster: É.

Alexia: Então vale a pena entrar no site deles e entender um pouco o que que eles fazem, porque além das temporadas, eles também tem as crônicas, tem muita coisa **bacana** pra se envolver.

Foster: Isso, isso. Mas eu recomendo a série sobre a Segunda Guerra Mundial. Também tem uma temporada que se chama Herói, eu acho.

Alexia: É O que faz um herói.

Foster: É, que é muito bacana, muito legal. Também o Ivan, o host, o apresentador, ele é muito muito bom, até... Ele é professor de mídia digital, essas coisas, e ele faz um curso de storytelling que eu quero muito fazer um dia.

Alexia: Eu acho que o que você tá falando da Segunda Guerra Mundial, é o As filhas da guerra.

Foster: Isso, isso.

Alexia: Sim, que são 5 episódios sobre essas meninas que enfim, são filhas da Segunda Guerra. E é sobre um diário que foi publicado no

livro O que os cegos estão sonhando, que foi lançado em 2012 e aí eles fizeram um podcast sobre isso, uma série, uma temporada sobre isso.

Foster: É, mas eu recomendo sem pensar duas vezes. E ele fala super claramente e também tem a história, então até se você não está entendendo 100% das palavras, dá pra seguir a história, dá pra se divertir, é muito muito bom, bom mesmo.

Alexia: Sim, agora pra gente **terminar**, eu sei que você gosta de um aplicativo de podcast que é o Castbox, eu acho.

Foster: Não, eu não tenho problemas com o CastBox, mas eu uso o OverCast.

Alexia: É o OverCast que você pode aumentar ou diminuir a velocidade dos episódios né?

Foster: É, na verdade eu sou podcaster e eu **escuto** muitos muitos podcasts, então o aplicativo normal é bom, funciona.

Alexia: Sim, o que eu to querendo dar aqui a dica é que mesmo se for um episódio ou alguma coisa difícil, no Outcast você consegue...

Foster: Overcast.

Alexia: No Overcast você consegue diminuir ou aumentar a velocidade, de outras formas diferentes do que do aplicativo original.

Foster: Sim, acho que é um aplicativo mais avançado com volume, velocidade e essas coisas.

Alexia: Tá ótimo. Bom, vamos aguardar as nossas três outras dicas pra outro episódio.

Foster: Sim, mais um podcast sobre podcasts, mas não deixa a gente, mas a gente ama outros podcasts também.

Alexia: Então tá bom, até o próximo episódio, tchau.

Foster: Até já já, tchau tchau.

Vocabulário e expressões úteis

---

tristonho - sad
indicar - to recommend
desafio - challenge
erro - mistake
ainda é cedo - it's still early
canal - channel
mergulhando - diving
quarto - bedroom
orçamento - budget
clara - clear
difícil - difficult
bastante - a lot
***"Bastante" significa "a lot," enquanto "o bastante" significa "enough."*
Por exemplo:

Eu andei bastante → I walked a lot

Eu andei o bastante → I walked enough

temporadas - seasons
precursores - pioneers

lembre - remember
acordei agora - I just work up
bacana - cool
terminar - to finish
escuto - listen

37 - Podcasts Brasileiros que gostamos e indicamos {Parte II}

Alexia: Oi oi, mais um episódio aqui do Carioca Connection, espero que você esteja **prontíssimo** ou prontíssima para nos escutar, porque hoje tem a segunda parte dos podcasts brasileiros que nós mais gostamos. E como sempre, eu sou a Alexia e to aqui com o nosso querido americano, americano preferido desse mundo todo que é o Foster.

Foster: Oi, fala pessoal, eu estou prontíssimo pra falar sobre podcast, um podcast sobre podcast, como você está Alexia?

Alexia: Eu to bem, muito obrigada.

Foster: Ótimo. Então a gente vai falar sobre podcast, vamos lá!

Alexia: Sim, nós vamos falar hoje sobre três podcasts que são produzidos por um **jornal brasileiro**. Então todos eles são da Folha de São Paulo.

Foster: Folha de São Paulo.

Alexia: Sim, que a Folha de Paulo é um dos jornais mais conhecido no Brasil, a gente normalmente não fala o nome inteiro, Folha de São Paulo, a gente se refere somente somente à Folha.

Foster: Uhun.

Alexia: E é isso.

Foster: E rapidamente, Folha de São Paulo eu acho que é ótimo pra **treinar** a sua pronúncia em português, porque primeiramente você tem a palavra "folha" que tem o som de "lh" que é difícil pros gringos, pelo menos é difícil pra mim, e também "São Paulo" você tem uma vogal nasal "são," então se você está querendo treinar a sua pronúncia, fala isso tipo mil vezes, ajuda.

Alexia: Folha de São Paulo.

Foster: Folha de São Paulo.

Alexia: Isso.

Foster: Perfeito.

Alexia: Sim, e é um jornal que teve a fundação em 1921, ou seja, 98 anos.

Foster: É, está chegando lá. Como é que fala isso, **comemoração** de 100 anos?

Alexia: Tá quase virando **centenário**.

Foster: Centenário, isso.

Alexia: Exatamente. Enfim, então é um jornal que qualquer brasileiro sabe, conhece, provavelmente já leu alguma vez na vida.

Foster: Com certeza. É um dos grandes e também isso quer dizer que os podcast** que eles fazem tem muito dinheiro.
***Parece que o Foster está falando no singular e não no plural "podcasts."*

Alexia: Tem. Então eu quero começar pelo meu **preferido** que eu amo muito, que eu apresentei pro Foster faz pouco tempo até, que é o Expresso Ilustrada.

Foster: Sim, que eu fiquei surpreendido, porque eu amo podcast, eu escuto muitos, e eu não sabia**.

***Eu não conhecia.*

Alexia: Você não sabia o que?

Foster: Sobre esse... Eu não conhecia esse podcast.

Alexia: Ótimo, muito bom. Porque normalmente é ao contrário, normalmente é o Foster que traz pra mim e eu consegui levar um pra ele, e eu fiquei muito feliz com isso, porque é o tipo de podcast que eu adoro escutar, então é um podcast de cultura da Folha, que fala sobre filmes, músicas, livros, discos, séries de TV, teatro e **moda**. É, cultura né?

Foster: Cultura total.

Alexia: E eu acho muito bacana, por exemplo, teve um episódio que era sobre funk, a batida do funk.

Foster: É não... Tinha tipo 5 episódios que a gente escutava, sei lá, a gente estava **viajando** pra onde?

Alexia: A gente tava voltando, não, a gente tava indo pra praia.

Foster: Pra praia.

Alexia: Acho que sim.

Foster: É, sei lá, não lembro, mas você colocou essa série de podcast sobre música e todos os episódios são fantásticos.

Alexia: Sim, tiveram dois especificamente que eu gostei muito, que é um sobre, que fala sobre música gospel, que não é só evangélica no Brasil, né gente. Sempre quando eu falar sobre isso, eles normalmente falam como é que foi a introdução da música gospel no mundo, onde é que começou e etc. Mostra bastante aqui nos Estados Unidos quem eram os principais cantores da música gospel, mas como é que começou no Brasil e o que que significa a música gospel hoje em dia no Brasil.

Foster: É, esse episódio foi **um máximo**, porque eu sou do sul dos Estados Unidos, então música gospel é uma coisa que sempre estava na minha vida, mas esse mundo de música de gospel no Brasil foi** meio tipo, escondido pra mim.
***Era.*

Alexia: Sim, e pelo o que eu entendi e pelo o que eles falaram, a música gospel brasileira é a (música) que dá mais dinheiro no mercado brasileiro de músicas hoje em dia.

Foster: É sério?

Alexia: É, é maior do que sertanejo, é maior do que funk, é maior do que todos. É surreal.

Foster: Ual.

Alexia: É.

Foster: Impressionante.

Alexia: Sim, e o segundo é sobre a batida do funk. Eu não vou explicar aqui o que significa isso, porque vocês vão escutar o podcast e vão entender, mas fazendo um pequeno resumo, a batida do funk é uma coisa muito importante, obviamente pra quem faz a produção da música funk e pra quem dança. Então hoje em dia os funkeiros, os DJs, os MCs, eles estão cada vez mais se jogando nesse mundo das batidas e aumentando o ritmo das batidas. Então eles fazem toda uma discussão sobre isso, e o que que tá acontecendo nesse mundo do funk, e também explicam o que que é o funk para as pessoas e que o funk carioca é o melhor de todos, obviamente.

Foster: Isso. E também é um podcast **divertido**. Eu acho que a maioria dos nossos ouvintes, e todo mundo que viaja pro Brasil e fica no Brasil, fica porque eles amam a cultura brasileira. Então é um bom podcast para aumentar o seu conhecimento e o seu amor da** cultura brasileira.
***seu amor pela cultura brasileira.*

Alexia: É, e pra vocês entenderem o tipo de **dinheiro** e de produção que eles tem, eles acabaram de gravar um episódio conversando com o Woody Allen, sobre o último filme deles, e pra você conseguir o Woody

Allen, é uma coisa surreal, então eles realmente fazem um bom trabalho, independente da nossa opinião sobre o Woody Allen ou não.

Foster: Eu ia falar, talvez é** um pouco mais barato pra contratar ele agora. Mas enfim, é muito bom, eu recomendo muito. E o próximo podcast é?
**Talvez está um pouco mais barato pra contratar ele agora.*

Alexia: O próximo é o Presidente da semana.

Foster: Presidente da semana.

Alexia: Que é um podcast também produzido pela Folha, como eu já tinha falado aqui, que são as histórias de todos os presidentes brasileiros, desde Deodoro da Fonseca até o de hoje em dia.

Foster: Deodoro da Fonseca?

Alexia: Sim.

Foster: É um presidente?

Alexia: É.

Foster: Nunca ouvi. Já escutei o podcast mas **nunca ouvi falar** na minha vida.

Alexia: Sim, enfim, então eles passam por todos os nosso presidentes, e eu vou ser muito sincera, tem alguns aqui que eu nunca escutei, nunca nem escutei falar, então é muito interessante porque você conhece mais sobre os diferentes presidentes que o Brasil teve, e como é que chegou ao dia de hoje, passando pela ditadura, passando pela democracia, passando pela loucura que tá hoje em dia e já vem uns anos atrás, enfim, então eles falam bastante sobre.

Foster: É, se você quer aprender mais sobre história no** Brasil, a história brasileira, é um podcast perfeito pra isso, porque não é chato, é divertido e tem todos os presidentes, tipo tem o Bolsonaro, o Lula, Getúlio Vargas, tem tudo e é muito legal aprender a história através dos presidentes né.
***história do Brasil.*

Alexia: Sim, e eles trazem uma pessoa diferente pra discutir sobre cada presidente, então cada episódio vão ter pessoas diferentes falando

sobre, e provavelmente pessoas que estudaram sobre certa época no Brasil, o qual tinha a presença desse presidente, então são pessoas que realmente entendem disso.

Foster: É. E também não é um podcast político. Obviamente fala sobre presidente, então fala muito sobre a** política, mas está falando mais sobre a pessoa mesmo.
***O Foster também poderia falar "sobre política."*

Alexia: Sim. É engraçado que eu to vendo aqui, por exemplo, Café Filho. Café Filho, ele ficou de 1954 até 1955. Eu nunca escutei falar nesse cara, eu nunca escutei falar.

Foster: Café filho, eu adoro o nome.

Alexia: Pois é, agora escutei falar muito no que veio logo depois, que é o Juscelino Kubitschek.

Foster: É, o J.K.

Alexia: Então, às vezes eles falam sobre dois presidentes em um episódio só, porque provavelmente um sofreu um **golpe** ou morreu ou teve que sair do poder, alguma coisa assim.

Foster: Uhun. É muito bom, eu recomendo. E o último podcast que a gente vai indicar hoje é...

Alexia: O último podcast que a gente vai indicar hoje é o Café da Manhã, que também é da Folha.

Foster: Também do Spotify né?

Alexia: Ahn, sim, então eu ia chegar nesse ponto.

Foster: Eu acho que é uma **parceria** com...

Alexia: Calma!

Foster: Tá, desculpa.

Alexia: E que tem episódios todos os dias pela manhã trazendo assuntos e análises sobre assuntos específicos e que estão

acontecendo atualmente no país. E eu vi que eles acabaram de anunciar que renovaram a temporada para 2020, junto com Spotify, porque é uma co-produção.

Foster: Uhun.

Alexia: Então é produzido pelo Spotify e criado pela Folha, então tem aí uma super produção do Spotify Brasil com a Folha de São Paulo.

Foster: É. E é muito bem feito mesmo, eu acho, pelo menos aqui nos Estados Unidos, seria mais ou menos igual do** The Daily, que é um podcast do New York Times, e eu acho que quase todos os grandes canais e jornais do mundo tem um podcast diário hoje em dia.
***"Igual ao The Daily" ou "igual o The Daily."*

Alexia: Sim.

Foster: Eu sei que The Guardian tem um.

Alexia: Mas eu acho que a diferença do Café da Manhã, é que eles falam sobre um assunto importante no dia. Por exemplo, o The Daily,

ele faz um resumo do que tá acontecendo de mais importante, sobre vários **assuntos**.

Foster: Não.

Alexia: Não?

Foster: Não.

Alexia: É só um?

Foster: The Daily é uma história por dia.

Alexia: Então é isso, é exatamente isso.

Foster: É bem parecido.

Alexia: Então tá aí. Bom, então vocês tem dois episódios nossos com cinco **dicas** de novos podcasts brasileiros que nós super **indicamos**.

Foster: É, se você quer escutar podcasts sobre histórias, sobre guerras, sobre presidentes, sobre música, cultura, sobre notícias diárias... Diárias?

Alexia: Isso.

Foster: Já tem várias indicações da gente.

Alexia: Sim, e a gente vai procurar sempre trazer pra vocês dicas de novos podcasts brasileiros que tão saindo. A gente até começou a escutar um que é sobre a nova direita brasileira, mas ele só tem dois episódios já lançados, então a gente tá esperando um pouco pra ver como é que ele se desenvolve. E se for bom a gente volta aqui pra falar.

Foster: Isso fazia parte da...

Alexia: Da Folha.

Foster: É, mas foi uma produção do Expresso...

Alexia: Não.

Foster: Não?

Alexia: Não, é um outro nome que eu não lembro, sendo bem sincera, porque eles ainda não lançaram o terceiro episódio. Mas enfim, então eu acho que são dois episódios agora que a gente fez, que vão ser muito bom pra vocês. E espero que vocês gostem e depois por favor, mandem feedback pelo email dizendo se vocês gostaram ou não, se foi difícil ou não, quanto tempo demorou pra vocês se acostumarem, porque a gente sempre gosta de escutar de vocês.

Foster: Sim. Não deixe de escutar a gente, mas vai lá, é um desafio pra vocês e escute um podcast brasileiro para brasileiros, eu acho que vai ser muito bom pra você.

Foster: Vai ser ótimo. Então até o próximo episódio.

Alexia: Tchau tchau.

Foster: Tchau.

Vocabulário e expressões úteis

prontíssimo - ready
jornal brasileiro - Brazilian newspaper
treinar - to practice
comemoração - celebration
centenário - centenary
preferido - favorite
moda - fashion
viajando - traveling
um máximo - gíria que brasileiros usam pra dizer que é muito legal, pode ser entendida como "very cool."
divertido - fun
dinheiro - money
nunca ouvi falar - I've never heard about it
golpe - coup, coup d'é tat
parceria - partnership
assuntos - subjects, matters
dicas - tips
indicamos - recommend

38 - Wilson Simonal, um dos principais artistas do Brasil {Parte I}

Foster: É sério amor, a gente tá gravando um episódio do Carioca Connection.

Alexia: Eu to **mostrando** pro Foster a minha música preferida da pessoa que nós vamos falar hoje aqui no Carioca Connection.

Foster: Quem é?

Alexia: Wilson Simonal.

Foster: Wilson Simonal

Alexia: Sim, Wilson Simonal. Posso organizar aqui meu microfone?

Foster: Sim, sim.

Alexia: Muito obrigada. Bom, Wilson Simonal foi uma das pessoas mais importantes pro Brasil em vários sentidos.

Foster: Sim, antes da gente começar, Alexia, eu quero falar que você ganhou esta vez, porque eu acho que a maioria dos ouvintes já sabe que eu adoro a música brasileiro, música brasileira, desculpa.

Alexia: Eu já ia te corrigir.

Foster: E eu nunca ouvi falar sobre Wilson Simonal na minha vida.

Alexia: Pois é, o Brasil tem muito disso, tem muitos cantores, tem muitos artistas que são muito importantes pra gente, mas que a gente simplesmente não fala sobre, e não conta sobre, e eu vou ser muito sincera, eu só lembrei de falar sobre o Simonal por causa do filme que foi lançado esse ano.

Foster: É, mas a tradeção**.

Alexia: Tradição.

Foster: Tradição da música brasileira, da cultura brasileira é tão tão rica e tão diversa, tão imensa.

Alexia: Sim.

Foster: É uma coisa, você pode passar uma **vida inteira** e você ainda vai descobrir novos artistas, coisas novas. É incrível.

Alexia: É incrível. Bom, então vamos lá. Vai ser um episódio longo e cheio de história, então como a gente fala em inglês, *bear with me*.

Foster: Aguenta aí cara.

Alexia: Aguenta aí.

Foster: É, mas tudo bem, a gente pode dividir em dois episódio e a gente fala muito sobre ele, mas onde quer você quer **começar** amor?

Alexia: Do **começo**?

Foster: Faz sentido.

Alexia: Bom, então eu vou começar contando um pouquinho de como que o Wilson Simonal se formou, como é que ele chegou a virar um dos principais cantores negros do Brasil e porque que ele tomou essa fama

toda, e principalmente porque que ele acabou a vida dele com a carreira horrível e com a fama lá embaixo e etc. Então, dias de glória, dias de luta.

Foster: Que é uma referência ao Charlie Brown Jr.?

Alexia: Charlie Brown Jr., exatamente.

Foster: Isso.

Alexia: Que a gente vai falar sobre ele um dia aqui também.

Foster: Dias de luta, dias de glória, histórias nossas histórias...

Alexia: Dias de luta, dias de glória.

Foster: Mas só pra deixar bem claro, pra você e nossos ouvintes, eu não sei quase nada sobre o Wilson, então eu estou aqui **aprendendo** também.

Alexia: A gente não fala "sobre o Wilson." Sobre o Simonal.

Foster: Simonal.

Alexia: É. Nós nos referimos à ele como o Simonal. Tá?

Foster: Perfeito, então vamos lá.

Alexia: Então vamos lá, vamos começar do começo. Ele começou a vida dele com os *Dry Boys.*

Foster: Que é o nome do grupo?

Alexia: O grupo, exatamente, que eles estavam **cantando** em inglês com mais três amigos imitando as bandas americanas.

Foster: Uhun.

Alexia: Eu sinceramente não sabia disso, e quando eu comecei a fazer minha pesquisa, eu procurei em todos os lugares da internet dessa internet, e não achei um vídeo dos *Dry Boys*.

Foster: Eu imagino que eu posso achar.

Alexia: Talvez.

Foster: Que agora eu estou muito interessado** ouvir o inglês dele pra ver se é bom ou não.
*** "muito interessado em ouvir..."*

Alexia: Bom, e ele na época era comparado ao Harry Belafonte.

Foster: Harry Belafonte?

Alexia: É, que era o rei do calypso americano.

Foster: Uhun.

Alexia: E calypso pra quem aqui não sabe, porque muitos de vocês não são americanos, é um estilo de música afro-caribenho que **surgiu** em Trindade e Tobago no século 19.

Foster: É.

Alexia: Tá?

Foster: Música do Caribe.

Alexia: Sim, então é esse tipo de música...

[Música]

Alexia: Como eu botei agora.

Foster: Exatamente assim, amor.

Alexia: Bom, ele conseguiu contrato com a rádio nacional carioca e foi aí que ele deu o primeiro passo sério na carreira dele.

Foster: E só pra clarificar um pouco, ele é carioca né?

Alexia: Ele é.

Foster: Nasceu no Rio.

Alexia: Sim. Bom, um belo dia ele se tornou *crooner* da boate Drink.

Foster: Que quer dizer *crooner*?

Alexia: Pelo o que eu entendi, ele era o principal cantor da noite, sabe aquele cantor que fica no bar ou na boate cantando sempre?

Foster: Uhun.

Alexia: Era ele.

Foster: E vocês falam *crooner*?

Alexia: Então, eu não falo *crooner*, mas na minha pesquisa estava escrito *crooner*, porque era como eles se referiam aos cantores daquela época.

Foster: Tá bom. Entendi.

Alexia: É isso. Por que, em inglês é o que?

Foster: Não sei, eu diria *host*, sei lá.

Alexia: Bom, e foi aí que ele conseguiu contrato com a **gravadora** Odeon, que era uma das maiores gravadoras da época.

Foster: É.

Alexia: E que existe até hoje, a Odeon, e ela foi fundada em 1903, então você imagina a quantidade de artista que existe dentro dessa gravadora até hoje.

Foster: É, é uma das grandes.

Alexia: Exatamente. Bom, só em 64 e em 65 ele começou a fazer *pocket shows*.

Foster: Que quer dizer?

Alexia: Pequenos shows.

Foster: Vocês falam *pocket shows*?

Alexia: Sim.

Foster: Por que? São shows que podem caber na sua** bolsa?

***Sua bolsa → Your purse, bag.*

***Seu bolso → Your pocket.*

Alexia: Pensa, *pocket book*. *Pocket shows* são pequenos.

Foster: É, eu esqueci que você falou *pocket book* também.

Alexia: Sim.

Foster: Que seria um *paperback*.

Alexia: Exatamente.

Foster: É, tá bom.

Alexia: Faz sentido né?

Foster: Não muito, mas é outro assunto.

Alexia: E ele começou a fazer *pocket shows* no Beco das Garrafas, que é uma travessa em Copacabana, na Rua Duvivier, e que na época dos anos 50 e 60, tinha um conjunto de casas noturnas nessa rua. Hoje em dia não, hoje em dia você vai lá na Rua Duvivier só tem casa residencial,

às vezes com **barzinho** em baixo e tal, mas naquela época era onde realmente existiam várias casas noturnas.

Foster: Então, quando você fala a expressão "casas de noturnas."

Alexia: Casas noturnas.

Foster: Isso quer dizer?

Alexia: Isso quer dizer boate, isso quer dizer bar com música, isso quer dizer....

Foster: Ah, quer dizer boate, bar. Eu estava pensando que estava mais, tipo, prostituição.

Alexia: Não. Bom, não sei, pode tá inserido inserido também, mas por exemplo, meu pai fala muito casa noturna, meu pai foi dono de casa noturna. Então, se você conversar com ele, ele vai falar "não... porque as minhas casas noturnas..."

Foster: É. Não é uma expressão que você usaria muito hoje em dia.

Alexia: Não, e "noturna" quer dizer noite.

Foster: Sim, sim.

Alexia: Não, mas estou explicando aqui pras pessoas que estão escutando também.

Foster: É, a gente tem uma palavra bem parecida em inglês.

Alexia: Qual é?

Foster: *Nocturnal*.

Alexia: Sim.

Foster: Mas nunca utilizaramos...**
***Utilizamos.*

Alexia: Que que você quer dizer?

Foster: A gente nunca usaria essa palavra normalmente.

Alexia: Pronto, ótimo. Bom, gente, deixa eu só falar uma coisa aqui, eu to falando os pontos principais, tá? Da **carreira** dele, porque se não vai ser, vão ser 40 episódios sobre o Wilson Simonal.

Foster: Tudo bem.

Alexia: Em 65, em 1965, ele se muda pra São Paulo, porque ele assinou um contrato pra apresentar um programa chamado Spotlight na TV Tupi. E aí tá uma curiosidade, na TV Tupi foi onde meu pai começou como ator, lá no iniciozinho da TV Tupi, e ele o primeiro ator mirim, o primeiro ator criança da TV brasileira.

Foster: Ator mirim?

Alexia: Sim.

Foster: Isso quer dizer ator criança?

Alexia: Sim.

Foster: E seu pai fazia o que? Tipo, comerciais?

Alexia: Ele era o filho da novela da época, né então, ele fazia novela e ele fazia os comerciais também.

Foster: É, eu acho que a gente já falou sobre isso num outro episódio, mas nossa, seria tão legal ver esses episódios com o seu pai.

Alexia: Sim. Eu acho, eu posso tá enganada, mas eu acho que a TV Tupi **pegou fogo** e perdeu.

Foster: É, é o que o seu pai falou.

Alexia: É, exatamente, perdeu, enfim. Mas voltando aqui ao Simonal e não ao meu pai. Quando o Simonal se mudou pra São Paulo e começou a fazer esse show, que se chamava Show em Si...Monal. Entendeu?

Foster: Entendi.

Alexia: Show em Si...Monal.

Foster: É um jogo de palavras.

Alexia: É. E um outro que era Vamos Simbora.

Foster: Uhun, **vamos simbora**!

Alexia: E esses dois últimos foram na Record, que era a maior emissora do país na época, maior do que a Globo, maior do que a TV Tupi.

Foster: Uhun, que ainda é importante hoje em dia.

Alexia: Muito importante. Foi quando começou a ficar realmente conhecido. Então isso só aconteceu em 1960, 1970 tá? Foi quando ele começou a ter esses três programas de TV, um seguido do outro em duas emissoras grandes do país e foi quando as pessoas começaram realmente a conhecer o Simonal. Porque gente, lembra, naquela época se você não tivesse um networking muito forte, você não conseguiria **virar** um artista grande, então ele ganhou esses três programas e foi dessa forma que as pessoas começaram a reconhecer.

Foster: Também lembra que nessa época foi um boom da música brasileira, tinha muita coisa acontecendo, então muitas pessoas lá.

Alexia: Muitas pessoas. E tem uma parte do filme, que o filme mostra bastante, que ele foi fazer um show, se não me engano no Maracanãzinho, no Rio de Janeiro.

Foster: Uhun.

Alexia: Existe o Maracanã e Maracanãzinho. Eu posso estar enganada do lugar, mas de qualquer forma, ele chegou nesse lugar e começou a cantar essa música "Meu Limão Meu Limoeiro," que eu comecei a mostrar no começo desse episódio.

Foster: Uhun, como se chama a música?

Alexia: Meu Limão Meu Limoeiro.

Foster: Limoeiro?

Alexia: É, que é a árvore do limão.

Foster: Limoeiro.

Alexia: Sim.

Foster: *Lemon tree.*

Alexia: Sim

Foster: Nossa, não sabia.

Alexia: E aí, eu preciso assistir o filme e relembrar, mas pelo o que eu entendi, ele deixou a **plateia** cantando "meu limão, meu limoeiro..." Todo mundo cantando ao mesmo tempo. Ele saiu do palco e o pessoal continuou cantando. Aí ele foi pra um bar, bebeu alguma coisa, e quando ele voltou o pessoal ainda tava cantando e continuou o show. Eu posso estar enganada em relação **como que aconteceu direitinho**, mas existe esse fato também.

Foster: Mas é muito legal. Então nessa época ele já foi... Era famoso como artista, como cantor, como pessoa que aparecia** na televisao.
***A pronúncia do Foster não estava muito clara, porque "apreciar" significa "to appreciate" e "aparecia" é uma conjugação do verbo "aparecer."*

Alexia: Sim, porque quem tinha... Naquela época, programa de auditório era muito importante né, no Brasil e no mundo.

Foster: É.

Alexia: Então Chacrinha veio de lá, que enfim, um dia a gente fala sobre o Chacrinha também, mas o Simonal ter um programa seguido do outro de auditório, sendo negro naquela época.

Foster: Um programa o que?

Alexia: Um programa seguido do outro.

Foster: Mas qual foi a palavra que você usou?

Alexia: Programa de auditório

Foster: De auditório?

Alexia: Sim.

Foster: De auditório.

Alexia: De auditório. **Auditório** é quando você tem plateia, é um auditório te assistindo.

Foster: Ah, é, tá. É um programa com plateia.

Alexia: Exatamente.

Foster: Entendi.

Vocabulário e expressões úteis

---

mostrando - showing
vida inteira - whole life
começar - begin
começo - beginning
aprendendo - learning
cantando - singing
surgiu - emerged, appeared
gravadora - label, record label
carreira - career
barzinho - bar
***Brasileiros chamam de barzinho os bares que tem música e normalmente é mais bonito e organizado.*
***Bar: local, público ou privativo, usado para o consumo de bebidas, alcoólicas ou não. Local comercial onde se compra bebidas e onde se consome produtos diversos.*
***Barzinho: Lugar aonde as pessoas vão principalmente para tomar drinks e comer petiscos.*

ator mirim - child actor
pegou fogo - caught fire
vamos simbora - uma expressão que significa "let's go."
virar - to become, to turn
plateia - audience
como que aconteceu direitinho - how it really happened
auditório - auditorium

39 - Wilson Simonal, um dos principais artistas do Brasil {Parte II}

Alexia: Bom, e ele era conhecido como um artista de carisma e **risada** fácil. Ele ria muito fácil, ele sempre tava sorrindo, tava sempre muito feliz.

Foster: Igual a de** você amor.
***"Igual à você" ou "igual você."*

Alexia: Eu tenho risada fácil mesmo. Bom, aí vem a parte importante da história que é o declínio do Simonal.

Foster: Declínio?

Alexia: Sim, quando declina.

Foster: Ah, caída.

Alexia: Quando caiu, exatamente.

Foster: Você está cheio** de vocabulário recentemente.
***A Alexia está "cheia."*

Alexia: Gente, mas isso é muito bom, porque é quando eu realmente tô falando o meu português, a minha língua. Bom, o declínio começou quando ele resolveu **dar uma lição**, ensinar algo pra alguém, resolveu dar o troco, sabe? Quando tipo assim, vamos supor, você me assustou aquele dia, de brincadeira, durante o Halloween.

Foster: Uhun.

Alexia: E aí eu resolvi te **assustar** de volta pra você aprender a lição, ou seja, não me assusta que eu te assusto de volta, entendeu?

Foster: Entendi. Entendi.

Alexia: É isso. Em um antigo funcionário da sua **gravadora**, que era o seu ex-contador.

Foster: Tá bom. **Contador** quer dizer pessoa que está trabalhando com finanças né?

Alexia: Que toma conta do seu dinheiro, literalmente.

Foster: É.

Alexia: O Simonal achava que esse ex-contador tinha roubado ele muito na época.

Alexia: Uhun.

Foster: E na época, o Simonal era amigo de um **delegado da polícia**, e teria se utilizado desse relacionamento, mas a coisa acabou saindo do controle. Por que? Essa época era a época da **ditadura** no Brasil.

Foster: Ah é?

Alexia: É. E você ser amigo de um delegado, de um coronel e etc... Primeiro que não era bem visto, e segundo que era bom também, ao mesmo tempo você ser amigo, porque nada te acontecia.

Foster: É. Mas você já está implicado nessa situação de ditadura, é um pouco mais complicado.

Alexia: Sim. Bom, o que se sabe dessa história? Após ser demitido da Simonal Produções, esse contador que se chama Raphael Viviani entrou com um **processo trabalhista** contra o ex-patrão, ou seja, contra o Simonal.

Foster: Então ele tinha a própria empresa dele? O Simonal, não lembro o nome, e daí o contador saiu da empresa e depois ele estava... Como é que fala isso? *Lawsuit.*

Alexia: Ele resolveu... Como é que se diz?

Foster: Denunciar.

Alexia: Entrar com um processo trabalhista contra alguém.

Foster: Tá bom.

Alexia: Um processo contra alguém.

Foster: Entendi, acho que todo mundo entendeu.

Alexia: Processar, enfim. Bom, indignado, Simonal então começou a acusar o ex-funcionário de roubo e teria pedido para que os agentes do DOPS o fizessem confessar o crime. DOPS, lembrando aqui que é o Departamento de Ordem Política e Social. Esse Departamento de Ordem Política, ele funcionou principalmente na época da ditadura, que era a época da **censura**, e que eram os agentes que entravam nas casas das pessoas e enfim, e levavam elas pra **longe** da família.

Foster: É um grupo que está bem **vinculado** com a ditadura né?

Alexia: É. Eu nem gosto de falar muito sobre isso, mas enfim. Bom, a história teria sido conduzida nos mínimos detalhes. Então, a princípio o Simonal foi ao DOPS prestar queixa, porque você tinha que ir ao DOPS prestar queixa, não existia...

Foster: Prestar queixa?

Alexia: Fazer a denúncia.

Foster: Reclamar, basicamente.

Alexia: Sim, fazer a denúncia. Não tinha outro lugar, então pra prestar queixa você tem que ir pra um lugar, que é o DOPS.

Foster: Entendi.

Alexia: Ele **alegou** que tava recebendo **ameaças** anônimas via telefone, e suspeitava que fossem do Raphael Viviani, desse ex-contador.

Foster: Uhun.

Alexia: Bom, em um documento assinado por ele, pelo Simonal, o músico chega a se **declarar** como um antigo colaborador do DOPS e divulgador do Programa Democrático do Governo da República. Ou seja, ele assinou como se fosse amigo da ditadura e a favor da ditadura.

Foster: Entendi.

Alexia: Bom, ele ofereceu seu carro emprestado ao DOPS e dois policiais chegaram na casa do Raphael Viviani no dia seguinte, no Opala do cantor. O Simonal tinha um Opala na época, era um **carrão**.

Foster: Ah, um carro. Entendi.

Alexia: É, era um carrão. E levaram o Raphael Viviani para a sede do órgão onde ele foi torturado por várias horas.

Foster: Nossa.

Alexia: Sim. Então, a princípio, o Rafael Viviane negou que tinha roubado, que tinha desviado dinheiro, mas acabou confessando, claro, depois de receber ameaças contra sua família e aceitou assinar uma **declaração** em que confessava o roubo. Claro, depois de você ser torturado e receber ameaças pra sua família.

Foster: É, normal.

Alexia: Eu não to dizendo que esse cara seja **inocente** ou **culpado**, mas é óbvio que você vai fazer isso.

Foster: É.

Alexia: Depois de mais de 20 horas sem notícias do marido, a mulher do Viviani foi a polícia e contou tudo que sabia, e **prestou queixa** de sequestro. Enfim, ela ficou **preocupadíssima**, "cadê o Rafael," foi na polícia e fez a denúncia.

Foster: Entendi, entendi.

Alexia: Alguma dúvida?

Foster: Não, não, tá tudo bem. Então o Simonal estava bem envolvido nessa situação de ditadura e é complicado.

Alexia: Sim, é complicado. Bom, e aí obviamente o Raphael foi liberado né, do DOPS, e foi feito um exame de corpo de delito, ou seja um exame pelo corpo inteiro pra ver se ele tinha sofrido agressão, tortura ou não.

Foster: Como se chama o exame?

Alexia: Corpo de delito

Foster: Ah, de delito, entendi.

Alexia: Isso. E foi comprovado, claro, que ele tinha sofrido tortura, só que obviamente a mídia acabou sabendo e foi um escândalo **inevitável**.

Foster: E aí, a partir daí Simonal foi condenado a prisão e passou nove dias em uma penitenciária.

Foster: Tá.

Alexia: Bom, ele se tornou figura mal vista pela sociedade e nunca mais conseguiu lançar nenhum sucesso nas rádios e enfim, nenhum lugar. Também foi acusado de ser delator na época da ditadura, e também de ter delatado o Caetano Veloso e o Gilberto Gil na época.

Foster: É, que é uma época que eu diria** quase 100% dos artistas não eram a favor da ditadura, eram contra, e ele, o Simonal, estava bem envolvido na situação da ditadura, mas **além disso**, ele foi acusado de ser delator, foi isso?
***Eu diria que quase.*

Alexia: Sim.

Foster: Que é muito mal**, é pesada a situação.

***Que é muito ruim.*

Alexia: É muito pesada, só que aí vem o pulo do gato.

Foster: Pulo do gato.

Alexia: É, a virada na história. Nada disso aconteceu. O Simonal, ele não era um delator da ditadura.

Foster: Uhun.

Alexia: Era uma mentira, e uma decisão da Comissão Nacional de Direitos Humanos do Conselho Federal da OAB, que é a Organização dos Advogados do Brasil, fez justiça ao cantor quase 30 anos depois.

Foster: Nossa.

Alexia: Então na época, na década de 70 o astro do Samba Rock brasileiro foi acusado de delatar colegas de profissão como Gilberto Gil e Caetano Veloso aos órgãos do regime militar e por isso, além do que

aconteceu com o Raphael, a carreira do Simonal entrou em profunda decadência.

Foster: É.

Alexia: Então só pra deixar bem claro aqui. Sim, ele resolveu falar pro delegado amigo dele que o Rafael estava roubando e etc, etc. Saiu do controle, os policiais acabaram torturando ele, e realmente essa parte aconteceu, mas a parte de que ele era um delator era completamente **mentira**.

Foster: É, falso, mas então ele sofreu essa injustiça por 30 anos, ele já morreu, eu acho que ele morreu no ano 2000 né?

Alexia: Ele morreu com 62 anos em 2000.

Foster: Tá bom.

Alexia: Bom, e aí para enfim limpar a imagem do músico, a família abriu um processo pra averiguar se as acusações tinham algum fundamento, se tinham alguma **veracidade**, né, nisso.

Foster: Uhun.

Alexia: E através do depoimento de vários artistas e de outras personalidades, a comissão inocentou Simonal. Então isso só aconteceu...

Foster: A comissão fez o que?

Alexia: Inocentou.

Foster: Inocentou.

Alexia: Declarado inocente.

Foster: Nossa! Não sabia que existia um verbo só pra isso.

Alexia: Sim.

Foster: Que legal.

Alexia: Sim. E aí o *show man*, que é como as pessoas chamavam ele na época, infelizmente ele se tornou alcoólatra e chegou a se tornar

persona non grata na TV Globo, que impediu sua participação em programas da emissora. E aí com o passar dos anos, sua carreira foi caindo em total desgraça, e foi completamente esquecido pela mídia e pelos brasileiros. Então claro que a ditadura foi um período muito complicado e muito horrível pro Brasil, mas ao mesmo tempo, histórias como essa de ser delator ou não ser delator acabaram com a vida de uma pessoa, de um artista super importante pro povo brasileiro e pra cultura brasileira, e o Simonal foi um dos principais.

Foster: É uma história triste, é uma história que dá pena porque foi um cara tão legal, com tanto talento, e a carreira dele acabou muito cedo.

Alexia: Acabou muito cedo. E hoje em dia, ele tem, eu acho que ele tem dois filhos, não, uma filha e dois filhos e um dos filhos é o Wilson Simoninha.

Foster: Simoninha.

Alexia: Que continua cantando, mas não faz o mesmo, o mesmo sucesso que o pai fazia.

Foster: Uhun.

Alexia: Enfim, então pra vocês saberem um pouco mais sobre história e entenderem tudo aquilo que a gente acabou de falar, eu super **indico** o filme Simonal, que com certeza tem em algum lugar aí nas profundezas da internet pra vocês assistirem. E foi lançado em 20 de agosto desse ano, de 2019.

Foster: É, mas eu acho que dá pra achar na internet, e também com, sei lá, uma conta de** Netflix, mas eu ainda não vi, eu ainda não assisti o filme, mas eu quero muito agora.
***Nós normalmente dizemos "conta no Netflix."*

Alexia: Últimas curiosidades, tem uma música que se chama Samarina, que é uma beleza essa música, eu amo de paixão.

Foster: Uhun.

Alexia: Ela chegou a ser regravada pelo Sérgio Mendes, que é uma das pessoas principais do Brasil e pelo Stevie Wonder.

Foster: Ual.

Alexia: Sim, como Pretty World.

Foster: Ah é. É, eu lembro disso.

Alexia: E País Tropical, que é do Jorge Ben Jor.

Foster: Sergio Mendes, é.

Alexia: Que é do Jorge Ben Jor, foi o maior êxito musical do Simonal, porque era ele que **cantava** País Tropical, não era o Jorge Ben, na época, ele que lançou a música.

Foster: É.

Alexia: Então "Moro num país tropical..."

Foster: Sim, acho que é uma música que todo mundo já conhece, mas realmente ele é um artista...

Alexia: Completo.

Foster: Completo, que a história esqueceu um pouco.

Alexia: Sim, com essas, esses escândalos todos com certeza, então...

Foster: Po, eu estou escutando música brasileira por quase 5 anos já, eu nunca ouvi falar sobre ele, é uma injustiça.

Alexia: Sim, vamos assistir o filme e...

Foster: Vamos.

Alexia: Sim, e depois a gente volta aqui pra falar sobre. Então espero que vocês tenham gostado dessa história do Simonal.

Foster: Eu gostei muito.

Alexia: Ótimo, então até o próximo episódio, muito obrigada, e é isso.

Foster: Até já já.

Alexia: Tchau.

Vocabulário e expressões úteis

---

risada - laugh
declínio - decline
dar uma lição - teach a lesson
assustar - to scare
gravadora - label, record label
contador - accountant
delegado da polícia - police chief
ditadura - dictatorship
processo trabalhista - labor process
denunciar - to report
vinculado - bound, linked
censura - censorship
longe - far
alegou - claimed
ameaças - threats
declarar - to declare
carrão - big car
***Normalmente brasileiros usam o adjetivo ao se referir a um carro caro, um carro de luxo.*

declaração - statement
inocente - innocent
culpado - guilty
preocupadíssima - very worried
inevitável - inevitable
além disso - besides that

pulo do gato - tricks of the trade
mentira - lie
veracidade - veracity
inocentou - cleared
indico - recommend
eu amo de paixão - I really love
***Expressão que brasileiros usam quando gostam muito de alguma coisa.*
cantava - sang

40 - O que significa o Instagram para os brasileiros

Alexia: Olá olá, mais um episódio aqui do Carioca Connection, sejam bem vindos. Mais um dia que vocês vão escutar um pouco mais de português, ficarão mais por dentro da nossa vida, do nosso dia a dia. E eu sou a Alexia, estou aqui com...

Foster: Foster.

Alexia: Foster Hodge.

Foster: Oi pessoal, tudo bem? Tudo bem Alexia? Como você está hoje?

Alexia: Eu to bem, e você?

Foster: Eu estou bem, eu estou um pouco preocupado porque a gente vai falar sobre o Instagram hoje.

Alexia: Nós vamos falar sobre o Instagram, e como que os brasileiros **lidam** com isso. Na verdade, a gente fala sobre algumas contas, sobre pessoas que eu sigo, contas que eu sigo.

Foster: Uhun.

Alexia: E o Foster, ele não é uma pessoa do Instagram, totalmente zero do Instagram, e eu admito que o Instagram do Carioca Connection também está, não está **atualizado**.

Foster: É.

Alexia: Então vamos falar um pouco sobre isso tudo.

Foster: Sim, eu acho que a gente já mencionou várias vezes sobre redes sociais, mídia social no Brasil, e eu acho que é uma coisa bem normal que quase todo mundo já sabe que o brasileiro **adora** as redes sociais, o Facebook, o Youtube, Instagram.

Alexia: Twitter.

Foster: Twitter, Linkedin. O brasileiro é uma criatura social.

Alexia: Sim. E eu gostaria de começar falar sobre o assunto Instagram, porque agora o Instagram tem uma nova função que se chama Cenas, que tá concorrendo diretamente com o Tik Tok.

Foster: Tik Tok. Que seria *Tik Tok*, que é mais uma rede social que não sei exatamente o que que faz.

Alexia: Sim, e o Instagram resolveu testar em dois países primeiro, pra ver se bota como uma ferramenta mundial. E os dois países que o Instagram escolheu foram Brasil e México.

Foster: É. Bom, antes da gente começar falando** sobre cenas, essas coisas.

Alexia: Antes da gente começar a falar.

Foster: A falar sobre cenas, stories, todas essas coisas, me explica Alexia, o que que é o Instagram para você hoje em dia? Porque quando eu usava o Instagram há, sei lá, dois anos atrás, era mais ou menos olhando fotos, dando like, de vez em quando, mas agora tem stories,

tem IGTV, parece que o Instagram não é mais só Instagram, é o Youtube, é televisão, é tudo.

Alexia: Não, é uma ferramenta de negócios. Hoje em dia é uma ferramenta de negócios. Claro que existem formas e formas de usar essa ferramenta né. Eu tenho as duas formas né, eu tenho a minha pessoal, a minha conta pessoal que eu uso pra ver foto, vejo o que que tá acontecendo no mundo, vejo onde é que meus amigos estão, descubro novidades de marcas que eu gosto ou de coisas que as pessoas que eu gosto estão fazendo. E também tem o *business account* né, que é a conta de negócios que você pode ter no Instagram e você pode vender seus produtos por lá, enfim. Então você usa como uma ferramenta de negócios também.

Foster: É, eu concordo que é uma ferramenta de negócios, mas eu li que quase ⅓ da população brasileira está no Instagram e eu diria que pelo menos 99% dessas pessoas não estão utilizando o Instagram como uma ferramenta de negócios.

Alexia: Não. Não, as pessoas estão no Instagram... Bom e aí, é difícil falar sobre esse assunto porque eu, por exemplo, uso o instagram de

uma forma **saudável**. Eu realmente... Você acha que não, mas eu realmente uso. Eu não fico 24 horas por dia no Instagram, e eu fico muito mais, claro, quando eu tenho que trabalhar no Instagram, mas a minha conta pessoal, eu entro, vejo um pouquinho o que que tá acontecendo, que que as pessoas postaram e só. Assim, eu não fico **fuxicando**, eu não fico...

Foster: Fuxicando?

Alexia: É, tentando descobrir coisas, quem deu like em quem, quem começou a seguir quem, sabe? Quem deixou de seguir quem, eu não faço isso.

Foster: É, mas eu acho que a maioria das suas amigas e seus amigos passam muito tempo no **Insta**. Não estou **julgando**, eu estou tentando entender como é que vocês usam essa plataforma.

Alexia: Bom, eu acho que o brasileiro gosta de, gosta de se sentir perto um dos outros, né?

Foster: Uhun.

Alexia: E ao mesmo tempo a gente gosta de mostrar pros outros o que que a gente tá fazendo de legal. Então por exemplo, eu tenho um amigo meu, pessoal, que tá agora fazendo uma viagem pela Europa, e ele acabou de ir pra Noruega.

Foster: Legal.

Alexia: É, assistir a **Aurora Boreal**.

Foster: Uhun.

Alexia: Cara, e as fotos que ele colocou são incríveis, os stories que ele fez sobre isso são **incríveis**. Eu realmente me senti lá com ele, e fiquei muito feliz por ele estar lá fazendo isso e ao mesmo tempo de ele ter compartilhado isso comigo, sabe? De ter mostrado isso pras pessoas. Então eu uso o Instagram dessa forma, de poder ver o que que tá acontecendo com os meus amigos e falar "ok, a Noruega é um lugar o qual eu colocaria pra ir amanhã na minha *bucket list* se eu pudesse."

Foster: Sim, eu iria lá** também amanhã.
***Pra lá.*

Alexia: Sim.

Foster: Sem pensar duas vezes.

Alexia: Ele fez passeio com as orcas, **é um máximo**. Eu jamais faria, eu ficaria assistindo, mas é um máximo.

Foster: Eu faria. Mas as coisas que você estava descrevendo agora, eu posso falar a mesma coisa sobre o Facebook. Então como é que é diferente pro Brasileiro o Facebook comparado com o Instagram, e o Facebook ainda é relevante ou não?

Alexia: Sim, o Facebook ainda é relevante. Por exemplo, existem comunidades no Facebook né, então nós dois, pessoalmente nós fazemos parte da comunidade do nosso coworking lá em Portugal.

Foster: Uhun.

Alexia: Certo? Então por lá a gente fica sabendo o que que vai acontecer no coworking, quem é que vai participar de qual coisa, quem que vai fazer tal **palestra**, se vai ter o dia da **sobremesa** ou não. Então assim, é usado mais ou menos como uma troca de informações.

Foster: É.

Alexia: E agora o Facebook, por ser uma troca de informações escrita, na maioria das vezes, você tem agora uma ferramenta que mostra se foi fake news ou não.

Foster: É?

Alexia: É.

Foster: Ah, bom pra eles.

Alexia: Então, sei lá, se você for compartilhar uma *quote* né, uma frase que o Churchill falou, sei lá, há muito tempo atrás, a partir de uma **matéria** que você achou na internet.

Foster: Uhun.

Alexia: Você posta no seu feed, logo embaixo vai aparecer "fake news, na verdade o Winston Churchill não falou isso, quem falou foi **fulano**."

Foster: Ah meu Deus. Mas esse negócio de comunidades e grupos, *Facebook Groups*, eu acho que é muito muito importante pro brasileiro. Como eu já falei, os brasileiros são animais sociais, mas se você está nos Estados Unidos ou qualquer lugar do mundo, **com certeza absoluta** existe um grupo de Facebook que fala tipo "Brasileiros em Boston."

Alexia: Sim.

Foster: "Brasileiros na Califórnia"

Foster: E tem milhares, milhares de brasileiros lá trocando informações, é muito bom.

Alexia: Sim, mas os brasileiros gostam mais do Instagram do que do Facebook, com certeza, e enfim. Agora também tem outra parte né, que as pessoas ficam vendo a vida das blogueiras, dos influencers, e...

Foster: De **maquiagem.**

Alexia: E acham que tão vivendo a vida daquelas pessoas. Então isso acontece muito com a gente, das pessoas estarem vivendo a nossa vida

pelo podcast do Inglês Nu e Cru Rádio e acham que são os nossos **melhores amigos** e podem dar opiniões sobre as nossas vidas. Então tem a parte boa, que eu acho um máximo da gente estar sempre com as pessoas, falando e etc, e eles poderem nos ver pelo Instagram, as nossas carinhas, mas ao mesmo tempo tem a parte complicada e **chata** que você tem que lidar com pessoas mal educadas.

Foster: É, que eu acho que isso é normal em qualquer lugar da internet, mas eu fiquei um pouco mais interessado agora Alexia, porque tem tantas pessoas do Brasil no Instagram e agora não é somente foto, tem vídeos, tem stories, tem o IGTV que são vídeos...

Alexia: IGTV.

Foster: IGTV.

Alexia: Sim.

Foster: Viu? Então eu acho que pode ser uma plataforma legal pra aprender um pouco mais de português.

Alexia: Sim, ainda mais agora que você realmente, com o IGTV você consegue assistir séries que as pessoas fazem né. Então você, agora no Instagram, consegue postar vídeos com mais... Vídeos maiores de 1 minuto, com duração maior de 1 minuto, então vai direto pro IGTV e lá você pode assistir suas pessoas preferidas, ou atores, ou sei lá, influencers falando sobre o que você mais gosta. E eu não to falando só sobre **blogueiros** ou coisa fútil não, eu to falando sobre autores de livro, eu to falando sobre jornalistas muito importantes no mundo inteiro, tô falando sobre a Vox.

Foster: É, artistas, músicos.

Alexia: Por exemplo, que a gente adora. Artistas, músicos, então é muito bacana.

Foster: É, é bacana mesmo. Falando sobre isso, você tem contas, pessoas, coisas legais que você faz no Instagram, que você quer indicar?

Alexia: Eu me divirto no Instagram, então eu não sigo ninguém importante assim, sabe? Eu comecei a seguir, por exemplo, a Beyoncé outro dia.

Foster: Eu acho que 95% da conta da Alexia, ela está seguindo contas de cachorros.

Alexia: É.

Foster: Cachorrinhos.

Alexia: Exatamente, então tem duas contas que eu sigo no Instagram, que eu faço questão de ver quase todos os dias, que uma é o Perrengue Chique, que a gente já falou sobre isso aqui, que eu amo de paixão, o perrengue chique. O Foster não entende.

Foster: Eu acho que engraçado, mas você e seu pai, cara, vocês adoram e já fica um pouco demais pra mim.

Alexia: Amor, pelo amor de Deus, a pessoa vai, gasta seu dinheiro indo pra Veneza, chega em Veneza tá **alagado**...

Foster: Eu sei que que é.

Alexia: Com a pior inundação desde 76 eu acho, e a pessoa não consegue andar na cidade. É um perrengue chique, eu acho muito engraçado as pessoas mandando vídeo.

Foster: Sim. Então se você estiver vai lá no Instagram e procura o perrengue chique. Você vai gostar ou odiar, mas qual é a outra conta?

Alexia: A outra, se eu não me engano ele mudou de nome agora, acho que agora é Greengo Dictionary.

Foster: Legal.

Alexia: Que é um brasileiro que faz traduções das nossas expressões. Então, por exemplo, deixa eu pegar aqui uma pra vocês. Eu acho que eu já te mandei... Já te mandei algumas, você lembra que eu te mandei algumas no Instagram?

Foster: Lembro.

Alexia: Tá, então são expressões por exemplo, deixa eu pensar agora...

Foster: É, se eu lembro bem, era tipo, ah, "**pagar mico**." *Pay the monkey*.

Alexia: É, exatamente, "*to pay the monkey*," aí ele faz a descrição em inglês no final do que que quer dizer "pagar mico."

Foster: É, mas ele também está brincando com as palavras, as expressões tipo, é...

Alexia: Sim e **ele foi parar na Time Square**.

Foster: É?

Alexia: Uhun.

Foster: Legal.

Alexia: Ele foi contratado por uma empresa que eu realmente não sei que que é, e eles fizeram aqueles anúncios no meio da Time Square que ficam nos prédios sabe? Enormes e é muito legal.

Foster: Sim, o que eu recomendo é que vocês procurem pessoas que vocês gostam já, eu imagino que você já tem **personagens**, artistas, músicos que você já gosta deles. Procura eles no Instagram... No Instagram, nossa, a **pronúncia** está muito muito difícil pra mim, e vê que que eles tem. Imagino que eles vão ter vídeos legais, coisas pra falar.

Alexia: Sim, ou às vezes não, às vezes eles só tão lá no Instagram porque se você não estiver no Instagram você não existe. E às vezes a pessoa até não gosta de postar, tipo o Foster. Mas tá lá, só porque tem que existir, porque somos figuras públicas, então...

Foster: É, mas sempre é bom ter uma coleção diversa de **fontes** pra aprender e melhorar seu português e sua experiência com a cultura brasileira.

Alexia: Sim. Tem uma que eu adoro seguir que ajuda muito meu inglês que é o The Dogist. E eu amo porque junta inglês junto com cachorro e eles são um máximo. Acabaram de lançar até a coleção de natal, enfim, e eu adoro. Então é isso, você tem alguma dúvida mais pra me perguntar sobre?

Foster: Ahh acho que não. Eu ainda não entendo o Instagram muito, mas eu estou muito feliz sem o Instagram agora, mas eu acho que pode ser bom.

Alexia: Pode, pode ser ótimo. Até ontem o senhor me mandou uma mensagem pelo Instagram, que eu não tava esperando, que era o daquele cachorrinho que você viu, o **anão**.

Foster: É. É, é uma história muito muito complicada que eu não quero contar agora, mas eu tinha que baixar um Instagram no meu celular de novo pra Alexia gravar vídeos e daí eu fiquei no Instagram, eu vi um cachorrinho que é anão, é muito **fofo**.

Alexia: Então tá bom, então é isso. Obrigado por ter... Terem escutado mais um episódio aqui do Carioca Connection e a gente espera te ver em breve.

Foster: Sim, até já já. E pode seguir nosso Instagram, nossa conta... Seria o Carioca Connection né?

Alexia: Sim.

Foster: Não é muito ativo, mas deve ser legal.

Alexia: Estamos lá.

Foster: Bom, até já já.

Alexia: Tchau.

Vocabulário e expressões úteis

---

lidam - deal
atualizado - updated
adora - love
saudável - healthy
fuxicando - gossiping
insta - o jeito que brasileiros chama o Instagram
julgando - judging
incríveis - incredible
aurora boreal - northern lights
é um máximo - gíria que brasileiros usam pra dizer que é muito legal, pode ser entendida como "very cool."
sobremesa - dessert
palestra - lecture
matéria - article
com certeza absoluta - with absolute certainty
maquiagem - make up
melhores amigos - best friends
chata - annoying
blogueiros - bloggers
alagado - flooded
pagar mico - it refers to something you did to embarrass yourself

ele foi parar na Times Square - he ended up in Times Square
pronúncia - pronunciation
personagens - characters
fontes - sources
anão - dwarf
fofo - cute